

A GÊNESE
Conforme o Espiritismo
Allan Kardec

**Tradução e comentários de Carlos de Brito Imbassahy
conforme o original da 3ª. edição de 1868.**

Em virtude das contradições existentes nas diversas traduções da obra **A GÊNESE** de Allan Kardec, Carlos de Brito Imbassahy teve o cuidado de traduzir esta obra ao pé da letra, a fim de que fosse o mais fiel possível conforme o original da 3ª edição de 1868.

**Tradução gentilmente cedida pelo tradutor
para ser publicada no Portal
A ERA DO ESPÍRITO**
<http://www.aeradoespirito.net/>

Diagramação e formatação deste PDF
[Portable Document Format (Formato Portátil de Documento)]
Por Elio Mollo

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO

Capítulo I - CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

Capítulo II - DEUS

Capítulo III - O BEM E O MAL

Capítulo IV - PAPEL DA CIÊNCIA NA GÊNESE

Capítulo V - SISTEMAS DOS MUNDOS ANTIGOS E MODERNOS

Capítulo VI - URANOGRAFIA GERAL

Capítulo VII - ESBOÇO GEOLÓGICO DA TERRA

Capítulo VIII - TEORIAS DA TERRA

Capítulo IX - REVOLUÇÕES DO GLOBO

Capítulo X - GÊNESE ORGÂNICA

Capítulo XI - GÊNESE ESPIRITUAL

Capítulo XII - GÊNESE MOSAICA

Capítulo XIII - CARACTERES DOS MILAGRES

Capítulo XIV - OS FLUIDOS

Capítulo XV - OS MILAGRES DO EVANGELHO

Capítulo XVI - TEORIA DA PRESCIÊNCIA

Capítulo XVII - PREDIÇÕES DO EVANGELHO

Capítulo XVIII - OS TEMPOS SÃO CHEGADOS

Observação: As NOTAS ORIGINAIS estão em ordem numérica e as NOTAS DO TRADUTOR estão em ordem alfabética no rodapé de cada capítulo. NOTAS ESPECIAIS e do A ERA DO ESPÍRITO sinalizadas por (#).

INTRODUÇÃO

Esta novel obra é um passo a mais adiante nas consequências e aplicações do Espiritismo. Portanto, como indica seu título, tem por objeto o estudo de três pontos diversamente interpretados e comentados até nossos dias: ***A Gênese, os milagres e as predições***, na relação com as leis novas que decorrem da observação dos fenômenos espíritas.

Dois elementos ou, se assim queira, duas forças regem o Universo: o elemento espiritual e o elemento material (a); da ação simultânea desses dois princípios, nascem fenômenos especiais que são naturalmente inexplicáveis, se fizermos abstração de um em relação ao outro, absolutamente como a formação da água seria inexplicável se fizéssemos abstração de um de seus dois elementos constituintes: o oxigênio ou o hidrogênio.

O Espiritismo, demonstrando a existência do mundo espiritual e suas relações com o mundo material dá a chave de uma quantidade de fenômenos incompreensíveis e considerados, por si mesmos, como inadmissíveis por uma certa classe de pensadores. Estes fatos abundam nas Escrituras e é falta de conhecer a lei que os rege, que os comentadores dos dois campos opostos, girando sem cessar no mesmo círculo de ideias, uns fazendo abstração dos dados positivos da ciência, os outros do princípio espiritual, não podem chegar a uma solução racional.

Esta solução está na ação recíproca do Espírito e da matéria. Ela tira, em verdade, da maior parte destes fatos seu caráter sobrenatural; mas o que se quer de melhor: de admiti-los como resultado das leis da natureza, ou de rejeitá-los de um só golpe? Sua rejeição absoluta arrasta aquele da própria base do edifício, enquanto que sua admissão a este título, suprimindo apenas os acessórios, deixa esta base intacta. Eis porque o Espiritismo restabelece tanta gente à crença de verdades que considerariam há pouco tempo como utopias.

Esta obra é, pois, assim como temos dito, um complemento das aplicações do Espiritismo a um ponto de vista especial. As matérias, estando preparadas, ou quando menos, elaboradas após longo tempo, mas o momento de publicá-las ainda não havia chegado. Era preciso, então, que as ideias que deviam fazer a base fossem levadas à maturidade e, por outra, ter conta da oportunidade das circunstâncias. O Espiritismo não tem nem mistérios, nem teorias secretas; tudo deve aí ser dito com clareza, a fim de que cada possa julgá-lo em conhecimento de causa; mas cada coisa deve vir a seu tempo para vir seguramente. Uma solução dada irrefletida, ante a elucidação completa da questão, seria uma causa de atraso mais do que de avanço. Nisso em que se discute aqui, a importância do assunto nos dava o dever de evitar qualquer precipitação.

Antes de entrar na matéria, pareceu-nos necessário definir limpamente o papel respectivo dos Espíritos e dos homens na obra da nova doutrina; estas considerações preliminares, que descartam toda ideia de misticismo, foi o objeto do primeiro capítulo intitulado *Caracteres da revelação espírita*; sobre este ponto chamamos a atenção seriamente porque nela está, de alguma sorte, o nó da questão.

Apesar da parte que incumbe à atividade humana na elaboração desta doutrina, a iniciativa coube aos Espíritos, porém ela não é formada da opinião de nenhum deles; ela só pode ser a *resultante de seu ensinamento coletivo e concordante*. A esta condição, apenas, ela pode se dizer a *doutrina dos Espíritos*, senão ela seria, apenas, a doutrina de um Espírito, e só teria o valor de uma opinião pessoal.

Generalidade e concordância no ensino, tal é o caráter essencial da doutrina, a condição mesmo de sua existência; disso resulta que todo princípio que não tenha recebido a consagração do controle de generalidade não pode ser considerado como parte integrante desta mesma doutrina, mas, como uma simples opinião isolada da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

É esta coletividade concordante de opinião dos Espíritos, passada, de uma forma, ao critério da lógica que faz a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, seria preciso a universalidade dos Espíritos trocando de opinião e que eles viessem um dia dizer o contrário do que haviam dito; desde que ela tenha sua fonte de ensinamentos dos Espíritos, para que sucumba, seria preciso que os Espíritos cessassem de existir. É o que também a fará prevalecer sobre os sistemas que não tenham, como a mesma, , suas raízes em toda parte.

O Livro dos Espíritos só viu seu crédito se consolidar porque é a expressão de um pensamento coletivo geral; no mês de abril de 1867, viu completar seu primeiro período de decênio; neste intervalo, os princípios fundamentais dos quais se apoiou foram sucessivamente completos e desenvolvidos pela sequência do ensinamento progressivo dos Espíritos, mas sem receber qualquer desmentido da experiência; todos, sem exceção, restaram de pé, mais vivos do que nunca, enquanto que, de todas as ideias contraditórias que os opositores ensaiaram, nenhuma delas prevaleceu, precisamente porque de todas as partes, o contrário era ensinado. Eis aí um resultado característico do qual podemos proclamar sem vangloriar, já que nunca nos atribuímos o mérito.

Os mesmos escrúpulos tendo presidido à redação de nossas outras obras, permitiu-nos, em plena verdade, dizer *conforme o Espiritismo*, porque estamos certos de sua conformidade com o ensino geral dos Espíritos. É disso que podemos, por motivos semelhantes, dar esta como o complemento das precedentes, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o senso de indicar como tal e que só deverão ser consideradas como opiniões pessoais, até que elas sejam confirmadas ou contraditadas, a fim de que não faça pesar a responsabilidade sobre a doutrina.

De resto, os leitores assíduos da **Revista Espírita** (*Revue Spirite*) poderão aí encontrar, no estado de esboço, a maior parte das ideias que estão desenvolvidas nesta última obra, como o fizemos com as precedentes. A **Revista Espírita** é frequentemente para nós um terreno de ensaio destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre certos princípios, tendo que admitir como partes constituintes da doutrina.

NOTA DO TRADUTOR

(a) Na linguagem científica atual, chamaríamos de domínio espiritual e domínio material.

* * *

Capítulo I

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

1. – Pode-se considerar o Espiritismo como uma revelação? Neste caso, qual é seu caráter? Sobre o quê está fundada sua autenticidade? A quem e de que maneira ela foi feita? A doutrina espírita é ela uma revelação no sentido litúrgico da palavra, ou seja, é ela de todos os pontos o produto de um ensino oculto vindo do Alto? É ela absoluta ou susceptível de modificações? Em anunciando aos homens a verdade de fato, a revelação não teria ela por efeito de os impedir de fazer uso de suas faculdades desde que lhe pouparia o trabalho da pesquisa? Qual pode ser a autoridade do ensinamento dos espíritos, se eles não são infalíveis e superiores à humanidade? Qual é a utilidade da moral que eles pregam, se esta moral não é outra senão a do Cristo que se conhece? Quais são as verdades novas que eles nos trazem? O homem, tem ele necessidade de uma revelação e não pode encontrar em si mesmo e em sua consciência tudo o que lhe seja necessário para se conduzir? Tais são as questões sobre as quais importa serem fixadas.

2. – Definamos a princípio o sentido do termo *revelação*.

Revelar, derivado do termo véu (do latim *velum*), significa literalmente tirar o véu; e, no sentido figurado: descobrir, fazer conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção vulgar, a mais geral, diz-se de toda coisa ignorada que é posta ao dia, de toda ideia nova que se põe sobre a vista do que não se sabia.

Neste ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da natureza são revelações e pode-se dizer que existe para nós uma revelação incessante; a Astronomia nos tem revelado o mundo astral que não conhecíamos; a Geologia a formação da Terra; a Química, a lei das afinidades; a Fisiologia, a funções do organismo, etc. Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier, são reveladores.

3. – O caráter essencial de toda revelação deve ser a verdade. Revelar um segredo é fazer conhecer um fato; se a coisa é falsa, não é um fato e, por consequência, não existe revelação. Toda revelação desmentida pelos fatos deixa de ser uma delas; se é atribuída a Deus, Deus não podendo nem mentir, nem se enganar, ela não poderia emanar d'Ele; é preciso considerá-la como produto de uma concepção humana.

4. – Qual é o papel do professor perante os alunos, senão o de um revelador? Ele se lhes ensina o que não sabem, o que eles não teriam nem tempo nem a possibilidade de descobrirem por eles próprios, porque a Ciência é a obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que conduziram, cada um, seu contingente de observações e do que se aproveitaram os que vieram após eles. O ensinamento é, pois, em realidade, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feita pelos homens que a conhecem para outros que as ignoram e que, sem isso, permaneceriam sempre ignoradas.

5. – Mas o professor só ensina o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem; o homem de gênio ensina o que encontrou ele próprio: é o revelador primitivo; ele conduz a luz que, de próximo em próximo se vulgariza. O que seria a humanidade sem a revelação dos homens de gênio que aparecem de tempos em quando?

Mas, o que são homens de gênio? Por que são eles homens de gênio? De onde vieram? Que vieram a ser? Notemos que a maior parte deles possui de nascença faculdades transcendentais e de conhecimentos inatos que um pouco de trabalho é suficiente para

desenvolvê-lo. Eles pertencem de fato, realmente, à humanidade, já que nascem, vivem e morrem como nós. Onde, pois, hauriram estes conhecimentos que não puderam adquirir de sua vivência? Dir-se-á com os materialistas que o acaso lhe deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, eles não teriam mais mérito do que um legume mais volumoso e mais saboroso que outro.

Dir-se-á com certos espiritualistas que Deus os dotou de uma alma deveras favorecida que a comum dos homens? Suposição toda também ilógica, já que macularia Deus de parcialidade. A única solução racional deste problema está na preexistência da alma e na pluralidade de existências. O homem de gênio é um Espírito que tem vivido mais longo tempo; que tem, por consequência, mais aquisições e maior progresso que os que são menos adiantados. Encarnando-se, ele traz o que sabe e como sabe muito mais que os outros, sem ter necessidade de aprender, é o que se chama um homem de gênio. Mas o que sabe nada mais é do que fruto de um trabalho anterior e nunca um resultado de um privilégio. Antes de renascer, ele era um Espírito adiantado; ele se encarna, quer por fazer lucrar os demais com o que ele sabe, quer para adquirir vantagem.

Os homens progredem incontestavelmente por eles mesmos e pelos esforços de sua inteligência; mais, liberados a suas próprias forças, este progresso é muito lento se não forem ajudados por homens mais avançados como o escolar está para o professor. Todos os povos têm tido seus homens de gênio que vieram, em diversas épocas, dar um impulso e os tirar de sua inércia.

6. – Desde então que se admite a solicitude de Deus por suas criaturas, porque não admitir que Espíritos capazes, por sua energia e a superioridade de seus conhecimentos, de fazer avançar a humanidade, encarnem-se, pela vontade de Deus em vista de ajudar ao progresso em um sentido determinado; que recebem uma missão, como um embaixador em recebimento de uma de seu soberano? Tal é o papel dos grandes gênios. Que vêm eles fazer, senão ensinar aos homens de verdade o que eles ignoram, e que seriam ignorados durante ainda longos períodos, a fim de lhes dar um degrau de ajuda com o qual possam se elevar mais rapidamente? Estes gênios que aparecem através dos séculos estrelas brilhantes, deixam após eles uma longa trilha luminosa sobre a humanidade, são missionários ou, caso queira, messias. Se eles não ensinassem aos homens nada além do que sabem estes últimos, sua presença seria completamente inútil; as coisas novas que eles lhes ensinam, quer na ordem física, quer na ordem filosófica, são *revelações*.

Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, suscitá-los para as verdades morais que são elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas ideias atravessaram os séculos.

7. – No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz particularmente das coisas espirituais que o homem não pode saber por ele próprio, que não pode descobrir por meio dos seus sentidos, e do qual o conhecimento lhe é dado por Deus ou por seus mensageiros, quer por meio da palavra direta, quer por inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens privilegiados designados sob o nome de profetas ou *messias*, isto é, *enviados missionários* tendo *missão* de transmiti-las aos homens. Considerada sob o ponto de vista, a revelação implica passividade absoluta; aceita-se sem controle, sem exame, sem discussão.

8. – Todas as religiões tiveram seus reveladores e posto que todos estejam longe de conhecerem toda a verdade, eles tinham sua razão de ser providencial, pois eles estavam apropriados ao tempo e ao meio aonde viviam, ao gênio particular dos povos para os quais falaram e para os quais seriam relativamente superiores. Malgrado o erro de suas doutrinas,

eles nem por isso deixaram de movimentar os espíritos e por aí mesmo semear germens de progresso que, mais tarde, deviam se expandir, como se expandiram um dia ao sol do Cristianismo. É, pois injusto que se lhe lance o anátema em nome da ortodoxia, porque um dia virá em que todas essas crenças, se divergentes pela forma, mas que repousam em realidade sobre um mesmo princípio fundamental: Deus e a imortalidade da alma se fundirão em uma grande e vasta unidade, assim que a razão tiver triunfado dos prejudgamentos.

Infelizmente, as religiões têm sido a todo tempo instrumento de dominação; o papel de profeta tem tentado as ambições secundárias, e tem-se visto surgir uma multidão de pretendentes reveladores ou messias que, a favor do prestígio de seu nome, exploraram a credulidade em proveito de seu orgulho, da sua cupidez, ou de sua preguiça, achando mais cômodo viver à custa dos seus enganados. A religião cristã não tem estado ao abrigo destes parasitos. Neste caso, chamamos uma atenção séria sobre o capítulo XXI do ***Evangelho Conforme o Espiritismo***: “*Haverá falsos cristos e falsos profetas*”.

9. – Há revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousaríamos resolver nem afirmativamente nem negativamente de uma maneira absoluta. A coisa não é radicalmente impossível, porém nada nos dá a prova certa. O que não seria duvidoso, é que os Espíritos, os mais próximos de Deus pela perfeição, compenetrem-se de seu pensamento e possam-no transmitir. Quanto aos reveladores encarnados, conforme a ordem hierárquica à qual pertença e o grau de seu saber pessoal, eles podem haurir suas instruções em seus próprios conhecimentos, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, realmente mensageiros diretos de Deus. Estes, falando em nome de Deus, têm podido perfeitamente ser tomados pelo próprio Deus.

Esta sorte de comunicações nada tem de estranho para os que conheçam os fenômenos espíritas e a maneira pela qual se estabelecem as referências entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios; por inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela via dos Espíritos instrutores durante as visões e aparições, quer em sonho, quer no estado de vigília tal como se veem vários exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sacros de todos os povos. É, pois, rigorosamente exato que a maior parte das revelações é dos médiuns inspirados, auditivos ou videntes; de onde não segue que todos os médiuns sejam reveladores, e ainda menos os intermediários diretos da Divindade ou de seus mensageiros.

10. – Os Espíritos puros somente recebem a palavra de Deus com missão de transmiti-la; mas, sabe-se agora que os Espíritos estão longe de ser todos perfeitos e que o é quem se dá com falsa aparência; é o que fez São João dizer: “*Não creia jamais em todos os Espíritos, mas veja primeiro se os Espíritos são de Deus*”. (Ep. I cap.4:4)

Pode-se, pois, haver, revelações sérias e verdadeiras como as há apócrifas e enganosas. O caráter essencial da revelação divina é aquele da *eterna verdade*. Toda revelação maculada de erro ou sujeita a trocas, não pode emanar de Deus. É assim que a lei do decálogo tem todos os caracteres de sua origem, enquanto que as outras leis mosaicas, essencialmente transitórias, frequentemente em contradição com a lei do Sinai é obra pessoal e política do legislador hebreu. Os costumes do povo, lenitivo, estas leis por si mesmas caíram em desuso, enquanto que o decálogo restou de pé como o farol da humanidade. Cristo fez dele a base de seu edifício enquanto que abolia outras leis; se elas houvessem sido a obra de Deus ele se guardaria de tocá-las; Cristo e Moisés são os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo e aí a prova de suas missões divinas. Uma obra puramente humana não teria um tal poder.

11. – Uma importante revelação completa-se à época atual; é aquela que nos mostra a possibilidade de se comunicar com os seres do mundo espiritual. Este conhecimento, não é, pois, novo, sem dúvida, mas restou até nossos dias de alguma sorte, ao estado de letra morta, isto é, sem proveito para a humanidade. A ignorância das leis que regem estas referências estava sufocada sob a superstição; o homem estava incapaz de tirar dela alguma dedução salutar; estava reservada à nossa época de desembaraçá-la de seus acessórios ridículos, de se compreender a importância e de se fazer surgir a luz que devia clarear a rota do advir.

12. – O Espiritismo, fazendo-nos conhecer o mundo invisível que nos envolve, e ao meio do qual vivemos sem nos duvidarmos, as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam, e, por consequência, o destino do homem após a morte, é uma verdadeira revelação na acepção científica do termo.

13. Por sua natureza, a revelação espírita tem um duplo caráter: ela tem ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Tem da primeira, no que sua chegada é providencial, e não o resultado da iniciativa de um plano premeditado do homem; que os pontos fundamentais da doutrina são o fato do ensinamento dado pelos Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens sobre as coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por eles próprios e que lhes importa conhece atualmente, e que são maduros para compreendê-los. Obtém da segunda, no que, este ensinamento não é privilégio de nenhum indivíduo, mas que é dado a todos pela mesma via; que, aqueles que o transmitem e aqueles que o recebem não são seres passivos, dispensados do trabalho de observação e pesquisa; que não fazem nenhuma abnegação de seu julgamento e de seu livre arbítrio; que o controle não lhe é nunca interdito, mas, ao contrário recomendado; enfim, que *a doutrina nunca foi ditada em todos os pedaços, nem imposta à crença cega*; que ela é deduzida pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos põem sob seus olhos, e das instruções que lhe dão, instruções que estuda, comenta, compara e do qual tira ele mesmo as consequências e as aplicações. Em uma palavra, *o que caracteriza a revelação espírita, é que a fonte é divina, que a iniciativa coube aos Espíritos e que a elaboração é o resultado do trabalho do homem.*

14. – Como meio de elaboração, o Espiritismo procede da mesma maneira que as ciências positivas, ou seja, que aplica a metodologia experimental. Fatos de uma ordem nova se apresentam que não podem se explicar pelas leis conhecidas; ele as observa, as compara, as analisa e de efeitos, remontando aos casos, chega à lei que os rege; depois, deduz as consequências e procura as aplicações úteis. *Ele não estabelece nenhuma teoria preconcebida*; assim, ele não tem se apresentado como hipótese, nem a existência e intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, e nenhum dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos já que esta existência é resultado da evidência de observação dos fatos, e, assim, dos outros princípios. Não são, pois, os fatos que vieram depois da ação confirmar a teoria, mas a teoria que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer que o Espiritismo é uma Ciência de observação e não o produto da imaginação.

15. – Citemos um exemplo. Passa-se no mundo dos Espíritos, um fato muito singular, e que, seguramente, ninguém teria suposto, é daqueles Espíritos que não se creem mortos. E bem! Os Espíritos superiores que o conhecem perfeitamente nunca estão vindo dizer por antecipação: *“Há Espíritos que creem ainda viver na vida terrestre; que conservam seus gostos, seus hábitos e seus instintos”* mas eles têm provocado a manifestação de Espíritos desta categoria para nos fazê-los observar. Tendo, pois, visto incertos sobre seu estado, ou afirmando que eles estariam ainda neste mundo e crendo vagar em suas ocupações ordinárias, do exemplo conclui-se a regra. A multiplicidade de fatos análogos provou que este jamais seria uma exceção, mas, uma das fases da vida espiritual; ela permitiu que se estudassem todas as

variedades de causa desta singular ilusão; de reconhecer que esta situação é, sobretudo, a própria dos Espíritos pouco avançados moralmente e que ela é particular a certos gêneros de morte; que não temporária, mas podem durar dias, meses e anos. É assim que nasce a teoria da observação. O mesmo acontecendo com todos os outros princípios da doutrina.

16. Da mesma forma que a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual; ora, como este último princípio é uma das forças da natureza que rege incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, disso resulta que o conhecimento de um não pode se completar sem o conhecimento do outro; que a Ciência sem o Espiritismo se encontra na impossibilidade de explicar certos fenômenos exclusivamente pelas leis da matéria, e que é por ter feito abstração do princípio espiritual que ela carrega dentro de si numerosos impasses; que o Espiritismo sem a Ciência careceria de apoio e de controle, e poderia se embalar de ilusões. O Espiritismo, vindo antes das descobertas científicas teria sido uma obra abortada como tudo o que vem antes do seu tempo.

17. – Todas as ciências se encadeiam e se sucedem numa ordem racional; nascem umas das outras, à medida que encontram um ponto de apoio nas ideias e nos conhecimentos anteriores. A Astronomia, uma das primeiras que foram cultivadas, restou nos erros da infância até o momento em que a Física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais; a Química nada poderia sem a Física, devendo sucedê-la de perto, para em seguida marcharem em conjunto apoiando-se uma na outra. A Anatomia, a Fisiologia, a Zoologia, a Botânica, a Mineralogia não são senão advindas de ciências sérias com ajuda das luzes trazidas pela Física e pela Química. A Geologia, nascida ontem, sem a Astronomia, a Física, a Química e todas as outras tem faltado a suas verdades elementares de vitalidade; não poderia vir senão depois.

18. – A Ciência moderna em razão dos quatro elementos primitivos dos antepassados e, de observação em observação, chegou à concepção *de um só elemento gerador* de todas as transformações da matéria; mas a matéria, por si só, é inerte; ela não possui nem vida nem pensamento, nem sentimento; é preciso sua união com o princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu nem inventou este princípio, mas o primeiro a demonstrá-lo pelas provas irrecusáveis; estudou-o, analisou e se rendeu à ação evidente. Ao *elemento material* veio juntar o *elemento espiritual*. *Elemento material e elemento espiritual*, eis os dois princípios das duas forças vivas da natureza. Pela união indissolúvel destes dois elementos explica-se sem dificuldade uma quantidade de fatos até então inexplicáveis.

Por sua essência própria e como tendo por objeto o estudo de um desses dois elementos constitutivos do Universo, o Espiritismo toca forçosamente na maioria das ciências; não poderia vir senão depois da elaboração dessas ciências e depois, sobretudo de elas terem provado sua impotência para explicar tudo através somente das leis da matéria.

19. – Acusa-se o Espiritismo de parentesco com a magia e a bruxaria; mas esquecem-se de que a Astronomia tem por ancestral a astrologia judiciária que não está tão afastada de nós; que a Química é filha da Alquimia da qual nenhum homem sensato não ousaria ocupar-se atualmente. Ninguém contesta, entretanto, que exista na Astrologia e Alquimia o germe da verdade de onde saíram as ciências atuais. Malgrado suas fórmulas ridículas, a Alquimia se pôs sobre o caminho dos corpos simples e da lei das afinidades; a Astrologia apoiava-se sobre a posição e o movimento dos astros que havia estudado; mas, na ignorância das verdadeiras leis que regiam o mecanismo do Universo, os astros estavam para o vulgo como seres misteriosos aos quais a superstição prestava uma influência moral e um sentido revelador. Desde que Galileu, Newton, Kepler fizeram-se conhecer estas leis que o telescópio descerrou o véu e aprofundou nas profundezas do espaço um olhar que certas pessoas acharam

indiscreto, os planetas nos apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso e toda estrutura do maravilhoso se despençou.

É o mesmo com o Espiritismo em atenção à magia e à feitiçaria e ao sortilégio; estas se apoiavam também sobre a manifestação dos Espíritos, como a Astrologia sobre o movimento dos astros; mas, na ignorância das leis que regem o mundo espiritual, misturaram, a suas referências, práticas e crenças ridículas, do que o Espiritismo moderno, fruto da experiência e da observação fez justiça. Certamente, a distância que separa o Espiritismo da magia e do sortilégio é maior que a que existe entre a Astronomia e a Astrologia, a Química e a Alquimia; querer confundi-los é provar que não se sabe a primeira palavra.

20. – O simples fato da possibilidade de se comunicar com os seres do mundo espiritual tem consequências incalculáveis da mais alta gravidade; é tudo um mundo novo que se revela a nós e que tem de tão mais importância que atinge todos os homens sem exceção. Este conhecimento não pode faltar de levar em sua generalização, uma modificação profunda dos costumes, o caráter, os hábitos nas crenças que têm uma tão grande influência sobre as referências sociais. É toda uma revolução que se opera nas ideias, revolução de tão maior, de tão mais poderosa, que não se circunscreve a um povo, a uma casta, mas que atende simultaneamente, pelo coração, todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos.

É, pois, com razão que o Espiritismo é considerado como a terceira grande revelação. Vejamos em que se diferem, e por liame elas se unem umas às outras.

21. – MOISÉS, como profeta, revelou aos homens o conhecimento de um Deus único, soberano, mestre e criador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e assentou os fundamentos da verdadeira fé; como homem, foi o legislador do povo pelo qual esta fé primitiva, depurando-se, devia um dia se derramar sobre toda a Terra.

22. – CRISTO, tomando da antiga lei o que é eterno e divino, e rejeitando o que era apenas transitório puramente disciplinar e de concepção humana, junta a *revelação da vida futura* da qual Moisés nada tinha falado, a das penas e recompensas que atendem ao homem após a morte (Ver *Revista Espírita*, 1861, págs. 90 e 280).

23. – A parte mais importante da revelação do Cristo, em seu sentido de que seja a fonte primeira, a pedra angular de toda sua doutrina, é o ponto de vista totalmente novo sob o qual fez considerar a divindade. Este não é mais o Deus terrível, ciumento, vingativo, de Moisés, o Deus cruel e implacável que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e a exterminação de povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os macróbios, que castiga os que poupam as vítimas; não é mais o Deus injusto que pune todo o povo pela falta do seu chefe, que se vinga do culpado sobre a pessoa do inocente, que atinge os filhos pela falta dos seus pais, mas, um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansuetude e misericórdia, que perdoa o pecador arrependido, e *entrega a cada um conforme suas obras*; não é mais o Deus de um só povo privilegiado, o *Deus dos exércitos* presidindo os combates para sustentar sua apropriada causa contra o Deus dos outros povos, mas o Pai comum do gênero humano que estende sua proteção sobre todos os seus filhos e os chama todos a Ele; não é mais o Deus que recompensa e pune pelos seus bens da terra, que faz consistir a glória e a felicidade na subjugação dos povos rivais e na multiplicidade da progenitura, mas que diz ao homem: *“Vossa verdadeira pátria não está neste mundo, ela está no reino celeste; é lá que os humildes de coração serão elevados e que os orgulhosos serão aviltados”*. Não é mais um Deus que faz uma virtude da vingança e ordena de trocar olho por olho, dente por dente, mas o Deus de misericórdia que diz: *“Perdoai as ofensas se quereis que as vossas sejam perdoadas; trocai o bem pelo mal; não façais jamais a outro o que não quereis que vos façam”*. Não é mais

o Deus mesquinho e meticuloso que impõe sob as penas as mais rigorosas, a maneira pela qual queira ser adorado, que se ofende pela inobservância de uma fórmula, mas o Deus grandioso que olha o pensamento e não se honra pela forma; não é mais, enfim, o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

24. – Deus sendo o motivo de todas as crenças religiosas, o objetivo de todos os cultos, o caráter de todas as religiões é conforme a ideia que elas dão a Deus. As que o fazem um Deus vingativo e cruel, crendo honrá-lo por atos de crueldade, pelas piras crematórias e as torturas; as que o fazem um Deus parcial e ciumento são intolerantes; elas são mais ou menos meticulosas na forma conforme o que creem mais ou menos maculadas das fraquezas e das baixezas humanas.

25. – Toda a doutrina do Cristo está fundada sobre o caráter que ele atribui à divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, pôde fazer do amor de Deus e da caridade para com o próximo, a condição expressa da salvação, dizendo: *“Eis aí toda a lei e os profetas, e não existe outra”*. Sobre esta crença, apenas, ele pôde assentar o princípio da igualdade dos homens ante Deus, e da fraternidade universal.

Esta revelação dos verdadeiros atributos da divindade, junto à da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mutuas dos homens, impunha-lhe novas obrigações, fazia-lhe encarar a vida presente sob um outro dia; ele devia, por isto mesmo, reagir sobre os costumes e as relações sociais. É incontestavelmente, por suas consequências, o ponto o mais capital da revelação do Cristo e, pois, não tem sido concluída importância; é lamentável de dizer, é também o ponto do qual mais se tem descartado, que mais se olvida na interpretação de seus ensinamentos.

26. – Entretanto, Cristo acrescenta: muitas das coisas que vos digo, ainda não podeis compreender e terei muitas a vos dizer que vós não compreenderíeis; é porque eu vos falo em parábolas; mas, mais tarde *eu vos enviarei o Consolador, o Espírito Verdade que restabelecerá todas as coisas e vos explicá-la-á*.

Se Cristo não disse tudo o que teria podido dizer, é que ele acreditou devesse deixar certas verdades na sombra até que os homens estivessem em estado de compreendê-las. De sua confissão, seu ensinamento era, pois incompleto, já que anunciava a vinda daquele que devia completá-la; previa, pois que se equivocariam sobre suas palavras, que se desviariam de seu ensinamento, em um termo, que se desfaria o que ele fizera, já que todas as coisas devam ser restabelecidas; ora, não se *restabelece* senão o que esteja desfeito.

27. – Por que lhe chama o novo messias *Consolador*? Este nome significativo e sem ambiguidade é toda uma revelação. Ele previa, pois, que os homens teriam necessidade de consolação, o que implica a insuficiência do que encontrariam na crença que eles se tinham feito. Jamais talvez Cristo não tenha sido mais claro e mais explícito como nestas últimas palavras, às quais poucas pessoas assimilaram, talvez porque se evitou pô-las ao claro e de lhes aprofundar o sentido profético.

28. – Se Cristo não pôde desenvolver seu ensinamento de uma maneira completa, é que faltava aos homens conhecimentos que não poderiam adquirir senão com o tempo e sem o que não o poderiam compreender; são coisas que teriam parecido falta de senso no estado de conhecimento de então. Completar seu ensinamento deve, pois, se entender no sentido de *explicar* e de *desenvolver*, muito mais do que no de lhe ajuntar verdades novas; porque tudo se encontra aí no germe; faltava a chave para compreender o sentido de suas palavras.

29. – Mas, que ousa permitir-se de interpretar as Escrituras Sagradas? Quem tem este direito? Quem possui as luzes necessárias senão os teólogos?

Quem o ousa? A ciência de então, que não pede permissão a ninguém para fazer conhecer as leis da natureza, e salta de pés juntos sobre os erros e os preconceitos. – Quem tem esse direito? Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todo mundo e as Escrituras não são mais a arca santa na qual ninguém ousava tocar o dedo sem se arriscar de ser fulminado. Quanto às luzes especiais necessárias, sem contestar as dos teólogos, e todo esclarecido que fossem os da idade média, e, em particular, os Pais da Igreja, eles não estavam, entretanto, absolutamente ainda preparados para não condenar como heresia, o movimento da terra e da crença nos antípodas; e sem remontar tão alto, os de nossos dias, não lançaram eles o anátema aos períodos da formação da Terra?

Os homens não puderam explicar as Escrituras sem o auxílio do que sabiam, noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da natureza, mais tarde reveladas pela Ciência; eis porque os teólogos, eles próprios, puderam, de muito boa fé, equivocar-se sobre o sentido de certas palavras e de certos fatos do Evangelho. Querendo, a todo custo aí encontrar a confirmação de um pensamento preconcebido, eles tornavam sempre ao mesmo círculo, sem deixar seu ponto de vista de tal sorte que só viam o que queriam ver aí. Por mais sábios que fossem os teólogos, eles não podiam compreender as causas dependentes das leis que eles não conheciam.

Mas quem será juiz das interpretações diversas e frequentemente contraditórias, dadas fora da Teologia? – O futuro, a lógica e o bom senso. Os homens, mais e mais esclarecidos, à medida que novos fatos e novas leis venham se revelar, saberão fazer o aparte dos sistemas utópicos e da realidade; ora, a Ciência faz conhecer certas leis; o Espiritismo o faz conhecer outras; umas e outras são indispensáveis à inteligência dos textos sagrados e todas as religiões, desde Buda e Confúcio até o Cristianismo. Quanto à Teologia, ela não estará judiciosamente extirpada das contradições da Ciência, já que ela nem sempre está de acordo consigo mesma.

30. – O ESPIRITISMO, tomando seu ponto de partida nas próprias palavras do Cristo, como Cristo tomou o seu em Moisés, é uma consequência direta de sua doutrina.

A ideia vaga da vida futura junta a revelação da existência do mundo invisível que nos envolve e povoa o espaço, e, para tanto, precisa da crença; dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade no pensamento.

Define os laços unem a alma e o corpo e eleva o véu que tapava dos homens os mistérios do nascimento e da morte.

Pelo Espiritismo, o homem sabe de onde vem, para onde vai, porque está sobre a Terra, porque sofre temporariamente e ele vê em tudo a justiça de Deus.

Sabe que a alma progride sem cessar através de uma série de existências sucessivas, até a que atinja o degrau da perfeição que pode aproximá-la de Deus.

Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de partida, são criadas iguais, com uma mesma aptidão ao progresso em virtude de seu livre arbítrio; que todas são da mesma essência, e que não há entre elas senão a diferença do progresso atingido; que todas têm o mesmo destino e atingirão o mesmo fim, mais ou menos prontamente conforme seus trabalhos e sua boa vontade.

Sabe que não há nenhuma criatura deserdada, nem mais favorecidas umas que as outras, que Deus não as criou jamais, que seja, privilegiadas e dispensadas do trabalho imposto às outras para progredir; que não há nenhum ser perpetuamente voltado ao mal e ao sofrimento; que os designados sob o nome demônios são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos que fazem o mal ao estado de Espírito, como o faziam na condição de homens, mas que avançarão e melhorarão; que anjos ou Espíritos puros não são seres à parte na criação, mas Espíritos que atingiram a meta, após terem seguido a fileira do progresso; que assim, não há criações múltiplas de diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação sai da grande lei de unidade que rege o universo e que todos os seres gravitam para um alvo comum, que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos em detrimento de outros, todos sendo a consequência de suas obras.

31. – Pelos relatórios que o homem pode atualmente estabelecer com os que deixaram a Terra, tem, não apenas, a prova material da existência e da individualidade da alma, mas compreende a solidariedade que religa os vivos e os mortos deste mundo e os deste mundo com os de outros mundos. Ele conhece sua situação no mundo dos Espíritos; segue-os em suas migrações; ele é testemunha de suas alegrias e de suas aflições; sabe por que são felizes ou desgraçados, e a sorte que lhe esteja reservada de acordo com o bem e o mal que tenha feito. Estas relações o iniciam à vida futura que ele pode observar em todas suas fases, em todas suas peripécias; o porvir não é mais uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. Então, a morte nada mais tem de assustador, porque é para ele, a libertação, a porta da verdadeira vida.

32. – Pelo estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e a desgraça na vida espiritual são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada um suporta as consequências diretas e naturais de suas faltas, dito de outro modo, que ele é punido por onde ele tenha pecado; que suas consequências ficam também durante o período correspondente à causa que as tenha produzido; que, assim, o culpado sofrerá eternamente, se ele persistir eternamente no mal, mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação; ora, como depende de cada um aperfeiçoar-se, cada qual pode, em virtude de seu livre arbítrio, prolongar ou abreviar seus sofrimentos, como o doente sofre de seus excessos também duradouros ao qual não ponha termo.

33. – Se a razão repulsa, como incompatível com a bondade de Deus, a ideia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas frequentemente infringidas por uma só falta; suplícios do inferno que não podem atenuar o arrependimento, o mais ardente e o mais sincero, ela se inclina diante desta justiça distributiva e imparcial, que tem em conta de tudo, nunca fecha a porta de retorno e estende sem cessar a mão ao náufrago em lugar de lhe empurrar para o abismo.

34. – A pluralidade das existências, da qual Cristo colocou o princípio no Evangelho, mas sem mais o definir como a muitos outros, é uma das leis das mais importantes reveladas pelo Espiritismo, no sentido de que demonstras a realidade e a necessidade para o progresso. Por esta lei o homem explica a si todas as anomalias aparentes que mostra a vida humana; suas diferenças de posição social, as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis para a alma as vidas abreviadas; a desigualdade das aptidões intelectuais e morais, pela antiguidade do Espírito que mais ou menos venceu, mais ou menos aprendeu e progrediu e que traz renascendo, as aquisições de suas existências anteriores (Nº 5).

35. – Com a doutrina da criação da alma a cada nascimento, recai-se no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os religa, os laços de família são

puramente carnis; não são absolutamente solidários de um passado onde eles não existiam; com esta do nada depois da morte, toda referência cessa com a vida; não são absolutamente solidários no futuro. Pela reencarnação, eles são solidários do passado e no futuro, suas relações se perpetuam no mundo espiritual e no mundo corporal, a fraternidade tem por base as próprias leis da natureza; o bem tem um objetivo, o mal, suas consequências inevitáveis.

36. – Com a reencarnação caem os preconceitos de raça e de casta, já que o mesmo Espírito pode renascer rico ou pobre, grande senhor ou proletário, mestre ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravatura, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, não existe nenhum que prime em lógica o fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação se funda sobre uma lei da natureza, o princípio da fraternidade universal, ela se fundamenta na mesma lei a da igualdade dos direitos sociais, e, por resultado, o da liberdade.

Os homens só nascem inferiores e subordinados na matéria; pelo Espírito eles são iguais e livres. Daí, o dever de tratar os inferiores com bondade, benevolência e humanidade, porque, aquele que é nosso subordinado hoje, pode ter sido nosso igual ou nosso superior, talvez um parente ou um amigo, e que podemos voltar a nosso turno, subordinados a aqueles que comandamos.

37. – Despojai do homem o Espírito livre, independente, sobrevivendo à matéria, fareis dele uma máquina organizada, sem meta, sem responsabilidade, sem outro freio senão a lei civil, e *boa a especular* como um animal inteligente. Nada esperando após a morte, nada lhe impede de aumentar os prazeres do presente; se ele sofre, não tem em perspectiva senão o desespero e o nada por refúgio. Com a certeza do futuro, de reencontrar os que amou, *o temor de rever aqueles que tenha ofendido*, todas as suas ideias mudam. O Espiritismo não tenha feito senão tirar o homem da dúvida, tocando a vida futura, teria feito mais pelo seu aperfeiçoamento moral que todas as leis disciplinares que o brindam algumas vezes, mas não o modificam.

38. – Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não é somente inconciliável com a justiça de Deus que tornaria todos os homens responsáveis da falta de um só, seria uma falta de senso e, desta forma menos justificável já que a alma não existia à época em que se pretende fazer remontar sua responsabilidade. Com a preexistência e a reencarnação, o homem traz em renascendo, o germe de suas imperfeições passadas e defeitos dos quais não se corrigiu e que se traduzem pelos seus instintos nativos, suas propensões a tal ou qual vício. Eis aí seu verdadeiro pecado original, do qual ele sofre naturalmente todas as consequências; mas com esta diferença capital, que ele leva a pena de suas próprias faltas e não a da falta de um outro; e esta outra diferença, por sua vez, consoladora, encorajante, e soberanamente equitativa que cada existência lhe oferece os meios de se resgatar pela reparação, e de progredir, quer em se despojando de qualquer imperfeição, quer em adquirindo novos conhecimentos e isto até que esteja suficientemente purificado, ele não tenha mais necessidade da vida corporal, e possa viver exclusivamente da vida espiritual, eterna e afortunada.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente, traz, em renascendo, qualidades natas, como o que tenha progredido intelectualmente traz ideias inatas; ele está identificado com o bem; pratica-o sem esforço, sem cálculo e por assim dizer sem nisso pensar. O que é obrigado a combater suas más tendências está, ainda, em luta; o primeiro já a venceu, o segundo está em trilha de vencer. Há, pois, *virtude original*, como há *saber original*, e *pecado*, ou melhor, *vício original*.

39. – O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais (a) e sua ação sobre a matéria. Demonstrou a existência do perispírito, suposto desde a antiguidade, e designado por São Paulo sob o nome de Corpo Espiritual, ou seja, corpo fluídico da alma após a destruição do corpo tangível. Sabemos atualmente que este envoltório é inseparável da alma; que é um dos elementos constitutivos do ser humano; que é o veículo de transmissão do pensamento e que, de acordo com a vida do corpo, serve de liame entre o Espírito e a matéria. O perispírito realiza um papel tão importante no organismo e em grande quantidade de afecções, que se liga tanto à fisiologia quanto à psicologia.

40. – O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma, abre novos horizontes à Ciência e dá a chave de um bando de fenômenos incompreendidos justamente pela falta de conhecimento da lei que os rege; fenômenos negados pelo materialismo, porque se referem à espiritualidade, qualificados por outros de milagres e sortilégios, conforme as crenças. Tais são, entre outros, o fenômeno da dupla visão, da visão à distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões, etc. Em demonstrando que estes fenômenos repousam também em leis naturais como os fenômenos elétricos e as condições normais nos quais podem se reproduzir, o Espiritismo destrói o império do maravilhoso e do sobrenatural, e, por conseguinte, a fonte da maior parte das superstições. Si faz crer na possibilidade de certas coisas olhadas por alguns como quiméricas, ele impede de crer em muitas outras em que demonstra a impossibilidade e a irracionalidade.

41. – O Espiritismo, bem longe de negar ou de destruir o Evangelho, vem ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da natureza que revela, tudo o que disse e fez o Cristo; leva a luz sobre os pontos obscuros de seu ensinamento, de tal sorte que para aqueles para os quais certas partes do Evangelho eram ininteligíveis, ou pareciam *inadmissíveis*, compreendem-nas sem sacrifício com a ajuda do Espiritismo e as admitem; veem melhor o alcance e podem separar a parte da realidade e da alegoria; Cristo lhes parece maior: este não é mais simplesmente um filósofo, é um Messias divino.

42 – Si se considera, de outra forma, o poder moralizador do Espiritismo pela meta que ele assinala a todas as ações da vida, por consequências do bem e do mal que faz tocar seu dedo; a força moral, a coragem, as consolações que dá nas aflições por uma inalterável confiança no porvir, pela imaginação de ter perto de si os seres que tenha amado, a segurança de os rever, a possibilidade de se entreter com eles, enfim, pela certeza que, de tudo que se faça, de tudo que se adquira em inteligência, em ciência, em moralidade, *até a última hora da vida*, nada se perde, que tudo se aproveita ao adiantamento, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo à atenção do *Consolador* anunciado. Ou, como é o *Espírito Verdade* que preside o grande movimento da regeneração, a promessa de sua vinda encontra-se de fato realizada, porque, pelo feito, é ele que é o verdadeiro *Consolador* (1).

43. – Se a estes resultados ajuntar-se a rapidez inusitada da propagação do Espiritismo, apesar de tudo o que se tem feito para abatê-lo, não se pode desconvir que sua vinda não seja providencial, já que ele triunfa contra todas as forças e má vontade humanas. A facilidade com a qual é aceito por um tão grande número, e isto sem contratempo, sem outros meios além do poder da ideia, prova que ele responde a uma necessidade: a de crer em alguma coisa, após a vida gravada pela incredulidade e que, por consequência, veio a seu tempo.

44. – Os aflitos são em grande número, não é, pois, surpreendente que tantas pessoas acolham uma doutrina que consola de preferência àqueles que se desesperam; porque é aos

deserdados, mais que aos felizardos do mundo, que se endereça o Espiritismo. O doente vê vir o médico com mais satisfação que o que se porta bem; ora, os aflitos estão doentes e o Consolador é o médico.

Vós, que combateis o Espiritismo, se quereis que o deixemos para vos seguirdes, dai-nos mais e melhor que ele; combatei mais seguramente as feridas da alma. Daí, pois mais consolo, mais satisfação ao coração, esperanças mais legítimas, certezas maiores; fazem do porvir um quadro mais racional, mais sedutor; mas, não penseis dominá-lo, vós, com a perspectiva do nada, vós, com a alternativa das flamas do inferno ou da beatitude e inútil contemplação perpétua.

45. – A primeira revelação foi personificada em Moisés, a segunda em Cristo, a terceira não o é em nenhum indivíduo. As duas primeiras são individuais, a terceira é coletiva; eis aí um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva neste sentido de que não tenha sido feita por privilégio de ninguém; que ninguém, por consequência, possa se dizer o profeta exclusivo. Ela tem sido feita simultaneamente sobre toda a Terra, para dez milhões de pessoas, de todas as idades, de todos os tempos e de todas as condições, desde o mais inferior até o mais elevado da escala, conforme esta predição referida pelo autor dos Atos dos apóstolos: “*Nos últimos tempos, disse o Senhor, verterei de meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossas jovens pessoas terão visões e vossos anciãos terão sonhos*”. Não saiu de nenhum culto especial, a fim de servir, um dia a todos, de ponto de referência. (2)

46. – As duas primeiras revelações, sendo o produto de um ensinamento pessoal, estão forçosamente localizadas, isto é, que elas tiveram lugar sobre um só ponto, em torno do qual a ideia se expandiu de perto em perto; mas, foi preciso muitos séculos para que atingissem a extremidade do mundo, sem invadi-lo por inteiro. A terceira tem isso de particular, que, não estando personificado em um indivíduo, ela se produziu simultaneamente sobre milhares de pontos distintos, que todos estão se tornando em centros ou focos de radiação. Estes centros se multiplicando, seus raios tornam-se a juntar pouco a pouco, como os círculos formados por uma porção de pedras lançadas na água; de tal sorte, em dado tempo, acabarão por cobrir a superfície inteira do globo.

Tal é uma das causas da rápida propagação da doutrina. Se ela houvesse surgido em um só ponto, se fosse obra exclusiva de um só homem, formaria seita em torno dele; mas um meio século seria talvez decorrido antes que houvesse atingido os limites do país onde tivesse tomado nascimento, tanto que após dez anos, ela tem estacas plantadas de um polo a outro.

47. – Esta circunstância inusitada na história das doutrinas, dá-lhe uma força excepcional e um poder de ação irresistível; de fato, se a comprimirem sobre um ponto, em um país, é materialmente impossível comprimir sobre todos os pontos, em todos os países. Por um lugar em que seja entravada, haverá mil lugares onde florirá. E mais, se a atentarem num indivíduo, não poderão atingi-la nos Espíritos, que lhe são a fonte. Ora, como os Espíritos estão em toda parte e que os haverá eternamente, si, por impossível, se os conseguisse sufocar por todo globo, ela reapareceria a qualquer momento após, porque repousa sobre *um fato, que este fato está na natureza*, e que não se pode suprimir as leis da natureza. Eis isto, pois devem se persuadir os que sonham com o assentimento do Espiritismo (**Revista. Espírita**, Fev. 1865, p. 38: *Perpetuidade do Espiritismo*).

48. – Entretanto, estes centros disseminados poderiam permanecer ainda por longo tempo isolados uns dos outros, confinados como estão alguns em países distantes. Era preciso entre eles um traço de união que os colocasse em comunicação de pensamento com seus irmãos em crença, ensinando o que se fizesse alhures. Este traço de união, que teria faltado ao

Espiritismo na antiguidade, encontra-se na publicação que vão por toda parte, que condensam, sob uma forma única, concisa e metódica, o ensinamento dado em toda parte sob formas múltiplas e em línguas diversas.

49. – As duas primeiras revelações só poderiam ser o resultado de um ensinamento direto; elas deviam se impor por sua vez, pela autoridade da palavra do mestre, não estando os homens assaz avançados para concorrer em sua elaboração.

Observemos, todavia, entre elas um matiz bem sensível que apresenta no progresso dos costumes e das ideias, se bem que tinham sido feitas entre o mesmo povo no mesmo meio, mas após dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, despótica, não admite discussão e se impõe a todos pela força. A de Jesus é essencialmente *Conselheira*; é livremente aceita e só se impõe pela persuasão; é controversa de vivência ainda, de seu fundador, que não desdenhava discutir com seus adversários.

50. – A terceira revelação, vinda em uma época de emancipação e de maturidade intelectual, onde a inteligência desenvolvida não pode se resumir a um papel passivo, onde o homem não aceita nada às cegas, mas quer ver onde se lhe conduza, saber o porque e o quê de cada coisa, devia ser, por sua vez, o produto de um ensinamento e o fruto do trabalho da busca e do livre exame. Os Espíritos ensinam justamente o que é necessário para colocar sobre a estrada a verdade, mas abstêm-se de revelar o que o homem pode encontrar por si próprio, deixando-lhe a atenção de discutir, de controlar, e de submeter tudo ao cadinho da razão, deixando-o mesmo frequentemente adquirir experiência às suas expensas. Dão-lhe o princípio, os materiais, para que ele tire proveito e se ponha em obra (n° 15).

51. – Os elementos da revelação espírita tendo sido dados simultaneamente a uma variedade de pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução, fica bem evidente que as observações não podiam ser feitas por toda parte com o mesmo fruto; que as consequências a tirar, a dedução das leis que regem esta ordem de fenômenos, numa palavra, a conclusão que devia assentar as ideias, só podiam sair do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado circunscrito em um círculo restrito, vendo apenas, no mais frequente, uma ordem particular de fatos, por vezes de aparência contraditória, só tendo geralmente relação com uma só categoria de Espíritos e, no mais, entravado pelas influências locais e Espíritos partidaristas, encontrava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, incapaz de reunir as observações isoladas a um princípio comum. Cada qual apreciando os fatos sob o ponto de vista de seus conhecimentos e de suas crenças anteriores, ou da opinião particular dos Espíritos que se manifestam, havia tido logo tantas teorias e sistemas quanto centros e, do que alguns não poderiam ser completos por falta de comparação e de controle. Em uma palavra, cada qual estaria imobilizado em sua revelação parcial, crendo possuir toda verdade, falta de saber que, em cem outros endereços obtinha-se mais e melhor.

52. – É de notar, além disso, que em nenhuma parte o ensinamento espírita não tem sido dado de maneira completa; toca a um tão grande número de observações, a causas tão diversas que exigem, tanto, conhecimentos como aptidões mediúnicas especiais, que seria impossível reunir sobre um mesmo ponto todas as condições necessárias. O ensinamento, devendo ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho disseminando o assunto de estudo e de observação, como em certas fábricas, a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida por diversos obreiros.

A revelação assim se faz parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários e é desta maneira que ela se propaga ainda neste momento, já que nem tudo

está revelado. Cada centro encontra, em outros centros, o complemento do que se obtém, e é o conjunto, a coordenação de todos os ensinamentos parciais que têm constituído a *Doutrina Espírita*.

Era, pois, necessário agrupar os fatos esparsos para ver sua correlação, reunir os documentos diversos, as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, a fim de compará-los, analisá-los, em estudar as analogias e as diferenças. As comunicações, sendo dadas pelos Espíritos de toda ordem, mais ou menos esclarecidos, seria necessário apreciar os graus de confiança que a razão permitisse de admitir, distinguir as ideias sistemáticas individuais e isoladas dos que tivessem a sanção do ensinamento geral dos Espíritos, as utopias das ideias práticas; eliminar as que sejam notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e a sã lógica; utilizar os erros, até, reensinamentos fornecidos pelos Espíritos, mesmo do mais baixo estágio, para o conhecimento do estado do mundo invisível, para formar um todo homogêneo. Seria preciso, numa palavra, um centro de elaboração, independente de toda ideia preconcebida, de todo prejulgamento de sectarismo, *resolvido em aceitar a verdade tornada evidente, devendo ela ser contrária a suas opiniões pessoais*. Este centro é formado dele mesmo, pela força das coisas e *sem plano premeditado*. (3).

Esta concentração espontânea das forças esparsas deu lugar a uma correspondência imensa, monumento único ao mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno onde se refletem, por sua vez, os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que fizeram nascer a doutrina, os resultados morais, os devotamentos e desfalecimentos; arquivos preciosos para a posteridade que poderá julgar os homens e as coisas sobre peças autênticas. Em presença destes depoimentos irrecusáveis em que se tornariam na sequência, todas as falsas alegações, as difamações da inveja e do ciúme?

53. – Deste estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas, indo das extremidades para o centro, outras retornando do centro à circunferência. É assim que a doutrina marchou prontamente sobre a unidade, malograda a diversidade das fontes de onde foi emanada; que os sistemas divergentes estão gradativamente caindo, pelo fato do seu isolamento, ante a ascendência de opiniões da maioria, falta de aí encontrar ecos simpáticos. Uma comunhão de pensamentos, desde então, estabeleceu-se entre os diferentes centros parciais; falando a mesma língua espiritual, eles se compreendem e simpatizam-se numa extremidade do mundo à outra.

Os Espíritas encontraram-se mais fortes, lutaram com mais coragem, marcharam com um passo mais resolutivo, já que não são mais vistos isoladamente, quando sentiram um ponto de apoio, um ligamento que os prendia à grande família; os fenômenos dos quais eram testemunhos, não mais lhe pareciam estranhos, anormais, contraditórios, quando puderam amarrá-los às leis gerais da harmonia, abraçando, num golpe de olhos à edificação, e ver a todo este conjunto um alvo grande e humanitário. (4)

Mas, como saber se um princípio é ensinado por toda parte, ou se é o resultado de uma opinião individual? Os grupos isolados, não sendo capazes de saber o que se diz alhures, tornava-se necessário que um centro reunisse todas as instruções para fazer uma sorte de depuramento das vozes e levar ao conhecimento de toda opinião da maioria. (5)

54. – Não é nenhuma ciência que esteja saída em todas as peças do cérebro de um homem; todas, sem exceção, são o produto de observações sucessivas apoiando-se sobre as observações precedentes, como sobre um ponto conhecido para chegar ao desconhecido. É assim que os Espíritos procederam com o Espiritismo; é porque seu ensinamento é gradual; só

abordam questões à medida que os princípios sobre os quais elas devam se apoiar estejam suficientemente elaborados e que a opinião esteja madura para se lhes assimilar. É mesmo considerável que todas as vezes que os centros particulares tenham querido abordar questões prematuras, só obtiveram respostas contraditórias não concludentes. Quando, ao contrário, o momento favorável é vindo, o ensinamento é idêntico sobre toda a linha em quase toda universalidade dos centros.

Há, entretanto, entre a marcha do Espiritismo e a das ciências uma diferença capital, que é a de que estas não atingiram o ponto aonde elas chegaram senão depois de longos intervalos, enquanto que foram suficientes poucos anos ao Espiritismo, senão para atender ao ponto culminante, ao menos, para recolher uma soma de observações assaz enorme para constituir uma doutrina. Fora isto, obtêm-se pela multidão inumerável de Espíritos que, pela vontade de Deus, manifestaram-se simultaneamente, anunciando cada um o contingente de seus conhecimentos. Resultou disso que todas as partes da doutrina, em lugar de serem elaboradas sucessivamente durante vários séculos, têm-nas sido mais ou menos simultâneas em alguns anos, e que foi suficiente para grupá-las formando um todo.

Deus quis que o fosse assim, a princípio para que o edifício chegasse mais prontamente à feitura; em segundo lugar, para que se pudesse, pela comparação, ter um controle por assim dizer, imediato e permanente na universalidade do ensino, cada parte só tendo de valor e *autoridade* para sua conexão com o conjunto, todas devendo harmonizar-se, encontrar seu lugar no compartimento geral, e encontrar cada um a seu tempo.

Não o confiando a um só Espírito a atenção da promulgação da doutrina, Deus quis de outra forma que o menor como maior, entre os Espíritos como entre os homens, levasse sua pedra ao edifício, a fim de estabelecer entre eles um lugar de solidariedade cooperativa que tem faltado a todas as doutrinas saídas de uma fonte única.

Por outro lado, cada Espírito, do mesmo modo que cada homem, só tendo uma soma limitada de conhecimentos, individualmente eles estariam inabilitados de tratar ex professo das inumeráveis questões às quais toca o Espiritismo; eis igualmente a doutrina por satisfazer as vontades do Criador, não poderia ser a obra nem de um só Espírito, nem de um só médium; só poderia sair da coletividade dos trabalhos controlados uns pelos outros. (6)

55. – Um último caráter da revelação espírita, e que ressalta das condições próprias nas quais é feita, é que, apoiando-se sobre os fatos, ela é e só pode ser essencialmente progressiva como todas as ciências de observação. Por sua essência, ela contrai aliança com a ciência que, expondo as leis da natureza em uma certa ordem de fatos, não pode ser contrário à vontade de Deus, o autor destas leis. *As descobertas da ciência glorificam Deus em lugar de rebaixá-Lo; elas só destroem o que os homens tenham baseados sobre ideias falsas que fizeram de Deus.*

O Espiritismo não se assenta, pois em princípio absoluto senão no que seja demonstrado com evidência, ou o que ressaia logicamente da observação. Tocando em todos os ramos da economia social, ao qual presta o apoio de suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, que qualquer natureza que sejam, chegadas ao estado de verdades práticas, e saídas do domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria; cessando de ser o que é mentiria à sua origem e sua meta providencial. *O Espiritismo, marchando com o progresso, não será nunca extravasado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro sobre um ponto ele se reformulará sobre este ponto; se uma nova verdade se revela, ela a aceita.* (7)

56. – Qual é a utilidade da doutrina moral dos Espíritos, já que ela não é outra coisa mais do que a do Cristo? O Homem, tem ele necessidade de uma revelação, e não pode encontrar nele mesmo tudo o que lhe seja necessário para se conduzir?

No ponto de vista moral, Deus tem, sem dúvida dado ao homem um guia em sua consciência que lhe diz: “*não façás a outrem o que tu não quiseses que te lhe faça*”. A moral natural é certamente inscrita no coração dos homens, mas todos eles sabem-nas ler? Não têm eles sempre menosprezado estes sábios preceitos? Que fizeram da moral do Cristo? Como a praticam estes mesmos que a ensinam? Não está ela tornada uma letra morta, uma bela teoria, boa para os outros e não para si? Censurai-vos a um pai de repetir dez vezes, cem vezes a mesma instrução a seus filhos se eles não nas aproveitam? Por que Deus faria menos que um pai de família? Por que não enviaria Ele, de tempos em quando, entre os homens, mensageiros especiais encarregados de os chamar a seus deveres e de os remeter pelo bom caminho quando eles se desviam? De abrir-lhe os olhos da inteligência àqueles que o tenham fechado como os homens, os mais avançados enviam missionários aos selvagens e aos bárbaros?

Os Espíritos não ensinam outra moral senão a do Cristo, pela razão de que não o há melhor. Mas, então, a quem é bom seu ensinamento, já que dizem apenas o que já sabemos? Poderia se dizer igualmente da moral do Cristo que foi ensinada há quinhentos anos antes dele por Sócrates e Platão e em termos quase idênticos; de todos os moralistas que repetem a mesma coisa, sobretudo os tons e sob todas as formas. Pois bem! *Os Espíritos vêm tão simplesmente aumentar o número dos moralistas*, com a diferença de que se manifestando por toda parte, eles se fazem entender tanto na cabana como também no palácio, pelos ignorantes como pessoas instruídas.

O que o ensinamento dos Espíritos ajunta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que reatam os mortos e os vivos, que completam as noções vagas que tinham dado da alma, de seu passado e de seu porvir, e que dão por sanção à sua doutrina as próprias leis da natureza. Com o auxílio das novas luzes trazidas pelo Espiritismo e os Espíritos, o homem compreende a solidariedade que une todos os seres; a caridade e a fraternidade tornam-se uma necessidade social; ele faz por convicção o que só fazia por dever e o faz melhor.

Logo que os homens praticarem a moral do Cristo, então, somente poderão dizer que não têm mais necessidade de moralistas encarnados ou desencarnados; mas, nesse caso, também Deus não mais os enviará.

57. – Uma das questões das mais importantes entre as que estão colocadas no frontispício deste capítulo é esta: Qual a autoridade da revelação espírita, já que emana de seres cujas luzes são limitadas e que não são infalíveis?

A objeção seria levada a sério se esta revelação só consistisse nos ensinamentos dos Espíritos; se a devêssemos ter exclusivamente deles e aceitar de olhos fechados; ela se torna sem valor desde o instante que o homem a ela leva o concurso de sua inteligência e de seu julgamento; que os Espíritos se limitam a colocar sobre a via de deduções que podem tirar de observações dos fatos. Ora, as manifestações e suas inumeráveis variedades são fatos; o homem as estuda e procura-lhes a lei; é ajudado neste trabalho pelos Espíritos de todas as ordens que são na maior parte das vezes *colaboradores* do que mesmo *reveladores* no sentido usual do termo; ele submete seus ditos ao controle da lógica e do bom senso; desta maneira ele se beneficia de conhecimentos especiais que devem à sua posição, sem abdicar do uso de sua própria razão.

Os espíritos não sendo outros senão as almas dos homens, em se comunicando conosco, nós não escapamos de ser a humanidade, circunstância capital a se considerar. Os homens de gênio que têm sido as bandeiras da humanidade são, pois, saídos do mundo dos Espíritos, como eles aí são reentrantes em deixando a Terra. Desde então que os Espíritos possam se comunicar com os homens, estes mesmos gênios podem lhe dar instruções sob a forma espiritual, como o fazem sob a forma corpórea; podem nos instruir após sua morte, como eles o faziam durante sua vivência; eles são invisíveis em vez serem visíveis, eis aí toda a diferença. Sua experiência e seu saber não devem ser menores e sua palavra, como homem, tinha autoridade, ela não o deve ter menos porque eles estejam no mundo dos Espíritos.

58. – Mas, não o são somente os Espíritos superiores que se manifestam, são também os Espíritos de todas as ordens e isto era necessário para nos iniciar no verdadeiro caráter do mundo espiritual, em nos mostrando sob todas as suas faces; por aí, as relações entre o mundo visível e o mundo invisível estão mais íntimas, a conexão é mais evidente; vemos mais claramente de onde nós viemos e para onde vamos; tal é o objetivo essencial destas manifestações. Todos os Espíritos em qualquer grau que estejam chegado nos ensinam, pois, alguma coisa; mas, como eles são mais ou menos esclarecidos, está em nós discernir o que haja neles de bom ou de mau, e de tirar o proveito que caiba em seus ensinamentos; ora, todos, quaisquer que sejam, podem nos ensinar ou nos revelar coisas que ignoramos e que sem eles não saberíamos.

59. Os grandes Espíritos encarnados são individualidades poderosas, sem contradições, mas, cuja ação é restrita e necessariamente lenta a se propagar. Que apenas um dentre eles, seja Elias ou Moisés, Sócrates ou Platão, quer vindo nestes últimos tempos revelar aos homens o estado do mundo espiritual, quem teria provado a verdade de suas assertivas, nestes tempos de cepticismo? Não teria ele sido visto como um sonhador ou um utopista? E em admitindo-o que fosse em verdade absoluta, séculos se escoassem antes que suas ideias fossem aceitas pela massa. Deus, em sua sabedoria, não quis que o fosse assim; quis que o ensinamento fosse dado pelos *próprios Espíritos*, e não pelos encarnados, a fim de convencê-los de sua existência, e que tivesse lugar simultaneamente por toda a Terra, quer para se propagar mais rapidamente, quer para que se encontrasse na coincidência de ensino uma prova da verdade, cada qual tendo assim os meios de se convencer por si próprios.

60. – Os Espíritos não vieram isentar o homem do trabalho, do estudo e das pesquisas; eles não lhe ocasionam nenhuma ciência completamente feita; sobre o que ele próprio possa encontrar, eles o deixam a suas próprias forças; é o que sabem perfeitamente, hoje, os espíritos. Após longo tempo, a experiência tem demonstrado o erro de opinião que atribuía aos Espíritos todo saber e todo conhecimento, e que era suficiente de se dirigir ao primeiro Espírito vindo para conhecer todas as coisas. Saídos da humanidade, os Espíritos o são uma das faces; como sobre a Terra, nada tem de superiores e de vulgares; muitos, o sabendo, pois cientificamente e filosoficamente menos que certos homens; eles dizem o que sabem, nem mais, nem menos; como entre os homens, os mais adiantados podem nos ensinar sobre mais coisas, dar-nos opiniões mais judiciosas que os atrasados. Pedir conselhos aos Espíritos, não é, pois dedicar a poderes sobrenaturais, mas a seus pares, aos próprios a quem se tenham endereçado em sua vida, a seus parentes, a seus amigos ou a indivíduos mais esclarecidos que nós. Eis, pois, o que importe de se persuadir e o que ignorar os que não tenham estudado o Espiritismo, fazem uma ideia completamente falsa sobre a natureza do mundo dos Espíritos e das relações de além-túmulo.

61. – Qual é, pois, a utilidade destas manifestações, ou, se o quisermos, desta revelação, se os Espíritos não o sabem mais que nós, ou se eles não nos dizem tudo o que sabem?

A princípio, como dissemos, eles se abstêm de nos dar o que possamos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas que não lhes é permitido revelar, porque nosso grau de adiantamento não o comporta. Mas eis à parte, as condições de sua nova existência estendem o círculo de suas percepções; Veem o que viam sobre a terra; libertos dos entraves da matéria, deliberados dos cuidados da vida corpórea, julgam as coisas de um ponto mais elevado e por isso mesmo, mais sadiamente; sua perspicácia abrange um horizonte mais vasto; compreendem seus erros, retificam suas ideias e se desembaraçam das presunções humanas.

É nisso que consiste a superioridade dos Espíritos sobre a humanidade corpórea, e que seus conselhos podem estar tendo atenção a seu grau de progresso, mais judicioso e mais desinteressado que o dos encarnados. O meio no qual se encontram lhes permite, além disso, de nos iniciarmos nas coisas da vida futura que ignoramos e que não podemos alcançar de onde estamos. Até este dia, o homem só tinha criado hipóteses sobre seu porvir; eis porque suas crenças sobre este ponto têm estado repartidas em sistemas tão numerosos e tão divergentes, desde o negativismo até as fantásticas descrições do inferno e do paraíso. Atualmente, são as testemunhas oculares, os atores mesmo da vida de além-túmulo que vêm nos dizer o que ela seja, *e que apenas, poderiam fazer*. Estas manifestações têm, pois, servido para nos fazer conhecer o mundo invisível que nos envolve, e que não supúnhamos; e este conhecimento apenas será de uma importância capital, supondo que os Espíritos fossem incapazes de nada nos ensinar a mais.

Se você for num país novo para você, rejeitaria os ensinamentos do mais humilde camponês que encontrasse? Recusaria indagar sobre o estado da rota porque ele é apenas um camponês? Você não esperaria certamente, dele, esclarecimentos de uma alta envergadura, mas, tal como seja, e em sua esfera, ele poderá, sobre certos pontos, passar-lhe meios que não o faria um sábio o qual não conheça o país. Você tirará de suas indicações consequências que ele próprio não poderia tirar, mas ele deixará de ser um instrumento útil para suas observações, não tendo ele servido senão para lhe fazer conhecer os costumes dos camponeses. Ele é igualmente semelhante aos Espíritos onde o menor nos ensina alguma coisa.

62. – Uma comparação vulgar fará ainda melhor compreender a situação.

Um navio carregado de emigrantes parte para um destino distante; ele leva homens de todas as condições, parentes e amigos dos que ficaram. Sabe-se que este navio naufragou; nenhum traço restou dele; nenhuma novidade chegou sobre sua sorte; pensa-se que todos os viajantes pereceram e o luto é de todas as famílias. Entretanto, a equipe toda inteira, sem exceção de um só homem, abordou uma terra desconhecida, terra abundante e fértil onde todos vivem felizes sob um céu clemente; mas, ignora-se; Ora, eis que um dia um outro navio aborda esta terra; encontra aí todos os náufragos são e salvos. A feliz novidade se espalha com a rapidez de um clarão; cada qual se diz: “Nossos amigos não foram perdidos!” E rendem graças a Deus. Não podem se ver, mas correspondem-se; eles trocam testemunho de afeição e eis que a alegria sucede à tristeza.

Tal é a imagem da vida terrestre e da vida do Além, antes e depois da revelação moderna; esta aqui, tal qual o segundo navio, nos traz a boa notícia da sobrevivência dos que nos são caros e a certeza de nos reunirmos um dia; a dúvida sobre sua sorte e sobre a nossa não existe mais; o desencorajamento se desfalece ante a esperança.

Mas outros resultados vêm fecundar esta revelação. Deus julgando a humanidade madura para penetrar nos mistérios de seu destino e contemplar de sangue frio as novas maravilhas, permitiu que o véu que separava o mundo visível do mundo invisível fosse levantado. O fato

das manifestações não tem nada de extra-humano; *é a humanidade espiritual que vem falar com a humanidade corpórea* e lhe diz:

*“Nós existimos, logo, o nada não existe (b); eis o que somos, e eis o que vocês serão; o futuro está para vocês como o é para nós. Vocês marcham na treva, nós viemos clarear a rota de vocês e lhes abrir a visão; vocês iam ao acaso, nós lhes mostramos o alvo. A vida terrestre era tudo para vocês porque nada viam além; viemos lhes dizer, em lhes mostrando a vida espiritual: a vida terrestre não é nada. A sua vista se detinha na Tuma e nós lhes mostramos além um horizonte esplêndido. Não sabiam porque sofriam na Terra; agora, no sofrimento, veem a justiça de Deus; o bem tornava-se sem frutos aparentes para o porvir, de hoje em diante terá uma finalidade e será uma necessidade; a fraternidade era apenas uma bela teoria, e agora esta assente sobre uma lei da natureza. Sob o império da crença que tudo acaba com a vida, a imensidão é vazia, o egoísmo reina como mestre entre vocês, e sua palavra de ordem é: **‘cada um por si’**; com a certeza do futuro, os espaços intermináveis se povoam a infinito, o vazio e a solidão não são sem valor, a solidariedade reata todos os seres além e aquém do túmulo; é o reino da caridade com o lema: **‘cada um por todos e todos por um’**. Enfim, ao termo da vida vocês dizem um eterno adeus aos que lhes são caros, agora, dirão: **‘até breve’**”.*

Tais são, em resumo, os resultados da revelação nova; ela veio satisfazer o vácuo criado pela incredulidade, levantar as coragens abatidas pela dúvida ou a perspectiva do nada, e dar a todas as coisas a razão de ser. Este resultado é ele, pois, sem importância, por que os Espíritos não vêm resolver os problemas da Ciência, dar o saber aos ignorantes, e, aos preguiçosos o meio de se enriquecer sem trabalho? Entretanto, os frutos que o homem deve recolher não são somente para a vida futura; ele os colherá sobre a Terra pela transformação que estas novas crenças devam necessariamente operar sobre seu caráter, seus gostos, suas tendências e, por decorrência, sobre os hábitos e as relações sociais. Colocando fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o do bem, que é o reino de Deus.

A revelação tem, pois, por objetivo de colocar o homem na posse de certas verdades que não poderia adquirir por si próprio, e aí em vista de ativar o progresso. Estas verdades se cercam em geral dos princípios fundamentais destinados a pôr sobre seu caminho de buscas e não a de conduzir para os confins; são marcos que lhe mostram a meta; a ele a tarefa de estudá-los e de deduzir-lhe as aplicações; longe de libertar do trabalho, são os novos elementos fornecidos à sua atividade.

NOTAS:

(1) Ainda que, pais de família deplorem a morte prematura de filhos para a educação dos quais fizeram grandes sacrifícios e se dizem que tudo isto foi pura perda. Com o Espiritismo, eles não lamentam tais sacrifícios e estariam prestes a fazê-los, mesmo com a certeza de ver morrer seus filhos, porque saberiam que se, estes últimos não aproveitam de tal educação no presente, ela servirá, a princípio, para seu progresso como Espírito, já que lhe será igualmente adquirido para uma nova existência e que, já que voltarão, possuirão uma bagagem intelectual que lhes tornará mais aptos para adquirir novos conhecimentos. Tais são estes filhos que trazem ao nascer, ideias inatas, que sabem, sem por assim dizer, terem necessidade de aprender. Se, como pais, não tiveram a satisfação imediata de ver seus filhos pôr esta educação em uso, eles o desfrutarão certamente, mais tarde, quer como Espíritos, quer como homens. Talvez, sejam eles, de novo, os pais destes mesmos filhos que se dizem gloriosamente dotados pela natureza e que devam suas aptidões a uma precedente educação; como também se os filhos voltam mal em sequência da negligência de seus pais, estes podem ter de sofrer mais tarde pelos aborrecimentos e os desgostos que lhes suscitarão em uma nova existência. (***Evangelho conforme o Espiritismo***: cap. V, nº 21: Mortes prematuras)

(2) Nosso papel pessoal, no grande movimento das ideias que se prepara para o Espiritismo e que começa já a se operar, é o que um observador atento que estuda os fatos para buscar a causa e tirar-lhe as consequências. Temos comparado e comentado as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos do globo, após o que coordenamos tudo metodicamente; em uma palavra, temos estudado e dado ao público o fruto de nossas pesquisas, sem atribuir a nossos trabalhos outro valor senão o de uma obra filosófica deduzida de observação e

de experiência sem jamais nos posarmos como chefe de doutrina, nem ter querido impor nossas ideias a ninguém. Em as publicando, usamos de um direito comum e os que a tenham aceitado, fazem-no livremente. Se as ideias encontraram numerosos simpatizantes, é que elas têm a vantagem de responder às aspirações de um grande número, do que não tiramos vantagem, porque a origem não nos pertence. Nosso grande mérito é o da perseverança e do devotamento à causa que abraçamos. Em tudo isto fizemos o que outros poderiam fazer, como nós; é porque nunca tivemos tido a pretensão de nos acreditarmos profeta ou messias, e ainda menos de nos dar por tal.

(3) **O Livro dos Espíritos**, a primeira obra que fez entrar o Espiritismo na trilha filosófica, pela dedução das consequências morais de fatos, que tenha abordado todas as partes da doutrina, em tocando nas questões as mais importantes que ela ergue, tem sido, desde sua aparição, o ponto de reunião sobre o qual convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. É de notoriedade que, na publicação deste livro, data a era do Espiritismo filosófico, permanecido até então, no domínio das experiências de curiosidade. Se este livro conquistou as simpatias da maioria é que era a expressão dos sentimentos desta mesma maioria, e que respondia a suas aspirações; é também porque cada um aí encontrava confirmação de uma explicação racional daquilo que obtinha em particular. Se ele tivesse estado em desacordo com o ensinamento geral dos Espíritos, não teria nenhum crédito e teria prontamente caído no esquecimento. Ora, a quem se juntou? Não foi ao homem que nada é para si próprio agente principal operário que morre e desaparece, mas à ideia que não periga quando emana de uma fonte superior ao homem.

Esta concentração espontânea das forças esparsas deu lugar a uma correspondência imensa, monumento único ao mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno onde se refletem, por sua vez, os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que fizeram nascer a doutrina, os resultados morais, os devotamentos e desfalecimentos; arquivos preciosos para a posteridade que poderá julgar os homens e as coisas sobre peças autênticas. Em presença destes depoimentos irrecusáveis em que se tornariam na sequência, todas as falsas alegações, as difamações da inveja e do ciúme?

(4) Um testemunho significativo, tão notável quanto tocante, desta comunicação de pensamento que se estabelece entre os Espíritos pela conformidade das crenças, são as demandas de preces de nos vêm de países os mais distantes, desde o Peru até as extremidades da Ásia, da parte de pessoas de religiões e de nacionalidades diversas, e que jamais vimos. Não será isto o prelúdio da grande unificação que se prepara? A prova das raízes sérias que toma, por tudo, o Espiritismo?

É considerável que, de todos os grupos que se formaram com a intenção premeditada de fazer cisão, proclamando princípios divergentes, da mesma forma que os que por razões de amor próprio, ou outros, não querendo ter o ar de sofrer a lei comum, são livres de serem fortes para marcharem sozinhos, terem luzes para se passar conselhos, nenhum conseguiu constituir uma ideia preponderante e viável; todos estão apagados ou vegetam na sombra. Como poderia ser de outro modo, desde então que, para se distinguir, em lugar de se esforçar para proporcionar uma maior soma de satisfação, rejeitam princípios da doutrina, precisamente aqueles que a fazem mais poderoso atrativo, o que há de mais consolador, de mais encorajador e de mais racional? Se tivessem compreendido o poder dos elementos morais que constituíram a unidade, não estariam acalentando uma ilusão quimérica; mas, tomando seu pequeno círculo por universo, não viram nos aderentes senão uma súcia que podia facilmente ser tombada por uma contrapartida. Seria equivocar-se estranhamente sobre os caracteres essenciais da doutrina, e este erro não poderia amenizar senão decepções; em lugar de romper a unidade tendo quebrado o liame que só poderia lhe dar a força e a vida. (Ver **Revista Espírita**, abril 1866, pgs 106 e 111: *O Espiritismo sem os Espíritos; o Espiritismo independente*).

(5) Tal é o objeto de nossas publicações que podem ser consideradas como o resultado deste depuramento. Todas as opiniões aí são discutidas, mas as questões não são formuladas em princípios senão depois de ter recebido a consagração de todos os controles que apenas possa lhe dar força de lei e permitir de afirmar. Eis, pois, porque não preconizamos ligeiramente nenhuma teoria e é nisso que a doutrina procedente do ensinamento geral, não é de fato, o produto de um sistema preconcebido; é também o que faz sua força e assegura seu porvir.

(6) Ver no **Evangelho conforme o Espiritismo**, Introdução, p. VI e **Revista Espírita**, abril 1864, p. 90: *Autoridade da Doutrina Espírita; Controle Universal do Ensino dos Espíritos*.

(7) Ante declarações tão puras e tão categóricas como as que estão contidas neste capítulo, caem todas as alegações de tendência ao absolutismo e à autocracia dos princípios, todas as falsas assimilações que pessoas de prevenção ou mal informadas prestam à doutrina. Estas declarações, a princípio, não são novidade, nós a temos encontradas seguidamente repetidas em nossos escritos para não deixar nenhuma dúvida sobre esta consideração. Elas nos assinalam, por outro lado, nosso verdadeiro papel, o único que ambicionamos: o de trabalhar.

NOTAS DO TRADUTOR

(a) Aqui, Kardec usa o conceito de “fluido” adotado à sua época, que abrangia tudo aquilo que não fosse sólido, inclusive as energias, no caso, energias parapsíquicas, o mesmo acontecendo com o conceito de “corpo fluídico”, o mesmo acontecendo no item que se segue e em toda sua obra.

(b) Aqui, e logo adiante, o que os Espíritos deixaram implícito é que, para eles, o nada não existe, mas, que o homem o encontraria. É justamente o que está ocorrendo com a pesquisa astrofísica: acabam de descobrir “o nada” e a quinta força do Universo, e que, pelo que tudo indica, vem a ser a atuação do domínio espiritual sobre o domínio universal (dito material). Este “*nada*” se caracteriza como algo que tem peso, só não tem massa. (Ver “**A Teoria do Nada**” – Sten Odenwald – membro da equipe de Palomar)

* * *

Capítulo II

DEUS

Existência de Deus – Da natureza divina – A Providência – A vista de Deus

EXISTÊNCIA DE DEUS

1. – Deus sendo a causa primeira de todas as coisas, o ponto de partida de tudo, o eixo sobre o qual repousa o edifício da Criação, é o ponto que importa considerar antes de tudo.

Ele é, de princípio, elementar que se julga de uma causa pelos seus efeitos, até mesmo que não se veja a causa. A Ciência vai mais longe: calcula o poder da causa pelo poder do efeito, e pode mesmo determinar a natureza. É assim, por exemplo, que a Astronomia conclui a existência de planetas em regiões determinadas do espaço, pelo conhecimento das leis que regem o movimento dos astros; tem-se procurado e tem-se encontrado os planetas que se pode, em realidade, dizer-se que tenha sido descoberto antes de ter sido visto.

2. – Numa ordem de fatos mais vulgares, está-se mergulhado em um denso nevoeiro, à claridade difusa, julga-se que o Sol está sobre o horizonte, motivo pelo qual não se vê o Sol. Se um pássaro cortando o ar é atingido por um chumbo mortal, julga-se que um hábil atirador o tenha ferido embora não se veja o atirador. Não é, pois necessário ter-se visto uma coisa para saber que ela exista. Em tudo, é observando-se os efeitos que se chega ao conhecimento das causas.

3. – Um outro princípio também elementar e passado à condição de axioma à força da verdade, é que todo efeito inteligente deva ter uma causa inteligente.

Se indagássemos qual é o inventor de tal engenhoso mecanismo, o arquiteto de tal monumento, o escultor de tal estátua, o pintor de tal quadro, que se pensaria disso se respondesse que eles foram feitos exclusivamente por si? Quando se vê uma obra prima de arte ou da indústria, diz-se que deva ser o produto de um homem genial, porque uma alta inteligência deve presidir à sua concepção; julga-se nada menos que um homem deva fazê-lo, porque se sabe que a coisa não está abaixo da capacidade humana, mas não virá a pessoa pensar de dizer que ela saiu de um cérebro de um idiota ou de um ignorante, e ainda menos que seja trabalho de um animal o produto do acaso.

4. – Por toda parte se reconhece a presença do homem por suas obras. Se abordar uma terra desconhecida, seja ela um deserto, e que aí se descubra o menor vestígio de trabalhos humanos, conclui-se que criaturas humanas habitaram esta região. A existência dos homens anti-diluvianos não se provaria somente por fósseis humanos, mas também e com toda certeza, pela presença nos terrenos desta época de objetos trabalhados pelos homens; um fragmento de vaso, uma pedra talhada, uma arma, um tijolo, bastariam para atestar sua presença. Pela rusticidade ou pela perfeição do trabalho reconhece-se o grau de inteligência e avançamento dos que o tenham realizado. Se, pois, encontrando em um país habitado exclusivamente por selvagens, descobrir-se-á uma estátua digna de Fídias, hesitar-se-á em dizer que os selvagens sendo incapazes de tê-la feito, ela deva ser obra de uma inteligência superior a destes selvagens.

5. – Pois bem! Lançando seus olhos em torno de si, sobre as obras da natureza, observando a providência, a sabedoria, a harmonia que presidem a todas, reconhece-se que não o existe

nenhuma que não ultrapasse o mais alto porte da inteligência humana, já que o maior gênio da Terra não teria criado o menor talo de erva. Desde então que a inteligência humana não as pode produzir, é porque são produto de uma inteligência superior à da humanidade. Esta harmonia e esta sabedoria estendendo-se desde o grão de areia e a pústula até os astros inumeráveis que circulam no espaço, é preciso concluir que esta inteligência envolve o infinito, a menos que se diga que haja efeito sem causa.

6. – A isso alguns contrapõem a objeção seguinte:

As obras ditas da natureza são o produto de forças materiais que agem mecanicamente, por resultado das leis de atração e de repulsão; as moléculas dos corpos inertes se agregam e se desagregam sob o domínio dessas leis. As plantas nascem, desenvolvem-se, crescem e se multiplicam sempre da mesma maneira, cada qual na sua espécie, em virtude dessas mesmas leis; cada coisa é semelhante a aquilo de onde tenha saído; o crescimento, a floração, a frutificação, a coloração estão subordinadas a causas materiais, tais como o calor, a eletricidade, a luz, a umidade, etc. É o mesmo com os animais. Os astros se formam pela atração molecular e se movem perpetuamente em suas órbitas pelo efeito gravitacional. Esta regularidade mecânica no emprego das forças naturais não acusa jamais uma inteligência livre. O homem movimenta seu braço quando ele quer e como ele quer, mas o que o movimentasse no mesmo sentido após seu nascimento até sua morte, seria um autômato; ora, as forças orgânicas da natureza, consideradas em seu conjunto, são, de alguma sorte, automáticas.

Tudo isso é verdadeiro; mas estas forças são efeitos que devam ter uma causa e ninguém pretendeu que constituíssem a divindade. Elas são materiais e mecânicas; não são nunca inteligentes por elas próprias, isso é ainda verdadeiro; mas são colocadas em obras, distribuídas apropriadas para as necessidades de cada coisa por uma inteligência que não é a dos homens. A útil apropriação destas forças é um efeito inteligente que denota uma causa inteligente. Um pêndulo se move com uma regularidade automática e é esta regularidade que faz o mérito. A força que a faz agir é toda material e nada inteligente; mas o que seria deste pêndulo se uma inteligência não tivesse combinado, calculado, distribuído o emprego desta força por lhe fazer movimentar com precisão? Do que a inteligência não está no mecanismo do pêndulo, e do que não se a veja, seria racional concluir que ela não exista? Toma-se-lhe por seus efeitos.

A existência do relógio atesta a existência do relojoeiro; a engenhosidade do mecanismo atesta a inteligência e a sabedoria do relojoeiro. Quando se vê um de seus pêndulos complicados que marcam a hora das principais cidades do mundo, o movimento dos astros, que funcionam das áreas que parecem, em uma palavra, vos falar por vós, dar a propósito denominado esclarecimento do qual tereis necessidade, jamais veio a pensar de qualquer um em dizer: eis um pêndulo bem inteligente?

Assim o é o mecanismo universal; Deus não se mostra, mas afirma-se pelas suas obras.

7. – A existência de Deus é, pois um fato adquirido, não somente pela revelação, mas pela evidência material dos fatos. Os povos, os mais selvagens não tiveram revelação e, entretanto creem indistintamente na existência de um poder sobre-humano; é que os selvagens, por si próprios, não fogem às consequências lógicas; eles veem as coisas que estão acima do poder humano e o concluem que elas provêm de um ser superior à humanidade.

DA NATUREZA DIVINA

8. – Não é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus. (a) Temerário seria aquele que pretendesse levantar o véu que o oculta da nossa vista; falta-nos ainda o senso que só se adquire pela completa depuração do Espírito. Mas se não se pode penetrar em sua essência, sua existência sendo dada como premissa, pode, pela razão, chegar ao conhecimento de seus atributos necessários; porque, vendo o que não pode ser sem parar de ser Deus, conclui-se o que deva sê-lo.

Sem o conhecimento dos atributos de Deus, será impossível compreender a obra da Criação. É o ponto de partida de todas as crenças religiosas e é falta de se estar referido como ao farol que lhes pudesse dirigir que a maior parte das religiões tem errado em seus dogmas. As que não são atribuídas a Deus o todo poder, imaginam vários deuses; as que não lhe atribuem a soberana bondade, fazem de Deus um colérico, ciumento, parcial e vingativo.

9. – **Deus é a suprema e soberana inteligência.** A inteligência do homem é limitada, já que não pode fazer nem compreender tudo o que existe; a de Deus, abarcando o infinito, deve ser infinita. Se a supuséssemos limitada em um ponto qualquer, poderíamos conceber um Ente ainda mais inteligente, capaz de compreender o que o outro não faria, e assim, de sequência ao infinito.

10. – **Deus é eterno,** é como dizer que não tem nem começo nem fim. Se tivesse tido um começo, é que teria saído na nada; ora o nada não é nada e nada pode produzir; ou bem Ele teria sido criado por um outro ser anterior e, então, é este Ente que será Deus. Si se supuser um começo ou um fim, poder-se-á, então, conceber um Ente tendo existência anterior a Ele, ou podendo existir após ele e, assim, em sequência, até o infinito.

11. – **Deus é imutável.** Se fosse sujeito a trocas, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

12. – **Deus é imaterial;** é como dizer que sua natureza difere de tudo aquilo que chamamos de matéria; todavia, Ele não seria imutável, porque estaria sujeito às transformações da matéria.

Deus não tem forma apreciável a nossos sentidos; sem o que seria matéria. Dizemos: a mão de Deus, o olho de Deus. A boca de Deus, porque o homem só conhecendo ele, prende-se por termos de comparação a tudo o que não compreenda. Estas imagens nas quais se representa Deus sob a figura de um ancião de longas barbas, coberto por um manto, são ridículas; elas têm o inconveniente de rebaixar o ser supremo às mesquinhas proporções da humanidade; disso, atribuir-lhe as paixões dos humanos, fazendo um Deus colérico e ciumento não há mais que um passo.

13. – **Deus é todo poderoso.** Se não tivesse o supremo poder, poder-se-ia conceber um ente mais poderoso, e, em decorrência, até que se encontrasse um Ente que nenhum outro pudesse ultrapassar em poder e este, então, é que seria Deus. Ele não teria feito todas as coisas e aquilo eu não tivesse feito, seria obra de outro deus.

14. – **Deus é soberanamente justo e bom.** A sabedoria providencial das leis divinas se revela nas menores coisas, bem como nas maiores e esta sabedoria não permite que se duvide nem de sua justiça nem de sua bondade. Estas duas qualidades implicam todas as outras; se as supusermos limitadas, nem que seja em um só ponto, poder-se-á conceber um ente que os possuiria a um mais alto grau e que lhe seria superior.

O infinito de uma qualidade exclui a possibilidade da existência de uma qualidade contrária que a reduzisse ou a anulasse. Um ser *infinitamente bom* não poderia ter a mínima parcela de

maldade, nem o ser *infinitamente mau* ter a menor parcela de bondade; igualmente que um objeto não poderia ser de um negro absoluto com o mais ligeiro matiz branco, nem um branco absoluto com a menor tacha de negro.

Deus não saberia, pois ser ao mesmo tempo bom e malvado, porque então, não possuindo nem uma nem outra destas qualidades ao supremo grau, não seria Deus; todas as coisas estariam submetidas ao capricho e não haveria estabilidade para nada. Ele só poderia ser infinitamente bom ou infinitamente mau; e se fosse infinitamente mau não faria nada de bom; ora como suas obras testemunham sua sabedoria, sua bondade e sua solicitude, torna-se necessário concluir que, não podendo ser ao mesmo tempo bom e mau sem deixar de ser Deus, ele deve ser infinitamente bom.

A soberana bondade implica em soberana justiça; porque, se atuasse injustamente ou com parcialidade em *uma só circunstância*, ou à consideração de *uma só de suas criaturas*, ele não seria soberanamente justo e, por consequência, não seria soberanamente bom. (b)

15. – **Deus é infinitamente perfeito.** É impossível conceber Deus sem o infinito das perfeições, sem o que não seria Deus, pois poder-se-ia conceber sempre um ser possuindo o que lhe faltasse. Para que nenhum ser possa ultrapassá-lo. É preciso que ele seja infinito em tudo.

Os atributos de Deus, sendo infinitos, não são susceptíveis nem de argumentação nem de diminuição, sem o que não seriam infinitos, e Deus não seria perfeito. Si se tirasse a menor parcela de um só de seus atributos, não seria mais Deus, já que poderia existir um Ente mais perfeito.

16. – **Deus é único.** A unidade de Deus é a consequência do infinito absoluto das perfeições. Um outro Deus não poderia existir sem a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas; porque, se houvesse entre eles a mais ligeira diferença, um seria inferior ao outro, subordinado ao seu poder e não seria Deus. Se houvesse entre eles igualdade absoluta, seria para toda eternidade um mesmo pensamento, uma mesma vontade, um mesmo poder; assim, confundido em suas identidades, não seria, em realidade, senão, apenas um Deus. Se eles tivessem cada qual atribuições especiais, um faria o que o outro não fizesse e, então, não haveria entre eles igualdade perfeita, já que nem um nem outro teria a soberana autoridade.

17. – É a ignorância do princípio de infinito das perfeições de Deus que engendrou o politeísmo, culto de todos os povos primitivos; eles atribuem a divindade a toda autoridade que parecesse acima da humanidade; posteriormente, a razão lhes levou a confundir estas diversas autoridades em uma só. Depois, à medida que os homens compreenderam a essência dos atributos divinos, suprimiram de seus símbolos as crenças que o tornavam em negação.

18. – Em resumo, Deus só pode ser Deus nas condições de não ser ultrapassado em nada por um outro ser; porque, então, o ser que o ultrapassasse em o que quer que seja, mesmo que fosse da espessura de um cabelo, seria o verdadeiro Deus. Por isto, é preciso que seja infinito em todas as coisas.

É assim que, a existência de Deus, estando constatada pelas realizações de suas obras, chega-se, pela simples dedução lógica, a determinar os atributos que o caracterizam.

19. – Deus é, pois *a suprema e soberana inteligência; é único, eterno, imutável, imaterial, todo poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições*, e não poderia ser outra coisa.

Tal é o suporte sobre o qual repousa o edifício universal; é o farol de onde os raios de luz se estendem sobre o universo inteiro e que só pode guiar o homem na busca da verdade; em o seguindo, não se extraviará jamais e se frequentemente se perde, é falta de ter seguido a rota que lhe fora indicada.

Tal é também o critério infalível de todas as doutrinas filosóficas e religiosas; o homem tem, para julgá-las, uma medida rigorosamente exata nos atributos de Deus e pode-se dizer com certeza que toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática que esteja em contradição com *um só* de seus atributos, que tenda não apenas a anulá-la, mas, simplesmente, a debilitá-la, não pode estar com a verdade.

Em filosofia, em psicologia, em moral, em religião, não existe verdade que se descarte de um nada das qualidades essenciais da divindade. A religião perfeita será aquela que nenhum artigo de fé estará em oposição com estas qualidades, onde todos os dogmas poderiam suportar a prova deste controle, sem que receba nenhum ataque.

A PROVIDÊNCIA

20. – A providência é a solicitude de Deus por todas as criaturas. Deus está por toda parte, vê tudo, preside a tudo, mesmo às pequenas coisas; é nisso que consiste a ação providencial.

“Como Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, pode imiscuir-se nestes pormenores ínfimos, preocupar-se com os menores atos e os menores pensamentos de cada indivíduo? Tal é a questão que se assenta a incredulidade, de onde ela conclui que, em admitindo a existência de Deus, sua ação não deva se estender senão sobre as leis gerais do Universo; que o Universo funciona por toda eternidade em virtude destas leis às quais cada criatura submete-se à sua esfera de atividade, sem que seja necessário o concurso incessante da providência”.

21. – Em seu estado atual de inferioridade, os homens não podem dificilmente senão compreender Deus infinito, porque eles mesmos sendo fechados e limitados, pois, só entendem Deus assim, como eles: representam-no como um ser circunscrito e fazem uma imagem à sua imagem. Nossos quadros em que os pintam sob traços humanos não contribuem pouco para manter este erro no espírito das massas que adoram nele a forma, mais do que o pensamento. É para um grande número, um soberano poderoso sobre um *trono* inacessível, perdido na imensidão dos céus, e porque suas faculdades e suas percepções são restritas, não compreendem que Deus possa ou se digne em intervir diretamente nas pequenas coisas.

22. – Na incapacidade em que está o homem de compreender a essência própria da divindade, só pode fazer dela uma ideia aproximativa por meio de comparações necessariamente muito imperfeitas, mas podem, pelo menos, mostrar-lhe a possibilidade do que, à primeira abordagem, lhe pareça impossível.

Suponhamos um fluido assaz sutil para penetrar em todos os corpos, é evidente que cada molécula deste fluido, encontrando-se com cada molécula da matéria, produzirá sobre o corpo uma ação idêntica à daquela que produzirá a totalidade do fluido. É o que a Química demonstra todos os dias em proporções limitadas.

Este fluido não sendo inteligente, age mecanicamente apenas por forças materiais; mas, se supusermos este fluido dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele agirá não mais cegamente, porém, com discernimento, com vontade e liberdade, ele verá, entenderá e sentirá.

As propriedades do fluido perispiritual (c) podem nos dar uma ideia. Ele não é inteligente por ele próprio, porque é matéria, mas é o veículo do pensamento, das sensações e das percepções do Espírito; é, por conseguinte a sutileza deste fluido que os Espíritos penetram por tudo, que eles perscrutam nossos pensamentos, os mais íntimos, que veem e procedem à distância; é a este fluido atingido a um certo degrau de depuração que os Espíritos superiores devem o dom de ubiquidade; basta um raio de seu pensamento dirigido sobre diversos pontos, para que possam aí se manifestar sua presença simultaneamente. A extensão desta faculdade é subordinada ao grau de elevação e de depuração do Espírito. É, ainda, com ajuda deste fluido que o próprio homem age à distância pelo poder da sua vontade, sobre certos indivíduos, que modifica, dentro de certos limites, as propriedades da matéria, dá a substâncias inativas as propriedades determinadas, repara as desordens orgânicas e opera curas pela imposição das mãos.

23. – Mas os Espíritos, por mais elevados que o sejam, são criaturas limitadas em suas faculdades, seu poder, e a extensão de suas percepções e não saberia, sob este aspecto, aproximar-se de Deus. Conforme possam nos servir de ponto de comparação. O que o Espírito não pode executar senão em um limite restrito, Deus, que é infinito, executa-o em proporções infinitas. Há ainda esta diferença que a ação do Espírito está momentaneamente e subordinada às circunstâncias: a de Deus é permanente; o pensamento do Espírito abarca durante um tempo um espaço circunscrito; o Deus abarca o Universo e a eternidade. Em uma palavra, entre os Espíritos e Deus existe a distância do finito ao infinito.

24. O fluido perispiritual não é o pensamento, mas o agente e o intermediário deste pensamento; como é ele que a transmite, ele o está, de alguma forma, *impregnado* e, na impossibilidade em que estamos de isolar, ele parece apenas se fazer com o fluido como o som parece se fazer apenas, como um sopro, de sorte que podemos, por assim dizer, materializá-lo. Da mesma forma que dizemos que o ar se transforma no som, podemos, tomando o efeito pela causa, dizer que o fluido torna-se inteligência.

25. – Que o seja ou não, assim, o pensamento de Deus, isto é, que atua diretamente ou por intermédio de um fluido, para facilidade de nossa inteligência, representá-lo-emos sob a forma concreta de um fluido inteligente, (d) enchendo o Universo infinito, penetrando em todas as partes da Criação: *a natureza inteira está imersa no fluido divino*; ora, em virtude do princípio que as partes de um todo são da mesma natureza, e têm a mesma propriedade que o todo, cada átomo deste fluido, si se puder exprimir assim, possuindo o pensamento, isto é, os atributos essenciais da divindade e estando este fluido por toda parte, tudo está sujeito à sua ação inteligente, à sua previsão, à sua solicitude; nem um ser ínfimo que o seja, que não o esteja de alguma forma saturado. Estamos, assim, constantemente em presença da divindade; não há uma só de nossas ações que possamos subtrair de seu olhar; nosso pensamento está em contato incessante com seu pensamento, e é com razão que se diz que Deus encontra-se nas mais profundas entranhas de nosso coração; *estamos nele como ele está em nós*, conforme a palavra do Cristo.

Por estender sua solicitude sobre todas as criaturas, Deus não tem, pois, necessidade de mergulhar seu olhar do alto da imensidão; nossas preces, para serem ouvidas por Ele, não têm necessidade de transpor o espaço, nem de serem ditas com uma voz retumbante, porque sem

cessar, a nosso lado, nossos pensamentos se repercutem nele. Nossos pensamentos são como os sons de um sino que faz vibrar todas as moléculas do ar ambiente.

26. – Longe de nós o pensamento de materializar a divindade; a imagem de um fluido inteligente universal é evidentemente, apenas uma comparação, mas, própria para dar uma ideia mais justa de Deus que os quadros que o representam sob uma figura humana; só tem por objeto fazer que compreenda a possibilidade de Deus estar por toda parte e de se ocupar de tudo.

27. Temos incessantemente sob os olhos um exemplo que pode nos dar uma ideia da maneira pela qual a ação de Deus pode se exercer sobre as partes as mais íntimas de todos os seres e, por consequência como as impressões, as mais sutis de nossa alma, chegam até Ele. Foi tirado de uma instrução dada por um Espírito sobre este assunto.

“Um dos atributos da divindade é a infinidade; não se pode representar o Criador como sendo uma forma, um limite, um marco qualquer. Se ele não fosse infinito, poder-se-ia conceber alguma coisa maior que ele e este seria algo que seria Deus. – Sendo infinito, Deus está em toda parte porque, se não o estivesse, não seria infinito; não se pode sair desse dilema. Pois, se há um Deus e isto não se faz de dúvida para ninguém, este Deus é infinito e não se pode conceber a extensão que ele ocupe. Ele se encontra, por consequência, em contato com toda sua Criação; Ele as envolve e elas estão nele; é, pois, compreensível que ele seja em referência direta com cada criatura, e por vos fazer compreender também materialmente que possível, de qual maneira esta comunicação tem lugar universalmente e constantemente, examinemos o que se passa com o homem entre seu Espírito e seu corpo.

“O homem é um pequeno mundo do qual o diretor é o Espírito e do qual o princípio dirigido é o corpo. Neste Universo, o corpo representará uma criação da qual o Espírito será Deus. (Compreenda que não se pode haver aqui senão uma questão de analogia e não de identidade). Os membros deste corpo, os diferentes órgãos que o compõem, seus músculos, seus nervos, suas articulações, são igualmente individualidades materiais, si se possa dizer, localizadas em um lugar especial do corpo; bem que o número destas partes constitutivas tão variáveis e tão diferentes da natureza, seja considerável, não está entretanto duvidoso para ninguém que não possa se mostrar com movimentos, que uma impressão qualquer não possa ter lugar em um lugar particular, sem que o Espírito disso tenha consciência. Haverá sensações diversas em vários lugares simultâneos?

O Espírito os experimenta a todos, os discerne, os analisa, assinala a cada um sua causa e seu lugar de ação.

“Um fenômeno análogo tem lugar entre a Criação e Deus. Deus está em todo lugar da natureza, como o Espírito o está no corpo; todos os elementos da criação estão em relação constante com Ele, como todas as células do corpo humano estão em contato imediato com o ser espiritual; não há, pois, razão para que fenômenos de mesma ordem não se produzam da mesma maneira, em um e outro caso.

“Um membro se agita: o Espírito o sente; uma criatura percebe cada manifestação, distingue-as e as localiza. As diferentes criações, as diferentes criaturas, se agitam, pensam, agem diversamente, e Deus sabe de tudo o que se passa, assinala em cada um o que lhe seja particular”.

“Pode-se deduzir igualmente a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade de todos os seres de um mundo entre eles, a de todos os mundos e, enfim, as das criações e do Criador”. (QUINEMENT. Sociedade de Paris, 1867)

28. – Compreendermos o efeito, já é bastante; do efeito remontamos à causa e julgamos sua grandeza pela grandeza do efeito; mas sua essência íntima nos escapa, como a da causa de uma multidão de fenômenos. Conhecemos o efeito da eletricidade, do calor, a luz, da gravitação; nós os calculamos, e, entretanto, ignoramos a natureza íntima do princípio que os produz. (e) Será, pois, mais racional negar o princípio divino, porque não o compreendemos?

29. – Nada impede de admitir pelo princípio da soberana inteligência, um centro de ação, um foco principal irradiando sem cessar, inundando o Universo de seus eflúvios como o Sol da sua iluminação. Mas onde se encontra este foco? É o que ninguém pode dizer. É provável que não esteja fixado sobre um ponto determinado que não o seja sua ação e que ele percorra incessantemente as regiões do espaço sem contornos. Se, simples Espíritos têm o dom da ubiquidade, esta faculdade, em Deus deve ser sem limite. Deus, enchendo o Universo, poderia ainda admitir a título de hipótese, que este foco não teria necessidade de se transportar, e que se forma sobre todos os pontos onde a soberana vontade julga a propósito de se produzir, de onde se poderia dizer que ele está em todo lugar e em nenhuma parte.

30. – Ante estes problemas insondáveis, nossa razão deve se humilhar. Deus existe: nós não saberíamos duvidar; é infinitamente justo e bom: é sua essência; sua solicitude se estende a todos: não o compreendemos; não pode, pois, querer senão o nosso bem, é por isso que devemos ter confiança n’Ele. Eis o essencial; pelo excesso, esperamos que sejamos dignos de compreendê-lo.

A VIDA DE DEUS

31. – Uma vez que Deus está em toda parte, por que não o vemos? Vê-lo-emos, deixando a Terra? Tais são as questões que se apresentam diariamente.

A primeira é fácil de responder, nossos órgãos materiais têm percepções limitadas que os tornam impróprios à visão de certas coisas, mesmo materiais. É assim que certos fluidos escapam totalmente à nossa vista e aos nossos instrumentos de análise, e, portanto, não duvidamos de sua existência. Vemos o efeito da peste (f) e não vemos o fluido que a transporta; vemos os corpos se moverem sob influência da força de gravitação e não vemos esta força.

32. – As coisas de essência espiritual não podem ser percebidas por organismos materiais; apenas pela visão espiritual é que podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo material; nossa alma, apenas, pode, pois ter a percepção de Deus. Vê-la-ia ela, imediatamente após a morte? É o que as comunicações de além túmulo podem somente nos ensinar. Por elas sabemos que a vida de Deus só é privilégio das almas mais depuradas e que, bem assim, pode possuírem, abandonando sua vestimenta terrestre, o grau de desmaterialização necessário. Qualquer comparação vulgar fá-lo-ão facilmente compreender.

33. – Aquele que está no fundo de um vale envolvido por uma bruma espessa, não vê o Sol; conforme, como dissemos anteriormente, pela luminosidade difusa ele julga a presença do sol. Se ele escalar a montanha, à medida que se eleva, o nevoeiro se desfaz, a luz começa a ser cada vez mais viva, mas ele não vê, ainda, o Sol; quando ele começa a percebê-lo, ele está ainda coberto, porque o menor nevoeiro é suficiente por encobrir sua revelação. Apenas

quando o ser completamente elevado acima da camada brumosa, que se encontrando em uma atmosfera completamente pura, ele o vê em todo seu esplendor.

É da mesma forma, pois, que a cabeça estará coberta por vários véus; a princípio, não vê absolutamente nada; a cada véu que suspende, distingue uma luz cada vez mais clara; só quando o último véu se dissipa é que percebe nitidamente as coisas.

Ainda o é igual um licor carregado de matérias estranhas; é confuso, a princípio; a cada destilação sua transparência aumenta, até que, estando completamente depurado, adquire uma limpidez perfeita e não apresenta nenhum obstáculo à sua visão.

Assim o é a alma. O envoltório perispiritual, se bem que invisível e impalpável por nós, é, por ela, uma verdadeira matéria, bastante grosseira ainda para certas percepções. Este envoltório se espiritualiza à medida que a alma se eleva em moralidade. As imperfeições da alma são como os véus que obscurecem sua vista; cada imperfeição da qual se desfaz é um véu a menos, mas só o é após estar-se completamente depurada que ela desfruta da plenitude de suas faculdades.

34.- Deus, sendo a essência divina por excelência, não pode ser percebido em toda sua claridade senão por Espíritos chegados ao mais alto grau de desmaterialização. Se os Espíritos imperfeitos não o vêem, não é que eles estejam mais distantes que os outros; como eles, como todos os seres da natureza, estão mergulhados no fluido divino, como nos estamos na luz; somente suas imperfeições são véus que lhes furtam a visão; quando o nevoeiro estiver dissipado, eles o verão resplandecer; até lá, não terão necessidade nem de se elevar nem de ir procurá-lo nas profundezas do infinito; a visão espiritual estando desembaraçada das belidas (*manchas*) morais que a obscureciam, eles o verão em qualquer lugar que se encontrarem, que o seja mesmo na Terra, porque está em toda parte.

35. O espírito só se depura com o tempo e as diferentes encarnações são os alambiques ao fundo dos quais deixa, a cada vez, algumas impurezas. Em deixando seu envoltório corporal, ele não se despoja instantaneamente de suas imperfeições; é porque, ocorre que, depois da morte não veem mais Deus que de sua vida; mas, à medida que se purificam, eles apresentam uma intuição mais distinta; se não o veem, compreendem-no melhor; a luz é menos difusa. Então, pois, quando os Espíritos dizem que Deus lhes impede de responder a tal questão, não é que Deus os apareça, ou lhes dirija a palavra para lhes prescrever ou interditar tal ou qual coisa, não; mas eles o sentem; recebem os eflúvios de seu pensamento, como lá nos chega a atenção dos Espíritos que nos envolvem com seus fluidos, embora nós não o vejamos.

36. – Nenhum homem pode, pois, ver Deus com os olhos da carne. Se este favor fosse concedido a alguns, não o seria senão ao estado de êxtase, no caso em que a alma estando despreendida dos laços da matéria, quanto fosse possível durante a encarnação. Um tal privilégio só aconteceria d'alhures com almas de elite, encarnadas em missão e não em expiação. Mas como os Espíritos de ordem mais elevada resplandecem de um clarão encantador, é possível que os Espíritos menos elevados encarnados ou desencarnados, pasmado com o esplendor que os envolva, criam ter visto o próprio Deus. Tal se vê perfeitamente um ministro tomado por seu soberano.

37. – Sob qual aparência Deus se apresenta aos que se tornam dignos deste favor? Será sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana ou como um foco resplandecente de luz? É que a linguagem humana é impotente para descrever, porque não existe entre nós nenhum ponto de comparação que possa nos dar uma ideia; somos como os cegos aos quais se procura, em vão, fazer que compreenda o brilho solar. Nosso vocabulário está limitado a nossas

necessidades e ao círculo de nossas ideias; o dos selvagens não saberia descrever as maravilhas da civilização; o dos povos mais civilizados é muito pobre para descrever os esplendores dos céus, nossa inteligência muito limitada para os compreender e nossa visão muito fraca seria ofuscada.

NOTAS DO TRADUTOR

(a) Crenças asiáticas, a partir de Confúcio, afirmam que o conhecimento humano não alcança nem compreende Deus porque este é infinito e aquela é limitada ou finita.

(b) Uma outra conotação da filosofia asiática é que existe uma corrente que admite que Deus tenha criado o Universo para combater o mal.

(c) Naquela época definia-se tudo que não fosse sólido, como sendo fluído, incluindo as energias, como a eletricidade e que mais, daí, o conceito de "*fluído perispiritual*" atualmente dito "energia parapsíquica".

(d) Os estudos atuais levam os pesquisadores a concluir que existem 73% de vazio no Universo e 27% de energia. Este vazio pode ser aquilo que Kardec definiu como fluído inteligente porque, de fato, pelos observatórios astronômicos, daí surge a atuação de agentes estranhos ao Universo dando-lhe formas, como no caso estudado da formação planetária em torno da estrela Alfa Centaurus. Esta ideia do vazio leva à figura de um tanque cheio de espuma de sabão. É como se estes espaços fossem preenchidos pela Espiritualidade.

(e) De fato, só após os estudos de Planck (1901) sobre as emissões quânticas, é que se pôde ter uma ideia mais precisa do que eram estes fenômenos. E a última revisão da **Gênese** feita por Kardec data de 1868, quando saiu sua 3ª edição, a oficialmente adotada pelos verdadeiros espíritas.

(f) Os estudos de Pasteur sobre a micro bacteriologia datam de 1870 em diante, quando ele descobriu a causa fermentação da cerveja.

* * *

Capítulo III

O BEM E O MAL

Fonte do bem e do mal – O instinto e a inteligência Destruição dos seres vivos, uns pelos outros

FONTE DO BEM E DO MAL

1. – Deus sendo o princípio de todas as coisas e, este princípio sendo toda sabedoria, toda bondade, toda justiça, tudo que procedendo do que deva participar destes atributos, já que é infinitamente sábio, justo e bom, jamais poderia produzir algo insensato, de maldade ou de injustiça. O mal que observamos não deve, pois, ter sua fonte n'Ele.

2. – Se o mal estiver nas atribuições de um ser especial que se denomine Ariman ou Satã, das duas, uma, ou este Ente seria igual a Deus e, por consequência, também poderoso e eterno como Ele, ou Lhe seria inferior.

No primeiro caso, admitir-se-iam dois poderes rivais, lutando sem cessar, cada qual a destruir o que o outro faça e se contrapondo mutuamente. Esta hipótese é inconciliável com a unidade de vida que se revela na disposição do Universo.

No segundo caso, se este ente for inferior a Deus, estar-lhe-á subordinado; não podendo, assim, se tornar eterno como Ele, sem que Lhe seja igual, será, pois, um princípio; se ele foi criado, não poderia ter sido por Deus; Deus teria, assim, criado o Espírito do mal, o que seria a negação de sua infinita bondade. (a)

3. – Conforme certa doutrina, (b) o Espírito do mal, criado bom, seria transformado em mal e Deus, para Lhe punir ter-lhe-ia condenado a se tornar eternamente malvado, e Lhe teria dado por missão seduzir os homens a fim de Lhes induzir o mal; opulência uma só queda podendo merecer-lhe os mais cruéis castigos eternos, sem esperança de perdão, haveria aí mais que uma falta de bondade, porém, uma crueldade premeditada, pois por encontrar a sedução mais fácil e melhor ocultar a armadilha, Satã estaria autorizado a *se transformar em anjo de luz e a simular as mesmas obras divinas até mesmo se equivocar*. Seria de séria inquietude e imprevidência da parte de Deus, pois toda liberdade confiada a Satã de sair do império das trevas e de se entregar aos prazeres mundanos para arrastar os homens, o provocador do mal teria menor punição que as vítimas de suas astúcias que sucumbe por fraqueza, uma vez que, no abismo, de lá não mais poderiam sair. Deus Lhe recusa um vidro de água por mitigar-lhe a sede e, durante toda a eternidade decide, ele e seus anjos, seus queixumes sem se deixar comover, ao passo que permite a Satã todo o gozo que desejar.

Dentre todas as doutrinas sobre a teoria do mal, esta, sem dúvida, seria a mais irracional e a mais injuriosa para a divindade. (Ver **Céu e Inferno** – Cap. X – *Os demônios*)

4. – Entretanto, o mal existe e possui uma causa.

O mal é de todas as sortes. Há, em princípio, o mal físico, o mal moral, além disso, os males que o homem pode evitar e os que são independentes de sua vontade. Entre estes, é preciso colocar os flagelos naturais.

Em suas faculdades, o homem é limitado, não pode penetrar nem se abranger conjuntamente à visão do Criador; julga as coisas ao ponto de vista de sua personalidade, dos interesses de

facções e de convenções que cria e que não estão absolutamente na ordem natural; é por isso que ele encontra frequentemente maldades e injustiça que considera justa e admirável, se visse a causa, a meta e o resultado definitivo. Procurando a razão de ser e a utilidade de cada coisa. Ele reconhecerá que tudo leva a marca da sabedoria infinita e se curvará ante tal sabedoria, mesmo pelas coisas que não compreenda.

5. – O homem recebeu como quinhão uma inteligência com o auxílio da qual pode conjurar, ou, pelo menos, atenuar grandemente os efeitos de todos os flagelos naturais; mais ele adquire em saber e avança em civilização, menos estes flagelos se tornam desastrosos; com uma organização social sabiamente previdente, ele poderá, até, neutralizar tais consequências, já que nem poderão ser evitados inteiramente. Assim, pelos seus próprios flagelos que possuam suas próprias utilidades na ordem geral da natureza e pelo futuro, porém, que ferem no presente, Deus tendo dado ao homem, por suas faculdades das quais deu seu Espírito, os meios de assim paralisar os efeitos.

É assim que se saneiam os sítios insalubres, que se neutralizam os miasmas empestados, que se fertilizam as terras incultas e engenha a preservação de inundações; que se constroem habitações mais saídas, mais sólidas para resistir aos ventos tão necessários à depuração da atmosfera, que se põe ao abrigo das intempéries; é assim, finalmente, que, pouco a pouco, a necessidade faz criar as ciências para auxílio dos quais aperfeiçoa as condições de habitabilidade do globo e amplia a soma de seu conforto.

O homem devendo progredir, os males aos quais está exposto, são um estímulo para o exercício de sua inteligência, de todas as suas faculdades físicas e morais, convidando-o à pesquisa dos meios de se preservar. Se nada houvesse que recear, nenhuma necessidade o levaria à pesquisa do que seja melhor; ele se entorpeceria na iniciativa de seu espírito; nada inventaria e nada descobriria. *A dor é o agulhão que impulsiona o homem adiante na estrada do progresso.*

6. – Todavia, os males mais numerosos são aqueles que o homem a si criou pelos seus próprios vícios, os provenientes de seu orgulho, de seu egoísmo, de sua ambição, da cupidez, de seus excessos em tudo: eis, pois, a causa das guerras e das calamidades que arrastam, dissensões, injustiças, opressão do fraco pelo forte, enfim, da maioria das doenças.

Deus estabeleceu leis plenas de sabedoria que não têm senão por alvo o bem; o homem encontra em si mesmo tudo o que se torna necessário para a sequência; sua rota é traçada por sua consciência; a lei divina fica gravada em seu coração; além do mais, Deus os faz chamar sem interrupção, por seus messias e seus profetas, pelos Espíritos encarnados que receberam missão de clarear, de moralizá-lo, de aperfeiçoá-lo, e nestes últimos tempos, pela multidão de Espíritos desencarnados que se manifestam em todas as partes. *Se os homens se conformassem rigorosamente às leis divinas, não seria incerto que ele evitaria os males mais pungentes e que, como tal, viveria venturoso sobre a terra.* Se não o faz, é em virtude (decorre) do seu livre arbítrio e, em súbito, as consequências. (c)

7. – Contudo, Deus, pleno de bondade, colocou o remédio ao lado do mal, a dizer que do próprio mal faz nascer o bem. Chega um momento em que o excesso do mal moral se torna intolerável e faz sentir ao homem a necessidade de trocar de vida; instruído pela experiência, ele é compelido a procurar um remédio no bem, sempre por um efeito do seu livre arbítrio; logo que entra em um caminho melhor, é feito por sua vontade e porque reconheceu as inconveniências do outro caminho. A necessidade o obriga, pois, a se aperfeiçoar moralmente em via de ser mais feliz como esta mesma necessidade o tenha forçado a aperfeiçoar as condições materiais de sua existência.

Pode-se dizer que *o mal é a ausência do bem, como o frio é a abstinência do quente*. O mal não é mais um atributo distinto assim como o frio não é um fluido especial; um vem a ser a negação do outro. No lugar em que o bem não existe, haverá forçosamente o mal; não fazer o mal já é o começo do bem. Deus só quer o bem. Do homem, somente, é que provém o mal. Se houvesse na Criação um ser preposto ao mal, o homem não o poderia evitar; contudo, sendo o homem a causa do mal *em si próprio* e possuindo, ao mesmo tempo, seu livre arbítrio e por guia as leis divinas, ele o evitará quando bem entender.

Tomemos um fato vulgar para comparação. Um proprietário sabe que a extremidade do seu campo é um sítio perigoso onde poderá perecer ou se ferir quem por lá se aventurar. Que faz ele para se prevenir dos acidentes? Coloca próximo do lugar um aviso portando proibição para se ir mais além por causa do perigo. Eis a lei; ela é sábia e previdente. Se, apesar disso, um imprudente não tiver dado conta e ultrapasse o local, dando-se mal, a quem poderá ele responsabilizar senão a si próprio?

Assim o é com todo mal. O homem o evitaria se observasse as leis divinas. Deus, por exemplo, colocou um limite à satisfação das necessidades; o homem fica advertido pela saciedade; se ultrapassar esse limite fá-lo-á voluntariamente. As doenças, as fraquezas do corpo, a morte que pode advir delas, são, pois, seu feito e não oriundo de Deus.

8. – O mal, sendo o resultado das imperfeições do homem e sendo o homem criado por Deus, este Deus dir-se-á, pelo menos, se não criou o mal, pelo menos, terá criado a causa dele; se fizesse o homem perfeito, o mal não existiria.

Tivesse sido o homem criado perfeito ele seria fatalmente portador do bem; ora, em virtude de seu livre arbítrio, ele não é obrigatoriamente portador nem do bem nem do mal. Deus quis que ele fosse submetido à lei do progresso e que tal progresso fosse fruto do seu próprio trabalho, a fim de que o mérito fosse seu, mesmo portando a responsabilidade do mal que é feito por sua vontade. A questão, pois, é de saber qual é, no homem, a fonte da propensão ao mal (1).

9. – Se estudarmos todas as paixões, e mesmo, todos os vícios, veremos que eles têm seus princípios no instinto de conservação. Este instinto encontra-se, com toda sua força nos animais e entre os seres primitivos que mais se aproximam da animalidade; aí, domina sozinho, porque, entre eles ainda não existe o contrapeso do senso moral; o ser ainda não nasceu para a vida intelectual. O instinto se debilita, ao contrário, à medida que a inteligência se desenvolve, porque assim domina a matéria; com a inteligência racional, nasce o livre arbítrio o qual o homem usa a seu capricho; então, exclusivamente cabe a ele a responsabilidade dos seus atos.

10. – O destino do Espírito é a vida espiritual; mas, na primeira fase de sua existência corpórea, ele só possui necessidades materiais para satisfazer, e, para tal, o exercício das paixões e uma necessidade de conservação da espécie e dos indivíduos, materialmente falando. Porém, saindo deste período, possui outras necessidades, necessidades a princípio semi-morais e semi-materiais, e depois, exclusivamente morais. É, então, que o Espírito domina a matéria; ele se sacode em cativo, avança pela vida providencial e se aproxima de seu destino final. Se, ao contrário, ele se deixa dominar pela matéria, ele se retarda na assimilação da estupidez. Nesta situação, *o que era outrora um bem, porque representava uma necessidade da sua natureza, torna-se em mal, não apenas porque seja uma necessidade, mas porque se torna nocivo à espiritualização do ser*. O mal é assim relativo, e a responsabilidade proporcional ao grau de adiantamento.

Todas as paixões têm, dessa forma, sua utilidade providencial, sem o que Deus teria feito algo inútil e desnecessário; é o abuso que constitui o mal, e o homem abusa decorrente do seu livre arbítrio. Mais tarde, esclarecido pelo seu próprio interesse, ele escolhe livremente entre o bem e o mal.

O INSTINTO E A INTELIGÊNCIA

11. – Qual a diferença entre o instinto e a inteligência? Onde termina um e começa outra? O instinto é ele uma inteligência rudimentar, ou então uma faculdade distinta, um atributo exclusivo da matéria?

O instinto é a força oculta que leva os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, visando à sua conservação. Nos atos instintivos, não existe nem reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, volta-se para a luz, encaminha suas raízes para a água e a terra nutritiva; que a flor se abre e se fecha alternativamente conforme a necessidade; que as plantas trepadeiras se enroscam em volta do apoio, ou se penduram com suas gavinhas. É pelo instinto que os animais são advertidos do que lhes seja útil ou nocivo; que eles se dirigem, conforme as estações, para os climas propícios; que eles constroem, sem lições preliminares, com maior ou menor arte, de acordo com a espécie, seus ninhos macios e abrigos para sua prole, engenhos para pegar em armadilhas a presa com a qual se nutrem; que manejam com destreza as armas ofensivas e defensivas de que são dotados; que os sexos se reaproximam; que a mãe esconde seus filhotes e que estes procurem o seio materno. Entre os homens, o instinto o domina exclusivamente no começo da vida; é por instinto que a criança faz seus primeiros movimentos, que se agarram à nutrição, que gritam para exprimir seus desejos, que imita o som da voz, que se ensaia à fala e a caminhar. Entre os adultos, mesmo, certos atos são instintivos; tais são os movimentos espontâneos para se aparar de um risco, para se livrar de um perigo, para se manter em equilíbrio; tais são ainda, a piscadela das pálpebras para moderar a claridade da luz, a abertura instintiva da boca para respirar, etc.

12. – *A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados conforme a oportunidade das circunstâncias.* É incontestavelmente um atributo exclusivo da alma.

Todo ato maquinal é instintivo; o que denota a reflexão e a combinação é a inteligência; um é livre a outra não o é.

O instinto é um guia seguro que não se engana nunca; a inteligência, por sua vez, por ser livre, está sujeita a erros.

Se o ato instintivo não tem o caráter do ato inteligente, ele revela, entretanto uma causa inteligente essencialmente previdente. Admitindo-se que o instinto tem sua fonte na matéria, torna-se preciso admitir que a matéria seja inteligente, mais seguramente inteligente até e previdente que a alma, já que o instinto não se engana, ao passo que a inteligência se engana.

Si se considera o instinto como uma inteligência rudimentar, como se quer que seja, em certos casos, superior à inteligência racional? Que lhe dá a possibilidade de executar coisas que ele próprio não pode produzir?

Se ele é um atributo de um princípio espiritual especial, o que causa este princípio? Depois que o instinto se apaga, este princípio seria, pois destruído? Se os animais só são dotados de instinto, seu porvir fica sem resultante; seus sofrimentos não têm nenhuma compensação; Não seria conforme nem à justiça nem à bondade de Deus.

13. – Conforme um outro sistema, o instinto e a inteligência teriam um só e mesmo princípio; chegado a um certo grau de desenvolvimento, este princípio que, à primeira vista, teria apenas as qualidades do instinto, experimentaria uma transformação que lhe daria as da inteligência livre; receberia, numa palavra, o que se convencionou chamar de faísca divina. Esta transformação não seria súbita, mas gradual, de tal sorte que, durante um certo período, estaria misturado das duas aptidões, a primeira diminuindo à medida que a segunda aumentasse.

14. – Enfim, uma outra hipótese, que, de resto, se alia perfeitamente à ideia de unidade de princípio, ressalta o caráter essencialmente preventivo do instinto e concorda com o que o Espiritismo nos ensina, atingindo os relatórios do mundo espiritual e do mundo corporal.

Sabe-se, atualmente que os espíritos desencarnados têm por missão velar pelos encarnados, pois, eles são os protetores e os guias; que os cumulam com seus eflúvios fluídicos; que o homem atua frequentemente de uma maneira *inconsciente* sob ação desses eflúvios.

Sabe-se, ainda que, o instinto, que ele próprio produz dos atos inconscientes, predomina entre as crianças e, em geral, entre os seres em que a razão é frágil. Ora, de acordo com esta hipótese, o instinto não seria um atributo nem da alma nem da matéria; ele não pertenceria absolutamente ao ser vivo, mas, seria um efeito da ação direta dos protetores invisíveis que supririam a imperfeição da inteligência, provocando, eles próprios, os atos inconscientes necessários à conservação do ser. Seria como o limite à ajuda daqueles em sustentação à criança que ainda não sabe caminhar. Mas assim mesmo, suprime-se gradualmente o uso do apoio à medida que a criança se mantenha só, os espíritos protetores deixam-no por si de lhes proteger à medida que possam se guiar pela própria inteligência.

Assim, o instinto, longe de ser o produto de uma inteligência rudimentar e incompleta, seria a atuação de uma inteligência estranha na *plenitude de sua força*, suprimindo a insuficiência, seja de uma inteligência mais jovem que ela compelia a fazer inconscientemente para seu bem o que fosse ainda incapaz de fazer por si própria, seja de uma inteligência madura, mas momentaneamente tolhida no uso de suas faculdades, assim como tem lugar no homem durante sua infância e nos casos de idiotice e de afecções mentais.

Diz-se proverbialmente que há um Deus para as crianças, os loucos e os ébrios; tal dito é mais que verdadeiro do que se creia; este Deus não é senão o Espírito protetor que vela pelo ser incapaz de se proteger por sua própria razão.

15. – Nesta ordem de ideias, podemos ir mais longe. Esta teoria, por mais racional que seja, não resolve todas as dificuldades da questão. Para reencontrar as causas, é preciso estudar os efeitos e pela natureza dos efeitos pode-se concluir a natureza da causa.

Observando-se os efeitos do instinto, distingue-se, a princípio, uma unidade de vista e de conjunto, uma segurança de resultados que não existe mais desde que o instinto é trocado pela inteligência livre; ademais, à apropriação tão perfeita e tão constante das faculdades instintivas às necessidades de cada espécie, reconhece-se uma profunda sabedoria. Esta unidade de visão não poderia existir sem a unidade de pensamento e, por consequência com a multiplicidade das causas atuantes. Ora, para sequência do progresso que cumprissem incessantemente as inteligências individuais, há entre elas uma diversidade de aptidões e de vontades incompatível com esse conjunto tão perfeitamente harmonioso que se produziu após a origem dos tempos e em todos os climas, com uma regularidade e uma precisão matemáticas, sem jamais causar defeito. Esta uniformidade no resultado das faculdades

instintivas é um fato característico que acarreta forçosamente a unidade da causa; se esta causa fosse inerente a cada individualidade, haveria tanto variedade de instinto quanto de indivíduos, desde os vegetais até o homem. Um efeito geral, uniforme e constante, deve ter uma causa geral uniforme e constante; um efeito que acuse a sabedoria e a providência deve ter uma causa sábia e previdente. Ora, uma causa sábia e previdente, sendo necessariamente inteligente, jamais poderá ser material.

Não encontrando nas criaturas encarnadas ou desencarnadas, as qualidades necessárias para produzir um tal resultado, torna-se preciso remontar mais alto, a saber, ao próprio Criador. Si se reportar à explicação que foi dada sobre a maneira pela qual se pode conceber a ação providencial (cap. II, n° 25); si se figurar todos os seres penetrados do fluido divino, soberanamente inteligente, compreender-se-á a sabedoria previdente e a unidade de visão que presidem a todos os movimentos instintivos para o bem de cada um. Esta solicitude é igualmente mais ativa quando o indivíduo tem menos recursos próprios em sua inteligência; é por isso que ela se mostra maior e mais absoluta entre os animais e os entes inferiores que nos homens.

Desta teoria compreende-se que o instinto seja um guia sempre seguro. O instinto maternal, o mais nobre de todos, que o materialismo rebaixa ao nível das forças atrativas da matéria, encontra-se relevado e enobrecido. Em razão de suas consequências, não seria preciso que fosse liberado às eventualidades caprichosas da inteligência e do livre arbítrio. *Pelo órgão da mãe, Deus, ele mesmo, vela sobre os nascituros.*

16. – Esta teoria não destrói de nenhuma maneira o papel dos Espíritos protetores cujo concurso é um fato obtido e provado pela experiência; mas é de notar que a ação desses aí é essencialmente individual; que se modifica conforme as qualidades próprias do protetor e do protegido e que em nenhuma parte não tem a uniformidade e a generalidade do instinto. Deus, em sua sabedoria, conduz, ele próprio, os cegos, mas ele confia a inteligências livres a sorte de conduzir os que enxergam a fim de deixar para cada um a responsabilidade de seus atos. A missão dos Espíritos protetores é um dever que eles aceitam voluntariamente e que é para eles um meio de adiantamento segundo a maneira pela qual eles realizam.

17. – Todas estas maneiras de encarar o instinto são necessariamente hipotéticas, e algumas não têm um caractere suficiente de autenticidade para se dar como solução definitiva. A questão será certamente resolvida um dia, quando tiver reunido os elementos de observação que faltam ainda; até lá é preciso se limitar a submeter as opiniões diversas ao cadinho da razão e da lógica, e esperar que a luz se faça; a solução que mais se aproxima da verdade, será necessariamente aquela que corresponda ao máximo aos atributos de Deus, isto é, à soberana bondade e à soberana justiça (ver cap. II, n°. 19)

18. – O instinto sendo o guia e as paixões a mola das almas no primeiro período de seu desenvolvimento, confunde-se algumas vezes com seus efeitos, e, sobretudo, na linguagem humana que não se presta sempre suficientemente à expressão de todos os matizes. Há, entretanto entre estes dois princípios, diferenças que se tornam essenciais considerar.

O instinto é um guia seguro, sempre bom; a seu tempo, torna-se inútil, mas jamais nocivo; ele se debilita pela predominância da inteligência.

As paixões, nas primeiras idades da alma, têm tal coisa de comum com o instinto, que os seres aí são solicitados por uma força igualmente inconsciente. Elas nascem mais particularmente das necessidades do corpo e têm mais que o instinto com o organismo. O que as distingue, sobretudo, do instinto, é que são individuais e não produzem, como este último, efeitos gerais e

uniformes; vê-se os ao contrário variar de intensidade e de natureza conforme os indivíduos. São úteis como estimulante, até a eclosão do senso moral que, de um ser passivo faz um ser racional; neste momento, elas se tornam não mais somente inúteis, mas nocivas ao adiantamento do Espírito pois retardam a desmaterialização; elas se debilitam com o desenvolvimento da razão.

19. – O homem que só agisse constantemente por instinto, poderia ser muito bom, mas deixaria dormir sua inteligência; seria como o menino que não deixasse os limitadores e não saberiam se servir de seus membros. O que não domina suas paixões pode ser muito inteligente, mas, ao mesmo tempo muito malvado. *O instinto se aniquila por si mesmo; as paixões não se dominam senão pelo esforço da vontade.*

Todos os homens têm passado pela fieira das paixões; os que não as tenham mais, que não sejam por natureza nem orgulhosos nem ambiciosos, nem egoístas, nem rancorosos, nem vingativos, nem cruéis, nem coléricos, nem sensuais, que fazem o bem sem esforços, sem premeditação e, por assim dizer, involuntariamente, é que têm progredido na sequência de suas existências anteriores; eles estão purgados da gurma (d). É injustiça quando se diz que eles têm menos mérito por fazer o bem do que os que tenham que lutar contra suas tendências; para eles, a vitória é alcançada; para os outros ainda não o é e quando o for, serão como os outros: a seu turno, farão o bem sem nele pensar, como crianças que leem correntemente sem mais ter necessidade de soletrar; são como dois males, pois, um está curado e cheio de força, enquanto que o outro está ainda em convalescença e hesita em caminhar; são, enfim, como dois corredores onde um está mais próximo da meta que o outro.

DESTRUIÇÃO DOS SERES VIVOS UNS PELOS OUTROS

20. – A destruição recíproca dos seres vivos é uma lei da natureza, que ao primeiro encontro parece tão pouco quanto possível se conciliar com a bondade de Deus. Pergunta-se por que tê-lo-ia feito uma necessidade de se interdestruírem para se nutrirem na dependência uns dos outros.

Para aquele que não vê que a matéria que limita sua visão à vida presente, a isto parece, com efeito, uma imperfeição na obra divina; de onde, esta conclusão que a tiram os incrédulos, que Deus não sendo perfeito, não exista Deus. É que julgam a perfeição de Deus pelo seu ponto de vista; seu próprio julgamento é a medida de sua sabedoria e pensam que Deus não teria melhor feito do que eles mesmos. Sua curta visão, não lhes permitindo julgar de acordo, eles não compreendem que uma boa realidade pode sair de um mal aparente. O conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua essência verdadeira, e da grande lei de unidade que constitui a harmonia da Criação, pode somente dar ao homem a chave deste mistério e lhe mostrar a sabedoria providencial e a harmonia precisamente, além, onde ele veria apenas uma anomalia e uma contradição. Ele está para esta verdade como uma multidão de outros; o homem não está apto de sondar certas profundezas até que seu espírito se encontre em um degrau suficiente de maturidade.

21. – A verdadeira vida, tanto do animal quanto a do homem, não mais está no envoltório corporal como não estaria numa veste; ela está no princípio inteligente que pré-existe e sobrevive ao corpo. Este princípio tem carência do corpo para se desenvolver pelo trabalho que deva executar sobre a matéria bruta; o corpo se consome neste trabalho, mas o espírito não se consome, ao contrário: ele o sai a cada vez mais fortalecido, mais lúcido e mais capaz. Que importa, pois que o espírito troque mais ou menos vezes de envoltório! Não se torna menos Espírito; é absolutamente como se um homem renovasse cem vezes suas vestes por ano; não menos seria o mesmo homem.

Pelo espetáculo incessante da destruição, Deus ensina aos homens o pouco caso que devam fazer do envoltório material e suscita neles a idéia da vida espiritual fazendo-lhe com que a deseje como uma compensação.

Deus, dir-se-á, não poderia chegar ao mesmo resultado por outros meios, e sem sujeitar os seres vivos a destruírem entre si? Bastante temerário aquele que pretenda penetrar nos desígnios de Deus! Se tudo é sabedoria em sua obra, devemos supor que tal sabedoria não deva apresentar nenhum defeito sobre este aspecto como sobre quaisquer outros; se não o compreendemos, devemos nos prender a nosso pouco adiantamento. Contudo, podemos tentar, em busca da razão, tomando por bússola este princípio: *Deus deve ser infinitamente justo e sábio*; procuremos, pois, em toda sua justiça e sua sabedoria e curvemo-nos ante o que excede nosso entendimento.

22. – Uma primeira utilidade que se apresenta nesta destruição, utilidade puramente física, em verdade, é esta: os corpos orgânicos só se conservam com a ajuda das matérias orgânicas, tais matérias contendo apenas os elementos nutritivos necessários à sua transformação. Os corpos, instrumentos da ação do princípio inteligente, tendo necessidade de ser incessantemente renovados, a Providência os faz servir à sua manutenção mútua; é por aí que os seres se nutrem uns dos outros; é então que os corpos se nutrem dos corpos, mas o Espírito não se torna destruído nem alterado; ele, apenas se torna desprovido de seu envoltório.

23. – Está em outra das considerações morais de uma ordem mais elevada.

A luta é necessária ao desenvolvimento do Espírito; é na luta que ele exerce suas faculdades. O que ataca por ter sua nutrição e o que se defende para conservar sua vida rivalizam-se em astúcia e inteligência e aumentam, por eles mesmos, suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe; mas, o que é que o mais forte ou o mais sagaz tirou do mais fraco em realidade? Seu vestuário de carne, sem outra coisa; o Espírito, que não está morto, retomará a si um outro mais tarde.

24. – Nos seres inferiores da Criação, naqueles em que o senso moral não existe ou a inteligência não tenha ainda instalado o instinto, a luta não saberia ter por motivo senão a satisfação duma necessidade material; ora, uma das necessidades materiais mais imperiosas é a da nutrição; eles lutam, pois, unicamente para viver, ou seja, por tomar ou defender uma presa, porque não seriam seres estimulados por um motivo mais elevado. É neste primeiro período que a alma se elabora e se ensaia para a vida. Assim que ela atinge o degrau da maturidade necessária para sua transformação, recebe de Deus novas faculdades: o livre arbítrio e o senso moral, a centelha divina, em uma palavra, que dão um novo curso a suas ideias, dotando-a de novas aptidões e de novas percepções.

Mas as novas faculdades morais das quais ela é dotada desenvolvem-se apenas gradualmente porque nada é brusco na natureza; há um período de transição onde o homem se distingue somente do estúpido; nas primeiras idades, o instinto animal domina e a luta tem ainda por motivo a satisfação das necessidades materiais; mais tarde, o instinto animal e o sentimento moral se contrabalançam; o homem, então, luta, não mais para se nutrir, mas para satisfazer sua ambição, seu orgulho, sua necessidade de domínio: para isto, é preciso ainda destruir. Mas à medida que o senso moral se torna superior, a sensibilidade se desenvolve, a necessidade da destruição diminui; acaba, mesmo, por se apagar e por tornar-se odioso: o homem tem horror do sangue.

Contudo a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, porque, mesmo chegado a este ponto que nos parece culminante está longe de ser perfeito; é, apenas, um prêmio de sua atividade que ele obtém dos conhecimentos, da experiência e que se despoja dos últimos vestígios da animalidade; mas, então a luta, de sanguinária e brutal que era, torna-se puramente intelectual; o homem luta contra as dificuldades e não mais contra seus semelhantes. (2)

NOTAS

(1) O erro consiste em pretender que a alma saíria perfeita das mãos do Criador, então que este, ao contrário, tenha querida que a perfeição fosse o resultado da depuração gradual do Espírito e sua obra própria. Deus quis que a alma, em virtude de seu livre arbítrio, pudesse optar entre o bem e o mal, e que ela chegará a seus objetivos finais por uma vida militante e resistindo ao mal. Se Ele fizesse a alma perfeita como ele próprio, em saindo das suas mãos, tendo associado à sua beatitude eterna, lê teria feito não à sua imagem mas semelhante a ele mesmo, tal como já dissemos. Conhecendo todas as coisas em virtude da sua essência e sem ter nada aprontado, mudado por um sentimento de orgulho, nascido da consciência de seus atributos divinos. Ela teria sido arrastada a negar sua origem, a desconhecer o autor de sua existência, e estaria constituída em estado de rebelião, de revolta para com seu Criador. (Bonnamy, juiz de instrução: **A razão do Espiritismo**, cap. VI)

(2) Esta questão se prende àquela, não menos grave, em relação à animalidade e à humanidade, que será tratada ulteriormente. Nós, apenas, quisemos demonstrar por esta explicação, que a destruição dos seres vivos de uns pelos outros, não invalida em nada a sabedoria divina e que tudo se encaixa nas leis da natureza. Está encadeado e necessariamente quebrado si se fizer a abstração do princípio espiritual; é porque tanto questões são insolúveis quanto só se considere a matéria.

NOTAS DO TRADUTOR

(a) Atualmente, alguns pesquisadores, ante descoberta de certos documentos da era em que Jesus viveu na Galileia, admitem que os gnósticos, heterodoxos mais próximos seguidores do mestre e ditos cristãos do primeiro momento, como Simão, o Mago, admitiam a existência de dois deuses distintos, um do bem, que enviara Jesus à Terra e outro do mal, que tentava desvirtuar os homens, tese esta que hipoteticamente seria pregada por Pedro, em Roma mas que, por não ser compatível com a doutrina de Constantino que seguia e aceitava a lenda egípcia do Deus Sol, monoteísta, exigiu que a nova doutrina dita cristã também se tornasse monoteísta, daí, terem os sábios da época se servido do apóstolo Paulo, em vez de usar os ensinamentos de Pedro para instituírem a Igreja Romana.

(b) Leia-se: roustaingismo, motivo pelo qual este item foi supresso de certas traduções facciosas.

(c) Vê-se, aqui, Kardec tentando contemporizar a ideia de Deus justo e perfeito, com a existência do mal sem ferir os preceitos cristãos estabelecidos, todavia, por falta total de conhecimentos – e que perduram até a presente data – ele não teve condições de melhor explicar a existência do mal senão pela hipótese de que seria algo necessário para a evolução espiritual. Filósofos há que o bem só pode existir havendo o mal porque um caracteriza a existência do outro, tal como o claro e o escuro, o alto e o baixo e assim por diante, como será visto adiante.

(d) *Gruma* é cancro, pelagra, enfim, mal contagioso.

* * *

Capítulo IV

PAPEL DA CIÊNCIA NA GÊNESE

1. – A História de quase todos os povos antigos se confunde com a de sua religião; é por isso que seus primeiros livros foram obras religiosas; e como todas as religiões se ligam ao princípio das coisas, que é também a da humanidade, elas deram sobre a formação e a disposição do Universo, explicações em referência ao estado dos conhecimentos dos tempos e de seus fundadores. Resulta daí que os primeiros livros sacros foram, ao mesmo tempo, os primeiros livros de ciência, como foram por muito tempo o único código das leis civis.

2. – A religião era, então, um freio poderoso para governar; seus povos se curvavam voluntários sob os poderes invisíveis em nomes dos quais se os subjugava, e do que os governantes diziam ter seu poder, se eles não se davam por iguais destas mesmas autoridades.

Para dar maior força à religião, era preciso apresentá-la como absoluta, infalível e imutável sem o que ela perderia sua ascendência sobre seres quase embrutecidos e necessitados à pena da razão. Só era preciso que ela pudesse ser discutida não menos que as ordens do soberano; daí o princípio da fé cega e da obediência passiva que tinham assim, na origem, sua razão de ser e sua utilidade. A veneração que se tinha pelos livros sacros, quase sempre sensatamente baixados do céu, ou inspirados pela divindade, interdito, aliás, de qualquer exame.(a)

3. – Nos tempos primitivos, os meios de observação eram muito imperfeitos, as primeiras teorias sobre o sistema do mundo deviam ser maculadas de erros grosseiros; mas estes meios sendo eles também completos como o são atualmente, os homens não teriam sabido se servir deles; só poderiam, além disso, ser fruto de um desenvolvimento da inteligência e do conhecimento sucessivo das leis da natureza. À medida que o homem avançou no conhecimento destas leis, penetrou nos mistérios da Criação e retificou as ideias que faziam sobre a origem das coisas.

4. – Da mesma forma que, para compreender e definir o movimento correlato dos ponteiros de um relógio, é preciso conhecer as leis que presidem seu mecanismo, apreciar a natureza dos materiais e calcular a eficácia das forças atuantes, para compreender o mecanismo do Universo, é preciso conhecer as leis que regem todas as forças postas em ação neste vasto conjunto.

O homem tem sido impotente para resolver o problema da criação até o momento em que a chave lhe foi dada pela Ciência. Foi preciso que a Astronomia lhe abrisse as portas do espaço infinito em lhe permitindo de aí mergulhar seus olhares; e pelo poder do cálculo pôde determinar com uma precisão rigorosa o movimento, a posição, o volume, a natureza, e o papel dos corpos celestes; que a Física lhe revelou as leis da gravitação, do calor, da luz e da eletricidade, o poderio destes agentes sobre a natureza inteira e a causa dos inumeráveis fenômenos que daí decorrem; que a Química lhe ensinou as transformações da matéria que formam a crosta do globo; que a Geologia lhe aprontou para ler nas camadas terrestres a formação gradual deste mesmo globo. A Botânica, a Zoologia, a Paleontologia, a Antropologia deveriam admitir à filiação e à sucessão dos seres organizados; coma Arqueologia pode seguir os traços da humanidade através das idades; todas as ciências, em uma palavra, completando-se, umas pelas outras, deviam levar seu contingente indispensável para o conhecimento da história do mundo; na sua ausência, o homem só teria por guia suas primeiras hipóteses.

Também, antes que o homem estivesse na posse destes elementos de apreciação, todos os comentaristas da Gênese, da qual a razão se chocava com as possibilidades materiais, giravam num mesmo círculo sem poder dele sair; só o puderam fazer depois que a Ciência abriu a via, fazendo brecha na velha edificação das crenças, e então, tudo mudou de aspecto; uma vez encontrado o fio condutor, as dificuldades foram prontamente aplainadas; em lugar de uma Gênese imaginária, teve-se uma gênese positiva e, de alguma forma, experimental; o campo do Universo estendeu-se ao infinito; viu-se a Terra e os astros se formarem gradualmente conforme as leis eternas e imutáveis que testemunham bem melhor a grandeza e a sabedoria de Deus em lugar de uma criação miraculosa saída de um só golpe do nada, como uma mudança à vista, por uma ideia súbita da divindade após uma eternidade de inação.

Desde que seja impossível conceber a Gênese sem os dados fornecidos pela ciência, pode-se dizer a bem da verdade que: *é a ciência que vem a ser chamada para constituir a verdadeira Gênese a partir das leis da natureza.*

5. – No ponto em que ela chegou no décimo nono século, tem a ciência resolvido todas as dificuldades do problema da Gênese?

Não, seguramente; mas é incontestável que ela destruiu sem volta todos os erros capitais, e que colocou os fundamentos os mais essenciais sobre dados irrecusáveis; os pontos ainda incertos só são, propriamente falando, questões de pormenor, da qual a solução, qualquer que o seja no futuro, não pode prejudicar o conjunto. Daí, malgrado todos os recursos dos quais possa dispor, faltou-lhe até nossos dias um elemento importante sem o qual a obra jamais seria completa.

6. – De todas as Gêneses antigas, a que mais se aproxima dos dados científicos modernos malgrado os erros que encerre e que estão atualmente demonstrados até a evidência, é incontestavelmente a de Moisés. Alguns desses erros são até mais aparentes do que reais, e provêm quer da falsa interpretação de certas palavras cuja significação primitiva se perdeu no passante de língua em língua pela tradução, ou cuja acepção trocou com os costumes dos povos, quer da forma alegórica particular ao estilo oriental, e de onde se tomou o sentido literal em lugar de se procurar o espírito.

7. – A Bíblia contém evidentemente fatos que razão desenvolvida pela ciência não poderia aceitar atualmente, e, por outro lado, que se mostram estranhos e repugnantes, porque se prendem a costumes que não mais são os nossos. Mas, ao lado disso, haveria parcialidade em não se reconhecer que ela encerra grandes e belas coisas. A alegoria aí tem um lugar considerável, e sob este véu oculta-se verdades sublimes que surgirão si se procurar o fundo do pensamento, porque então o absurdo desaparecerá.

Por que, pois, não se levantou este véu há mais tempo? É, de uma parte, a falta das luzes que somente a Ciência e uma sã filosofia poderiam dar, e por outra, o princípio da imutabilidade absoluta da fé, consequência de um respeito demasiado cego pela letra, segundo o que a razão deveria se inclinar e, por conseguinte, o temor de comprometer a base de crenças fundadas sobre o sentido literal. Estas crenças, partindo de um ponto primitivo, acreditavam que se o primeiro elo da corrente viesse a se romper, todas as malhas da tela findariam por se separar; é por isso que se fechou os olhos, quando mesmo; mas fechar os olhos sobre o perigo não é evitá-lo. Quando uma base cede não será mais prudente substituir a pedra defeituosa por uma boa, em vez de esperar, por respeito à velhice do edifício, que o mal se torne sem remédio e que seja necessário reconstruir de cabo a rabo?

8. – A Ciência, conduzindo suas investigações até as entranhas da Terra e as profundezas dos Céus, tem, pois, demonstrado de uma maneira irrecusável os erros da Gênese mosaica tomada ao pé da letra, e a impossibilidade material que as coisas se tenham passado assim tal como estão textualmente descritas; ela desferiu, por isso mesmo, um golpe profundo nas crenças seculares. A fé ortodoxa emocionou-se, porque acreditou ver sua pedra de assento arrancada; mas, quem deveria ater razão: a ciência marchando prudente e progressivamente sobre o terreno sólido das cifras e da observação, sem nada afirmar sem antes ter a prova em mão, ou de uma relação escrita numa época em que os meios de observação claudicavam imperiosamente? Quem deve se levar em conta, o que diz que 2 e 2 são 5 e se recusa verificar, ou o que diz que 2 e 2 são 4 e o prova?

9. – Mas então, diz-se, se a Bíblia é uma revelação divina, Deus teria se enganado? Se não é uma revelação divina, não terá autoridade e a religião se desmorona por falta de base.

Das duas uma: ou a Ciência não tem razão ou a tem; se o tem, só poderá fazer uma opinião nada contrária sobre a verdade; não existe revelação que possa prevalecer sobre a autoridade dos fatos.

Incontestavelmente Deus, que é toda verdade, não pode induzir os homens ao erro, nem consciente nem inconscientemente, sem o que não seria Deus. Se, pois, os fatos contradizem as palavras que lhe são atribuídas, é preciso concluir logicamente que Ele não as pronunciou ou então que elas estejam cheias de contrassenso.

Se a religião sofre em qualquer parte destas contradições, o dano não o é da Ciência que só pode fazer o que o seja, mas dos homens de terem fundado prematuramente dogmas absolutos, dos quais fizeram uma questão de vida e de morte, sobre hipóteses susceptíveis de serem desmentidas pelo experimento.

É coisas ao sacrifício das quais é preciso se resignar bom grado ou malgrado, quando não puder se fazer diferente. Quando o mundo marcha, a vontade de quaisquer uns não podendo detê-lo, o mais sábio é de segui-lo, e de se acomodar com o novo estado de coisas, do que de se aferrar ao passado que se degradingola, com risco de cair junto.

10. – Seria preciso, pelo respeito a textos olhados como sagrados, impor silêncio à Ciência?

Isto é coisa também impossível como o de impedir a Terra de girar. As religiões, sejam elas quais forem, jamais ganharam nada por sustentar erros manifestos. A missão da ciência é de descobrir as leis da natureza; ou, como são estas leis obra de Deus, elas não podem ser contrárias às religiões fundadas sobre a verdade. Ela cumpre a missão mesmo pela força das coisas, e por uma consequência natural do desenvolvimento da inteligência humana que também é uma obra divina, e só avança com a permissão de Deus em virtude das leis progressivas que estabeleceu. Lançar anátemas ao progresso como atentatórios à religião, é, pois, ir contra a vontade de Deus; é penosamente inútil porque todos os anátemas do mundo não impedirão a Ciência de marchar e a verdade de se fazer presente. *Se a religião recusa marchar com a ciência, a ciência marcha toda só.*

11. – As religiões estacionárias podem somente temer as descobertas da ciência; estas descobertas só serão funestas às que se deixarem distanciar pelas ideias progressivas imobilizando-se no absolutismo de suas crenças; elas fazem em geral uma ideia tão mesquinha da divindade, que não compreendem que assimilá-la às leis da natureza revelada pela ciência, é glorificar Deus por nas suas obras; mas, em sua cegueira, elas preferem prestar homenagem ao Espírito do mal. *Uma religião que não esteja, de alguma forma em*

contradição com as leis da natureza, não teria nada que temer do progresso e seria invulnerável.

12. – A Gênese compreende duas partes: a história da formação do mundo material e a da humanidade considerada em seu duplo princípio corporal e espiritual. A ciência está limitada à pesquisa das leis que regem a matéria; no homem, mesmo, ela estuda apenas o envoltório carnal. Sob esta referência, ela chegou a dar conta, com uma precisão incontestável, das principais partes do mecanismo do universo e do organismo humano. Sobre este ponto capital, pôde, então, completar a Gênese de Moisés e retificar as partes defeituosas.

Mas, a história do homem, considerado como ser espiritual, prende-se a uma ordem especial de ideias que não é do domínio da Ciência propriamente dita, e eis aí, por este motivo, não o fez objeto de suas investigações. A filosofia, que tem mais particularmente este gênero de estudo em suas atribuições, só formulou sobre este ponto sistemas contraditórios desde a espiritualidade pura até a negativa do princípio espiritual e mesmo de Deus, sem outras bases além das ideias pessoais de seus autores; ela deixou, pois, a questão indecisa, por falta de um controle suficiente.

13. – Esta questão, entretanto, é para o homem a mais importante, porque é o problema de seu passado e de seu futuro; a do mundo material só lhe toca indiretamente. O que lhe importa saber antes de tudo, é de onde veio, para onde vai, se já viveu e se viverá ainda, e que sorte lhe esteja reservada.

Sobre todas estas questões a Ciência é muda. A Filosofia só dá opiniões que se concluem no senso diametralmente opostas, mas, ao menos, ela permite discutir, o que faz com que muitas pessoas se enfileirem a seu lado de preferência em lugar da Religião que não discute nada.

14. – Todas as religiões estão de acordo com o princípio da existência da alma, sem, todavia o demonstrar; mas elas não acordam nem sobre sua origem nem sobre seu passado, nem sobre seu porvir, o que é essencial, sobre as condições das quais depende seu dano futuro. Elas fazem, na maior parte, de seu porvir um quadro imposto à crença de seus adeptos que só pode ser aceito pela fé cega, mas não pode suportar um exame sério. O destino que fazem da alma estando ligado a seus dogmas, às ideias que se fazia do mundo material e do mecanismo do Universo nos tempos primitivos, é inconciliável com o estado de conhecimentos atuais. Só podendo, pois, perder com o exame e a discussão, ela acham mais simples proscrever um e outro.

15. – Dessas divergências tocantes ao porvir do homem nasceram a dúvida e a incredulidade. E não podia ser de outro modo; cada religião, pretendendo somente possuir toda a verdade, uma se dizendo de determinada facção e a outra de outra, sem dar suas asserções de provas suficientes para reunir a maioria, na indecisão, o homem curva-se sobre o presente. Entretanto, a incredulidade deixa um vazio penoso; o homem encara com ansiedade o desconhecido onde ele deva cedo ou tarde entrar fatalmente; a ideia de um nada o gela; sua consciência o diz que para lá do presente existe para ele alguma coisa: mas o quê? Sua razão desdobrada não lhe permite mais aceitar as histórias com as quais embalou sua infância, de tomar a alegoria pela realidade. Qual é o senso dessa alegoria? A Ciência descerrou um canto do véu, mas não revelou o que mais lhe importava saber. Ele interroga em vão, nada lhe responde de uma maneira peremptória e apropriada para acalmar suas apreensões; por toda parte ele encontra afirmação se chocando com a negação, sem provas mais positivas de uma parte do que de outra; além, a incerteza e a *incerteza sobre as coisas da vida futura faz com que o homem se lance com uma sorte de loucura sobre as da vida material.*

Tal é o inevitável efeito da época de transição; o edifício do passado se rui e o do porvir não está ainda construído. O homem é como o adolescente que não tem mais a crença ingênua de seus primeiros anos e não tem ainda o conhecimento da idade madura; só tem vagas aspirações que não sabe definir.

16. – Se a questão do homem espiritual permaneceu até nossos dias no estado teórico, é que lhe faltou meios de observação direta que se teve para constatar o estado do mundo material e o campo permaneceu aberto às concepções do espírito humano. Tanto que o homem não conheceu as leis que regem a matéria e que não pôde aplicar o método experimental, errou de sistema em sistema no tocante ao mecanismo do Universo e a formação da Terra. Tem sido na ordem moral como na ordem física; para fixar as ideias faltou o elemento essencial: o conhecimento das leis do princípio espiritual. Este conhecimento estava reservado à nossa época, como o das leis da matéria foi obra dos dois últimos séculos.

17. – Até o presente, o estudo do princípio espiritual, contido na Metafísica, tinha sido puramente especulativo e teórico; no Espiritismo é todo experimental. Com a ajuda da faculdade medianímica, mais desenvolvidos a nossos dias e sobretudo generalizada e melhor estudada, o homem se encontrou na posse de um novo instrumento de observação. A mediunidade tem sido para o mundo espiritual o que o telescópio tem sido para o mundo sideral e o microscópio para o mundo do infinitamente pequeno; ela permitiu explorar, estudar, por assim dizer, de visão, suas relações com o mundo corporal; isolar no homem vivente, o ser inteligente e o ser material, e de vê-los agir separadamente. Uma vez em relação com os habitantes deste mundo, pôde-se seguir a alma na sua marcha ascendente, em suas migrações, em suas transformações, pôde-se enfim estudar o elemento espiritual. Eis o que faltava aos precedentes comentaristas da Gênese para compreendê-la e retificar seus erros.

18. – O mundo espiritual e o mundo material, estando em contato incessante, são solidários um com o outro; todos os dois têm sua parte de ação na Gênese. Sem o conhecimento das leis que regem o primeiro, será também impossível constituir uma Gênese completa, tanto quanto o é a um escultor dar vida a uma estátua. Atualmente, apenas, se bem que nem a ciência material nem a ciência espiritual tenham dado sua última palavra, o homem possui os dois elementos próprios para lançar a luz sobre este imenso problema. Era preciso, com toda necessidade, estas duas chaves para encontrar uma solução, mesmo, aproximativa. Quanto à solução definitiva, não será, talvez, dada ao homem de a encontrar na Terra, porque são coisas secretas de Deus.

NOTA DO TRADUTOR

(a) Aqui Kardec critica a infalibilidade dos livros tidos como sagrados, motivo pelo qual, possivelmente, este parágrafo tenha sido suprimido na sua tradução.

* * *

Capítulo V

SISTEMAS DOS MUNDOS ANTIGOS E MODERNOS

1. – A ideia primeira que os homens fizeram da Terra, do movimento dos astros e da constituição do Universo deve ser, na origem, unicamente baseada sobre depoimento dos sentidos. Na ignorância das leis, as mais elementares da Física e das forças da natureza, não tendo senão suas visões tolhidas por meio de observações, só podiam julgar pela aparência.

Em vendo o Sol surgir pela manhã de um lado do horizonte e desaparecer à tarde do lado oposto, concluía-se naturalmente que ele girava em torno da Terra ao passo que esta permanecia imóvel. Si se dissesse então aos homens que é ao contrário o que ocorre, teriam respondido que tal coisa não era possível, porque, teriam dito, vemos o Sol trocar de lugar e não sentimos a terra mexer.

2. – A pouca extensão das viagens, que ultrapassavam apenas raramente os limites da tribo ou do vale, não podiam permitir que constatassem a esfericidade da Terra. Como, alhures, supor que a Terra pudesse ser uma bola? Os homens não poderiam se manter senão sobre os pontos mais elevados e em na supondo habitada em toda sua superfície, como poderiam viver no hemisfério oposto, com a cabeça para baixo e os pés para cima? A coisa parecia ainda menos possível com um movimento de rotação. Quando se vê, ainda, em nossos dias, que já se conhece a leis da gravitação, pessoas relativamente esclarecidas na se rendem conta desse fenômeno, não deve, pois, admirar-se que os homens das primeiras idades não teriam jamais suposto.

A Terra era, pois, para eles, uma superfície plana, circular como uma pedra de lagar, estendendo-se a perder de vista na direção horizontal; daí a expressão ainda usual: ir ao fim do mundo. Seus limites, sua espessura, seu interior, sua face inferior, o que havia em baixo era desconhecido. (1)

O céu aparentando uma forma côncava era, conforme a crença vulgar, uma abóbada real onde as bordas inferiores repousavam sobre a Terra e marcavam os confins; vasta redoma em que o ar enchia toda a capacidade. Sem nenhuma noção de infinito de espaço, incapazes, até, de concebê-lo, os homens supunham esta abóbada formada de uma matéria sólida; daí o nome de firmamento que tem sobrevivido à crença, e que significa firme, resistente (do latim, *firmamentum* derivado de *firmus*, e do grego *herma*, *hermatos*, firme, arrimo, suporte, ponto de apoio).

4. – As estrelas, das quais não podia supor a natureza, eram simples pontos luminosos, mais ou menos grossos, fixas na abóbada como lâmpadas suspensas, dispostas sobre uma só camada e, por conseguinte, todas elas a uma mesma distância da Terra, da mesma maneira que se as representa no interior de certas cúpulas pintadas de azul para figurar o azulão celeste.

Embora que atualmente as ideias sejam todas outras, o uso das antigas expressões conservaram-se; diz-se, ainda, por comparação: a abóbada estelar; sob a calota do céu.

5. – A formação das nuvens por evaporação das águas terrenas era então igualmente desconhecida; não se podia vir a pensar que a chuva que cai do céu tivesse sua origem sobre a terra de onde não se via a água subir. Daí a crença na existência *das águas superiores e das águas inferiores*, fontes celestes e fontes terrestres, reservatórios colocados nas altas regiões,

suposição que está de acordo, perfeitamente com a ideia de uma abóbada sólida capaz de mantê-las. As águas superiores escapando por frestas da abóbada, caíam em gotas e, de acordo com estas aberturas estando mais ou menos largas, a chuva seria suave ou torrencial e diluviana.

6. – A ignorância completa da unidade do universo e das leis que o regem, da natureza, da constituição e do destino dos astros que pareciam, aliás, tão pequenos comparativamente com a Terra, deviam necessariamente fazer considerar esta aqui como a coisa principal, o motivo único da Criação, e os astros como acessórios criados unicamente ao intento dos seus habitantes. Este precedente perpetua-se até nossos dias malgrado as descobertas da Ciência que têm trocado para o homem o aspecto do mundo. Quantas pessoas creem ainda que as estrelas sejam ornamentos do céu para recreio às vista dos habitantes da Terra!

7. – Não se tardou em perceber o movimento aparente das estrelas que se deslocam em massa do oriente ao ocidente, levantam-se à tarde e se deitam pela manhã, mantendo suas posições respectivas. Esta observação não teve durante muito tempo outra consequência senão a de confirmar a ideia de uma abóbada sólida, arrastando as estrelas em seu movimento de rotação.

Estas ideias primeiras, ideias ingênuas, fizeram durante longos períodos seculares o fundamento das crenças religiosas, e serviram de base a toda a cosmogonia antiga.

8. – Mais tarde, compreendeu-se, pela direção do movimento das estrelas e seu retorno periódico na mesma ordem, que a abóbada celeste não podia ser simplesmente uma semiesfera pousada sobre a terra, mas, bem, uma esfera inteira, vazia, ao centro da qual, se encontrava a Terra, sempre plana ou quando muito, convexa e habitada apenas na face superior. Já era um progresso.

Mas sobre o quê estaria pousada a Terra? Seria inútil relacionar todas as suposições ridículas, criadas pela imaginação como a dos indianos que a diziam levada por quatro elefantes brancos e estes sobre as asas de um imenso abutre. Os mais sábios reconheciam que eles nada sabiam.

9. – Conforme uma opinião geralmente espalhada nas teogonias pagãs, colocava nos *lugares inferiores*, de outro modo, dito nas profundezas da terra, ou debaixo dela, onde nada se sabia a respeito, a estada dos condenados, chamado *inferno*, isto é, *lugar inferior*, e nos *lugares altos*, para além da região das estrelas, a estada dos bem-aventurados. O termo *inferno* (b) conservou-se até nossos dias, quando perdeu seu significado etimológico, depois que a geologia desalojou o lugar dos suplícios eternos das entranhas da Terra e que a astronomia demonstrou que não existe nem altos nem baixos no espaço infinito.

10. – Sob o céu puro da Caldéia, da Índia e do Egito, berço das mais antigas civilizações, pode-se observar o movimento dos astros com tanta precisão que os permitia abster-se de instrumentos especiais. Viu-se de início que certas estrelas tinham um movimento próprio independente da massa, o que não permitia que elas fossem atarraxadas na abóbada; foram chamadas de *estrelas errantes* ou *planetas* para distingui-las das estrelas fixas. Calcularam seus movimentos e suas voltas periódicas.

No movimento diurno da esfera estelar, notava-se a imobilidade da estrela Polar em torno da qual as outras descreviam, em vinte e quatro horas, circunferências oblíquas paralelas, maiores ou menores conforme seu afastamento da estrela central; este foi o primeiro passo sobre o conhecimento da obliquidade do eixo do mundo. Das mais extensas viagens

permitiram observar a diferença de aspecto do céu conforme as latitudes e as estações; a elevação da estrela Polar acima do horizonte, variante com a latitude, pôs sobre o caminho da redondeza da Terra; é assim que pouco a pouco foi feita uma ideia mais justa do sistema do mundo.

Pelos anos 600 antes de Cristo, *Tales de Mileto* (Ásia Menor) conhecia a esfericidade da Terra, a obliquidade da eclíptica e a causa dos eclipses.

Um século mais tarde, *Pitágoras* (de Samos) descobre o movimento diurno da Terra sobre seu eixo, seu movimento anual em torno do Sol e amarra os planetas e os cometas ao sistema solar.

160 anos antes de Cristo *Hiparco*, de Alexandria (Egito), inventa o astrolábio, calcula e prediz os eclipses, observa as manchas do Sol, determina o ano trópico, a duração das revoluções da Lua.

Quaisquer preciosas que fossem estas descobertas para o progresso da Ciência, elas levaram perto de 2000 anos para se popularizar. As ideias novas, tendo, apenas, para se propagar raros manuscritos, restavam nos apartados de certos filósofos que as ensinavam a seus discípulos privilegiados; as massas que não se cogitavam quase nada de esclarecer, não aproveitavam nada e continuavam a se nutrir das velhas crenças.

11. – Pelos anos 140 da era cristã, *Ptolomeu* um dos homens mais ilustres da Escola de Alexandria, combinando suas próprias ideias com as crenças vulgares e algumas das mais recentes descobertas astronômicas, compôs um sistema que se pode chamar de misto, que leva seu nome, e que, durante aproximadamente quinze séculos foi somente o adotado no mundo civilizado.

Conforme o sistema de Ptolomeu, (c) a Terra é uma esfera no centro do Universo; ela se compunha de quatro elementos: a terra, a água, o ar e o fogo. Era a primeira região dita *elementar*. A segunda região, dita etérea, compreendia onze céus, ou esfera concêntricas girando em torno da Terra, a saber: o céu da Lua, céus de Mercúrio, de Vênus, do Sol, de Marte, de Júpiter, de Saturno e das estrelas fixas, do primeiro cristalino, esfera sólida transparente, do segundo cristalino e, enfim, do primeiro móvel que dava o movimento a todos os céus inferiores, e os fazia realizar uma revolução em vinte e quatro horas. Além dos onze céus estava o *Empíreo*, moradia dos bem-aventurados, assim nomeada do grego *pyr* ou *pira* que significa *fogo* porque se acreditava que esta região resplandecia de luz como o fogo.

A crença em vários céus superpostos por longo tempo prevaleceu; mas variando sobre o número deles; o sétimo era geralmente visto como o mais elevado; da expressão: ser arrebatado ao sétimo céu. São Paulo disse que fora elevado ao terceiro céu.

Independente do movimento comum, os astros tinham, segundo Ptolomeu, movimentos próprios, particulares, maiores ou menores conforme seus alongamentos do centro. As estrelas fixas faziam uma revolução em 25.816 anos. Esta última avaliação denota o conhecimento da precessão dos equinócios que se completa de fato em 25000 anos aproximados.

12. – No início do décimo sexto século, *Copérnico*, célebre astrônomo nascido em Thorn (Prússia) em 1472, falecido em 1543, retomou as ideias de Pitágoras; publicou um sistema que, confirmado cada dia por novas observações, foi favoravelmente acolhido e não demorou a substituir o de Ptolomeu. Conforme seu sistema, o Sol está ao centro, os planetas descrevem órbitas circulares em torno deste astro; a lua é um satélite da Terra.

Um século mais tarde, em 1609, Galileu, nascido em Florença, inventa o telescópio; em 1609, descobre os quatro satélites de Júpiter e calcula suas revoluções; reconhece que os planetas não têm luz própria como as estrelas, mas que são clareados pelo Sol; que são esferas semelhantes à Terra; observa suas fases e determina a duração de suas rotações sobre os eixos; dá, assim, por provas materiais, uma sanção definitiva ao sistema de Copérnico.

Desde então se desmoronou a pilha dos céus superpostos; os planetas foram reconhecidos como mundos semelhantes à Terra e como ela, sem dúvida habitáveis; o Sol como sendo uma estrela, centro de um turbilhão de planetas que lhe estão sujeitos; as estrelas como sendo inumeráveis sóis, centros prováveis de outros sistemas planetários.

As estrelas não mais estavam confinadas em uma zona da esfera celeste, mas, irregularmente disseminadas no espaço sem limites; aquelas que pareciam se tocar estão a distâncias incomensuráveis umas das outras; as menores em aparência são as mais afastadas de nós; as mais volumosas são as que estão mais próximas, estando, ainda a centenas de milhares de léguas.

Os grupos aos quais foi dado o nome de *constelação*, apenas são conjuntos aparentes causados pela distância, efeito de perspectiva, como em comendo, à vista daquele que esteja em um ponto fixo, luzes dispersas em uma vasta planície, ou as árvores de uma floresta; mas, este amontoado não existe jamais, em realidade; si se pudesse transportar à região de uma dessas constelações, à medida que se aproximasse, a forma desapareceria e novos grupos se desenhariam à vista.

Desde então, estes grupos só existem na aparência, na significação de que uma crença vulgar supersticiosa a ela atribuída é ilusória e suas influências só poderiam existir na imaginação.

Para distinguir as constelações, dá-se a elas nomes tais como: *Leão, Touro, Gêmeos, Virgem, Balança, Capricórnio, Câncer, Orion, Hércules, Grande Ursa ou Carruagem de Davi, Pequena Ursa, Lira, etc.* e as tem sido representadas por figuras que lembram seus nomes, na maior parte fantasia, mas que, em todos os casos, não têm nenhuma relação com a forma aparente do grupo de estrelas. Será em vão procurar-se por estas figuras no céu.

A crença na influência das constelações, das que, sobretudo, constituem os doze signos do zodíaco, vêm da ideia ligado aos nomes que elas portam. Se a que é chamada Leão tivesse sido chamada de asno ou ovelha, ter-lhe-iam certamente, atribuído uma outra total influência.

13. – A partir de Copérnico e de Galileu, as velhas cosmogonias nunca foram destruídas; a astronomia só poderia avançar e nunca recuar. A História fala das lutas que estes homens de gênio tiveram que sustentar contra os preconceituosos e, principalmente, contra o espírito de seita interessado na manutenção dos erros sobre os quais haviam fundado crenças que se lhes figuravam assentes numa base inabalável. Foi suficiente a invenção de um instrumento óptico para derrubar uma estrutura de vários milhares de anos. Mas nada poderia prevalecer contra uma verdade reconhecida como tal. Graças à imprensa, o público inteirou-se da ideais novas, começava a não mais se embalar de ilusões e tomava parte na luta; esta não era mais contra qualquer indivíduo que era preciso combater, mas contra a opinião geral que tomava feito pela verdade.

Que o Universo é grande ante as mesquinhas proporções que lhe consignava nossos pais!
Que a obra de Deus é sublime quando é vista efetuar-se conforme as eternas leis da natureza!

Mas também com relação a tempos, a esforços de gênio, a devotamento, foi necessário para abrir os olhos e arrancar enfim a venda da ignorância!

14. – A via estava daí para frente aberta, onde ilustres e numerosos sábios iriam entrar para completar a obra delineada. Kepler, na Alemanha, descobre as célebres leis que levam seu nome e com auxílio das quais ele reconhece que os planetas descrevem não órbitas circulares, mas elipses onde o Sol ocupa um dos focos; Newton, na Inglaterra, descobre a lei de gravitação universal; Laplace, na França, cria a Mecânica Celeste (d); a Astronomia, enfim, não é mais um sistema fundado sobre conjecturas ou probabilidades, mas, uma ciência estabelecida sobre as bases as mais rigorosas do cálculo e da geometria. Assim se encontra assentada uma das pedras fundamentais da Gênese.

NOTA

(1) A mitologia hindu ensinava que o astro do dia se despojava à tarde da sua luz e atravessava o céu durante a noite com uma face obscura. A mitologia grega representava o carro de Apolo tracionado por quatro cavalos. Anaximandro de Mileto sustentava com referência a Plutarco, que o Sol era uma carruagem cheia de um fogo muito vivo que escaparia por uma abertura circular. Epicuro teria, parece, emitido opinião de que o Sol se alumia pela manhã e se apagava à tarde nas águas do oceano; outros pensavam que se fazia desse astro uma pedra-pome ativada ao estado de incandescência. Anaxágoras o olhava como um ferro em brasa da grandeza do Peloponeso. Singular observação! Os anciãos estavam invencivelmente levados a considerar a grandeza aparente deste astro como real, os quais perseguiriam este filósofo temerário por ter atribuído um tal volume à chama do dia e que tornou necessário toda autoridade de Péricles, por se salvar de uma condenação fatal e comutada em uma sentença de exílio. (Flammarion, **Estudos e leituras sobre a Astronomia**, pág. 6).

Quando se veem tais ideias emitidas cinco séculos antes da era cristã, aos tempos mais florescentes da Grécia, não se pode espantar das que se faziam os homens nos primórdios sobre o sistema do mundo.

NOTAS DO TRADUTOR

(a) A ideia da curvatura da Terra só teve início quando os observadores notaram que as embarcações, ao irem para o mar alto, sumiam, como se estivessem se escondendo sob as águas e se tocaram com isso, procurando descobrir o motivo.

(b) A palavra *inferno* significa *in + ferno*, no quente, do latim, ou seja, *ferno*, uma transformação de verno; verno deu-nos ainda o termo vernal, relativo ao verão. Já *inverno* quer dizer “*não quente*”. No primeiro caso *in* significa “*em*” e no segundo, “*não*”. Coisas do latim.

(c) Ptolomeu baseou-se na Gênese bíblica para instituir o geocentrismo, já que, segundo a mesma, Deus teria feito a Terra como “centro” de sua obra universal.

(d) Hoje, um capítulo da Astrofísica.

* * *

Capítulo VI

URANOGRAFIA GERAL

**O espaço e o tempo. – A matéria. – As leis e as forças. – A criação primeira.
– A criação universal. – Os sóis e os planetas. – Os satélites. – Os cometas.
– A Via Láctea. – As estrelas fixas. – Os desertos do espaço.
– Sucessão eterna dos Mundos. – A vida universal. – A Ciência.
– Considerações morais.**

O ESPAÇO E O TEMPO

1. – Várias definições do espaço foram dadas; eis a principal: o espaço é a extensão que separa dois corpos. De onde certos sofistas deduziram que onde não houvesse corpos, não haveria espaço; é sobre o que doutores em Teologia se baseiam para estabelecer que o espaço fosse necessariamente finito alegando que os corpos limitados a certo número não saberiam formar uma sucessão infinita; e que, neste lugar onde os corpos parassem, o espaço pararia também. Há ainda a definição de espaço: o lugar onde se movem os mundos, o vazio onde age a matéria, etc. Deixemos nos tratados onde eles repousam todas estas definições que nada definem.

O espaço é uma dessas palavras que representam uma ideia primitiva e axiomática, evidente por ela própria e cujas diversas definições que se possa dar só servem para obscurecer. Sabemos todos o que seja o espaço e só quero apenas estabelecer sua infinidade a fim de que nossos estudos ulteriores não tenham nenhuma barreira que se oponha às investigações de nossa visão.

Ora, digo que o espaço é infinito, pela razão é impossível supor-lhe algum limite e que, apesar da dificuldade que temos de conceber o infinito, é-nos, portanto mais fácil de caminhar eternamente no espaço, em pensamento, do que nos determos em um lugar qualquer após o qual não encontraríamos mais extensão a percorrer.

Para nos simbolizar, tanto mais que está limitado em nossas faculdades, a infinidade do espaço, suponhamos que, partindo da Terra, perdida no meio do infinito, sobre um ponto qualquer do Universo e isto com a velocidade prodigiosa s Faísca elétrica que vence *milhares de léguas por segundo* mal tenhamos abandona tal globo, que tenhamos percorrido milhões de léguas, encontrar-nos-íamos em um lugar onde a Terra nos apareceria sob o aspecto de uma pálida estrela. Um instante após, seguindo sempre a mesma direção, encontrar-nos-emos entre as estrelas longínquas que vos seja difícil distinguir a posição terrena; e, de lá, não apenas a Terra estaria inteiramente perdida para nossa observação nas profundezas do céu, mas, ainda, vosso Sol, mesmo, em seu esplendor, fica eclipsado pela extensão que nos separa dele. Animados sempre pela mesma velocidade do relâmpago, atravessamos sistemas de mundo, a cada passo que avançamos pela vastidão, ilhas de luz etérea, vias estelíferas, paragens suntuosas onde Deus semeou mundos com a mesma profusão que semeou plantas nas pradarias terrestres.

Ora, há somente alguns minutos que estamos caminhando e já centenas de milhões e milhões de léguas nos separam da Terra, milhares de mundo passaram sob nossas vistas e, portanto, escutai! Não avançamos, em realidade, um só passo no Universo.

Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes seculares e *incessantemente com a mesma velocidade do clarão*, nós não teremos avançado mais! E eis de algum modo, que nós tomamos, e sobre algum ponto para o qual dirigimos, desde esse grão invisível que deixamos e que se chama a Terra.

Eis, pois, o que é o espaço!

Do mesmo modo, o tempo, visto no item 2 que se segue, atualmente, é definido na Geometria sideral como sendo um parâmetro de posição. Como o Espaço está em expansão, os seus pontos considerados “fixos”, na realidade, afastam-se do centro do Universo, por causa da dita expansão e, como tal, a cada tempo, ocupam uma posição distinta em referência ao centro cósmico. Erroneamente, é comum definir o tempo como sendo uma quarta dimensão, confundindo esta com o conceito de parâmetro. No espaço tridimensional, o ponto possui três parâmetros para definir sua posição relativa a um sistema de eixos cartesianos.

2. – O tempo, como o espaço, é um termo que se autodefine; faz-se uma ideia mais justa estabelecendo-se sua relação com o todo infinito.

O tempo é a sucessão das coisas; ele está ligado à eternidade da mesma maneira que estas coisas estão ligadas ao infinito. Suponhamo-nos à origem de nosso mundo, nesta época primitiva em que a Terra ainda não se equilibrava sob o divino impulso, numa palavra, no começo da Gênese. Nessa época, o tempo não havia, ainda, saído do misterioso berço da natureza e ninguém pode dizer em que época do século estamos, já que o pêndulo dos séculos não estava ainda em movimento.

Mas, Silêncio! A primeira hora de uma Terra isolada soa ao timbre eterno, o planeta se põe ao espaço e, então, existe *tarde e manhã*. Além da Terra a eternidade permanece impassível e imóvel embora o tempo marche para o bem de outros mundos. Sobre a Terra, o tempo a supre e, de acordo com uma sequência determinada de gerações serão computados os anos e os séculos.

Transportemo-nos, agora, ao último dia deste mundo, a hora em que, curvado sob o peso da vetustez, a Terra se apagará do livro da vida para não mais reaparecer: aqui, a sucessão dos acontecimentos pára; os movimentos terrestres que mediam o tempo se interrompem e o tempo termina com eles.

Esta simples exposição das coisas naturais que dão nascimento ao tempo, nutrem-no e o deixam se estender, bastante para mostrar que, visto do ponto onde nós devemos nos colocar para nossos estudos, o tempo é uma gota d’água que cai da nuvem no mar, e onde a queda é medida.

Tanto mundos na vasta extensão, quanto tempos diversos e incompatíveis. Alheia aos mundos, a eternidade somente repõe estas sucessões efêmeras, e enche passivamente de sua luz imóvel a imensidão dos céus. Imensidão sem borda e eternidade sem limites, tais são as duas grandes propriedades da natureza universal.

O olho do observador que atravessa, sem jamais encontrar embargo, as distâncias incomensuráveis do espaço e o do geólogo que remonta além dos limites das idades, ou que desce nas profundezas da eternidade boquiaberto onde eles se perderão um dia, procedem de acordo, cada qual dentro da sua visão para adquirir esta dupla noção de infinito: noção e duração.

Ora, considerando esta ordem de ideais, ser-nos-á fácil conceber que o tempo, não sendo senão a relação das coisas transitórias, e dependendo unicamente das coisas mensuráveis, assim, tomando os séculos terrestres por unidade amontoaremos milhares sobre milhares para formar um número colossal, este número nunca representará, apenas, um ponto da eternidade; da mesma maneira que milhares de léguas juntas aos milhares de léguas são apenas um ponto nesta extensão.

Assim, por exemplo, estando os séculos fora da vida etérea da alma, poderemos escrever um número também longo como o equador terrestre e nos supormos velhos em número de séculos sem que, em realidade, nossa alma compute um dia a mais; e, aditando a este número indefinível dos séculos uma série longa, como daqui ao sol, de números semelhantes, ou mais consideráveis ainda, e imaginando-nos viver durante a sucessão prodigiosa de períodos seculares representado pela adição de tais números até que cheguemos ao termo, o amontoado incompreensível de séculos que pesará sobre nossas cabeças será como se não o fosse: restaria sempre ante nós a eternidade completa.

O tempo é apenas uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias; a eternidade não é susceptível de nenhuma medida ao ponto de vista da duração; para ela não há nem começo nem fim; tudo lhe será presente.

Se séculos de séculos são menos que um segundo perante a eternidade, o que será, então, a duração da vida humana?

A MATÉRIA

3. – À primeira abordagem, nada se parece tão profundamente variado, tão essencialmente distinto, como estas diversas substâncias que compõem o mundo. Entre os objetos que a arte ou a natureza faz diuturnamente passar sob nossas observações, estariam dois que acusam uma identidade perfeita, ou somente uma paridade de composição? Qual disparidade sob o ponto de vista da solidez, da compressibilidade, do peso e das propriedades múltiplas dos corpos, entre o gás atmosférico e o filão de ouro; entre a molécula aquosa da nuvem e a do mineral que forma a constituição óssea do globo! Que diversidade entre o tecido químico das plantas diversas que decoram o reino vegetal e os representantes não menos numerosos da animalidade sobre a Terra!

Entretanto podemos colocar como princípio absoluto que todas as substâncias conhecidas e desconhecidas, qualquer que seja a dessemelhança que apresentem, seja sob o ponto de vista de sua constituição íntima, seja sob a semelhança de sua ação recíproca, são, apenas, de fato, modos diversos sob os quais a matéria se apresenta, ainda, variedade nas quais ela se transforma sob comando das forças inúmeras que a governam.

4. – A Química, cujo progresso foi muito rápido desde minha época, onde seus adeptos, eles próprios, a relegavam ainda ao domínio secreto da magia, esta nova ciência que se pode, a justo título, considerar como cria do século observador, e como unicamente baseada, bem mais solidamente que suas irmãs primogênicas, sobre a metodologia experimental; a Química, digo eu, fez belo jogo dos quatro elementos primitivos que os Anciãos estariam acordes em reconhecer na dita natureza; ela mostrou que o elemento terrestre é apenas a combinação de substâncias diversas, variáveis ao infinito; que o ar e a água são igualmente alteráveis, que são o produto de um certo número de equivalentes de gás; que o fogo, longe de ser, ele também, um elemento principal, é, apenas, um estado da matéria resultante do movimento universal ao qual ela está submissa, e de uma combustão sensível ou latente.

Em compensação, ela encontrou um numero considerável de princípios até então desconhecidos que lhe tenham dado forma, por suas combinações determinadas, as diversas substâncias, os diversos corpos que ela tem estudado, e que procedem simultaneamente segundo certas leis, e em certas proporções nos trabalhos operados no grande laboratório da natureza. Estes princípios ela os denominou *corpos simples*, indicando pelas quais as considera como primitivas e indecomponíveis, e que nenhuma operação, até este dia, não os saberia reduzir em partes mais simples que eles mesmos. (2)

5. – Mas, lá onde se detêm as apreciações do homem, ajudado, mesmo, por seus sentidos artificiais os mais impressionáveis, a obra da natureza prossegue; lá, onde o vulgar toma aparência de realidade; lá onde o prático levanta o véu e distingue o começo das coisas, o olho do que possa prender o modo de ação da natureza, não vê sob os materiais constitutivos do mundo, senão a *matéria cósmica* primitiva, simples e una, diversificada em certas regiões na época de seu nascimento, partilhada em corpos solidários durante sua vida, e desmembradas um dia no receptáculo do entendimento por sua decomposição.

6. – Existem questões que nós mesmos, Espíritos apaixonados de ciência, não saberíamos aprofundar e sobre as quais não poderíamos emitir senão opiniões pessoais mais ou menos conjecturais; sobre tais questões eu me calo ou justificaria a minha maneira de ver; mas, ela não está neste número. Aos que, pois estivessem tentados a ver em minhas palavras apenas uma teoria duvidosa, eu direi: abraçai-vos, se é possível, num olhar investigador, a multiplicidade das operações da natureza, e reconheceréis que, se não admitirmos a unidade da matéria, é impossível explicar, não direi somente os sóis e as esferas, mas sem ir tão longe, a germinação de um grão sob a terra, ou a produção de um inseto.

7. – Se observarmos uma tal diversidade na matéria, é porque as forças que presidem suas transformações, as condições nas quais elas se produzem, estando em número ilimitado, as combinações variadas da matéria poderiam ser, apenas, seres ilimitados, eles próprios.

Pois, que a substância que se considera pertencente aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, ou aos que estão revestidos de caracteres e de propriedades ordinárias da matéria, só há em todo Universo somente uma única substância primitiva: o *cosmo* ou *matéria cósmica* dos uranógrafos.

AS LEIS E AS FORÇAS

8. – Se um destes seres desconhecidos que consomem suas existência efêmera ao fundo das regiões tenebrosas do oceano; se um destes poligástricos, destas nereidas – miseráveis animáculos que só conhecem da natureza os peixes ictiófagos e a flora submarina – recebesse, de um só golpe o dom da inteligência, a faculdade de estudar seu mundo e de estabelecer sobre suas apreciações um raciocínio conjectural estendido à universalidade das coisas, que idéia formaria da natureza viva que se desenvolve em seu meio, e do mundo terrestre que não pertencem ao campo de suas observações?

Assim, agora, por um efeito maravilhoso de seu novo poder este mesmo ser conseguisse se elevar acima de suas trevas eternas, à superfície do mar, não longe das praias opulentas de uma ilha com vegetação esplêndida sob o sol fecundo distribuidor de um benfazejo calor, que julgamento possuiria então sobre suas teorias antecipadas da criação universal, teoria que ele encobriria logo por uma apreciação mais ampla, mais relativamente ainda também incompleta como a primeira? Tal é – ó homens! – a imagem de vossa ciência toda especulativa (3).

9. – Já que venho, pois, tratar aqui da questão das leis e das forças que regem o Universo, eu que, como vós, sou apenas um ser relativamente ignorante ao preço da ciência real, malgrado a aparente superioridade que me dá sobre meus irmãos da Terra a possibilidade que me cabe de estudar as questões naturais que lhe são proibidas em sua posição, meu alvo é somente o de expor a noção geral das leis universais, sem explicar em minúcias o modo de ação e a natureza das forças especiais em dependência.

10. – É um fluido etéreo que preenche o espaço e penetra os corpos; este fluido é o *éter* ou *matéria cósmica* primitiva, geratriz do mundo e dos seres. Ao éter são inerentes as forças que presidem as metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Estas forças múltiplas, indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas, diversificadas em seus modos de ação segundo as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra pelos nomes de *peso*, *coesão*, *afinidade*, *atração*, *magnetismo*, *eletricidade ativa*; os movimentos vibratórios do agente são os de: *som*, *calor*, *luz*, etc. Em outros mundos, apresentam-se sob outros aspectos, oferecem outras características incomuns a eles, e na imensa extensão dos céus, um número indefinido de forças desenvolve-se em uma escala inimaginável do que somos também pouco capazes de avaliar a grandeza que o crustáceo ao fundo do oceano o é de abarcar a universalidade dos fenômenos terrestres. (4)

Ora, do mesmo que só há uma única substância simples, primitiva, geradora de todos os corpos, mais diversificados em suas combinações, do mesmo todas estas forças dependem de uma lei universal diversificada em seus efeitos que se a encontra à sua origem e que, em seus decretos eternos foi soberanamente imposta à criação para se constituir a harmonia e a estabilidade permanentes.

11. – A natureza jamais se opôs a ela própria. O brasão do Universo tem apenas uma divisa: UNIDADE / VARIÉDADE. Remontando à escala dos mundos, encontra-se a *unidade* da harmonia e da criação ao mesmo tempo em que uma variedade infinita neste imenso canteiro de estrelas; percorrendo os graus da vida, desde o último dos seres até Deus, a grande lei de continuidade se faz reconhecer; considerando as forças nelas mesmas, pode-se com isso formar uma série cuja resultante, confundindo-se com a geratriz, é a lei universal.

Vós não saberíeis apreciar esta lei em toda sua extensão, já que as forças que a representam no campo de vossas observações são restritas e limitadas; entretanto a gravitação e a eletricidade podem ser apreciadas como uma larga aplicação da lei primordial que rege para além dos céus.

Todas estas forças são eternas – explicaremos esta palavra – e universais como a Criação; estando inerente ao fluido cósmico, elas atuam necessariamente em tudo e por toda parte, modificando sua ação pela sua simultaneidade ou sua sucessão; predominante aqui, eclipsando-se mais longe; poderosa e ativa em certos pontos, latentes ou secretas em outros; mas finalmente, preparando, dirigindo, conservando e destruindo os mundos em seus diversos períodos de vida, governando os trabalhos maravilhosos da natureza em qualquer ponto que se executem, assegurando para sempre o eterno esplendor da Criação.

A CRIAÇÃO PRIMEIRA

12. – Após ter considerado o Universo sob os pontos de vista gerais de sua composição, de suas leis e de suas propriedades, podemos levar nossos estudos para o modo de formação que deu o dia aos mundos e aos seres; baixaremos, em seguida, à criação da Terra em particular e a seu estado atual na universalidade das coisas e então, tomando este globo por

ponto de partida e como unidade relativa, procederemos a nossos estudos planetários e siderais.

13. – Se houvermos bem compreendido a relação, ou antes, a oposição da eternidade com o tempo, se nos familiarizarmos com esta ideia de que o tempo é apenas uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias, enquanto que a eternidade é essencialmente uma, imóvel e permanente, e que não se torna susceptível de nenhuma medida ao ponto de vista da duração, compreenderemos que, através dela não existe nem começo nem fim.

Por outro lado, se fizermo-nos uma justa ideia – contudo necessariamente bem fraca –, da imensidão do poder divino, compreenderemos como é possível que o Universo tenha sempre existido e o sido sempre. Do momento onde Deus ficou, suas perfeições eternas se pronunciaram. Antes que os tempos se formassem, a eternidade incomensurável recebeu a palavra divina e fecundou o espaço eterno tal seja ela.

14. – Deus sendo, por sua natureza, todo eterno, criou de toda a eternidade e não poderia ser de outra forma; porque a qualquer época longínqua que retrocedamos em imaginação, os limites supostos da Criação, restará sempre além deste limite uma eternidade – pese bem este pensamento – uma eternidade durante a qual as divinas hipóstases (e), as volições infinitas teriam estado sepultadas em uma muda letargia inativa e fecunda, uma eternidade de morte aparente para o Pai eterno que dá vida aos seres, de mutismo indiferente para o verbo que os governa, de esterilidade fria e egoística para o Espírito de amor e de vivificação.

Compreendamos melhor a grandeza da ação divina e sua perpetuidade sob a mão do ser absoluto! Deus é o sol dos seres; é a iluminação do mundo. Ora, a aparição do Sol dá instantaneamente nascimento a ondas de luz que vão se propalando por toda parte na vastidão; do mesmo modo, o Universo, nascido da Eternidade, remonta aos períodos inimagináveis do infinito na duração, ao *Fiat lux inicial*.

15. – O início absoluto das coisas, remonta, pois a Deus; suas aparições sucessivas no domínio da existência constituem a ordem da criação perpétua.

Qual imortal saberia dizer sobre as magnificências desconhecidas e soberbamente veladas sob a noite das idades que se desenvolveram nestes tempos antigos onde nada de maravilha do Universo atual existia; nesta época primitiva onde a voz do Senhor fazendo-se ouvir, os materiais que deveriam, no futuro, reunir-se simetricamente e por si mesma por forma o templo da natureza, encontrar-se-iam de súbito no centro das vidas infinitas; quanto a esta voz misteriosa que cada criatura venera e acaricia como se de uma mãe, notas harmoniosamente variadas produzir-se-iam para ir vibrar juntamente e modular o concerto dos vastos céus!

O mundo em seu berço jamais foi estabelecido em sua virilidade e em sua plenitude de vida; não: o poder criador não se contradiz nunca e, como todas as coisas, o Universo nasceu menino. Revestida das leis mencionadas mais acima, e da impulsão natural inerente à sua formação própria, a matéria primitiva deu sucessivamente origem a turbilhões, a aglomerações deste fluido difuso, a montão de matéria nebulosa que se dividiu por si e se modificou ao infinito para produzir, nas regiões incomensuráveis da extensão, diversos centros de criações simultâneas ou sucessivas.

Em razão das forças que predominaram sobre um ou sobre outro, e das circunstâncias ulteriores que presidiram a seus desenvolvimentos, estes centros primitivos tornaram-se os focos de uma vida especial; alguns menos disseminados no espaço e mais ricos em princípios e em forças atuantes começaram desde então sua vida astral particular; os outros ocupando

uma extensão ilimitada, ampliaram-se apenas com uma extrema lentidão ou se dividiram de novo em outros centros secundários.

16. – Reportando-nos há alguns milhões de séculos somente, acima da época atual, nossa Terra não existe ainda, nosso sistema solar, ele mesmo, não começou as evoluções da existência planetária; e durante este tempo já esplêndidos sóis iluminavam o éter; já planetas habitados davam a vida e a existência a uma multidão de seres que nos precederam à carreira humana; as produções opulentas de uma natureza desconhecida e os fenômenos maravilhosos do céu desenvolvendo sob outros olhares os quadros da imensa criação. Que digo! Agora os esplendores não mais são como outrora fazendo palpar o coração de outros mortais sob o pensamento do infinito poder! E nós, pobres pequenos seres mortificamos após uma eternidade de vida, julgamo-nos contemporâneos da Criação!

Ainda uma vez, compreendamos melhor a natureza. Saibamos que a eternidade esta após nós como antes, que o espaço é o teatro de uma sucessão e de uma simultaneidade inimaginável de criações. Tais nebulosas que distinguimos com dificuldade na lonjura do céu, são aglomerações de sóis em via de formação; tais outras são vias lácteas de mundos habitados; outras, enfim, o sítio de catástrofes ou de enfraquecimento. Saibamos, mesmo, que estamos colocados no meio de uma infinidade de mundos, mesmo que estamos no meio de uma dupla infinidade de durações anteriores e posteriores; que a criação universal não é apenas para nós, e que devemos reservar este conceito à formação isolada de nosso pequeno globo.

A CRIAÇÃO UNIVERSAL

17. – Após estar restabelecido, tanto quanto seja nossa tendência, sobre a fonte oculta de onde provêm os mundos como as gotas de água de um rio, consideremos a marcha das criações sucessivas e seus desdobramentos seriados.

A matéria cósmica primitiva continha elementos materiais, fluídicos e vitais de todo o Universo que desenrolam suas magnificências perante a eternidade; ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira progenitora e, o que é mais, a geratriz eterna. Não tem, pois, desaparecido, esta substância da qual provêm as esferas siderais; não está, pois, morta, esta potência, porque ela dá ainda incessantemente a claridade às novas criações e recebe incessantemente os princípios reconstituídos dos mundos que se põem ao lado do livro eterno.

A matéria etérea, mais ou menos rarefeita que se hospedam entre os espaços interplanetários; este fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito nas regiões imensas, ricas em aglomeração de estrelas, mais ou menos condensadas alhures onde o céu astral ainda não brilha, mais ou menos modificado por diversas combinações de acordo com as localizações de extensão, não é outra coisa senão a substância primitiva nas quais residem as forças universais, de onde a natureza tem tirado todas as coisas. (5)

18. – Este fluido penetra nos corpos como um imenso oceano. É nele que reside o princípio vital que dá nascimento à vida dos seres e a perpetua sobre cada globo segundo sua condição, inicialmente no estado latente que dormita lá onde a voz de um ser não o chama. Cada criatura mineral, vegetal, animal, ou outra – porque **é bem de outros reinos naturais dos quais vós não suponhais sequer a existência** (ver uma nota a parte no final deste texto [#]) – sabe, em virtude deste princípio vital universal, apropriar-se das condições de sua existência e de sua duração.

As moléculas do mineral têm sua carga desta vida, tal como a semente e o embrião, e se grupam como no organismo, em figuras simétricas que constituem o indivíduo.

Importa consideravelmente penetrar-se desta noção: que a matéria cósmica primitiva era revestida não apenas de leis que garantem a estabilidade dos mundos, mas ainda do princípio vital universal que forma as gerações espontâneas (f) sobre cada mundo, à medida que se manifestam as condições de existência sucessiva dos seres e quando soa a hora da aparição dos meninos da vida de acordo com o período criador.

Assim se efetua a criação Universal. É, pois verdadeiro dizer que as operações da natureza sendo a expressão da vontade divina, Deus tem sempre criado, criado sem cessar e criará sempre.

19. – Mas até então nós temos atravessado sob silêncio o *mundo espiritual* que, ele também, faz parte da criação e executa suas destinações segundo as augustas prescrições do Mestre.

Eu só posso dar um ensinamento bem restrito sobre a maneira do modo de criação dos Espíritos tendo atenção à minha própria ignorância, mesmo, e devo me calar ainda sobre questões que me tenham sido permitido aprofundar.

A estes que estão religiosamente desejando conhecer, e que são humildes perante Deus, eu direi, suplicando-lhes que não fundamentar nenhum sistema prematuro sobre minhas palavras: o Espírito nunca chega a receber a iluminação divina que lhe dá, ao mesmo tempo que o livre arbítrio e a consciência, a noção dos seus altos destinos sem ter passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores entre os quais se elabora lentamente a obra de sua individualidade; é somente a contar do dia em que o Senhor imprime sobre sua fronte seu augusto tipo, que o Espírito toma fileira entre as humanidades.

Ainda uma vez, não construais nunca sobre minhas palavras vossos raciocínios, tão tristemente célebres na história da metafísica; preferirei mil vezes me calar sobre questões também elevadas acima de nossas meditações ordinárias, antes que de vos expor a deformar o sentido de meu ensinamento, e a vos enfiar, por minha falta, nos dédalos intrincados do deísmo ou do fatalismo.

Dessa forma, a Terra já terá ocupado uma posição correlata na existência anterior do Universo, possivelmente mais atrasada do que a sua atual. E, na próxima etapa universal, irá se apresentar em condição de maior evolução; cabe aí a afirmativa espírita de que os que não acompanharem o progresso do planeta serão banidos para constituírem um novo mundo de recuperação.

A concepção de Deus para a Ciência seria a de um Agente Supremo que comandaria este fenômeno. Dessa forma, ele não poderia ser antropomórfico nem ter nosso planeta como centro de suas preocupações, muito menos, estaria provido de sentimentos humanos, incabíveis a Ele.

OS SOIS E OS PLANETAS

20. – Ora, chegou num ponto do Universo que, perdido entre miríades de mundos, a matéria cósmica se condensou sob a forma de uma imensa nebulosa. Esta nebulosa estava animada das leis universais que regem a matéria; em virtude destas leis e notadamente da força molecular de atração, ela tomou a forma da figura de um esferoide, a única que pode moldar primitivamente uma massa de matéria isolada no espaço.

O movimento circular produzido pela gravitação rigorosamente igual de todas as zonas circulares sobre o centro, modificou, logo, a esfera primitiva para conduzi-la de ações em ações, sobre a forma lenticular. – Nós falamos do conjunto da nebulosa.

21. – Novas forças surgiram após este movimento de rotação: a força centrípeta e a força centrífuga. A primeira tendendo reunir todas, a partir do centro, a segunda tendendo a alongá-las. Ora, o movimento em acelerando à medida que a nebulosa se condensa, e seu raio aumentando à medida que ela se aproxima da forma lenticular, a força centrífuga incessantemente desenvolvida por estas duas causas, predominou logo sobre a atração central.

Da mesma forma que um movimento muito rápido da baladeira ela quebra da corda e deixa de arremessar o projétil ao longe, assim, a predominância da força centrífuga destacou o círculo equatorial da nebulosa, e deste anel formou uma nova massa isolada da primeira, porém, não menos submissa a seu império. Esta massa conservou seu movimento equatorial que, modificado, desviou seu movimento de translação em torno do astro solar. Ademais, seu novo estado lhe dá um movimento de rotação em volta de seu próprio centro.

22. – A nebulosa geratriz que deu nascimento a este novo mundo, condensou-se e retomou a forma esférica; mas, o calor primitivo, desenvolvido por seus movimentos diversos, debilita-se com extrema lentidão, o fenômeno que viemos de descrever reproduzir-se-á frequentemente e durante um longo período, tanto que esta nebulosa não será transformada assaz densa, assaz sólida, para opor uma resistência eficaz às modificações de forma que lhe imprime sucessivamente seu movimento de rotação.

Ela não terá, pois, dado nascimento a um só astro, mas a centenas de mundos destacados do espaço central, saído dela pelo modo de formação mencionado acima. Ora, cada um destes mundos, revertido como o mundo primitivo das forças naturais que presidem a Criação dos universos, engendrará, na sequência de novos globos gravitando daí em diante em torno dele, como gravita concorrentemente com seus irmãos em torno do centro principal de sua existência e de sua vida. Cada um destes mundos será um sol, centro de um turbilhão de planetas sucessivamente escapulidos de seu equador. Estes planetas receberão uma vida especial, particular, contudo, dependente de seu astro gerador.

23. – Os planetas são assim formados de massa de matéria condensada, contudo, ainda não solidificadas, desprendidas da massa central pela ação da força centrífuga e em decorrência, em virtude das leis do movimento, a forma esferoidal mais ou menos elíptica, conforme o grau de fluidez que tenham conservado. Um desses planetas será a Terra que, antes de ser resfriada e revestida de uma crosta soída, daria nascimento à lua (h), pelo mesmo modo de formação astral com a qual ela deu sua própria existência; a Terra, desde então inscrita no livro da vida, berço de criaturas cuja fragilidade está protegida debaixo da asa da divina Providência, corda nova sobre a harpa infinita que deve vibrar em seu lugar no concerto universal dos mundos.

OS SATÉLITES

24. – Antes que as massas planetárias não houvessem atingido um grau de resfriamento para que se operasse a solidificação, massas muito pequenas, verdadeiros glóbulos líquidos, foram destacados de algumas no plano equatorial, plano no qual a força centrífuga é maior, e, em virtude das mesmas leis, adquiriram um movimento de translação em torno de seu planeta geratriz como o tem sido com aqueles, em torno de seu astro central gerador.

Foi assim que a Terra deu nascimento à Lua cuja massa menos considerável teve um resfriamento mais imediato. Ora, as leis e as forças que presidiram seu destacamento do equador terrestre e seu movimento de translação neste mesmo plano, agiram de tal maneira que este mundo, em vez de se revestir da forma esferoide, imprimiu o de um globo ovoide, isto é, tendo a forma alongada de um ovo onde o centro de gravidade estaria fixo na parte inferior.

25. – As condições nas quais se efetuou a desagregação da lua, permitiram-lhe apenas que se afastasse da Terra e a forçar a permanecesse perpetuamente suspensa em seu céu, como uma figura ovoide em que as partes mais pesadas formariam a parte inferior voltada para a Terra e onde as partes menos densas ocupariam o cume, se o designarmos por este nome o lado voltado oposto à Terra e se elevando pelo céu. É o que faz com que este astro nos mostre continuamente a mesma face. É possível assimilar, para melhor compreender seu estado geológico, a um globo de cortiça em que a base voltada para a Terra seria formada de chumbo.

Daí, duas naturezas essencialmente distintas à superfície do mundo lunar: uma, sem nenhuma analogia possível com o nosso, porque os corpos fluidicos e etéreos lhe são incomuns; o outro, frugal, relativamente à Terra, já que todas as substâncias menos densa se colocariam sobre este hemisfério. A primeira perpetuamente voltada para a Terra, sem água e sem atmosfera, que não o seja por vezes aos limites deste hemisfério sub-terrestre; o outro, rico em fluidos, perpetuamente oposto ao nosso mundo. (6)

Qual racional e científico que seja esta opinião, como não pôde, ainda, ser confirmada, por alguma observação direta, não poderá ser aceita senão a título de hipótese e como uma ideia podendo servir de primeiro passo à Ciência.

26. – O número e o estado dos satélites de cada planeta variam conforme as condições especiais nas quais eles se formaram. Alguns não deram origem a nenhum astro secundário, tais como Mercúrio, Vênus e Marte (i), enquanto que outros vieram a formar um ou vários, como a Terra, Júpiter, Saturno, etc.

27. – Além de seus satélites ou luas, o planeta Saturno apresenta o fenômeno especial do anel que parece, visto de longe, contorná-lo como uma branca auréola. Esta formação é para nós uma nova prova da universalidade das leis da natureza. Este anel é, de fato, o resultado de uma separação que se operou nos tempos primitivos no equador de Saturno, tal qual como uma zona equatorial escafedeu-se da Terra para formar seu satélite. A diferença consiste no fato de que o anel de Saturno se encontrava formado em todas as suas partes, de moléculas homogêneas, provavelmente já num certo estado de condensação e pôde, desta sorte, continuar seu movimento de rotação no mesmo sentido e em um mesmo tempo quase igual ao que anima o planeta. Se um dos pontos deste anel houvesse sido mais denso que todos os outros, uma ou várias aglomerações de substância sê-lo-iam subitamente operadas, e Saturno teria computado vários satélites a mais. Após o tempo de sua formação, este anel se solidificou tal como os outros corpos planetários. (j)

OS COMETAS

28 – Astros errantes, mais ainda que os planetas que conservaram a denominação etimológica, os cometas serão os guias que nos ajudarão a franquear os limites do sistema ao qual pertence a Terra, para nos levar pelas regiões distantes da extensão sideral.

Mas, antes de explorar, com auxílio destes viajantes do Universo, os domínios celestes, será bom fazer conhecer, o tanto quanto seja possível, sua natureza intrínseca e seu papel na economia planetária.

29. – Tem-se frequentemente visto nestes astros cabeludos mundos em nascimento, elaborando em seu caos primitivo as condições de vida e de existência que são dadas em partilha às terras habitadas; outros têm imaginado nestes corpos extraordinários mundos em estado de destruição e sua aparência singular foi para muitos o motivo de apreciações errôneas sobre sua natureza; de tal sorte que não é, desde a astrologia judiciária quem não o tivesse feito presságios de infelicidade enviados pelos decretos providenciais à Terra tonta e apavorada.

30. – A lei de variedade é aplicada com uma tão grande profusão nos trabalhos da natureza que se indaga como os naturalistas, astrônomos ou filósofos, têm criado tantos sistemas para assimilar os cometas aos astros planetários e para não ver neles senão astros em um grau mais ou menos elevado de desenvolvimento ou de caducidade. Os quadros da natureza deviam amplamente bastar, todavia, para afastar do observador a atenção de encontrar referências que não existam e deixar aos cometas o papel modesto, mas útil, de astros errantes servindo de explorador pelos impérios solitários. Porque os corpos celestes dos quais se discute são todos outros quais corpos planetários. Eles nunca têm, como outros, o destino de servir de morada para humanos; eles vão sucessivamente de sol em sol, enriquecendo-se por vezes em rota de fragmentos planetários reduzido a estado de vapores, haurindo na sua lareira os princípios vivificantes e renovadores que derramam sobre os mundos terrestres.

31. – Se, quando um destes astros se aproxima de nosso pequeno globo, para atravessar sua órbita e retornar a seu apogeu situado a uma distância incomensurável do Sol, nós o seguirmos, pelo pensamento, para visitar com ele os sítios siderais, transporíamos esta extensão prodigiosa de matéria etérea que separa o Sol das estrelas as mais vizinhas, e, observando os movimentos combinados deste astro que o críamos perdido no deserto do infinito, encontraríamos lá ainda uma prova eloquente da universalidade das leis da natureza, que se exercitam a distâncias que a imaginação a mais ativa pode, a duras penas, conceber.

Lá, a forma elíptica toma a forma parabólica e a marcha se torna lenta a ponto de percorrer apenas alguns metros no mesmo tempo em que no seu perigeu ele percorreria miríades de léguas. Talvez um Sol mais poderoso, mais importante que aquele que ele veio de deixar, agirá sobre este cometa uma atração preponderante e o receberá na fileira de seus próprios objetos, e então os filhos estonteados de vossa pequena terra esperarão em vão o retorno que haviam prognosticado por observações incompletas. Neste caso, nós, cujo pensamento seguiu o cometa errante em suas regiões desconhecidas, reencontraremos, então, uma nova nação não encontrável pelas observações terrestres, inimagináveis para os Espíritos que habitam a Terra, inconcebível, até, a seus pensamentos, porque será o teatro de maravilhas inexploradas.

Somos provindos ao mundo astral, neste mundo resplandecente de vastos sóis que irradiam no espaço infinito, e que são as flores brilhantes do jardim magnífico da Criação. Chegados aí, saberemos apenas o que é a Terra.

A VIA LÁCTEA

32. – Durante as belas noites estelares e sem lua, cada um pôde distinguir este luar alvacentos que atravessa o céu de uma extremidade à outra, e que os Anciões tinham denominado de *Via Láctea*, por causa de sua aparência leitosa. Este luar difuso tem sido longamente explorado pelas lentes do telescópio nos tempos modernos e este caminho de pó de ouro, ou este riacho de leite da antiga mitologia, transformou-se em um vasto campo de maravilhas desconhecidas. As pesquisas dos observadores têm levado ao conhecimento de sua natureza e têm mostrado

lá onde o olhar perdido só encontra uma tênue claridade, milhões de sóis mais luminosos e mais importantes do que o que nos alumia.

33. – A Via Láctea, de fato, é uma campina semeada de flores solares ou planetárias que brilham em sua vasta extensão. Nosso Sol e todos os corpos que a acompanham, fazem parte desses globos radiantes dos quais se compõe a Via Láctea; mas, malgrado suas dimensões gigantescas relativamente à Terra e à grandeza de seu império, ocupa, apenas um lugar inapreciável nesta vasta criação. Pode-se computar uma trintena de milhões de sóis semelhantes a ele que gravitam nesta imensa região, distanciados cada um dos outros de mais de cem mil vezes o raio da órbita terrestre. (7)

34. – Pode-se julgar, por esta aproximação da extensão desta região sideral e da relação que une nosso sistema à universalidade dos sistemas que o ocupam. Pode-se julgar igualmente a exiguidade do domínio solar e, à mais forte razão, do nada de nossa pequena Terra. Que será, pois, se considerarmos os seres que as povoam?

Digo do nada, porque nossa determinação se aplica, não somente à extensão material, física, dos corpos que estudamos – este seria pouco – mas ainda e, sobretudo a seu estado moral de habitação, ao grau que ocupam na universalidade hierárquica dos seres. A criação aí se mostra em toda sua majestade, criando e propagando tudo em volta do mundo solar e, em cada um dos sistemas que o envolvem de todas as partes, as manifestações da vida e da inteligência.

35. – Conhece-se desta maneira a posição ocupada pelo nosso Sol ou pela Terra no mundo das estrelas; estas considerações adquirirão um maior peso ainda si se referir ao estado mesmo da Via Láctea que, na imensidão das criações siderais, ela mesma representa apenas um ponto insensível e inapreciável visto de longe; porque ela não é outra coisa senão uma nebulosa estelar, como as existem aos milhares no espaço. Se ela nos parece mais vasta e mais rica eu as outras, é por esta simples razão de que ela nos envolve e se desenvolve em toda sua extensão sob nossos olhos; enquanto que as outras, perdidas nas profundezas insondáveis, deixam-se apenas entrever.

36. – Ora, se sabemos que a Terra não é nada ou quase nada no sistema solar, este nada ou quase nada na Via Láctea, aquela pouca coisa ou quase nada na universalidade das nebulosas e esta universalidade, ela própria muito pouco no meio do imenso infinito, começar-se-á a compreender o que é o globo terrestre. (I)

AS ESTRELAS FIXAS

37. – As estrelas que chamamos de fixas e que constelam os dois hemisférios do firmamento não são absolutamente isoladas de toda atração exterior como se supõe geralmente; longe disso, elas pertencem, todas, a uma mesma aglomeração de astros estelares. Esta aglomeração não é outra senão a grande nebulosa da qual fazemos parte e da qual o plano equatorial que se projeta no céu recebeu o nome de *Via Láctea*. Todos os sóis que a compõem são solidários; suas múltiplas influências reagem perpetuamente uma sobre a outra, e a gravitação universal as reúne todas em uma mesma família.

38. – Entre estes diversos sóis, a maior parte é, como o nosso, envolta de mundos secundários que eles iluminam e fecundam dentro da mesma lei que preside a vida de nosso sistema planetário. Alguns, como “Syrius”, são milhares de vezes mais magníficos em dimensão e em riqueza que o nosso e seu papel mais importante no Universo, do mesmo modo que planetas em maior número e bem superiores aos nossos os circundam. Ademais, são muito diferentes

por suas funções astrais. É assim que um certo número de sóis, verdadeiros gêmeos da ordem sideral, está acompanhado de seus irmãos da mesma idade e forma no espaço, sistemas binários aos quais a natureza deu funções distintas das que cabem o nosso Sol. Lá, os anos não se medem mais pelos mesmos períodos, nem os dias pelos mesmos sóis e estes mundos iluminados por uma dupla flama receberam em partilha de condições de existência inimagináveis para os que não saíram deste pequeno mundo terrestre.

Outros astros, sem cortejo, privados de planetas, receberam melhores elementos de habitabilidade os quais são dados a qualquer um. As leis da natureza estão diversificadas em sua imensidão e se a unidade é a grande palavra do universo, a variedade infinita não o é menos o eterno atributo.

39. – Malgrado o número prodigioso destas estrelas e de seus sistemas, malgrado as distâncias incomensuráveis que as separam, não pertencem menos, todas à mesma nebulosa estelar que a visão dos mais poderosos telescópios possa, a duras penas, atravessar, e que, as concepções mais audaciosas da imaginação possam com dificuldade superar; nebulosa que, todavia, não passa de uma unidade das nebulosas que compõem o mundo astral.

40. – As estrelas que se chamam de fixas não são nada imóveis na vastidão. As constelações as quais têm figurado na abóbada do firmamento não são criações simbólicas reais. A distância da Terra e a perspectiva sob a qual se mede o Universo após esta estação são as duas causas desta dupla ilusão de óptica.

41. – Temos visto que a totalidade dos astros que brilham no zimbório azulado, está contida numa mesma aglomeração cósmica, em uma mesma nebulosa que nomeaste *Via Láctea*; mas, por pertencer todos ao mesmo grupo, estes astros não o são menos animados, cada qual, de um movimento próprio de translação no espaço. O repouso absoluto não existe em nenhuma parte; são regidos pelas leis universais de gravitação e giram pela vastidão sob impulso incessante desta força imensa; rolam jamais seguindo rotas traçadas pelo acaso, mas seguindo órbitas fechadas cujo centro é ocupado por um astro superior. Por tornar minhas palavras mais compreensíveis pelo exemplo, falarei especialmente do vosso Sol.

42 – Sabe-se, por observações modernas que ele nem está fixo nem central, como se acreditava nos primeiros dias da astronomia nova, mas, que ele avança no espaço, arrastando com ele seu vasto sistema de planetas, de satélites e de cometas.

Ora, esta marcha não é nada fortuita e ele não vai jamais, errante nas vides infinitas, extraviar-se longe das regiões que lhe sejam consignadas, seus filhos e seus dependentes. Não, sua órbita é mensurável e, concorrentemente com outros sóis da mesma ordem que ele, e circundados como ele, de um certo número de terras habitadas, gravita em torno de um Sol central. Seu movimento de gravitação assim como o dos sóis seus irmãos, é despercebido em observações anuais, porque períodos seculares em grande número serviriam apenas para marcar o tempo de um destes anos astrais.

43. – O Sol centro do qual acabamos de falar é, ele mesmo, um globo secundário relativamente a um outro mais importante ainda, em volta do qual se perpetua uma marcha lenta e medida em companhia de outros sóis da mesma ordem.

Poderíamos constatar esta subordinação sucessiva de sóis a sóis até o que nossa imaginação se torne fatigada de escalar uma tal hierarquia; porque não nos esqueçamos, pode-se computar em números redondos uma trintena de milhões de sóis na *Via Láctea*, subordinados uns aos outros, como engrenagens gigantescas de um imenso sistema.

44 – E estes astros, em números incomparáveis, vivem cada um de uma vida solidária; do mesmo modo que nada está isolado da economia de vosso pequeno mundo terrestre, também nada se encontra isolado no incomensurável Universo.

Estes sistemas de sistemas pareceriam de longe, à vista do investigador, do filósofo, que poderiam abarcar o quadro desenvolvido pelo espaço e pelo tempo, uma poeira de pérolas de ouro erguida em turbilhões sob o sopro divino que faz voar os mundos siderais nos céus, como os grãos de areia sobre as cotas do deserto.

Mais de imobilidade, mais de silêncio, mais de noite! O grande espetáculo que se desenrola da condição sob nossas observações seria a criação real, imensa e plena da vida etérea que abraça no conjunto imenso a visão infinita do Criador.

Mas nós não temos até aqui falado senão de uma nebulosa; seus milhões de sóis e de terras habitadas, não formam como temos dito, senão, uma ilha no arquipélago infinito.

OS DESERTOS DO ESPAÇO

45. – Um deserto imenso, sem limites, estende-se além da aglomeração de estrelas das quais viemos de falar e englobar. Solidões sucedem a solidões, e as planícies imensas do vazio se estendem ao longe. Os montões de matéria cósmica, encontrando-se isolados no espaço como as ilhas flutuantes de um imenso arquipélago, se o quisermos apreciar de alguma maneira a ideia da enorme distância que separa o montão de estrelas das quais fazemos parte, das mais próximas aglomerações, é preciso saber que estas ilhas estelares estão disseminadas e raras no vasto oceano dos céus e que a extensão que as separa umas das outras é incomparavelmente maior que aquela que mede suas dimensões respectivas.

Ora, lembra-se que a nebulosa estelar mede, em números redondos, mil vezes a distância das mais próximas estrelas tomada por unidade, ou seja, algumas centenas de mil trilhões de léguas. A distância que se estende entre elas estando muito mais vasta não poderia ser expressa por números acessíveis à compreensão de nosso espírito; a imaginação só, nestas mais altas concepções, é capaz de superar estaimensidão prodigiosa, estas solidões mudas e privadas de toda aparência de vida e de examinar, de alguma forma, a ideia deste infinito relativo.

46. – Este deserto celeste, entretanto, que envolve nosso universo sideral, e que parece estender-se como os confins recuados de nosso mundo astral, está abrangido pela vida e pelo poder infinito do Mais-Elevado que, para além destes céus de nossos céus, desenvolveu a trama de sua criação ilimitada.

47. – Além destas vastas solidões, de fato, dos mundos radiantes em suas magnificências tanto quanto nas regiões acessíveis às investigações humanas, além destes desertos, esplêndidos oásis vagueantes no límpido éter, e renovam incessantemente as cenas admiráveis da existência e da vida. Além, desenrolam-se os agregados longínquos de substância cósmica, que a visão profunda do telescópio entrevê através de regiões transparentes de nosso céu; estas nebulosas que nomeais irresolúveis e que vos aparecem como leves nuvens de poeira branca, perdidos em um ponto desconhecido do espaço etéreo. Lá se revelam e se desenvolvem mundos novos onde, condições variadas e estranhas a estas e que são inerentes a vosso globo, dão-lhe uma vida que vossa concepção não pode imaginar, nem vosso estudo constatar. É lá que resplandece em toda sua plenitude o poder criador; para

os que vêm das regiões ocupadas por vosso sistema, as manifestações da vida e as rotas novas que seguimos nestes países estrangeiros, abrem-nos perspectivas desconhecidas.

SUCESSÃO ETERNA DOS MUNDOS

48. – Temos visto que uma só lei primordial e geral foi dada ao Universo a fim de assegurar a estabilidade eterna, e que esta lei geral é perceptível a nossos sentidos por diversas ações particulares que nós denominamos de forças diretrizes da natureza. Vamos mostrar, hoje, que a harmonia do mundo inteiro, considerado sob o duplo aspecto da eternidade e do espaço, é assegurada por esta lei suprema.

49. – De fato, se remontarmos à origem primeira das primitivas aglomerações de substância cósmica, distinguiremos que já, sob o império desta lei, a matéria sofreu as transformações necessárias que a conduzem do germe ao fruto maduro, e que, sob a impulsão das forças diversas nascidas desta lei, ela percorre a escala de suas revoluções periódicas; primeiro centro fluídico dos movimentos, a seguir, gerador dos mundos, mais tarde núcleo central e atrativo das esferas que tomaram nascimento em seu seio.

Já sabemos que estas leis presidem a história do Cosmos; o que importa de saber agora é que elas presidem igualmente a destruição dos astros, porque a morte não é somente uma metamorfose de ser vivo, mas ainda uma transformação da matéria inerme; e, se é verdade dizer, no sentido literal, que a vida apenas é acessível sem a razão da morte, é também justo de ajuntar que a substância deve com toda necessidade suportar as transformações inerentes à sua constituição.

50. – Eis um mundo que após seu berço primitivo percorreu toda a escala dos anos que sua organização especial lhe permitiu percorrer; a lareira interior de sua existência extinguiu, seus elementos próprios perderam sua virtude primária; os fenômenos de sua natureza que reivindicavam para sua produção a presença e a ação das forças devolutas para este mundo, não podem se apresentar de hoje em diante, porque esta alavanca de sua atividade não tem mais o ponto de apoio que lhe dava toda sua força.

Ora, pensar-se-á que esta terra extinta e sem vida vá continuar a gravitar no espaço celeste, sem alvo, e passar como uma cinza inútil no turbilhão dos céus? Pensar-se-á que ela resta inscrita no livro da vida universal, quando ela não passa de uma letra morta e despida de sentido? Não; as mesmas leis que o elevaram acima do caos tenebroso e que lhe gratificaram dos esplendores da vida, as mesmas forças que o governaram durante os séculos de sua adolescência, que lhe asseguraram seus primeiros passos na existência e que o conduziram à idade madura e à velhice, irão presidir à degradação de seus elementos constitutivos para entregá-los ao laboratório onde o poder criador haure sem cessar as condições da estabilidade geral. Estes elementos vão voltar a esta massa comum do éter para assimilar-se a outros corpos, ou para regenerar outros sóis; e esta morte não será um evento inútil a esta terra nem à suas irmãs; ele renovará em outras regiões outras criações de uma natureza diferente e lá, onde sistemas de mundo se tenham desvanecido renascerá logo um novo canteiro de flores mais brilhantes e mais perfumadas. (m)

51. – Assim, a eternidade real e efetiva do Universo está assegurada pelas mesmas leis que dirigem as operações do tempo; assim os mundos se sucedem aos mundos, os sóis aos sóis, sem que o imenso mecanismo da vastidão dos céus seja jamais golpeado nestas gigantescas jurisdições.

Lá, onde vossos olhos admiram esplêndidas estrelas sob a abóbada das noites, lá onde vosso espírito contempla as radiações magníficas que resplandecem sob distantes espaços, após longo tempo o dedo da morte sorveu estes esplendores, após longo tempo, o vazio sucedeu a estes deslumbramentos e recebeu, mesmo, novas criações ainda desconhecidas. O imenso afastamento destes astros pelo que a luz que eles nos enviam gasta milhares de anos a nos chegar faz com que recebamos somente agora os raios que eles nos tenham enviado muito tempo antes da criação da Terra e que nós os observaremos ainda durante milhares de anos após seu desaparecimento real.

Que são os seis mil anos da humanidade histórica ante os períodos seculares? Segundos nos vossos séculos? Que são vossas observações astronômicas ante o estado absoluto do mundo? A sombra eclipsada pelo Sol.

52. – Pois, aqui, como em nossos outros estudos, reconheçamos que a Terra e o homem nada são ao prêmio deste que é, e que as mais colossais operações de nosso pensamento não o entendem ainda senão em um campo imperceptível perante a imensidão e da eternidade de um universo que não findará jamais.

E quando estes períodos de nossa imortalidade tiverem passado sobre nossa cabeça, quando a história atual da Terra nos apresentar como uma sombra vaporosa ao fundo de nossa lembrança; que tenhamos habitado durante séculos inomináveis estes diversos degraus de nossa hierarquia cosmológica; que os domínios os mais longínquos das idades futuras tenham sido percorridos por inumeráveis peregrinações, teremos ante nós a sucessão ilimitada dos mundos e a imobilidade eterna por perspectiva.

A VIDA UNIVERSAL

53. – Esta imortalidade das almas, da qual o sistema do mundo físico é a base, tem parecido imaginário aos olhos de certos pensadores preconceituosos; eles a têm ironicamente qualificado de imortalidade viajante e não compreendem que ela somente era verdadeira ante o espetáculo da criação. Conforme seja possível de se fazer compreender toda a grandeza, eu diria quase toda a perfeição.

54. – Que as obras de Deus sejam criadas pelo pensamento e a inteligência; que os mundos sejam a estada de seres que as contemplam e que descubrem sob seus véus o poder e a sabedoria do que os formou, esta questão não é mais incerta para nós; mas que as almas que as povoam sejam solidárias, é o que importa conhecer.

55. – A inteligência humana, de fato, tem pena em considerar estes globos radiantes, que cintilam na vastidão, como simples massas de matéria inerte e sem vida; tem pena de sonhar que há nestas regiões distantes, magníficos crepúsculos e noites esplêndidas, sóis fecundos e dias cheios de luz, vales e montanhas onde as produções múltiplas da natureza desenvolveram toda sua pompa luxuriante; tem pena de supor, digo-o, que o espetáculo divino onde a alma pode se retemperar como em sua própria vida, seja despojado de existência e privado de todo ser pensante que o pudesse conhecer.

56. – Mas, a esta ideia eminentemente justa da criação, é preciso juntar esta da humanidade solidária e é nisto que consiste o mistério da eternidade futura.

Uma mesma família humana foi criada na universalidade dos mundos, e os liames de uma fraternidade ainda não apreciada de vossa parte têm sido dados a estes mundos. Se estes astros que se harmonizam nos seus vastos sistemas estão habitados por inteligências, não é

absolutamente por seres desconhecidos uns dos outros, mas bem por seres marcados à frente do mesmo destino que deviam se reencontrar momentaneamente segundo suas funções de vida e se reencontrar segundo suas mútuas simpatias; é a grande família de espíritos que povoam as terras celestes; é a grande radiação do Espírito divino que abraça a extensão dos céus e que resta como tipo primitivo e final da perfeição espiritual.

57. – Por que estranha aberração ter-se acreditado dever negar à imortalidade as vastas regiões do éter, quando se a reencerra em um limite inadmissível e numa dualidade absoluta? O verdadeiro sistema do mundo deveria ele, pois, preceder à verdadeira doutrina dogmática, e a Ciência a Teologia? Esta extraviar-se-ia tanto que sua base se apoiaria sobre a Metafísica? A resposta é fácil e nos mostra que a nova filosofia se assentará triunfante sobre as ruínas da antiguidade, porque sua base se elevará vitoriosa sobre os velhos erros. (n)

A CIÊNCIA

58. – A inteligência humana criou suas poderosas concepções sob os limites do espaço e do tempo; ela penetrou no domínio inacessível dos velhos tempos, sondou o mistério dos céus insondáveis explicando o enigma da criação. O mundo exterior se desenvolveu sob os olhares da ciência seu panorama esplêndido e sua magnífica opulência, e os estudos do homem se elevaram ao conhecimento da verdade; ele explorou o universo, encontrou a expressão das leis que o regem e a aplicação das forças que o sustentam e se não lhe tenham sido dado mirar, face a face, a causa primeira, ao menos é bem sucedido na noção matemática da série de causas secundárias.

Neste último século, sobretudo, o método experimental – somente que seja verdadeiramente científica – tem sido posto em prática nas ciências naturais, e por sua ajuda, o homem está despojado dos prejulgamentos da antiga Escola e das teorias especulativas para se reafirmar no campo da observação e o cultivar com senso e inteligência.

Sim, a ciência dos homens é sólida e fecunda, digna de nossas homenagens pelo seu passado difícil e extensivamente provado, digno de nossas simpatias pelo seu porvir, engrossado de descobertas úteis e proveitosos; porque a natureza é de hoje em diante um livro acessível às pesquisas do homem estudioso, um mundo aberto às investigações do pensador, uma região brilhante que o espírito humano já visitou, e na qual ele pode duramente progredir, tendo em mão a experiência por bússola.

59. – Um velho amigo de minha vida terrestre assim me falou recentemente. Uma peregrinação nos tem mantido sobre a terra, e nós preparamos de novo moralmente este mundo; meu acompanhante aditou que o homem está atualmente familiarizado com as leis, as mais abstratas da mecânica, da física, da química; que as aplicações à indústria não são menos notáveis do que as deduções da ciência pura, e que a criação por inteiro, sabiamente estudada por ele parecia ser daqui para frente seu real apanágio. E como perseguimos nossa marcha fora deste mundo, eu o respondi em seus termos:

60. – Tênuo átomo (8) perdido em um ponto imperceptível do infinito, o homem acreditou entrelaçado em seus olhares a extensão universal, quando poderia com dificuldade contemplar a região que habita; ele crê que estuda as leis da natureza inteira quando, suas apreciações tinham, apenas, se referido às forças em ação em volta dele; acreditou que determinara a grandeza do céu quando se resumia na determinação de um grão de poeira. O campo de suas observações é tão exíguo como um acontecimento perdido de vista, o espírito tem pena de reencontrar; o céu e a terra do homem são tão pequenos, que a alma em seu impulso não tem

o tempo de ostentar sua asa antes de ser bem sucedido nas últimas paragens acessíveis à observação.

O universo incomensurável nos cerca por todas as partes, ostentando para além dos céus riquezas incomensuráveis, pondo em jogo forças inapreciáveis, desenvolvendo modos de existência inconcebíveis para nós e propagando ao infinito o esplendor e a vida.

E o animálculo, mísero ácaro, privado de asas e de luz, da qual triste existência se consome sobre a pétala que lhe deu o dia, pretenderia – porque ele faz qualquer passo sobre esta pétala agitada pelo vento – ter o direito de falar sobre a árvore imensa de onde se apartou, árvore, pois, da qual apenas percebe a sombra; ele se imaginaria loucamente poder raciocinar sobre a floresta da qual sua árvore faz parte e discutir sabiamente sobre a natureza dos vegetais que aí se desenvolvem, seres que habitam, do sol longínquo do qual os raios descendentes algumas vezes aí levar o movimento e a vida? – Em verdade, o homem seria arrogantemente pretensioso de querer medir a grandeza infinita ao pé de sua pequenez ínfima!

Também deveria estar bem compenetrado desta ideia: que se os labores áridos dos séculos passados lhe dotassem de seus primeiros conhecimentos das coisas, se a progressão do espírito o colocou no vestíbulo do saber, apenas ainda fez soletrar a primeira página do livro; que ele é como a criança, susceptível de se esbarrar a cada palavra e, longe de pretender interpretar a obra de maneira doutoral, deva se contentar em estudar humildemente, página por página, linha por linha. Venturoso ainda o que o possa fazer.

CONSIDERAÇÕES MORAIS

61. – Vós nos tendes seguido em nossas excursões celestes e tendes visitado conosco regiões imensas do espaço. Sob nosso olhar, os sóis têm se sucedido aos sóis, os sistemas aos sistemas, as nebulosas às nebulosas; o panorama esplêndido da harmonia do cosmos se desenrolam ante nossos passos, e temos recebido um antegozo de ideia de infinito que não pudemos compreender em toda sua plenitude senão conforme nossa perfectibilidade futura. Os mistérios do éter têm desfeito seu enigma até então indecifrável e concebemos, ao menos, a ideia de universalidade das coisas. Importa, agora, de avançarmos e de refletirmos.

62. – É bonito sem dúvida, ter reconhecido o infinito daqui da terra e sua medíocre importância na hierarquia dos mundos; é belo ter-se combatido a presunção humana que nos é tão cara e de nos termos humilhado ante a grandeza absoluta; mas será mais belo ainda interpretarmos sob o senso da moral o espetáculo do qual fomos testemunha. Quero falar do poder infinito da natureza e da ideia que devemos fazer de seu modo de agir nas diversas levas do vasto universo.

63. – Habitados, como estamos, a julgar coisas por nossa pobre pequena estada, imaginamos que a natureza não pôde ou não deveu agir sobre os outros mundos senão dentro de regras que temos reconhecido aqui em baixo. Ora, é precisamente lá que importa reformular nosso julgamento. Lançai por instante o olhar sobre uma região qualquer de vosso globo e sobre uma das produções de vossa natureza; não reconheceríeis a chancela de uma variedade infinita e a prova de uma atividade sem igual? Não vedes sobre a asa de um pequeno pássaro das Canárias sobre a pétala de um botão de rosa entreaberto, a prestigiosa fecundidade desta bela natureza?

Que vossos estudos se apliquem aos seres que planam nos ares; que se estendam na violeta dos bosques; que se chafurdem sob as profundezas do oceano em toda e por toda parte, lereis esta verdade universal: a natureza toda poderosa atua conforme os lugares, os tempos e as

circunstâncias; ela é única em sua harmonia geral, mas múltipla em suas produções; ela zomba de um sol como uma gota d'água; ela povoa de seres vivos mundo imenso com a mesma facilidade com que faz eclodir o ovo depositado por uma borboleta do outono.

64. – Ora, se tal é a variedade que a natureza tem podido nos descrever em todos os lugares sobre este pequeno mundo, tão estreito, tão limitado, quanto mais deveis entender este modo de ação sonhando com as perspectivas de vastos mundos? Quanto mais a deveis desenvolver e reconhecer a poderosa extensão em aplicando a estes mundos maravilhosos que, muito mais que a Terra, atestam sua incomensurável perfeição?

Não veja, pois, nunca, em torno de cada um dos sóis do espaço, sistemas semelhantes ao vosso sistema planetário; não vejais nunca sobre estes planetas supostos os três reinos da natureza que ocorrem em torno de vós, mas sonhai que, da mesma forma nenhuma visagem do homem corresponde a outra visagem no gênero humano integral, também uma diversidade prodigiosa, inimaginável, tem sido suspensa nas moradas etéreas que vagueiam dentro dos espaços.

Do que nossa natureza animada começa no zoófito para terminar no homem; do que a atmosfera alimenta a vida terrestre, do que o elemento líquido a renova sem cessar, do que vossas estações fazem suceder nesta vida fenômenos que a repartem, não conclua nunca que milhões de milhões de terras que vagueiam na extensão semelhantes a eles próprios; longe disso, eles diferem segundo as condições diversas que lhes sejam devolvidas e conforme o papel respectivo sobre a cena do mundo; estas são as peças variadas de um imenso mosaico, as flores diversificadas de um admirável jardim.

NOTAS

(1) Este capítulo é extraído textualmente de uma série de comunicações ditadas à Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, sob o título de *Estudos Uranográficos*, e assinado *Galileu*, médium M.C.F.

(2) Os principais corpos simples são: entre os corpos não metálicos, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o cloro, o carbono, o fósforo, o enxofre, o iodo; entre os corpos metálicos: o ouro, a prata, a platina, o mercúrio, o chumbo, o estanho, o zinco, o ferro, o cobre, o arsênico, o sódio, o potássio, o cálcio, o alumínio, etc.

(3) Tal é também a situação dos negadores do mundo dos Espíritos, logo após ter despojado seu envolvimento voluptuoso, os horizontes deste mundo se desmoronam a seus olhos. Compreendem, então, o vazio das teorias pelas quais pretendiam explicar tudo exclusivamente pela matéria. Entretanto, estes horizontes têm ainda, para eles, seus mistérios que só se revelam sucessivamente, à medida que se elevam pela depuração. Mas, desde seus primeiros passos neste mundo novo, eles são forçados a reconhecer sua cegueira, e quão longe eles estavam da verdade.

(4) Nós reportamo-nos em suma àquilo que conhecemos e não compreendemos mais o que escapa à percepção de nossos sentidos, assim como o cego de nascença não compreende os efeitos da luz e a utilidade dos olhos. É possível, pois, que em outros meios o fluido cósmico tenha propriedades, combinações das quais não temos a menor ideia, dos efeitos apropriados às necessidades que nos sejam desconhecidas, dando lugar a percepções novas ou a outros modos de percepção. Não compreendemos, por exemplo, como se possa ver sem os olhos do corpo e sem a luz; mas, quem nos diz que não exista outros agentes que a luz para os quais sejam efeitos de organismos especiais? A visão sonambúlica, que não é detida nem pela distância, nem por obstáculos materiais, nem pela obscuridade, nos oferece um exemplo. Suponhamos que, em um mundo qualquer os seres sejam *normalmente* o que nossos sonâmbulos o sejam excepcionalmente, eles não terão necessidade nem de nossa luz nem de nossos olhos, e, portanto, verão o que não podemos ver. Assim o é com as demais sensações. As condições de vitalidade e perceptibilidade as sensações e as necessidades variam conforme os meios.

(5) Se indagássemos qual é o princípio destas forças e como é possível estar na própria substância que o produziu, responderíamos que a mecânica nos oferece disso numerosos exemplos. A elasticidade que faz distender um elástico, não estaria no próprio elástico, e não dependeria do modo de agregação das moléculas? O corpo que obedece à força centrífuga recebe sua impulsão do movimento primitivo que o tenha transmitido.

(6) Esta teoria da Lua inteiramente nova, explica, pela lei de gravitação, a razão pela qual este astro apresenta sempre a mesma face para a Terra. Seu centro de gravidade, em lugar de ser o centro da esfera, encontrando-se sobre um dos pontos de sua superfície e, por consequência, atraído para a Terra por uma força maior que as partes mais leves, a Lua produzirá o efeito das figuras chamadas João teimoso, que se recompõe constantemente sobre suas bases, ao passo que, os planetas cujo centro de gravidade está a igual distância da superfície, giram regularmente sobre seu eixo. Os fluidos vivificantes, gasosos ou líquidos, por decorrência de sua leveza específica, encontrar-se-iam acumulados no hemisfério superior constantemente oposto à Terra; o hemisfério inferior, o que somente vemos, seria desprovido e por conseguinte, impróprio à vida, ao passo que ela existiria sobre o outro. Se, pois, o hemisfério superior é habitado, seus habitantes não terão jamais visto a Terra, a menos que excursionem pelo outro hemisfério.

(7) Mais de 3 trilhões, 400 bilhões de léguas.

(8) Aqui, o conceito de átomo é o de algo pequeno demais, mínimo; só três décadas após, com os estudos de Sir Rutherford é que o termo foi dado às partículas componentes da molécula, por isso, aqui, não se pode ter a ideia de que Kardec estivesse se referindo a elas.

NOTAS DO TRADUTOR

(a) Com Einstein e suas duas teorias da relatividade, o conceito de espaço passou a ser restrito a situações e, do mesmo modo, o infinito, além do conceito geométrico de ser onde duas paralelas se encontram, passou a ter duas interpretações, a trigonométrica, em que se tenha uma circunferência onde não se sabe qual é o ponto do início da curva nem o de seu fim, e a concepção física de que o ponto do infinito é aquele que se afasta de nós com uma velocidade superior à que nos permita aproximar dele e, com isto, cada vez, fica mais distante.

(b) Naquela época ainda se desconhecia a existência do átomo e considerava-se a molécula como sendo a menor parte da matéria, daí, serem as substâncias ditas simples o fundamento da existência das demais. Os estudos atômicos de Sir Rutherford e de Nelson vieram três décadas após este livro de Kardec. Por esse motivo é que veremos neste item que se segue falar de *matéria cósmica* já que a ideia de energia – então tida como um fluido – só surgiu no século XX. Daí, também, a conclusão do item 7. Este mesmo conceito de “*matéria cósmica*” vai ser repetido daqui para diante; o leitor terá em vista que se trata, exatamente da energia fundamental que forma o Universo e, a partir da qual, tudo mais tem forma e existência. Pura questão de linguagem concernente ao conhecimento da época.

(c) Naquela época não se tinha a menor ideia a respeito da constituição cósmica do Universo e nem se imaginava que este fosse pleno de uma energia fundamental amorfa que, por si só, seria incapaz de se alterar. E que a transformação desta energia é que seria a causa da existência de tudo, deste a matéria em si até as emissões quânticas de energia como o som, o calor, as ondas eletromagnéticas e que mais.

(d) Veja que já aqui Kardec admite a existência única de uma forma fundamental de matéria, hoje conhecida como energia cósmica, origem de tudo, contrariando a própria Ciência da época e só tendo a confirmação dos seus conceitos – guardadas as correlações referentes a termos desconhecidos em seu tempo – agora, com o conhecimento da energia.

Quanto às forças, hoje são conhecidas cinco delas, as quatro tradicionais, peso (gravidade), fem, forças fracas e forças fortes do átomo e a dita quinta força do Universo, ou “peso sem massa” descoberta no final do século XX – e que, pelo que tudo indica, seja a ação espiritual sobre a energia cósmica para dar-lhe as ditas formas. Esta quinta força, atuando sobre a poeira cósmica, é a responsável pela formação dos planetas e provavelmente, represente o que atualmente é chamado de *frameworker* – ou agente estruturador –, responsável pela elaboração das partículas atômicas.

(e) Provavelmente Kardec se refira, falando em hipóteses a um princípio grego relativo à realidade em oposição ao que seja aparente.

(f) Sobre geração espontânea, há uma corrente atual, baseada no estudo dos agentes estruturadores (*frameworks*) que admite que este princípio vital haja atuado nas primitivas cadeias carbônica dissolvidas nas águas do globo terrestre para dar-lhe a forma e a vida primitiva dos plânctons, única explicação plausível, até agora, encontrada para definir o surgimento deste tipo de vida biológica primitiva. Os demais seres foram surgindo segundo uma escala evolutiva, a partir deste ser zoófito primitivo.

(g) Atualmente, a posição da Ciência a respeito da formação do Universo nos diz que ele é “pulsante e anisotrópico”, ou seja, como se apresenta em expansão, ele irá se dissipar, quando perder essa expansibilidade;

como tal, será reagrupado em um novo fulcro a partir do qual haverá nova expansão, daí, ser dito pulsante, ou seja, expande e retrai; porém, como a implosão não é inversa à expansão, ele será anisotrópico, pois os isotrópicos, como o movimento pendular, são aqueles que apresentam movimentos inversos nos seus pulsos repetitivos.

(h) Ao equacionar os movimentos da Lua, Galileu concluiu que ela deveria ser um ovoide em face da posição do seu baricentro, porque não podia prever que seu movimento fosse ocasionado por três luas das quais as outras duas se escondem atrás da maior, motivo pelo qual não são vistas da Terra. Isto, todavia, só foi possível se saber depois que as sondas espaciais contornaram a Lua para verificar seu lado oposto à Terra.

(i) Com relação a Marte, sabe-se, atualmente, que é um planeta com dois satélites, mas que provavelmente não existissem antes. Presume-se, mesmo, que eles sejam asteroides que saíram de sua região e acabaram se tornando satélites de Marte.

(j) Lamentavelmente, Kardec baseou-se no conhecimento da época, cometendo o que atualmente, seria considerado um impropério relativo à formação dos planetas e seus satélites. Mas na verdade, ele se baseou rigorosamente dentro das hipóteses vigentes ao seu tempo e tidas como verdade. O mesmo irá acontecer com o tópico seguinte, porque, naquela época, tinha-se o cometa como sendo um astro luminoso e não se sabia que sua cauda era de vapores d'água, iluminada pelo Sol. Temos que entender, pois, que o codificador ficou cingido à linguagem e ao conhecimento existentes.

(l) Aqui fica patente a opinião de Kardec perante as Santas Escrituras que têm a Terra como sendo a obra prima do Universo. Sem entrar nesse mérito, o texto mostra que, pela nossa insignificância perante tudo mais que existe no espaço sideral, somos, apenas, minúscula poeira de existência e que, como tal, não seria a "obra prima" da Criação.

(m) Resumindo, o que Kardec expressa aqui é que a lei universal é uma só para tudo. E o item que se segue é assaz coerente com a tese atual do Universo pulsante.

(n) Faltou, aqui, apenas, uma observação: os cientistas, até então, procuram mundos semelhantes à Terra, como se só ela e semelhantes tivessem condições de vida. Ainda preso ao conceito bíblico de Deus criando seres humanos. É de se supor, porém, que, para Espíritos mais adiantados tenham que existir mundos superiores ao nosso, a fim de que neles os mesmos possam habitar. E, da mesma forma, para Espíritos inferiores, os mundos seriam tão atrasados quanto eles.

NOTA ESPECIAL DO TRADUTOR

[#] Os Espíritos naquela época haviam informado Kardec sobre que havia mais reinos além dos três já conhecidos, pois atualmente, embora sob debate, há 5 reinos distintos e não três a saber:

- 1 - o reino mineral;
- 2 - o reino biológico, com dois sub-reinos, o fitológico e o zoológico;
- 3 - o reino virótico, onde seus componente são minerais quando expostos à natureza e biológico quando internos a um ser vivo;
- 4 - Cianofíceas (para muitos, discutível) e
- 5 - O reino energético, ainda em estudo, que atua sobre o Universo dando-lhe forma e vida.

* * *

Capítulo VII

ESBOÇO GEOLÓGICO DA TERRA

**Períodos geológicos – Estado primitivo do globo – Período primário
– Período de transição – Período secundário – Período terciário – Período diluviano
– Período pós-diluviano ou atual – Nascimento do homem**

PERÍODOS GEOLÓGICOS

1.– A Terra traz em si os traços evidentes de sua formação; seguem-se as fases com uma precisão matemática nos diversos terrenos que compõem seu vigamento. O conjunto destes estudos constitui a Ciência chamada Geologia, ciência nascida neste século e que lançou a luz sobre a questão tão controvertida de sua origem e da dos seres vivos que a habitam. Aqui não há a mínima hipótese; é o resultado rigoroso da observação dos fatos e, em presença dos fatos a dúvida jamais será permitida. A história da formação do globo está escrita nas camadas geológicas de uma maneira de outro modo bem mais certa do que nos livros preconcebidos porque é a natureza, ela própria que fala, que se mostra a descoberto, e não a imaginação dos homens que cria sistemas. Onde se vê os traços do fogo, pode-se dizer com certeza que o fogo existiu; onde se vê os da água, diz com não menos certeza que a água esteve lá; onde se vê os dos animais, diz-se que os animais aí viveram. A Geologia é, pois, uma ciência toda de observação; só tira suas consequências do que vê; sobre os pontos duvidosos ela não afirma nada: só emite opiniões discutíveis cuja solução definitiva espera observações mais completas. Sem as descobertas da Geologia, como sem as da Astronomia, a Gênese do mundo estaria ainda nas trevas da legenda. Graças a ela, atualmente, o homem conhece a história da sua habitação e o alicerce das fábulas que cercavam seu berço desmoronaram-se para não mais se reerguer.

2. – Por toda parte, onde existiam nos terrenos trincheiras, escavações naturais ou praticadas pelos homens, distingue-se o que se chama de estratificação, isto é, camadas superpostas. Os terrenos que apresentam tal disposição são designados sob o nome de *terrenos estratificados*. Estas camadas de uma espessura muito variada, após alguns centímetros até 100 metros e mais, distinguem-se entre elas pela cor e a natureza das substâncias das quais se compõem. Os trabalhos de arte, a perfuração dos poços, a exploração das carreiras e, sobretudo das minas permitiram observá-las até uma assaz grande profundidade.

3. – As camadas são geralmente homogêneas, ou seja, que cada uma é formada de uma mesma substância, ou de diversas substâncias que tenham existido simultaneamente, e tenham formado um todo compacto. A linha de separação que as isola umas das outras é sempre asseadamente cortada, como nas fileiras de pedra de um edifício; em nenhuma parte se vê misturarem-se e se perderem umas das outras no sítio de seus limites respectivos, como é o caso, por exemplo, das cores do prisma e do arco-íris.

Com estas características reconhece-se que elas foram formadas sucessivamente, depositadas umas sobre as outras em condições e causas distintas; as mais profundas foram naturalmente formadas em primeiro e as mais superficiais posteriormente. A última de todas, que se encontra na superfície, é a camada de terra vegetal que deve suas propriedades aos detritos das matérias orgânicas provenientes das plantas e dos animais.

As camadas inferiores, colocadas sob a camada vegetal, receberam, em Geologia, o nome de rochas, termo que, nesta acepção, não implica, sempre, na ideia de uma substância pedregosa, porém, significa um leito ou banco de uma substância mineral qualquer. Umas são

formadas de saibro, de argila ou terra argilosa, de marga, de calhaus roliços, e outras de pedras propriamente ditas, mais ou menos duras, tais como os arenitos, os mármore, o giz, os calcários ou pedras de cal, as pedras de mós, os carvões minerais, os asfaltos, etc. Diz-se que uma rocha é mais ou menos potente conforme seja sua espessura mais ou menos considerável.

4. – Pela inspeção da natureza destas *rochas* ou camadas, reconhece-se, através de certos sinais que umas provêm de matérias fundidas e, por vezes, vitrificadas pela ação do fogo; outras de substâncias terrosas depositadas pelas águas (aluviões); algumas destas substâncias ficam desagregadas, como o saibro; outras, a princípio, no estado pastoso, sob ação de certos agentes químicos ou outras causas, endurecem-se e adquirem ao longo, a consistência da pedra. Os bancos de pedras superpostos anunciam os depósitos sucessivos. O fogo e a água têm, pois, sido parte da ação na formação dos materiais que compõem a estrutura sólida do globo.

5. – A posição normal das camadas terrestres ou pedregosas provindas de depósitos aquosos é a direção horizontal. Logo que se veem estas imensas planícies que se estendem às vezes a perder de vista, de uma horizontalidade perfeita, unidas como se as tivesse nivelado por rolos, ou estes fundos de vale também planos como a superfície de um lago pode-se estar certo que a uma época mais ou menos recuada, estes lugares estiveram longo tempo coberto por águas tranquilas que, ao se retirarem, deixaram a seco as terras que haviam depositado durante sua demora. Após a retirada das águas, estas terras se cobriram de vegetação. Se, em lugar de terras férteis, limosas, argilosas ou arenosas, próprias para assimilar os princípios nutritivos, as águas somente depositaram saibros silicosos, sem agregação, tem-se estas planícies arenosas e áridas que constituem as charnechas e os desertos. Os depósitos que deixaram as inundações parciais e os que formam os aterros nas embocaduras dos rios podem-nos dar uma pequena ideia.

6. – De sorte que a horizontalidade sendo a posição normal e a mais geral das formações aquosas, vê-se frequentemente sobre, assaz, grandes extensões, nos países de montanhas, rochas duras que sua natureza indica terem sido formadas pelas águas, numa posição inclinada e por vezes, vertical. Ora, como, a partir das leis de equilíbrio dos líquidos e da gravidade, os depósitos aquosos só se podem formar em planos horizontais, atentando que os que se põem sobre planos inclinados são arrastados nos baixios pelas correntes e seu próprio peso, permanece evidentemente que estes depósitos devam ter sido soerguidos por uma força qualquer, após sua solidificação ou transformação em pedras.

Destas considerações pode-se concluir com certeza que todas as camadas petrificadas provêm de depósitos aquosos de uma posição perfeitamente horizontal, foram formadas na sequência dos séculos por águas tranquilas e que, todas as vezes que elas têm uma posição inclinada, é que o solo esteve atormentado e deslocado posteriormente por convulsões generalizadas ou parciais, mais ou menos consideráveis.

7. – Um fato característico da mais alta importância pelo testemunho irrecusável que fornece, consiste nos fragmentos *fósseis* de animais e de vegetais que se encontram em quantidades incomensuráveis nas diferentes camadas; e como estes fragmentos se encontram mesmo nas pedras as mais duras, torna-se necessário concluir que a existência destes seres é anterior à formação das respectivas pedras; ora si se considerar o número prodigioso de séculos que foi necessário para se operar o endurecimento e conduzir ao estado em que estão desde tempos imemoriais, chega-se a esta consequência forçada que a aparição de seres orgânicos sobre a Terra se perde na noite dos tempos e que é bem anterior, por consequência, à data assinalada pela Gênese (1).

8. – Entre estes fragmentos de vegetais e de animais, estão os que foram penetrados em todas as partes de sua substância, sem que sua forma fosse alterada, de matérias silicosas ou calcárias que as transformaram em pedras em que algumas têm a dureza do mármore; são as petrificações propriamente ditas. Outros foram simplesmente envolvidos pela matéria no estado de pasta; encontram-nos intactos e alguns por inteiro, nas pedras as mais duras. Outros, enfim só deixaram sua impressão, mas, de uma nitidez e de uma delicadeza perfeitas. No interior de certas pedras encontram-se até a impressão de passos, com a forma do pé, dos dedos e das garras reconhecendo-se de que espécie de animal elas provenham.

9. – Os fósseis de animais não compreendem quase nada, senão as partes sólidas e resistentes, a saber, a ossada, as carapaças e os chifres; por vezes são esqueletos completos; na maioria das vezes, são apenas partes destacadas, mas onde é fácil reconhecer a proveniência. Na inspeção de uma arcada dentária, de um dente, vê-se logo se ela pertence a um animal herbívoro ou carnívoro. Como todas as partes do animal têm uma correlação necessária, a forma da cabeça, de uma omoplata, de um osso de perna, de um pé, é suficiente para determinar o talhe, a forma geral, o gênero de vida do animal (2). Os animais terrestres têm uma organização que não permite que se confunda com os animais aquáticos. Os peixes e os moluscos fósseis são excessivamente numerosos; os moluscos, apenas, formam algumas vezes bancos inteiros de uma grande espessura. Por sua natureza reconhece-se sem dificuldade se eles são animais marinhos ou de água doce.

10. – Os calhaus roliços que, em certos locais constituem rochas poderosas, são um índice inequívoco de sua origem. Eles são arredondados como os seixos da borda do mar, sinal, certamente, do atrito a que foram submetidos pelo efeito das águas. Os sítios onde se os encontram enterrados em massas consideráveis, têm sido incontestavelmente ocupados pelo oceano ou por águas violentamente agitadas.

11. – Os terrenos das diversas formações são distintamente caracterizados pela natureza própria dos fósseis que encerram; os mais antigos contêm espécies animais e vegetais que inteiramente desapareceram da superfície do globo. Certas espécies mais recentes igualmente desapareceram, mas conservaram seus análogos que não diferem de sua estirpe senão pelo porte e algumas diferenças de forma. Outros, enfim, dos quais vemos os últimos representantes, tendem evidentemente a desaparecer em um futuro mais ou menos próximo, tais como os elefantes, os rinocerontes, os hipopótamos, etc. assim, à medida que as camadas terrestres se aproximam da nossa época, as espécies animais e vegetais se aproximam também das que existem atualmente.

As perturbações, os cataclismos que tiveram lugar sobre a terra após sua origem, trocaram, pois, as condições de vitalidade e fizeram desaparecer gerações inteiras de seres vivos.

12. – Em interrogando a natureza das camadas geológicas, sabe-se da maneira a mais positiva, se, à época de sua formação, o sítio que as encerra estava ocupado pelo mar, por lagos, ou por florestas e plenas de populações animais terrestres. Se, pois em uma mesma região, encontra-se uma série de camadas superpostas, contendo alternativamente fósseis marinhos, terrestres e de água doce, várias vezes repetidas, é uma prova irrecusável que esta mesma região esteve por várias vezes invadida pelo mar, coberta de lagos e postas a seco.

E quanto a séculos de séculos certamente, que milhares de séculos talvez, foram necessários a cada período para se cumprir! Que força poderosa não teria sido necessária para tirar e recolocar o oceano e para elevar as montanhas! Por quantas revoluções físicas, de comoções

violentas, a Terra na teria que passar antes de ser o que nós vemos após os tempos históricos! E quer-se-ia que fosse obra de pouco tempo que não seria preciso para fazer produzir uma planta!

13. – O estudo das camadas geológicas atesta, assim como foi dito, as formações sucessivas que mudaram o aspecto do globo e dividem sua história em diversas épocas. Estas épocas constituem o que se chama de *períodos geológicos* dos quais o conhecimento é essencial para o estabelecimento da Gênese. São computados seis principais que são designados sob os nomes de: período primário, de transição, secundário, terciário, diluviano, pós-diluviano ou atual. Os terrenos formados durante a duração de cada período se chamam também: terrenos primitivos, de transição, secundários, etc. Diz-se assim que tal ou qual camada ou rocha, tal ou qual fóssil encontram-se nos terrenos de qual período.

14. – É essencial notar que o nome destes períodos não é essencialmente absoluto e que depende de sistemas de classificação. Não se compreende nos seis principais designados acima senão que são marcados por uma transformação notável e geral no estado do globo; mas a observação prova que várias formações sucessivas foram operadas durante a duração de cada uma; é porque se dividem em subperíodos caracterizados pela natureza dos terrenos, e que portam a vinte e seis o número das formações gerais bem caracterizadas, sem computar os que provenham de modificações devidas a causas puramente locais.

ESTADO PRIMITIVO DO GLOBO

15. – O achatamento dos polos e outros fatos concludentes são indícios certos de que a Terra deveu ter tido, em sua origem, um estado de fluidez ou de moleza. Este estado podia ter por causa a matéria liquefeita pelo fogo ou destemperada pela água.

Diz-se proverbialmente: não há fumaça sem fogo. Esta proposição rigorosamente real é uma aplicação do princípio: não há efeito sem causa. Pela mesma razão pode-se dizer: não há fogo sem fogueira. Ora, pelos fatos que se passaram sob nossos olhos, não é apenas da fumaça que se produz, é de um fogo bem real que deva ter uma fogueira; este fogo vindo do interior da Terra e não do alto, a fogueira deva ser interior; o fogo sendo permanente, a fogueira deve sê-lo igualmente.

O calor que aumenta à medida que se penetra no interior da Terra, e que, a certa distância da superfície, atinge uma temperatura muito elevada; as fontes termais tanto mais quentes quanto venham de uma profundidade maior; os fogos e as massas de matéria fundida e abrasada que se escapam dos vulcões, como por vastos suspiros, ou pelas clivagens produzidas em certos tremores de terra, não podem deixar dúvida sobre a existência de um fogo interior.

16. – A experiência demonstra que a temperatura se eleva de um grau centígrado para cada trinta metros de profundidade; de onde segue que a uma profundidade de 300 metros, o aumento é de 10 °C; a 3000 metros será de 100 graus, temperatura da água em ebulição; a 30.000 metros ou a 7 até 8 léguas de mais de 3.300 graus, tempera na qual nenhuma matéria conhecida resiste à fusão. Daí até o centro há ainda um espaço de mais de 1.400 léguas, seja, 2.800 léguas em diâmetro, que será ocupado por matérias fundidas.

Bem que isto não seja senão uma conjectura, julgando-se a causa pelo efeito, possui todas as características da probabilidade, e chega-se à conclusão que a Terra é ainda uma massa incandescentes recoberta de uma crosta sólida de 25 léguas ou mais de espessura, o que é somente a 120ª parte de seu diâmetro. Proporcionalmente, seria muito menos que a espessura da mais delgada casca de laranja.

De resto, a espessura da crosta terrestre é muito variável, porque é de países, sobretudo em terrenos vulcânicos, onde o calor e a flexibilidade do solo indicam que ela é muito pouco considerável. A alta temperatura das águas termais é igualmente o índice da vizinhança do fogo central.

17. – Após isto demonstra evidente que o estado primitivo de fluidez ou moleza da Terra deva ter sido por causa da ação do calor e não o da água. A Terra era, pois, em sua origem, uma massa incandescente. Como resultado da radiação do calórico chegou ao que chega a toda matéria em fusão: ela se torna pouco a pouco resfriada e o resfriamento naturalmente começou pela superfície que se endureceu, enquanto que o interior permaneceu fluido. Pode-se assim comparar a Terra a um bloco de carvão saindo todo vermelho da fornalha e cuja superfície se apaga e se resfria ao contato com o ar, então, em se quebrando, encontra o interior ainda em brasa.

18. – Na época em que o globo terrestre era uma massa incandescente, ele não continha um átomo a mais ou a menos do que atualmente; apenas, sob a influência desta alta temperatura, a maior parte da substância que lhe compõe, e que vemos sob a forma de líquidos ou de sólidos, de terras, de pedras, de metais e de cristais, encontravam-se em um estado bem diferente; só fizeram sofrer uma transformação; por sequência do resfriamento e das misturas, os elementos formaram novas combinações. O ar, consideravelmente dilatado, devia se estender a uma distância incomensurável; toda água forçosamente reduzida a vapor estava misturada com o ar; todas as matérias susceptíveis de se volatilizar, tais como os metais, o enxofre, o carbono aí se encontravam em estado de gás. O estado da atmosfera não tinha, pois nada de comparável ao que é atualmente; a densidade de todos esses vapores dava-lhe uma opacidade que não podia ser atravessada por nenhum raio de Sol. Se um ser vivo pudesse existir na superfície do globo a esta época, ele não teria claridade senão pelo brilho sinistro da fornalha colocada sob seus pés e da atmosfera abrasada.

PERÍODO PRIMÁRIO

19. – O primeiro efeito do resfriamento foi o de solidificar a superfície externa da massa em fusão e daí formar uma crosta resistente que, delgada a princípio, e se adensou pouco a pouco. Esta crosta constitui a pedra chamada *granito*, de uma extrema dureza, assim chamada pelo seu aspecto granuloso. Nela distinguem-se três substâncias principais: o feldspato, o *quartzo* ou cristal de rocha e a mica; esta última tem o brilho metálico, contudo não seja um metal. (a)

A camada granítica é, pois, a que se tornou formada sobre o globo que ela envolve por inteiro e do qual constitui de alguma sorte, o esqueleto ósseo; ela é o produto direto da matéria em fusão consolidada. São sobre ela e nas cavidades que apresentava sua superfície atormentada, que foram sucessivamente depositadas as camadas dos outros terrenos formados posteriormente. O que a distingue destas últimas, é a abstinência de toda estratificação; ou seja, que ela forma uma massa compacta e uniforme em toda sua espessura, e não disposta por camadas. A efervescência da matéria incandescente devia aí produzir numerosas e profundas fendas pelas quais verteria esta matéria.

20. – O segundo efeito do resfriamento foi o de liquefazer quaisquer umas das matérias contidas no ar no estado de vapores e que se precipitaram sobre a superfície do solo. Houve então chuvas e lagos sulfurosos e de betume, verdadeiros riachos de ferro, de chumbo e outros metais fundidos, infiltraram-se nas fissuras e que constituem atualmente os veios e filões metálicos.

Sob a influência destes diversos agentes, a superfície granítica experimentou decomposições alternativas; fizeram-se misturas que formaram os terrenos primitivos propriamente ditos, distintos da rocha granítica, mas em massas confusas e sem estratificações regulares.

Vieram a seguir as águas que, caindo sobre um solo ardente, vaporizaram-se novamente. Retornando em chuvas torrenciais, e assim por diante, até que a temperatura lhe permitiu de permanecer sobre o solo em estado líquido.

É à formação dos terrenos graníticos que começa a série dos períodos geológicos. Aos seis períodos principais, conviria, pois juntar a ele o estado primitivo de incandescência do globo.

21. - Tal foi o aspecto deste primeiro período, verdadeiro caos de todos os elementos confundidos, procurando seu assentamento, onde nenhum ser vivente poderia existir; também, um de seus caracteres distintivos em geologia é a abstenção de todo traço da vida vegetal e animal.

É impossível assinalar uma duração determinada a este primeiro período, nem mais quanto aos seguintes; mas, após o tempo que se tornou necessário a uma bala de canhão de um volume dado, aquecida ao vermelho branco, por que sua superfície fosse resfriada para que uma gota de água aí fique no estado líquido, tem-se calculado que tal bala tivesse a grossura da Terra, seriam necessários um milhão de anos.

PERÍODO DE TRANSIÇÃO

20. – Ao começo do período de transição, a crosta sólida, granítica, não possuía ainda senão uma pequena espessura e só oferecia uma assaz fraca resistência à efervescência das matérias abrasadas que ela recobria e comprimia. Produziam-se aí inchações, rupturas numerosas por onde se vertia a larva interior. O solo apresentava apenas desigualdades pouco consideráveis.

As águas, pouco profundas, cobriam a pouco menos toda a superfície do globo, à exceção das partes elevadas formando terrenos baixios frequentemente submersos.

O ar era pouco a pouco purgado das matérias as mais pesadas momentaneamente ao estado gasoso e que, em se condensando pelo efeito do resfriamento, eram precipitadas na superfície do solo, posteriormente arrastadas e dissolvidas pelas águas.

Quando se fala do resfriamento, a esta época, é preciso entender esta palavra num sentido relativo, ou seja, por referência ao estado primitivo, porque a temperatura devia ser ainda ardente.

Os espessos vapores aquosos que se elevavam de todas as partes da imensa superfície líquida voltavam a cair em chuvas abundantes e quentes e obscureciam o ar. Não obstante os raios do Sol começavam a aparecer através desta atmosfera brumosa.

Uma das últimas substâncias das quais o ar purgou, porque ela é naturalmente gasosa, é a do ácido carbônico que então formava uma das partes constituintes dele.

21. – Nesta época começaram a se formar as camadas de terreno de sedimento, depositadas pelas águas carregadas de limo e de matérias diversas próprias à vida orgânica.

Então aparecem os primeiros seres vivos do reino vegetal e do reino animal; a princípio em pequeno número, encontram-se traços cada vez mais frequentes à medida que se os criam nas camadas desta formação. É remarcável que, por toda parte, a vida se manifesta logo que as condições se tornam propícias à vitalidade e que cada espécie nasce desde que se produziram as condições próprias à sua existência. Dir-se-á que os germens em estado latente e não atendam senão às condições favoráveis para eclodir.

22. – Os primeiros seres orgânicos que apareceram sobre a Terra foram os vegetais da organização menos complexa, designados em botânica sob o nome de criptógamos, acotilédones, monocotilédones, isto é, os líquenes, cogumelos, musgos, fetos e plantas herbáceas. Não se via ainda árvores de troncos lenhosos, mas desse gênero de palmeira onde o tronco esponjoso era análogo ao das ervas.

Os animais deste período que sucederam aos primeiros vegetais são exclusivamente marinhos; são a princípio pólipos, irradiados, zoófitos, animais de organização simples e, por assim dizer rudimentar, o mais próximo dos vegetais; mais tarde vieram os crustáceos e os peixes cujas espécies não mais existem atualmente.

23. – Sob o império do calor e da umidade e, por conseguinte, do excesso de ácido carbônico derramado no ar, gás impróprio à respiração dos animais terrestres, mais necessário às plantas, os terrenos descobertos se cobriram rapidamente de uma vegetação poderosa ao mesmo tempo em que as plantas aquáticas se multiplicaram no interior dos lodaçais. Plantas do gênero das que, atualmente, são meras ervas de poucos centímetros, atingindo uma altura e uma grossura prodigiosas; foi assim que houve as florestas de fetos arborescentes de oito a dez metros de elevação e de uma grossura proporcional, licopódios (pé de lobo; gênero de musgo) do mesmo talhe; prelas (3) de quatro a cinco metros que existe apenas um atualmente. Sobre o fim do período começam a aparecer algumas árvores do gênero conífero ou pinheiros.

24. – Por consequência do deslocamento das águas, os terrenos que produziram estas massas de vegetais foram por várias repetidas vezes submersos, recobertos de novos sedimentos terrenos, enquanto que os que estavam postos a seco se cobriam em sua volta de uma semelhante vegetação. Houve assim várias gerações de vegetais alternativamente aniquiladas e renovadas. O mesmo não aconteceu com os animais que, sendo todos aquáticos, não podiam sofrer de tais alternativas.

Estes fragmentos, acumulados durante uma longa série de séculos, formaram camadas de grande espessura. Sob ação do calor, da umidade e da pressão exercida pelos depósitos terrenos posteriores, e, sem dúvida, também de diversos agentes químicos, gás, ácidos e sais produzidos pela combinação de elementos primitivos, estes materiais vegetais sofreram uma fermentação que os converteram em *hulha* ou *carvão da terra*. As minas de carvão são, assim, o produto direto da decomposição do montão de vegetais acumulados durante o período de transição; é por isso que se encontra a pouco mais ou menos em todas as regiões. (4)

25. – Os restos fósseis da vegetação poderosa desta época encontrando-se atualmente sob os gelos das terras polares bem como na zona tórrida, é preciso concluir que, uma vez que a vegetação era uniforme, a temperatura deveria ser idêntica. Os polos não eram, pois cobertos de gelo como atualmente. É que, então, a Terra tirava seu calor dela própria, do fogo central que aquecia de uma forma igual toda a camada sólida ainda pouco espessa. Este calor era bem superior àquele que poderia dar os raios solares, debilitados alhures pela densidade atmosférica. Mais tarde, apenas, quando o calor central só pôde exercer sobre a superfície exterior do globo uma atuação fraca ou nula, a do Sol tornou preponderante, e aquelas regiões passaram a receber apenas raios oblíquos, dando-lhe muito pouco calor, assim, cobriram-se

de gelo. Compreende-se que àquela época de que falamos e ainda longo tempo após, o gelo era desconhecido sobre a Terra.

Este período deve ter sido muito longo, a julgar pelo número e espessura das camadas hulhíferas (5).

Em se supondo apenas mil anos para a formação de cada um desses níveis, seria, já, 68 mil anos somente para esta camada de hulha.

É mais do que óbvio que, para se ter a transformação torna-se necessário que haja um agente atuante para efetuá-la. Afinal, não há efeito sem causa.

PERÍODO SECUNDÁRIO

26. – Com o período de transição desapareceram a vegetação colossal e os animais que caracterizaram esta época, seja porque as condições atmosféricas não fossem mais as mesmas, seja por causa de uma sequência de cataclismos que aniquilaram tudo isto que tinha vida sobre a Terra. É provável que as duas causas tenham contribuído para tais transformações, porque por um lado, o estudo dos terrenos que assinalam o fim deste período atesta grandes transtornos causados pelo levantamento e as erupções que se derramaram sobre o solo, de grande quantidade de lavas, e, por outro lado notáveis trocas se operaram nos três reinos.

27. – O período secundário caracterizou-se com respeito ao mineral, por camadas numerosas e poderosas que atestam uma formação lenta no interior das águas, e marcaram diferentes épocas bem características.

A vegetação é menos rápida e menos colossal do que o período precedente, sem dúvida, pela sequência da diminuição do calor e da umidade, e das modificações sobrevindas dos elementos constitutivos da atmosfera. Às plantas herbáceas polpudas se juntam as de caules lenhosos e as primeiras árvores propriamente ditas.

28. – Os animais são ainda aquáticos, ou totalmente anfíbios; a vida animal sobre a Terra fez pouco progresso. Uma prodigiosa quantidade de animais de concha desenvolveu-se no interior dos mares em seguida à formação das matérias calcárias; novos peixes, de uma organização mais perfeccionista do que os do período precedente tornaram a nascer; vê-se o aparecimento dos primeiros cetáceos. Os animais os mais característicos desta época são os répteis monstruosos entre os quais destacam-se:

O **ictiossauro**, espécie de peixe-lagarto que atingia até dez metros de comprimento e cujos maxilares prodigiosamente alongados estavam constituídos de cento e oitenta dentes. Sua forma geral lembra um pouco a do crocodilo, mas sem couraça escamada; seus olhos tinham o volume da cabeça de um homem; ele tinha nadadeiras como a baleia e expelia água por fendas como aquelas.

O **plesiossauro**, outro réptil marinho, também grande como o ictiossauro, em que o pescoço, excessivamente longo se curvava como o do cisne e lhe dava a aparência de uma enorme serpente atarraxada a um corpo de tartaruga. Tinha a cabeça do lagarto e os dentes de crocodilo; sua pele devia ser lisa como a do precedente, pois não se encontrou nenhum traço de escamas nem de carapaça (6).

O **teleossauro** se aproxima mais dos crocodilos atuais que aparentam ser os diminutivos; como estes últimos, ele tinha uma couraça escamosa e vivia ao mesmo tempo na água e sobre a terra; seu talhe estava em volta de dez metros, dos quais três ou quatro para a cabeça, apenas; sua enorme goela tinha dois metros de abertura.

O **megalossauro**, grande lagarto, sorte de crocodilo de 14 a 15 metros de comprimento, essencialmente carnívoro, nutria-se de répteis, pequenos crocodilos e tartarugas.

Sua formidável mandíbula estava armada de dentes em forma de lâminas de serrote com dupla fiada, recurvadas para trás, de tal sorte que, uma vez mordida a presa, era impossível dela se desgarrar.

O **iguanodonte**, o maior dos lagartos que apareceram sobre a Terra; tinham eles de 20 a 25 metros de cabeça à extremidade da cauda. Seu focinho era dominado por um chifre ósseo semelhante ao do iguana de nossos dias, do qual ele só parece diferir pelo talhe, este último tendo apenas um metro de comprimento. A forma dos dentes prova que era herbívoro e a dos pés que era um animal terrestre.

O **pterodátilo**, animal bizarro, do tamanho de um cisne, tendo, por sua vez a forma de um réptil por corpo, de um pássaro pela cabeça, e do morcego pela membrana carnuda que religava seus dedos de um prodigioso comprimento, e lhe servia de paraquedas quando se precipitava sobre sua presa do alto de uma árvore ou de um rochedo. Não tinha bico córneo como os pássaros, mas os ossos dos maxilares, também alongados como a metade do corpo e guarnecidos de dentes, terminando-se em ponta como um bico.

29. – Durante este período, que deve ter sido muito longo, assim como o atestam o número e a espessura das camadas geológicas, a vida animal teve um imenso desenvolvimento no seio das águas, como o havia tido a vegetação no período precedente. O ar, mais purificado e mais próprio à respiração começa a permitir a alguns animais de viver sobre a Terra. O mar foi várias vezes deslocado, mas ele recuou sem abalos violentos. Com este período desapareceram por sua vez as raças de gigantescos animais aquáticos, substituídos mais tarde por espécies análogas. Menos desproporcionais na forma e de talhe infinitamente menor.

30. – O orgulho tem feito dizer ao homem que todos os animais foram criados em sua intenção e para sua necessidade. Mas qual é o número dos que lhe servem diretamente, que tenha podido submeter, comparado ao número incalculável dos que jamais tiveram nem jamais terão alguma relação? Como sustentar uma semelhante tese em presença dessas inumeráveis espécies que só povoaram a Terra milhares de milhares de séculos antes de ele mesmo ter vindo e que já sumiram? Pode-se dizer que elas tenham sido criadas para seu proveito? Entretanto, estas espécies tiveram, todas, sua razão de ser, sua utilidade. Deus não teria, pois criado por um capricho de sua vontade e por se dar ao prazer de aniquilá-los; porque todas tiveram a vida, instintos, o sentimento da dor e do bem-estar. Com qual objetivo tê-lo-ia feito? Este objetivo deve ser soberanamente sábio, o que nós não o compreendamos ainda. Talvez um dia seja dado ao homem conhecê-lo por confundir seu orgulho; mas, em atentando quanto às ideais crescentes em presença destes horizontes novos em que lhe sejam permitido agora mergulhar os olhares, e que desenrola ante ele o espetáculo imponente desta criação, tão majestosa em sua lentidão, tão admirável em sua providência, tão pontual. Tão precisa e tão invariável em seus resultados.

PERÍODO TERCIÁRIO

31. – Com o período terciário começa, para a Terra, uma nova ordem de coisas; o estado da sua superfície troca completamente de aspecto; as condições de vitalidade estão profundamente modificadas e se reaproximam do estado atual. Os primeiros tempos deste período estão assinalados por uma parada na produção vegetal e animal; tudo leva os traços de uma destruição gradativa geral dos seres vivos e então surgem sucessivamente novas espécies cuja organização mais perfeita está mais adaptada à natureza do meio onde eles são chamados a viver.

32. – Durante os períodos precedentes, a crosta sólida do globo, em razão de sua pouca espessura, apresentava, como se tem dito, uma assaz fraca resistência à ação do fogo interior; este invólucro, facilmente desfeito, permitia às matérias em fusão que se espalhassem livremente sobre a superfície do solo. Não aconteceu o mesmo quando ela adquiriu uma certa espessura; as matérias em brasa comprimidas de todas as partes, como a água em ebulição em um vaso fechado, acabaram por realizar uma sorte de explosões; a massa granítica violentamente rompida sobre uma poção de pontos, foi sulcada de fendas como um vaso estriado. Sobre o *percurso destas fendas* a crosta sólida soerguida e aprumada, formou picos, as cadeias de montanhas e suas ramificações. Certas partes do envoltório não rompidas foram simplesmente alteradas, tanto quanto em outros pontos produziram-se abatimentos e escavações.

A superfície do solo transformou-se então, muito desigual; as águas que até este momento, a cobriam de uma certa maneira quase uniforme sobre a maior parte de sua extensão, foram repelidas para as partes as mais baixas, deixando a seco vastos continentes, ou sequências de montanha isoladas que formaram ilhas.

Tal é o grande fenômeno que aconteceu no período terciário e que transformou o aspecto do globo. Não se foi produzido nem instantaneamente nem simultaneamente sobre todos os pontos, mas sucessivamente e a épocas mais ou menos distantes.

33. – Uma das primeiras consequências destas elevações foi, como se diz, a inclinação das camadas de sedimento primitivamente horizontais e que ficaram nesta posição por toda parte onde o solo não foi perturbado. É, pois, sobre os francos e nas fraldas das montanhas que estas inclinações ficaram mais pronunciadas.

34. – Nos sítios onde as camadas de sedimento conservaram sua horizontalidade, por atingir as de primeira formação, é preciso atravessar todas as outras, frequentemente, até uma profundidade considerável ao bojo da qual se encontra inevitavelmente a rocha granítica. Mas logo que estas camadas se elevaram em montanhas, portaram acima do seu nível normal, e, por vezes a uma altitude muito grande, de tal sorte que se fez uma trincheira vertical sobre o flanco da montanha, elas se mostraram ao dia em toda sua espessura e superpostas como os assentamentos de um edifício.

É assim que se encontra a grandes elevações dos bancos consideráveis de conchas primitivamente formadas no fundo do mar. É perfeitamente reconhecido atualmente que, em alguma época, o mar não podia atingir a uma tal altitude, porque todas as águas que existiam sobre a terra não eram suficientes, então, mesmo que houvesse cem vezes mais. Seria necessário, pois, supor que a quantidade de água tenha diminuído e então perguntar-se-á aonde foi parar a porção desaparecida. Os soerguimentos que são atualmente um fato incontestável e demonstrado pela Ciência, explicam, de uma maneira também lógica quanto rigorosa, os depósitos marinhos que se encontram sobre certas montanhas. Estes terrenos estiveram evidentemente submersos durante uma longa sequência de séculos, mas a seu nível primitivo e não no local que ocupam atualmente.

É absolutamente como se uma porção do fundo de um lago se encontrasse elevado a vinte e cinco ou trinta metros acima da superfície da água; o cume desta elevação levaria os restos das plantas e de animais que jaziam outrora no fundo da água, o que não implicaria radicalmente senão que as águas do lago fossem elevadas a essa altura.

35. – Nos locais onde o levantamento da rocha primitiva produziu uma ruptura completa do solo, seja por sua rapidez, seja pela forma, a altitude e o volume da massa alevantada, o granito mostrou-se a descoberto *como um dente que atravessa a gengiva*. As camadas que os cobriam, soerguidas, partidas, remendadas puseram-se a descoberto; é assim que terrenos aparentemente de formação as mais antigas, e que se encontravam em tais posições primitivas a uma grande profundidade, formam, atualmente, o solo de certos campos.

36. – As massas graníticas, deslocadas pelo efeito dos soerguimentos, deixaram em alguns endereços fissuras por onde se escapa o fogo interior e se eclodem as matérias em fusão: são os vulcões. Os vulcões são como chaminés desta imensa fornalha, ou melhor, ainda, são *válvulas de segurança* que, dando uma resultante ao demasiado volume das matérias ígneas, preservam de comoções bem senão terríveis; do que se pode dizer que o número de vulcões em atividade é uma causa de segurança para o conjunto da superfície do solo.

Pode-se fazer uma ideia da intensidade deste fogo, supondo-se que os vulcões se abrem ao seio mesmo do mar e que a massa de água que os recobre e neles penetra não é suficiente para extingui-los.

37. – Os soerguimentos operados na massa sólida necessariamente desalojaram as águas, que se refluíram nas partes escavadas, tornadas mais profundas pelo levantamento dos terrenos emersos, e pelos abatimentos. Mas, estes mesmos baixios, elevados a seu turno, ora num local, ora noutro, expulsou as águas, que refluíram alhures, e assim, em seguida até ao que elas puderam se tornar mais estáveis.

Os deslocamentos sucessivos desta massa líquida forçosamente elaboraram e açoitaram a superfície do solo. As águas, em se escoando, arrastaram uma parte dos terrenos de formações anteriores posta a descoberto pelo soerguimento, desnudaram certas montanhas que, em estando recobertas, foram postas à vista sua base granítica ou calcária; profundos vales foram escavados e outros preenchidos.

Há, pois montanhas formadas diretamente pela ação do fogo central: são principalmente as montanhas graníticas; outras são devidas à ação das águas, que, em ocasionando as terras móveis e as matérias solúveis, cavaram várzeas em volta de uma base resistente, calcária, ou diversa.

As matérias arrastadas pela corrente das águas formaram as camadas do período terciário, que se distingue das precedentes, menos por sua composição, que a por ela própria, senão por sua disposição.

As camadas dos períodos primário, de transição, e secundário, formadas sobre uma superfície pouco acidentada, são pouco mais que uniformes por toda Terra; as do período terciário, ao contrário, formadas sobre uma base bastante distinta e pelo arrebatamento das águas, possuem um caráter mais local. Por toda parte, cavando-se a uma certa profundidade, encontram-se todas as camadas anteriores, na ordem de sua formação, ao passo que não se encontra por todo terreno terciário, nem todas as camadas dele, no local.

38. – Durante a desordem do solo que teve lugar na apresentação desse período, concebe-se que a vida orgânica deveu suportar um tempo de parada, o que se reconhece pela inspeção dos terrenos privados de fósseis. Mas, desde que veio um estado mais calmo, os vegetais e os animais ressurgiram. As condições de vitalidade estando mudadas, a atmosfera mais depurada, viu-se formar novas espécies de uma organização mais perfeita., as plantas, em relação à sua estrutura, diferem pouco da de nossos dias.

39. – Durante os dois períodos precedentes, os terrenos não cobertos pelas águas ofereciam pouca extensão, e ainda sendo eles pantanosos e frequentemente submersos; é porque não havia animais aquáticos ou anfíbios. O período terciário que se viu formarem vastos continentes, é caracterizado pela aparição dos animais terrestres.

Do mesmo que o período de transição viu nascer uma vegetação colossal, o período secundário répteis monstruosos, este aqui viu se produzirem mamíferos gigantescos, tais como *o elefante, o rinoceronte, o hipopótamo, o paleotério, o megatério, o dinatério, o mastodonte, o mamute, etc.* Viu nascer igualmente os pássaros, assim como a maior parte das espécies que vivem ainda em nossos dias. Qualquer uma dessas espécies desta época sobreviveu aos cataclismos posteriores; por outro lado, o que se designa pela qualificação genérica de *animais antediluvianos*, estão completamente desaparecidos, ou bem tenham sido recolocados por espécies análogas, de formas menos grosseiras e menos compactas, dos quais os primeiros tipos foram como sinopses; tais são: *o felis spelœa*, animal carnívoro, do volume de um touro, tendo os caracteres anatômicos do tigre e do leão; *o cervus mégaceron*, variedade do cervo do qual as galhadas de 3 a 4 metros de comprimento, tinham espaços de 3 a 4 metros entre suas extremidades.

40. – Tem-se por longo tempo acreditado que o macaco e as diversas variedades de quadrúmanos, animais que se reaproximam ao máximo do homem pela conformação, não existiam ainda; mas, descobertas recentes parecem não deixar dúvidas sobre a presença destes animais, pelo menos ao fim do período.

PERÍODO DILUVIANO

41. – Este período está marcado por um dos maiores cataclismos que perturbaram o globo, mudando ainda uma vez o aspecto da superfície e destruindo sem retorno uma multidão de espécies vivas das quais não se encontram senão vestígios. Por toda parte deixou seus traços que atestam sua generalidade. As águas violentamente lançadas de seu leito invadiram os continentes, arrastando com elas as terras e as rochas, desnudando as montanhas, devastando as florestas seculares. Os novos depósitos que elas formaram são designados em Geologia pelo nome de *terrenos diluvianos*.

42. – Um dos traços mais significativos deste grande desastre, são as rochas chamadas blocos erráticos. Chamam-se assim rochas de granito que se encontram isoladas nas planícies repousando sobre terrenos terciários e ao meio de terrenos diluvianos, por vezes, a várias centenas de léguas das montanhas das quais elas foram arrancadas. É evidente que elas não puderam ser transportadas a também grandes distâncias senão pela violência das correntes.
(7)

43. – Um fato nada menos característico e do qual não se explica ainda a causa, é o que está nos terrenos diluvianos onde se encontram os primeiros *aerólitos* (8); é pois a esta época somente que eles começaram a cair. A causa que os produziu não existia, pois anteriormente.

44. – É ainda por esta época que os polos começaram a se cobrir de gelos e que se formam as geleiras das montanhas, o que indica uma notável mudança na temperatura do globo. Esta troca deve ter sido súbita, porque se ela se operasse gradualmente, os animais tais como os elefantes, que não vivem em nossos dias senão em climas quentes e que se encontram em tão grande número no estado fossilizado nas terras polares, teriam tido tempo de se retirar pouco a pouco para as regiões mais temperadas. Tudo prova, ao contrário, que eles deveram ter sido tomados bruscamente por um grande frio e envolvidos pelos gelos.

45. – Este foi, pois lá o verdadeiro dilúvio universal. As opiniões estão repartidas sobre as causas que o puderam produzir, mas, quaisquer que elas sejam, o fato em si não mais existe.

Supõe-se assaz geralmente que uma troca *brusca* teve lugar na posição do eixo da Terra, para em seguida do que os polos foram mudados; daí uma projeção geral das águas sobre a superfície. Se esta troca se operasse com lentidão, as águas seriam desalojadas gradualmente, sem abalo, tanto que tudo indica uma comoção violenta e súbita. Da ignorância de onde seja a verdadeira causa, só se pode emitir hipóteses.

O desalojamento súbito pode também ter sido ocasionado pelo soerguimento de certas partes da crosta sólida e a formação de novas montanhas no seio dos mares, assim é que teve lugar o começo do período terciário; mas outro aspecto é que o cataclismo não foi geral, além do mais não explicaria a troca súbita da temperatura dos polos.

46. – Na tormenta causada pela convulsão das águas, muitos animais pereceram; outros, para escaparem da inundação, retiraram-se para as alturas, nas cavernas e rachaduras, onde pereceram em massa, seja por fome, seja em se devorando, ou ainda talvez também por irrupção das águas nos lugares onde estavam refugiados, e de onde não podiam escapar. Assim se explica a grande quantidade de ossadas de animais diversos, carniceiros e outros que se encontram desordenados em certas cavernas, chamada por certa razão *cavernas* ou *brechas ósseas*. Em quaisquer umas as ossadas pareceram ai estar entranhadas por corrente das águas. (9)

PERÍODO PÓS-DILUVIANO OU ATUAL – NASCIMENTO DO HOMEM

47. – O equilíbrio uma vez restabelecido na superfície do globo, a vida animal e vegetal prontamente tomou seu curso. O solo consolidado tomara uma postura mais estável; o ar mais depurado convinha aos organismos mais delicados. O Sol que brilhava com todo seu esplendor através de uma atmosfera límpida, derramava, com sua luz, um calor menos sufocante e mais vivificante do que o da fornalha interior. A Terra se povoava de animais menos selvagens e mais sociáveis; os vegetais mais suculentos ofereciam uma alimentação menos grosseira; tudo, enfim, estava preparado sobre a Terra para o novo hóspede que o deveria habitar. Foi então que apareceu o *homem*, o último ser da criação, aquele cuja inteligência devia desde então concorrer para o progresso geral, tudo em progresso próprio.

48. – O homem não teria existido realmente sobre a Terra senão, depois do período diluviano, ou bem, teria ele aparecido antes desta época? Esta questão é muito controversa atualmente, mas a solução, qualquer que seja, só terá importância secundária, já que não mudaria nada em relação aos fatos acontecidos.

O que fizera pensar que a aparição dos homens seja posterior ao dilúvio, foi que não encontraram nenhum traço autêntico de sua existência durante o período anterior. As ossadas descobertas em diversos lugares, e que se tem feito crer na existência de uma pretensa raça de gigantes antediluvianos, foram reconhecidos como sendo ossadas de elefantes.

O que não resta dúvida é que o homem não existiu nem no período primário nem no de transição, muito menos no período secundário, não apenas porque não se encontra nenhum traço, mas porque as condições de vitabilidade não existiam para ele. Se apareceu no período terciário, não poderia ser senão ao seu fim, e, ainda, devia ser pouco provável; senão, após ter-se encontrado os vestígios mais delicados de um tão grande número de animais que viveram a esta época, não se compreenderia que os homens não houvessem deixado nenhum indício de sua presença, quer pelos restos dos corpos, quer por quaisquer trabalhos.

De resto, o período diluviano, tendo sido curto, não ocasionou notáveis trocas nas condições climáticas e atmosféricas; os animais e os vegetais eram também os mesmos antes como depois; não há, pois uma possibilidade material de que a aparição do homem tenha precedido este grande cataclismo; a presença do símio a esta época ajunta à probabilidade do feito, o que recentes descobertas parecem confirmar (10).

O que quer que seja, que o homem tenha aparecido ou não antes do grande dilúvio universal, é certo que seu papel humanitário só começou a se desenhar no período pós diluviano; pode-se pois considerar como caracterizado por sua presença.

NOTAS

(1) Fóssil, do latim *fossilia*, *focillis*, derivado de *fossa*, a fossa, e de *fodere*, cavar, escavar a terra. Este termo, diz-se em Geologia, de corpos ou fragmentos de corpos orgânicos, provenientes de seres que viviam anteriormente aos tempos históricos. Por extensão, diz-se igualmente das substâncias minerais portando os traços da presença de seres orgânicos, tais como as impressões de vegetais ou de animais.

O termo fóssil, de uma aceção mais geral, foi substituído pelo de petrificação que não se aplica senão aos corpos transformados em pedra pela infiltração de matéria silicosa ou calcárea nos tecidos orgânicos. Todas as petrificações são necessariamente de fósseis, porém, nem todos os fósseis são petrificações.

Os objetos que se revestem de uma camada pétreo, logo que sejam mergulhadas em certas águas impregnadas de substâncias calcárias, não são petrificações propriamente ditas, mas simples incrustações.

Os monumentos, inscrições e objetos provenientes de fabricação humana, cabem à arqueologia.

(2) No ponto em que Georges Cuvier levou a Ciência Paleontológica, um só osso é suficiente para determinar o gênero, a espécie, a forma de um animal, seus hábitos e, para reconstituí-lo todo inteiro.

(3) Planta pantanosa, vulgarmente chamada de cauda de cavalo.

(4) A turfa se formou da mesma maneira, pela decomposição de rumas de vegetais, em terrenos pantanosos; mas com essa diferença de que, sendo mais recente e, sem dúvida, em outras condições, ela não teve tempo de se carbonizar.

(5) Na baía de Fundy (Nova Escócia), M. Lyell encontrou, sobre uma espessura de hulha de 440 metros, 68 níveis diferentes, apresentando os traços evidentemente de vários solos de floresta onde os troncos de árvores estavam ainda guarnecidos de suas raízes. (L. Figuier)

(6) O primeiro fóssil deste animal foi descoberto em 1823.

(7) É um destes blocos, proveniente evidentemente, por sua composição, das montanhas da Noruega, que serve de pedestal à estátua de Pedro o Grande, em São Petersburgo.

(8) Pedras caídas da atmosfera.

(9) Conhece-se um grande número de cavernas semelhantes, onde algumas têm uma extensão considerável. Existe-as no México que têm várias léguas; a de Aldesbergue, em Carniole (Áustria), não tem menos do que três léguas. Uma das mais notáveis é a de Gailenroite, no Wutembergue. Há várias na França, na Inglaterra, na Alemanha, na Sicília e outros países da Europa.

(10) Veja os trabalhos do Sr. Boucher de Perthes.

NOTAS DO TRADUTOR

(a) Assim como os reinos biológicos têm o carbono como componente fundamental, o reino mineral (geológico) tem a sílica, também tetravalente como elemento básico de formação. Tanto o feldspato – nome de origem alemã – silicatos aluminosos, como o quartzo, sílica cristalizada, e a mica, silicatos diversos dos mais variados metais, estruturam-se neste elemento.

(b) No original francês há uma repetição dos números nos itens 20 e 21.

(c) Kardec só não pôde falar dos “agentes estruturadores” provavelmente responsáveis pela elaboração desse processo evolutivo de transição porque só a partir de 1975, com os estudos nucleares de Murray Gell Mann surgiu a hipótese de suas existências. Dessa maneira, o que se pode admitir, dentro da nova concepção, é que os referidos “agentes” não seriam senão formas do domínio espiritual – ou Espiritualidade – atuando não apenas em nosso planeta como em todo o Universo, dando-lhe vida e constituição das formas. Daí, a causa das modificações sofridas pelo processo de transformação das espécies.

(d) Provavelmente, Kardec esteja se referindo a Jacques Boucher de Crèvecœur de Perthes (1788-1868), arqueólogo francês, grande pesquisador e autor da obra **“O Homem Pré-histórico”**.

* * *

Capítulo VIII

TEORIAS DA TERRA

Teoria da projeção – Teoria da Condensação – Teoria da Incrustação

TEORIA DA PROJEÇÃO

1. – De todas as teorias tocantes à origem da Terra, aquela que teve mais crédito nestes últimos tempos é a de *Buffon*, (a) quer por causa da posição de seu autor no mundo do sábio, quer porque não se sabia por mais tempo nada a esta época.

Vendo todos os planetas se mover na mesma direção, do ocidente para o oriente e no mesmo plano, percorrendo órbitas cuja inclinação não excede 7 graus e meio, Buffon conclui desta uniformidade que elas haviam sido dadas se movimentarem pela mesma causa.

Conforme ele, o Sol sendo uma massa incandescente em fusão, ele supunha que um cometa tendo chocado obliquamente, rasante com sua superfície, destacou uma porção que, projetada no espaço pela violência do choque, dividiu-se em vários fragmentos. Estes fragmentos formaram os planetas que continuaram a se movimentar circularmente pela combinação da força centrípeta e da força centrífuga, no sentido imprimido pela direção do choque primitivo, a dizer, no plano da eclíptica.

Os planetas seriam assim partes da substância incandescente do Sol e, por consequência eles próprios teriam sido incandescentes em sua origem. Eles se puseram a resfriar-se e a se consolidar em tempo proporcional a seu volume, e, quando a temperatura o permitiu, a vida tomou nascimento em sua superfície.

Em seguida ao abaixamento gradual do calor central, a Terra chegaria, num tempo dado, a um estado completo de resfriamento; a massa líquida seria inteiramente congelada e o ar gradativamente condensado findaria por desaparecer. O abaixamento da temperatura, tornando a vida impossível causaria a diminuição, aliás, o desaparecimento de todos os seres organizados. O resfriamento que começou pelos polos ganharia sucessivamente todos os sítios até o equador.

Tal é, conforme Buffon, o estado atual da Lua que, menor do que a Terra, seria atualmente um mundo extinto, onde a vida está, daí para frete, excluída. O Sol, ele próprio, teria, um dia, a mesma sorte. Segundo seus cálculos, a Terra teria posto 74.000 anos aproximados para chegar à sua temperatura atual, e, em 93.000 anos veria o fim da existência da natureza organizada.

Até a presente data, nenhuma observação científica comprovou a tese de Buffon relativa à formação dos planetas. Já o próprio Kardec constata o fato, adiante.

2. – A teoria de Buffon, contraditada pelas novas descobertas da ciência, está, atualmente, quase completamente abandonada pelos motivos seguintes:

1° Por muito tempo acreditou-se que os cometas eram corpos sólidos onde o encontro com um planeta pudesse provocar a destruição deste. Nesta hipótese, a suposição de Buffon não teria nada de improvável. Mas, sabe-se atualmente que eles são formados de uma matéria gasosa condensada, assaz rarefeita conforme pudesse perceber as estrelas de menor grandeza

através de seu núcleo. Nesse estado, oferecendo menos resistência que o Sol, um choque violento capaz de projetar ao longe uma porção de sua massa é uma coisa impossível.

2° A natureza incandescente do Sol é igualmente uma hipótese que nada, até o presente, vem confirmar e que parece, ao contrário, desmentir as observações. Bom que não esteja ainda completamente fixada a respeito da natureza, a eficácia dos meios de observação de que se dispõe atualmente tem permitido o meio de estudar. É atualmente em geral admitido pela Ciência que o Sol seja um globo composto de matéria sólida, envolta em uma atmosfera luminosa que não estaria em contato com sua superfície. (1)

3° No tempo de Buffon, só se conhecia apenas seis planetas sabidos desde os anciões: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno. Depois, descobriu-se um grande número de asteroides dos quais três deles, principalmente, Juno, Palas e Ceres têm suas órbitas respectivamente inclinadas de 13, 10 e 34 graus, o que não concorda com a hipótese de um movimento de projeção único.

4° Os cálculos de Buffon sobre o resfriamento são reconhecidamente tidos como inexatos após o descobrimento da lei do decréscimo do calor por J. Fourier. Não é 74.000 anos que foram necessários à Terra para chegar à sua temperatura atual, mas, milhões de anos.

5° Buffon só considerou o calor central do globo, sem dar conta dos raios solares; ora, ele é reconhecido atualmente, por dados científicos de uma rigorosa precisão fundamentados sobre experiências que em razão da espessura da crosta terrestre, o calor interno do globo só teria, após longo tempo, uma parte insignificante na temperatura da superfície exterior; as variações que esta atmosfera sofre são periódicas e devidas à ação preponderante do calor solar (cap. VII, nº 25). O efeito desta causa, sendo permanente, tanto que o efeito do calor central é nulo, ou quase, a diminuição dela não pode aportar à superfície da Terra modificações sensíveis. Para que a Terra se tornasse inabitável pelo resfriamento geral, seria preciso a extinção do Sol (2).

TEORIA DA CONDENSAÇÃO

3. – A Teoria da formação pela condensação da matéria cósmica é a que prevalece atualmente, na Ciência como sendo a que está melhor justificada pela observação, que resolve o maior número de dificuldades e que se apoia, mais do que todas as outras, sobre o grande princípio da unidade universal. É a que está descrita anteriormente, cap. VI, *Uranografia Geral*.

Estas duas teorias, como se vê, tendem ao mesmo resultado: o estado primitivo de incandescência do globo, a formação de uma crosta sólida pelo resfriamento, a existência de um fogo central e a aparição da vida orgânica desde que a temperatura tornasse possível. Elas diferem pelo modo de formação da Terra e é provável que, se Buffon tivesse vivido em nossos dias, ele teria tido outras ideias. São, pois, duas rotas diferentes conduzindo ao mesmo objetivo.

A Geologia toma a Terra ao ponto onde a observação direta é possível. Seu estado anterior escapando à experimentação, só pode ser conjectura; ora, entre duas hipóteses, o bom senso diz que é preciso procurar a que esteja sancionada pela lógica e que concorde ao máximo com os fatos observados.

TEORIA DA INCRUSTAÇÃO

4. – Não mencionamos esta teoria senão por memória, atentando que ela nada tem de científica, mas unicamente porque teve certa ressonância nestes últimos tempos e que seduziu algumas pessoas. Resume-se na carta seguinte:

“Deus, conforme a Bíblia, criara o mundo em seis dias, quatro mil anos antes da era cristã. Eis lá o que os geólogos contestam pelo estudo dos fósseis e os milhares de caracteres incontestáveis de vetustez que fazem remontar a origem da Terra a dez milhões de anos, e, portanto a Escritura disse a verdade e os geólogos também, e é um simples camponês (3) que os pôs de acordo em nos apresentando que nossa Terra é apenas um planeta *incrustativo* considerável moderno, composto de materiais deveras antigos.”

“Após o arrebatamento do *planeta desconhecido*, chegado à maturidade ou em harmonia com o que existia no lugar que ocupamos atualmente, a alma da Terra recebeu a ordem de reunir seus satélites para formar nosso globo atual conforme as regras do progresso em tudo e por tudo. Quatro destes astros somente consentiram na associação que lhe era proposto; a Lua apenas persistiu em sua autonomia, porque *os globos têm também seu livre arbítrio*. Para proceder a esta fusão, a alma da Terra dirigiu sobre os satélites um raio magnético atrativo tornou cataléptico todo seu mobiliário vegetal, animal e hominal que aportaram à comunidade. A operação só teve por testemunho a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes que a ajudaram nesta grande obra, abrindo os globos para colocar suas entranhas em comum. A soldadura após operada, as águas se escoaram nos vazios deixados pela ausência da Lua. As atmosferas se confundiram, e a alvorada ou a ressurreição dos germens catalépticos começou; o homem foi tirado em último lugar de seu estado de hipnotismo, e se viu cercado da vegetação luxuriante do paraíso terreal e dos animais que pascentavam em paz em volta dele. Tudo isto podia se fazer em seis dias com operários também poderosos que os que Deus tinha encarregado desta tarefa. O continente Ásia nos trouxe a raça amarela, a mais civilizada anciã; a África, a raça negra; a Europa, a raça branca e a América, a raça vermelha. A Lua nos teve trazido provavelmente, a raça verde ou azul.

“Assim, certos animais, dos quais só se encontram vestígios, não teriam nunca vivido sobre nossa Terra atual, mas teriam sido trazidos de outros mundos deslocados pela velhice. Os fósseis se encontram nos climas onde eles não teriam podido existir aqui em baixo, viveram, sem dúvida nas zonas bem diferentes, sobre os globos onde nasceram. Tais vestígios se encontram nos polos entre nós que viviam no equador entre eles”.

5. – Esta teoria tem contra ela os dados, os mais positivos da ciência experimental, outra, que ela deixe toda inteira a questão da origem que pretende resolver. Ela diz bem como a Terra seria formada, porém não diz como seriam formados os quatro mundos reunidos para constituí-la.

Se as coisas se estivessem passado assim, como se faria se não se encontra em nenhuma parte os traços destas imensas soldaduras, indo desde as entranhas do globo? Cada um desses mundos trazendo seus materiais próprios, a Ásia, a África, a Europa, a América tendo cada uma sua geologia particular diferente, o que não acontece. Vê-se ao contrário, a princípio o núcleo granítico uniforme de uma composição homogênea em todas as partes do globo, sem solução de continuidade. Pois, as camadas geológicas de mesma formação, idênticas na sua constituição, por toda parte superpostas na mesma ordem, constituindo-se sem interrupção de um lado a outro dos mares, da Europa à Ásia, à África, à América e reciprocamente. Estas camadas, testemunhas das transformações do globo, atestam que estas transformações estão executadas sobre toda sua superfície, e não sobre uma parte; elas nos mostram os períodos de aparição, de existência e de desaparecimento das mesmas espécies animais e vegetais igualmente nas diferentes partes do mundo; a fauna e a flora destes períodos recuados que

andam por toda parte simultaneamente sob a influência de uma temperatura uniforme, trocando por toda parte simultaneamente sob a influência de uma temperatura uniforme, trocando por toda parte de caráter à medida que a temperatura se modifica. Um tal estado de coisas é inconciliável com a formação da Terra pela adjunção de vários continentes distintos.

Se este sistema foi concebido há um século somente, ele teria podido conquistar um lugar provisório nas cosmogonias especulativas puramente imaginárias, e fundamentados sem o método experimental; mas, atualmente, não há nenhuma vitalidade e não suporta sequer o exame, porque é contraditado pelos feitos materiais.

Sem discutir aqui o livre arbítrio atribuído aos planetas, nem a questão de sua alma, pede-se que seria tornado do mar, que ocupa o vazio deixado pela Lua, se esta não tivesse posto de má vontade a se reunir com suas irmãs; o que se adviria da Terra atual se um dia se tomasse a fantasia de a Lua vir retomar seu lugar e em expulsar o mar!

6. – Este sistema seduziu algumas pessoas, porque ele parecia explicar a presença das diferentes raças de homens sobre a Terra, e sua localização; mas, desde que estas raças puderam germinar sobre os continentes separados, por que não teriam eles podido fazer sobre pontos diversos do mesmo globo? É querer resolver uma dificuldade por uma dificuldade bem maior. De fato, com certa rapidez e alguma destreza que se seja feita a operação, esta adjunção não se poderia fazer sem abalos violentos; quanto mais tenha sido ela rápida, mais os cataclismos devam ter sido desastrosos; mostra-se pois, impossível que seres simplesmente adormecidos do sono cataléptico aí tenham podido resistir, para se revelar em seguida tranquilamente. Se não eram senão germens, em que se consistiam eles? Como seres totalmente formados teriam sido reduzidos ao estado de germens? Restaria sempre a questão de saber como estes germens se desenvolveram novamente. Seria ainda a Terra formada por via miraculosa, mas, por um outro procedimento menos poético e menos grandioso que o primeiro; ao passo que as leis naturais dão, pela sua formação, uma explicação bem de outra forma completa e, sobretudo, mais racional deduzida da experiência e da observação (4).

NOTAS

(1) Irá encontrar uma dissertação completa e ao nível da Ciência moderna a respeito da natureza do Sol e dos cometas nos **Estudos e leitura sobre a Astronomia**, por Camilo Flammarion. 1 vol. In-12. Impressor: Casa Gauthier-Villard, 55, estação dos Augustinhos.

(2) Ver para mais pormenores desta causa e sobre a lei do decréscimo do calor: **Cartas sobre a revolução do globo**, por Bertrand, págs 19 e 307.

(3) O Sr. Michel, de Figagnieres (Varone), autor da "**Chave da vida**".

(4) Quando um sistema semelhante se liga a toda uma cosmogonia, pergunta-se sobre qual base racional pode repousar o resto.

A concordância que se pretende estabelecer, por este sistema, entre a Gênese bíblica e a Ciência, é de uma feita ilusória, desde que seja contradita pela Ciência, mesmo. Por outro lado, todas as crenças derivadas do texto bíblico têm por pedra angular a criação de uma dupla única de onde saíram todos os homens. Tirada essa pedra e tudo o que é armado em cima se desmorona. Ora, este sistema, dando à humanidade uma origem múltipla, é a negação da doutrina que lhe dota de um pai comum.

O autor da carta acima, homem de grande saber, por momentos seduzido por esta teoria, viu desde cedo os lados vulneráveis, e não tardou a combatê-la com as armas da Ciência.

NOTA DO TRADUTOR

(a) Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1749-89), naturalista francês de Montbard é considerado como um dos três sábios da sua época que pressentiu, sobre vários pontos importantes, as descobertas contemporâneas. Todavia, muita coisa há discordante e uma delas é a formação dos planetas a partir do desprendimento de uma bola de fogo da estrela central do seu sistema. Depois as descobertas do observatório Keck II, no Haway, a teoria é a de que a quinta força do Universo seria a responsável pela formação desses astros, atuando sobre a poeira cósmica e reunindo-as. Tal ação provoca sua incandescência, sendo porém, um astro de pequeno porte, esfria-se rápido, em contraposição com as estrelas que se formam, geralmente, da explosão de um buraco negro.

(b) O que ocorre é que os cientistas teimam em não levar em conta a ação espiritual sobre a formação dos seres vivos; só assim é que se explica porque existem raças distintas, ou seja, pela necessidade de se adaptar a vida humana à região em questão e os Espíritos, ao formarem seus corpos, cuidaram exatamente disso.

Pode ser que, com a descoberta da quinta força do Universo, atentem ao fato de que existe um outro domínio externo ao Universo atuando sobre ele para dar-lhe formas e vida.

* * *

Capítulo IX

REVOLUÇÕES DO GLOBO

**Revoluções gerais ou parciais – Dilúvio bíblico. Revoluções periódicas
– Cataclismos futuros**

REVOLUÇÕES GERAIS OU PARCIAIS

1. – Os períodos geológicos marcam as fases do aspecto geral do globo, pela sequência de suas transformações; mas se tem como exceção o período diluviano, que porta os caracteres de uma desordem súbita; todas as demais se completaram lentamente e sem transição brusca. Durante todo o tempo em que os elementos constituintes do globo se puseram a tomar seus assentos, as trocas se dizem ser gerais; uma vez consolidada a base, só se produziram modificações parciais na superfície.

2. – Além das revoluções gerais, a Terra experimentou um grande número de perturbações locais que mudaram o aspecto de certas regiões. Como por outras, duas causas para isso contribuíram: o fogo e a água.

O fogo: quer pelas erupções vulcânicas que enterraram sob espessas camadas de cinza e de lavas os terrenos circundantes, fazendo desaparecer as cidades e seus habitantes; quer por tremores de terra, quer por soerguimento da crosta sólida, refugando as águas sobre as regiões mais baixas; quer pelo abatimento desta mesma crosta em certos sítios, sobre uma extensão mais ou menos dimensionada, onde as águas se precipitaram, deixando outros terrenos à descoberta. Foi assim que as ilhas surgiram no seio do oceano enquanto que outras desapareceram; que porções de continentes se separaram e formaram ilhas, que braços de mar posto a seco reuniram ilhas aos continentes.

A água: quer pela irrupção ou o retraimento do mar sobre certas costas; quer por derrocada que, retendo os cursos d'água, formaram os lagos; quer por transbordamentos e as inundações; quer, enfim, por aterramentos formados nas embocaduras dos rios. Estes aterros refugando o mar, criaram novos campos; tal é a origem do delta do Nilo ou Baixo Egito, do delta do Ródano ou Camargo e de tantos outros.

DILÚVIO BÍBLICO

3. – Pela inspeção dos terrenos dilacerados pelo soerguimento das montanhas e das camadas é que, formando os contrafortes, pode-se determinar sua idade geológica. Por idade geológica das montanhas não é necessário entender o número de anos de sua existência, mas o período durante o qual elas foram formadas e, por conseguinte sua ancianidade relativa. Seria um erro crer que esta ancianidade estaria em razão de sua elevação ou de sua natureza exclusivamente granítica, entendendo que a massa de granito, em se erguendo, pode ter perfurado e separado as camadas superpostas.

Constatou-se, assim, pela observação, que as montanhas dos Vosgas, da Bretanha e da Costa do Ouro, na França, que não são muito elevadas, pertenceram às mais antigas formações; elas datam do período de transição e são anteriores aos depósitos hulhíferos. O Jurássico formou-se por volta do período secundário; é contemporâneo dos répteis gigantes. Os Pirineus formaram-se mais tarde, ao começo do período terciário. O Monte Blanco e o grupo dos Alpes ocidentais são posteriores aos Pirineus e datam por volta do período terciário. Os Alpes orientais, que compreendem as montanhas do Tirol, são mais recentes ainda, porque só se

formaram por volta do fim do período terciário. Algumas montanhas da Ásia são até posteriores ao período diluviano ou lhe são contemporâneos.

Estes soerguimentos têm dado ocasionar grandes perturbações locais e inundações mais ou menos consideráveis pelo deslocamento das águas, a interrupção e mudança de curso de rios (1).

4. – O dilúvio bíblico, designado também sob o nome de grande dilúvio asiático, é um fato cuja existência não pode ser contestada. Deve ter sido ocasionado pelo soerguimento de uma parte de montanhas deste continente, como o do México. O que vem em apoio desta opinião é a existência de um mar interior que se estendia outrora do mar Negro ao oceano boreal (Ártico), atestado pelas observações geológicas. O mar de Azoff, o mar Cáspio, no qual as águas são salinas, embora não se comunicando com nenhum outro mar; o lago Aral e os inúmeros lagos conhecidos nas imensas planícies da Tartária e as estepes da Rússia parecem ser restos deste antigo mar. Desde o levantamento das montanhas do Cáucaso, uma parte destas águas foi comprimida ao norte sobre o oceano Boreal; a outra, do meio, sobre o oceano Índico. Estas aqui inundaram e assolaram precisamente a Mesopotâmia e toda a região habitada pelos ancestrais do povo hebreu. Embora este dilúvio se fizesse estender sobre uma assaz enorme superfície, um ponto avaliado atualmente é que teria sido local; que não pôde ser causado pela chuva, porque, bastante abundante e contínua que fosse durante quarenta dias, o cálculo prova que a quantidade de água tombada não poderia ser assaz grande para cobrir toda a Terra até por sobre as mais altas montanhas.

Para os homens da época, que só conheciam uma extensão deveras limitada da superfície do globo e que não tinham nenhuma ideia de sua configuração, desde o instante que a inundação tinha invadido os países conhecidos, para eles isto devia ser toda a Terra. Se a esta crença juntarmos a forma imaginosa e hiperbólica ao estilo oriental, não será surpresa o exagero da narração bíblica.

5. – O dilúvio asiático é evidentemente posterior à aparição do homem sobre a Terra, já que a memória se conservou pela tradição entre todos os povos desta parte do mundo, que se consagraram em suas teogonias.

É igualmente posterior ao grande dilúvio universal que marcou o período geológico atual; e quando se fala de homens e de animais antediluvianos, a isso se entende deste primeiro cataclismo.

REVOLUÇÕES PERIÓDICAS

6. – Mais além do seu movimento anual em torno do Sol, que produz as estações, seu movimento de rotação sobre ela mesma em 24 horas, que produz o dia e a noite, a Terra possui um terceiro movimento que se complementa em torno de 22 mil anos (mais exatamente 25.868 anos) que produz o fenômeno designado em astronomia sob o nome de precisão dos equinócios.

Este movimento que seria impossível de explicar em poucas palavras, sem configurações e sem uma demonstração geométrica, consiste em uma sorte de balanceio circular que se comparou ao do pião agonizante, por sequência do qual o eixo da Terra, mudando de inclinação, descreve um duplo cone onde o fulcro está no centro da Terra e as bases compreendem a superfície circular circunscrita pelos círculos polares; ou seja, uma amplitude de 23 graus e meio de raio. (2)

7. – O equinócio é o instante onde o Sol, passando de um hemisfério para o outro, se encontra perpendicularmente sobre o equador, o que acontece duas vezes por ano, a 20 de março quando o Sol penetra no hemisfério boreal e 22 de setembro quando retorna para o hemisfério austral.

Mas, como consequência da troca gradual na obliquidade do eixo, o que causa um na obliquidade do equador sobre a eclíptica, o instante do equinócio se encontra cada ano adiantado de alguns minutos (25 min 7 seg). É este avanço que é chamado de precessão dos equinócios (do latim *præcedere*, marchar adiante, composto de *præ* – adiante e *cedere* – ir-se).

Estes alguns minutos, ao longo do tempo, formam horas, dias, meses e anos; resulta que o equinócio da primavera, que chega atualmente em março, chegará, em um tempo dado, em fevereiro, depois em janeiro, depois em dezembro e então o mês de dezembro terá a temperatura do mês de março, e março o de junho e assim sucessivamente até que, em retornando ao mês de março, as coisas se encontrarão no estado atual, o que terá lugar em 25.868 anos, para recomeçar a mesma revolução indefinidamente (3).

8. – Resulta deste movimento cônico do eixo que os polos da Terra não guardam constantemente os mesmos pontos do céu; que a estrela Polar não estará sempre como estrela Polar; que os polos estarão gradualmente mais ou menos inclinados sobre o Sol e em recebendo raios mais ou menos diretos; de onde, segue que a Islândia e a Lapônia, por exemplo, que estão sob o círculo polar, poderão, dentro de um determinado tempo, receber os raios solares como se eles estivessem na latitude da Espanha e da Itália, e que, na posição oposta extrema, a Espanha e a Itália poderão ter a temperatura da Islândia e da Lapônia e assim, por sequência para cada renovação do período de 25 mil anos.

9. – A consequência deste movimento não pode ainda ser determinada com precisão, porque não se pôde observar sequer uma tênue parte de sua revolução; não há, pois com referência a isto que tal pressuposição qualquer delas, tenha uma certa probabilidade.

Estas consequências são:

1° O aquecimento e o esfriamento alternado dos polos e, por conseguinte, a fusão dos gelos polares durante a metade do período de 25 mil anos, e sua formação novamente durante a outra metade deste período. De onde resultará que os polos jamais seriam voltados a uma esterilidade perpétua, mas gozariam a seu turno a favor da fertilidade.

2° O deslocamento parcial do mar que invadia pouco a pouco as terras, ao passo que ele descobre outras, para abandoná-las novamente e reentrar em seu antigo leito. Este movimento periódico renovado indefinidamente constituiria uma verdadeira maré universal de 25 mil anos. A lentidão com a qual se opera este movimento do mar lhe torna quase imperceptível em relação a cada geração; mas, é sensível ao fim de alguns séculos. Não pode causar nenhum cataclismo súbito, já que os homens se retiram, de geração em geração, à medida que o mar avança, e eles avançam sobre as terras de onde o mar se retira. É, por este motivo, mais que provável que alguns sábios atribuam a retirada do mar sobre certas costas e sua invasão sobre outras.

10. – O deslocamento lento, gradual e periódico do mar é um fato adquirido pela experiência, e atestado por numerosos exemplos sobre todos os pontos do globo. Tem por consequência a conservação das forças produtivas da Terra. Esta longa imersão é um tempo de repouso durante o qual as terras submersas recuperam os princípios vitais consumidos por uma produção não menos longa. Os imensos depósitos de matéria orgânica formados pela demora

das águas durante séculos de séculos, são adubos naturais periodicamente renovados, e as gerações se sucedem sem se aperceber desta troca (4)..

CATACLISMOS FUTUROS

11. – As grandes comoções da Terra tiveram lugar na época em que a crosta sólida, por sua parca espessura, só ofereceu uma tênue resistência à efervescência das matérias incandescentes do interior; tem-nas visto diminuir de intensidade e de generalidade à medida que a crosta se torna consolidada. Numerosos vulcões estão atualmente extintos, outros estão recobertos pelos terrenos de formação posterior.

Poderão certamente ainda se produzir perturbações locais, por sequência de erupções vulcânicas, de abertura de alguns novos vulcões, de inundações súbitas de certas regiões; algumas ilhas poderão surgir do mar e outras submergirem; mas o tempo dos cataclismos gerais como os que marcaram os grandes períodos geológicos, passou. A Terra assumiu uma estabilidade que, sem ser absolutamente invariável, põe de hoje em diante o gênero humano ao abrigo das perturbações gerais, salvo de causas desconhecidas estranhas ao nosso globo e que nada saberia fazer prevenir.

12. – Quanto aos cometas, está-se no momento atual plenamente conhecido a respeito da sua influência, mais salutar que nociva, onde eles parecem destinados a revitalizar, si se pode assim exprimir, os mundos em lhe reportando os princípios vitais que eles têm colhido durante seus cursos através do espaço e nas vizinhanças dos Sois. Serão, assim, fontes de prosperidade em vez de mensageiros do mal.

Por sua natureza fluídica, atualmente bem constatada (capítulo VI n° 28 e seguintes), um choque violento não é crível: porque, no caso onde um deles encontrasse a Terra, seria esta última que passaria através do cometa, como através de uma neblina.

Sua cauda não é mais temível; já que é apenas a reflexão da luz solar na imensa atmosfera que se os envolve, motivo pelo qual ela está sempre voltada para o lado oposto do Sol e muda de direção seguindo a posição deste astro. Esta matéria gasosa poderia, como também, por motivo da rapidez de sua marcha, formar uma sorte de cabeleira como a esteira deixada pelo navio, ou a fumaça de uma locomotiva. De resto, vários cometas já se aproximaram da Terra sem lhe causar nenhum prejuízo; e em razão da sua densidade respectiva, a Terra exerceria sobre o cometa uma atração maior do que a do cometa sobre a Terra. Um resto de velhos julgamentos pode somente inspirar credices sobre sua presença (5).

13. – É preciso igualmente relegar entre as hipóteses quiméricas a possibilidade da colisão da Terra com um outro planeta; a regularidade e invariabilidade das leis que presidem os movimentos dos corpos celestes tiram deste encontro toda probabilidade.

A Terra, entretanto, terá um fim; como? É o que se torna impossível de se prever; mas, como está ela ainda longe da perfeição que pode atingir, e da vetustez que seria um signo de declínio, seus habitantes atuais estão seguros de que não será para seu tempo (Cap. VII, n° 48 e seguintes).

14. – Fisicamente, a Terra teve as convulsões de sua infância; entrou desde então em um período de estabilidade relativa: naquele do progresso passivo que se completa pelo retorno regular dos mesmos fenômenos físicos, e o concurso inteligente do homem. Mas *ela está ainda na plenitude do trabalho de produção do progresso moral*. Lá, será a causa de suas maiores comoções. *Até que a humanidade tenha suficientemente grandeza em perfeição por*

inteligência e a ponha em prática nas leis divinas, as maiores perturbações serão feitos dos homens mais do que a natureza; isto é, serão mais morais e sociais que física.

OBS. Aqui termina o texto de Kardec. Edições há que acrescentaram ao capítulo certa mensagem de Galileu que não consta do original deste capítulo.

NOTAS

(1) O último século oferece um exemplo remarcável de um fenômeno deste gênero. A seis jornadas de marcha da cidade do México encontrava-se, em 1750, um campo fértil e bem cultivado, onde cresciam em abundância o arroz, o milho e as bananas. No mês de junho, assustadores tremores de terra agitaram o solo e estes tremores se repetiam sem cessar durante dois meses inteiros. Na noite de 28 para 29 de setembro, a terra teve uma violenta convulsão; um terreno de várias léguas de extensão se elevava pouco a pouco e terminou por atingir uma altura de 500 pés, sobre uma superfície de 10 léguas quadradas. O terreno ondulava como as vagas do mar sob o sopro da tempestade; milhares de montículos se elevavam e se abismavam a seu turno; enfim, um abismo de aproximadamente 3 léguas abriu-se; fumaça, fogo, pedras abrasadas, cinzas, foram lançadas a uma altura prodigiosa. Seis montanhas surgiram deste abismo escancarado, dentre os quais o vulcão ao qual se deu o nome de *Jorullo* eleva-se atualmente a 550 metros acima da antiga planície. No momento em que começa o abalo do solo, os dois rios *Cuitimba* e São Pedro, refluindo para montante, inundaram toda a planície ocupada até então pelo *Jorullo*; mas, no terreno que surgia sempre, uma rachadura se abriu e os devorou. Elas ressurgiram a oeste, sobre um ponto muito distante de seu antigo leito. (Louis Figuier, *La Terre avant le déluge*, pág. 379).

(2) Uma ampulheta composta de dois copos cônicos, que gira sobre si mesma numa posição inclinada; ou ainda dois bastões cruzados em forma de X girando sobre seu ponto de intersecção, podem dar uma ideia aproximada da figura formada por este movimento do eixo.

(3) A precessão dos equinócios causa uma outra troca, a que se opera na posição dos signos do zodíaco.

A Terra girando em torno do Sol em um ano, à medida que ela avança, o Sol se encontra cada mês diante de uma nova constelação. Estas constelações são em número de doze, a saber: *Aries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes*. São chamadas de constelações zodiacais ou signos do zodíaco e formam um círculo no plano do equador terrestre. Conforme o mês de nascimento do indivíduo, diz-se que ele seria nascido sob tal signo, daí, os prognósticos da astrologia. Mas, pela sequência da precessão dos equinócios, chega-se que os meses não correspondem mais às mesmas constelações que havia a 2000 anos; o que nasce no mês de julho, não é mais do signo de Leão, mas, do de Câncer. Assim tomba a ideia supersticiosa correlata com a influência dos signos. (Cap. V, n° 12)

(4) Entre os fatos, os mais recentes que provam o deslocamento do mar, pode-se citar os seguintes:

No golfo de Gasconha, entre o velho Soulac e a torre de Corduan, quando o mar está calmo, descobre-se ao fundo da água panos de muralha; são os restos de antiga e grande cidade de *Noviomagus*, invadida pelas vagas em 580. O penedo de Corduan, que era então ligado à margem e está agora a 12 quilômetros.

No mar da Mancha, na Costa do Havre, o mar ganha cada dia, terreno e mina as faleses de Santa Andressa que se desmoronam pouco a pouco. A 2 km da costa, entre santa Andressa e o cabo da Heveia existe o banco do Esplendor, outrora a descoberto e reunido à terra firme. De velhos documentos constavam que sobre este local, onde se navega atualmente, existia a vila de São Denis chefe de Caux. O mar indo invadir o terreno ao XIV século, a igreja foi encoberta em 1378. Pretende-se que se lhe veja os restos no fundo da água nas calmarias.

Sobre quase toda extensão do litoral da Holanda, o mar só é retido pela força de diques que se rompem de tempos em tempos. O antigo lago *Flevo*, reunido ao mar em 1225, forma atualmente o golfo da *Zuyderzée*. Esta erupção do oceano engoliu várias aldeias.

Depois disto, o território de Paris e da França será um dia de novo, ocupado pelo mar, como já tem sido por diversas vezes, tal como o provam as observações geológicas. As partes montanhosas formarão então ilhas como o são atualmente Jersey, Guernesey, a Inglaterra, em tempos idos contíguas ao continente.

Navegar-se-á sobre os campos que se percorre atualmente em ferrovias; os navios aportarão em Montmartre, no monte Valério, nas costas de Saint Cloud e de Meudon; os bosques e as florestas onde se passeia serão sepultados sob as águas, recobertos de limo e povoados de peixes em lugar dos pássaros.

O dilúvio bíblico não pode ter tido esta causa, já que a invasão das águas foi súbita e sua permanência de curta duração, enquanto que de outra forma ela teria sido de vários milhares de anos e perduraria ainda, sem que os homens se dessem por apercebidos

(5) O cometa de 1861 cruzou a rota da Terra a vinte horas de distância à frente dela, que deveu se encontrar mergulhada em sua atmosfera, sem que disso resultasse nenhum acidente.

* * *

Capítulo X

GÊNESE ORGÂNICA

Primeira formação dos seres vivos – Princípio Vital – Geração espontânea – Escala dos seres corpóreos – O homem

PRIMEIRA FORMAÇÃO DOS SERES VIVOS

1. – Foi num tempo em que os animais não existiam, em que eles começaram. Tem-se visto aparecer cada espécie na medida em que o globo adquiria as condições necessárias para sua existência: eis o que é positivo. Como se formaram os primeiros indivíduos de cada espécie? Compreende-se que um primeiro par sendo dado, os indivíduos sejam multiplicados; mas este primeiro par, de onde surgiu? É aí um destes mistérios que se tem do princípio das coisas e sobre os quais só se podem fazer hipóteses. Se a Ciência não pode ainda resolver completamente o problema, pode, pelo menos colocar sob a vista.

2. – Uma primeira questão que se apresenta é esta aqui: cada espécie animal seria ela saída de um *primitivo* par ou de vários pares criados, ou como se queira, *germinados* simultaneamente em diferentes lugares?

Esta última suposição é a mais provável; pode-se, mesmo, dizer que ela resulta da observação. Com efeito, existe em uma mesma espécie uma infinita variedade de gêneros que se distinguem pelos caracteres mais ou menos resolvidos. Seria preciso, necessariamente, ao menos um tipo para cada variedade apropriada ao meio onde fosse chamada a viver, já que cada uma se reproduz identicamente da mesma forma.

Por outro lado, a vida de um indivíduo, sobretudo a de um indivíduo nascido, está sujeita a tantas eventualidades, que toda uma criação poderia estar comprometida sem a pluralidade dos tipos primitivos, o que não teria sido conforme a providência divina. Alhures, se um tipo pudesse se formar sobre um ponto, não haveria razão para que não se formasse em vários outros pontos pela mesma causa.

Enfim, a observação das camadas geológicas atesta a presença, nos terrenos de mesma formação, e aí em proporções enormes, a mesma espécie sobre os pontos distantes do globo. Esta multiplicação, se geral e, de alguma forma, contemporânea, teria sido impossível a partir de um só tipo primitivo único.

Tudo concorre, pois para provar que teve criação simultânea e múltipla das primeiras duplas de cada espécie animal e vegetal.

3. – A formação dos primeiros seres vivos pode-se deduzir por analogia, da mesma lei de após a qual se formaram, e se formam diariamente, os corpos inorgânicos. À medida que se aprofunda nas leis da natureza, veem-se as organizações, que ao primeiro encontro, parecem tão complicadas, simplifica-se e se confunde na grande lei de unidade que preside toda obra da criação. Compreender-se-á melhor quando se der conta da formação dos corpos inorgânicos, do qual é o primeiro grau.

4. – A química considera como elementares um certo número de substâncias tais como: o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono, o cloro, o iodo, o flúor, o enxofre, o fósforo e todos os metais. Por suas combinações, eles formam os corpos compostos: os óxidos, os ácidos, os álcalis, os sais e as inumeráveis variedades que resultam da combinação dos mesmos. (b)

A combinação de dois corpos para formar um terceiro exige um concurso particular de circunstâncias: seja um grau determinado de calor, de secura ou de umidade, seja o movimento ou o repouso, seja uma corrente elétrica, etc. Se estas condições não existirem, a combinação não terá lugar.

5. – Quando há combinação, os corpos componentes perdem suas propriedades características, enquanto que o composto que disso resulta possui-as novas, diferentes daquelas das primeiras. É assim, por exemplo, que o hidrogênio e o oxigênio, que são gases invisíveis, combinando-se quimicamente, formam a água que é líquida, sólida ou vaporífica, conforme a temperatura. Na água nada mais há propriamente que falar do hidrogênio e do oxigênio, mas de um novo corpo; esta água, estando decomposta, os dois gases, tornam-se livres, readquirindo suas propriedades e não haverá mais água. A mesma quantidade de água pode ser assim alternativamente decomposta e recomposta ao infinito.

Na simples mistura não há produção de um novo corpo, e os princípios misturados conservam suas propriedades intrínsecas que são simplesmente minoradas, como o é o vinho misturado á água. É assim que uma mistura de 21 partes de oxigênio e de 79 partes de azoto formam o ar respirável, da mesma forma que 5 partes de oxigênio sobre 2 de azoto produz o ácido nítrico.

6. – A composição e a decomposição dos corpos têm lugar pela sequência do grau de afinidade que os princípios elementares têm uns pelos outros. A formação da água, por exemplo, resulta da afinidade recíproca do oxigênio e do hidrogênio; mas, se, colocando-se em contato com a água um corpo tendo pelo oxigênio maior afinidade que a do hidrogênio, a água se decompõe. O oxigênio é absorvido, liberando o hidrogênio e não há mais água.

7. – Os corpos compostos se formam sempre em proporções definidas, ou seja, pela combinação de uma quantidade determinada dos princípios constituintes. Assim, para formar a água é preciso uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio. Então, mesmo que se pusesse, nas mesmas condições, uma proporção maior de um ou do outro dos dois gases, ele aí teria sempre a mesma quantidade necessária absorvida e ao sobrar ficaria livre. Se, em outras condições, houver duas partes de hidrogênio combinadas com duas de hidrogênio, em lugar da água comum obter-se-ia o dióxido de hidrogênio (água oxigenada), líquido corrosivo, formado de acordo com os mesmos elementos da água, mas em uma outra proporção. (c)

8. – Tal é, em poucas palavras, a lei que preside a formação de todos os corpos da natureza. A inumerável variedade destes corpos resulta de um reduzido número de princípios elementares combinados em proporções diferentes.

Assim, o oxigênio combinado em certas proporções com o carbono, o enxofre, o fósforo, forma os ácidos carbônico, sulfúrico, fosfórico; o oxigênio e o ferro formam o óxido de ferro ou ferrugem; o oxigênio e o chumbo, ambos inofensivos, dão lugar aos óxidos de chumbo, tais como o litargo, o branco de cerusa (alvaiade), o minio (zarcão), que são venenosos. O oxigênio, com os metais chamados cálcio, sódio, potássio, forma a cal, a soda cáustica, a potassa. A cal unida ao ácido carbônico forma os carbonatos de cálcio ou pedras calcárias, tais como o mármore, o giz, a pedra de batimento (portuguesa branca), as estalactites das grutas, unida ao ácido sulfúrico, forma o sulfato de cálcio, ou gesso, e o alabastro; ao ácido fosfórico o fosfato de cálcio, base sólida dos ossos; o hidrogênio e o cloro formam o ácido clorídrico (suco gástrico) ou hidróclorico; o cloro e o sódio formam o hidróclorato de sódio (cloreto de sódio ou sal de cozinha), ou sal marinho.

9. – Todas estas combinações e milhares de outras obtêm-se artificialmente em pequenas proporções nos laboratórios de química; eles operam-se espontaneamente em grande escala no imenso laboratório da natureza.

A Terra, em seu princípio, não continha estas matérias combinadas, mas apenas seus princípios constituintes volatilizados. Tão logo as terras calcárias e outras, tornaram-se ao longo pedregosas, foram depositadas em sua superfície, elas não existiam absolutamente todas formadas; mas no ar encontravam-se, no estado gasoso, todas as substâncias primitivas; estas substâncias, precipitadas pelo efeito do resfriamento, sob o domínio das circunstâncias favoráveis, combinaram-se segundo o grau de sua afinidade molecular; foi então que se formaram as diferentes variedades de carbonatos, de sulfatos, etc., a princípio, em dissolução nas águas, depois, depositadas na superfície do solo.

Suponhamos que, por uma causa qualquer, a Terra volte ao seu estado de incandescência primitiva; tudo isso se decomporia; os elementos se separariam; todas as substâncias fusíveis se fundiriam; todas estas que são voláteis se volatilizariam. Depois, um segundo resfriamento conduziria a uma nova precipitação e as antigas combinações se formariam novamente.

10. – Estas considerações provam o quanto a Química era necessária para a compreensão da Gênese. Antes do conhecimento das leis da afinidade molecular, era impossível compreender a formação da Terra. Esta ciência aclarou a questão de uma forma toda nova, como a Astronomia e a Geologia fizeram a outros pontos de vista.

11. – Na formação dos corpos sólidos, um dos fenômenos dos mais remarcáveis é o da cristalização que consiste na forma regular que afetam certas substâncias então de sua passagem da fase líquida ou gasosa (fluida) para a fase sólida. Esta forma, que varia conforme a natureza da substância, é geralmente a de sólidos geométricos, tais como o prisma, o romboide, o cubo, a pirâmide (e). Todos conhecem os cristais de açúcar cãndi; os cristais de rocha, ou silício cristalizado que são prismas com seis faces terminadas por uma pirâmide igualmente hexagonal. O diamante é carbono puro, cristalizado. Os desenhos que se produzem sobre os vidros no inverno são devidos à cristalização do vapor de água sob forma de agulhas prismáticas.

A disposição regular dos cristais tem a forma particular das moléculas de cada corpo; estes fragmentos, infinitamente pequenos para nós, não deixando de ocupar um certo espaço, solicitados uns sobre os outros, pela atração molecular, se arranjam e se justapõem conforme a exigência de sua forma, de maneira que tome, cada um, seu lugar em torno do núcleo ou primeiro centro de atração e de formar um conjunto simétrico.

A cristalização só se opera sob o jugo de certas circunstâncias favoráveis fora das quais não pode ter lugar; o grau da temperatura e o repouso são as condições essenciais. Compreende-se que um forte calor, mantendo as moléculas afastadas, não as permitiria condensar-se e que a agitação se opondo a seu arranjo simétrico, elas, apenas, formarão uma confusa e irregular massa e, portanto, sem cristalização propriamente dita.

12. - A lei que preside a formação dos minerais conduz naturalmente à formação dos corpos orgânicos.

A análise química nos mostra todas as substâncias animais e vegetais compostas dos mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Aqueles destes elementos que ocupam o principal papel são: o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono; os outros só se encontram acessoriamente. Como no reino mineral, a diferença de proporção na combinação destes elementos produz

todas as variedades de substâncias orgânicas e suas propriedades diversas tais como: os músculos, os ossos, o sangue, a bile, os nervos, a matéria cerebral, a gordura, entre os animais; a seiva, o tronco, as folhas, os frutos, as essências, os óleos, as resinas, etc., nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas não entra nenhum corpo essencial que não se encontre igualmente no reino mineral. (1).

13. – Alguns exemplos usuais farão compreender as transformações que se operam no reino orgânico, pela simples modificação dos elementos constituintes.

No sumo da uva não há ainda nem o vinho nem o álcool, mas simplesmente, água e açúcar. Quando este sumo chega à maturidade e que se encontre posto em circunstâncias propícias, aí, produz-se um trabalho íntimo ao qual se dá o nome de fermentação. Neste trabalho, uma parte do sumo se decompõe; o oxigênio, o hidrogênio e o carbono se separam e se combinam nas proporções de volume para fazer o álcool; de sorte que em bebendo a essência de uva, nunca se bebe realmente álcool, já que não o existe ainda.

No pão e os legumes que se comem, não há certamente nem carne nem sangue, nem osso, nem bile, nem matéria cerebral e, conforme estes mesmos alimentos vão em se decompondo e se recompondo pelo trabalho da digestão, produz estas diferentes substâncias pela simples transmutação de seus elementos constituintes.

Na semente de uma árvore, não há nada mais nem tronco, nem folhas, nem flores, nem frutas, e é um erro pueril de se crer que a árvore inteira, sob forma microscópica, se encontra na semente; nem sequer, num relance, nesta semente, a quantidade de oxigênio, de hidrogênio e de carbono necessária para formar uma folha da árvore. A semente contém um germe que eclode quando ela se acha em condições favoráveis; este germe cresce pelos sucos que tira na terra e o gás que aspira do ar; estes sucos que não são nem tronco, nem folhas, nem frutas, infiltram-se na planta e formam a seiva, como os alimentos, entre os animais, formam o sangue. Esta seiva, levada pela circulação em todas as partes do vegetal, conforme os órgãos aonde chegam e onde ela sofre uma elaboração, transforma-se em troncos, folhas, frutos, como o sangue se transforma em cabelo, osso, bile, etc., e, entretanto são sempre os mesmos elementos; oxigênio, hidrogênio, nitrogênio e carbono, diversamente combinados.

14. – As diferentes combinações dos elementos para a formação das substâncias minerais, vegetais e animais, só podem, pois, se operar nos meios e nas circunstâncias propícias; fora destas circunstâncias, os princípios elementares estão em uma forma de inércia. Mas, desde que as circunstâncias sejam favoráveis, começa um trabalho de elaboração; as moléculas entram em movimento, elas se agitam, atraem-se, repelem-se, separam-se em virtude da lei das afinidades, e, por suas combinações múltiplas, compõem a infinita variedade das substâncias. Que estas condições cessem e o trabalho será subitamente detido, para recomeçar quando elas se apresentarem novamente. É assim que a vegetação se ativa, ralenta-se, cessa e retoma sob ação do calor, da luz, da umidade, do frio ou da seca; que tal planta prospere num clima ou num terreno, e se debilite ou pereça em um outro.

15. – O que se passa habitualmente sob nossos olhos pode nos colocar sob a rota disto que se passa na origem dos tempos, porque as leis da natureza são sempre as mesmas.

Uma vez que os elementos constituintes dos seres orgânicos e dos seres inorgânicos são os mesmos; que os vemos incessantemente sob o domínio de certas circunstâncias, formarem as pedras, as plantas e os frutos, pode-se concluir que os corpos dos primeiros seres vivos se formaram tais como as primeiras pedras, pela reunião das moléculas elementares em virtude

da lei de afinidade, à medida que as condições de viabilidade do globo se tornaram propícias a tal ou qual espécie.

A similitude de forma e de cores, na reprodução individual de cada espécie, pode ser comparada à similitude de forma de cada espécie de cristal. As moléculas, justapondo-se sob o domínio da mesma lei, produzem um conjunto análogo.

PRINCÍPIO VITAL

16. – Dizendo-se que as plantas e os animais sejam formados dos mesmos princípios constitutivos dos minerais, é preciso que se entenda o sentido exclusivamente material; também só se trata aqui a questão do corpo.

Sem falar do princípio inteligente, que é uma questão à parte, existe na matéria orgânica um princípio especial imperceptível e que não pôde ainda ser definido: é o *princípio vital*. Este princípio, que é ativo entre o ser vivo, está *apagado* entre o ser morto, mas, ele não lhe proporciona menos à substância das propriedades características que a distinguem das substâncias inorgânicas. A Química que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos, pôde decompor os corpos orgânicos, mas jamais conseguiu reconstituir sequer, uma folha morta, prova evidente que existe nela alguma coisa que não existe nos outros.

17. – O princípio vital (f), é ele algo distinto, tendo uma existência própria? Ou bem, para entrar no sistema de unidade do elemento gerador, seja apenas um estado particular, um das modificações do fluido cósmico universal que se torna princípio de vida, como se torna luz, fogo, calor, eletricidade? É neste último sentido que a questão é resolvida pelas comunicações reportadas anteriormente. (Cap. VI, *Uranografia geral*).

Mas, qualquer que seja a opinião que se faça sobre a natureza do princípio vital, ele existe já que se veem seus efeitos. Pode-se, pois, admitir logicamente que em se formando, os seres orgânicos estão assimilados ao princípio vital que era necessário o seu destino; ou, como se queira, que este princípio se desenvolveu em cada indivíduo pelo próprio efeito da combinação de elementos, como se vê, sob o comando de certas circunstâncias, desenvolver-se o calor, a umidade e a eletricidade.

18. O oxigênio, o hidrogênio, o nitrogênio e o carbono, combinando-se sem o princípio vital só formam um mineral ou corpo inorgânico; o princípio vital, modificando a constituição molecular deste corpo, dá-lhe as propriedades especiais. Em lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica. (g)

A atividade do princípio vital é mantida durante a vida pela ação do jogo dos órgãos, como o calor pelo movimento de rotação de uma roda; que esta ação cessa pela morte, o princípio vital se esvai como o calor, quando a roda cessa de girar. Mas o *efeito* produzido sobre o estado molecular do corpo pelo princípio vital subsiste após a extinção deste princípio, como a carbonização da lenha persiste após a extinção do calor e a cessação do movimento da roda. Na análise dos corpos orgânicos, a química reencontra bem os elementos constituintes: oxigênio, hidrogênio, nitrogênio e carbono, mas não pode se reconstituir, porque a causa não existindo mais, não poderá reconstituir o *efeito*, enquanto que pode reconstituir uma pedra.

19. – Tomamos por comparação o calor desenvolvido pelo movimento de uma roda, porque é um efeito vulgar, conhecido de todo mundo, e mais fácil de compreender; mas, teria sido mais exato dizer que, na combinação desses elementos para formar os corpos orgânicos, desenvolve-se a eletricidade. Os corpos orgânicos seriam, assim, verdadeiras *pilhas elétricas*

que funcionam contanto que os elementos desta pilha estejam em condições necessárias para produzir eletricidade: é a vida; que se arrestam quando cessam as condições: é a morte. Após isto, o princípio vital não seria outro senão a espécie particular de eletricidade designada sob o nome de *eletricidade animal*, engajada durante a vida pela ação dos órgãos, e cuja produção é arrestada na morte pela cessação desta ação.

GERAÇÃO ESPONTÂNEA

20. – Indaga-se naturalmente porque não se formam mais seres vivos nas mesmas condições dos que os primeiros que apareceram na Terra.

A questão da geração espontânea que atualmente preocupa a Ciência, se bem que ainda diversamente resolvida não é possível faltar de se lançar luz sobre este assunto. O problema proposto é o seguinte: formar-se-ia espontaneamente em nossos dias seres orgânicos pela simples união dos elementos constituintes, sem germens preliminares produzidos pela germinação ordinária, senão dito sem pais nem mães?

Os partidários da geração espontânea (h) respondem afirmativamente, e se apoiam em observações diretas que parecem conclusivas. Outros pensam que todos os seres vivos se reproduzem uns em decorrência de outros, e se apoiam sobre este fato, constatado pela experiência, que os germens de certas espécies animais, estando dispersos, podem conservar uma vitalidade latente durante um tempo considerável, até que as circunstâncias sejam favoráveis à sua eclosão. Esta opinião deixa sempre subsistir a questão da formação dos primeiros tipos de cada espécie.

21. – Sem discutir os dois sistemas, convém assinalar que o princípio da geração espontânea não pode evidentemente se aplicar a quaisquer seres senão os de ordem inferior do reino vegetal e do reino animal, naqueles em que a vida começa a pesar e em cujo organismo extremamente simples seja, de alguma sorte, rudimentar. São, efetivamente, os primeiros que apareceram sobre a Terra e, dos quais, a geração deva ser espontânea. Assistiremos, assim, a uma criação permanente análoga à que teve lugar nas primitivas idades do mundo.

22. – Mas, então, por que não se veem mais formar, da mesma maneira, os seres de uma organização complexa? Estes seres nunca existiram, é um fato positivo, pois foram o começo. Se o musgo, o líquen, o zoófito, o infusório, os vermes intestinais e outros podem se produzir espontaneamente, por que não o é o mesmo com as árvores, os peixes, os cães, os cavalos?

Aqui se detêm, por momento as investigações; o fio condutor se perde, e até que ele seja encontrado, o campo está aberto às hipóteses; será, pois, imprudente e prematuro dar sistemas como verdades absolutas.

23. – Se o fato de a geração espontânea ficar demonstrada, qualquer limitação que seja, não será menos um fato capital, um marco posto que pode colocar sobre a vista de novas observações. Se os seres orgânicos complexos não se reproduzem desta maneira, quem sabe como eles começaram? Quem conhece o segredo de todas as transformações? Quando se vê o carvalho e a bolota (semente do carvalho), quem poderá dizer se em um lugar misterioso não exista do pólipo ao elefante?

Deixemos ao tempo a atenção de trazer a luz ao fundo deste abismo, se um dia possa ser sondado. Estes conhecimentos são interessantes, sem dúvida, no ponto de vista da ciência pura, mas elas não são as que influem sobre os destinos do homem.

ESCALA DOS SERES CORPÓREOS

24. – Entre o reino vegetal e o reino animal não há delimitação nitidamente traçada. Sobre os confins dos dois reinos estão os *zoófitos* ou *animais-plantas* do qual o nome indica que eles têm de um e do outro: é o traço de união.

Como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, nutrem-se, respiram, reproduzem-se e morrem. Como os animais, para viver, elas precisam de luz, de calor e de água; se, forem privadas disso, elas se debilitam e morrem; a absorção de um ar viciado e de substâncias deletérias as envenena. Sua característica distintiva mais marcante é a de estarem fixadas ao solo e de aí retirarem sua nutrição sem deslocamento.

O zoófito tem aparência exterior da planta; como planta, ele se atém ao solo; como animal, a vida entre ele é mais acentuada; ele tira sua nutrição no meio ambiente.

Um degrau acima, o animal está livre e vai procurar sua nutrição; são, a princípio as inumeráveis variedades de pólipos, em corpos gelatinosos, sem órgãos bem distintos e que só diferem das plantas pela locomoção; depois, seguem, na ordem do desenvolvimento dos órgãos, de atividade vital e do instinto: os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnosos, sem osso, onde uns são nus como as lesmas, as polpas ou polvos, outros são revestidos de conchas como os caramujos, as ostras; os crustáceos em que a crosta é revestida de uma casca dura como os lagostins, as lagostas; os insetos entre os quais a vida toma uma atividade prodigiosa e se manifesta o instinto industrioso, como a formiga, a abelha, a aranha. Alguns sofrem metamorfose, como a lagarta que se transforma em elegante borboleta. Vem, a seguir, a ordem dos vertebrados, animais com estrutura óssea que compreende os peixes, os répteis, os pássaros, enfim os mamíferos, cuja organização é a mais completa.

O HOMEM

25. – Do ponto de vista corpóreo e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos, do que só difere de características na forma exterior; de resto, a mesma composição química que todos os animais, mesmos órgãos, mesmas funções e mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução; nasce, vive, morre nas mesmas condições, e, à sua morte seu corpo se decompõe como o de todo aquele que vive. Não há em seu sangue, em sua carne, nos seus ossos, um átomo a mais nem a menos do que nos corpos dos animais; tal como estes, em morrendo, retorna à terra o oxigênio, o hidrogênio, o nitrogênio e o carbono que se encontravam combinados para o formar; e vão, por novas combinações, formar novamente corpos minerais, vegetais e animais. A analogia é tão grande que se estudam suas funções orgânicas em certos animais, desde que as experiências não possam ser feitas neles mesmos.

26. – Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos bípedes. Imediatamente abaixo dele vêm os *quadrumanos* (animais com quatro mãos) ou símios, dos quais, alguns, como o orangotango, o chimpanzé, o jongo, têm certas semelhanças com o homem, a tal ponto que se os tem sido designados por muito tempo como *homens dos bosques*; como os homens, eles caminham eretos, servem-se de bastões, e levam os alimentos à boca com a mão, sinais característicos.

27. – Por pouco que se observe a escala dos seres vivos sob o ponto de vista do organismo, reconhece-se que, desde o líquen até as árvores e, após, o zoófito até o homem, existe uma cadeia se desenvolvendo por graus sem solução de continuidade, e dos quais todos os elos

têm um ponto de contato com o elo precedente; seguindo passo a passo a série de seres, dir-se-á que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior. Uma vez que o corpo do homem está, nas condições idênticas aos outros corpos, química e constitucionalmente, que nasce, vive e morre da mesma maneira, ele deva ser formado nas mesmas condições.

28. – Qual o que possa custar a seu orgulho, o homem deve se resignar a não ver em *seu corpo material* senão o último elo de animalidade *sobre a Terra*. O inexorável argumento dos fatos está aí, contra o qual se protestará em vão.

Mas, quanto mais o corpo diminui de valor a seus olhos, mais o princípio espiritual engrandece em importância; se o primeiro o coloca ao nível do bruto, o segundo o eleva a uma altura incomensurável. Vemos o círculo onde se detém o animal: não vemos o limite onde possa atingir o Espírito do homem.

29. – O materialismo pode ver por aí que o Espiritismo, longe de temer as descobertas da Ciência e seu positivismo, vai além e os provoca, porque é certo que o princípio espiritual, que tem sua existência própria, não pode sofrer nenhum atentado.

NOTA

(1) A tabela logo abaixo, de análise de algumas substâncias, mostra a diferença das propriedades que resultam da exclusiva diferença na proporção dos elementos constituintes. Para 100 partes:

	Carbono	Hidrogênio	Oxigênio	Nitrogênio
Açúcar de cana.....	42.470	6.900	50.630	--
Açúcar de uva.....	36.710	6.780	56.510	--
Álcool.....	51.980	13.700	34.320	--
Azeite de oliva.....	77.210	13.360	9.430	--
Óleo de nozes.....	79.774	10.570	9.122	0.534
Banha.....	78.996	11.700	9.304	--
Fibrina.....	53.360	7.021	19.685	19.934

NOTAS DO TRADUTOR

(a) A Biologia admite que a transformação gradual das espécies, num processo gradativo, tenha sido a causa do surgimento das mesmas. Teoria de Darwin.

(b) Atualmente, a classificação química admite a existência de corpos simples, formados pelo mesmo átomo e substâncias que são formadas por átomos diversos, como a água, composta de hidrogênio e oxigênio citada no item seguinte.

(c) Naquela época não se sabia e nem se imaginava que os raios cósmicos, atuando sobre as moléculas de água em vapor na atmosfera, seriam capazes de transformá-las em nitrogênio e, da mesma forma, sobre as moléculas de nitrogênio, liberaria o oxigênio sob forma de ozona e separaria o hidrogênio, motivo pelo qual se tem uma cama hidrogenada sobre nossa atmosfera. Essas transformações só foram observadas no século vinte, após conhecida a decomposição atômica do urânio.

(d) Atualmente, tem-se a ideia de que haja um agente externo ao Universo que atue sobre a energia cósmica, modulando-a e dando-lhe as diversas formas, a partir das subpartículas atômicas. Este agente apresenta diversos graus de ação, variando, portanto, segundo suas funções. Seria um desses, portanto, o que comandaria a afinidade química entre substâncias e átomos em si porque a energia, por si só não é capaz de se alterar.

(e) São oito os sistemas cristalográficos, a saber, o cúbico (açúcar, sal, ouro), quadrático (prisma reto de base quadrada), hexagonal prismático (quartzo), ortorrômbico (paralelepípedo), romboédrico, monoclinico, triclinico (calcita) e piramidal.

(f) Pode-se assimilar o conceito de “*princípio vital*” ao de “*agente estruturador*” (*framework*) hoje, como já foi dito, admitido como causa da modulação da energia fundamental do universo, antes conhecida como “fluido cósmico universal”.

(g) Atualmente, depois dos estudos de Murray Gell Mann no acelerador de partículas da *Stanford University*, tem-se como certo que, até uma simples subpartícula atômica é constituída a partir do anteriormente aludido agente estruturador (*frameworks*) externo ao domínio material compatível com a forma estrutural, sem o quê, a energia fundamental do universo jamais se alteraria para dar forma e vida à matéria ou aos corpos ditos materiais, quer minerais, quer biológicos. Contudo, estes agentes não lhe dão vida, senão existência mineral. Portanto, é de se admitir que a alma seja uma forma deles, porém, com predicados biológicos.

(h) Estes partidários baseavam-se na aparição de larvas de inseto nas carnes putrefeitas e que, para eles, representaria a dita geração espontânea que foi contestada por Pasteur, quando encerrou um pedaço da mesma carne numa redoma de tela fina onde os insetos não pudessem atravessar para depositar seus ovos na mesma.

O que se tem, atualmente, como provável geração espontânea é a ideia de que os primeiros agentes estruturadores externos teriam atuado sobre as cadeias carbônicas dissolvidas nas águas primitivas, transformando-as em plânctons, os elementos fundamentais para a origem dos zoófitos. Daí em diante, ocorre o ciclo evolutivo da transformação das espécies, também, sob ação de agentes externos superiores.

(i) Resta saber a causa que provoca tais transformações; pois, dessa forma, pode-se admitir, em princípio, a existência da Espiritualidade como sendo o domínio de existência das mesmas e elas, como formas espirituais de vida.

* * *

Capítulo XI

GÊNESE ESPIRITUAL

Princípio Espiritual – União do princípio espiritual e da matéria
Hipótese sobre a origem dos corpos humanos – Encarnação dos Espíritos
– Reencarnação – Emigrações e imigrações dos Espíritos – Raça adâmica
– Doutrina dos anjos decaídos

PRINCÍPIO ESPIRITUAL

1. – A existência do princípio espiritual é um fato que não tem, por assim dizer, mais necessidade de demonstração, como o princípio material; é, de qualquer maneira, uma verdade axiomática; afirma-se por seus efeitos, como a matéria pelo que lhe sejam próprios.

De acordo com a máxima: “TODO EFEITO TENDO UMA CAUSA, TODO EFEITO INTELECTUAL DEVE TER UMA CAUSA INTELIGENTE”, não é ninguém que não faça a diferença entre o movimento mecânico de um sino agitado pelo vento, e o movimento deste mesmo sino destinado a dar um sinal, uma advertência, atestando por isso mesmo um pensamento, uma intenção. Ora, como não pode vir à ideia de ninguém atribuir o pensamento à matéria do sino, conclui-se que ele está movido por uma inteligência à qual sirva de instrumento para se manifestar.

Pela mesma razão, ninguém tem a ideia de atribuir o pensamento ao corpo de um homem morto. Se o homem vivo pensa, é, pois, que há nele algo que não existe quando está morto. A diferença que existe entre ele e o sino é que a inteligência que faz este mover está fora dele, enquanto que a que faz agir o homem está nele mesmo.

2. – O princípio espiritual é o corolário da existência de Deus; sem este princípio, Deus não teria razão de existir porque nem se poderia mais conceber a soberana inteligência nem reinando durante a eternidade senão sobre a matéria bruta como um monarca terrestre só reinando durante toda sua vida sobre as pedras. Como não se pode admitir Deus sem os atributos essenciais da divindade; a justiça e a bondade, estas qualidades seriam inúteis se só se devessem ser exercidas sobre a matéria.

3. – Por outro lado, não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom, criando seres inteligentes e sensíveis para consagrá-los ao nada após alguns dias de sofrimento sem compensações, entretendo sua vida desta sucessão indefinida de seres que nascem sem ter desejo, pensa um instante apenas para conhecer a dor, e se apagam para sempre após uma existência efêmera.

Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seria, da parte de Deus, uma crueldade sem motivo. Eis porque também o materialismo e o ateísmo são os corolários um do outro; negando a causa, não se pode admitir o efeito; negando o efeito não se pode admitir a causa. O materialismo é, pois consequente com ele próprio, se não o é com a razão.

4. A ideia da perpetuidade do ser espiritual é inata no homem; ela está nele no estado de intuição e de aspiração; compreende que aí somente está a compensação das misérias da vida; é porque sempre houve e haverá sempre mais espiritualistas que materialistas, e mais deístas que ateus.

À ideia intuitiva e ao poder do raciocínio, o Espiritismo vem juntar a sanção dos fatos, a prova material da existência do ser espiritual, de sua sobrevivência, de sua imortalidade e de sua individualidade; ele precisa e define o que este pensamento tinha de vago e de abstrato. Mostra-nos o ser inteligente operante fora da matéria, quer após, quer durante a vida do corpo.

5. – O princípio espiritual e o princípio vital são eles uma só é mesma coisa?

Partindo como sempre, da observação dos fatos, diremos que, se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, haveria alguma razão de confundi-los; mas, como se veem os seres que vivem e que nada pensam, como as plantas; corpos humanos serem ainda animados de vida orgânica nos quais não existe mais nenhuma manifestação do pensamento; que se produz no ser vivo movimentos vitais independentes de todo ato da vontade; que durante o sono a vida orgânica está em toda sua atividade, ao passo que a vida intelectual não se manifesta por nenhum sinal exterior, há lugar de admitir que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual que é inerente ao Espírito. Desde então que a matéria tenha uma vida independente do Espírito, e que o Espírito tenha uma vitalidade independente da matéria, fica evidente que esta dupla vitalidade repousa sobre dois princípios diferentes.

6. – O princípio espiritual, tê-lo-ia sua fonte no elemento cósmico universal? Não seria apenas uma transformação, um modo de existência deste elemento, como a luz, a eletricidade, o calor, etc.?

Se o fosse assim, o princípio espiritual sofreria as vicissitudes da matéria; ele feneceria pela desagregação como o princípio vital; o ser inteligente só teria uma existência momentânea como o corpo, e, à morte, retornaria ao nada, ou, o que se tornaria no mesmo, no todo universal; seria, em uma palavra, a sanção das doutrinas materialistas.

As propriedades *sui generis* que se reconhecem no princípio espiritual provam que ele tem existência própria, independente, pois, se tivesse sua origem na matéria, não teria estas propriedades. Desde então, que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chega-se a esta conclusão, remontando os efeitos às causas, que o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constituintes do Universo. O elemento espiritual individualizado constitui os seres chamados *Espíritos*, como o elemento material individualizado constitui os diferentes corpos da natureza, orgânicos e inorgânicos.

7. – O ser espiritual sendo admitido e sua fonte não podendo ser a matéria, qual seria sua origem, seu ponto de partida?

Aqui, os meios de investigação fazem absolutamente falta, como em tudo o que tenha com o princípio das coisas. O homem só pode constatar o que exista; sobre o que reste só pode emitir hipóteses; e seja que este conhecimento ultrapasse o portal de sua inteligência atual, seja que haja para ele inutilidade ou inconveniência de o possuir pelo momento, Deus não o dará, ainda que por revelação.

O que Deus o faz dizer por seus mensageiros, e que, além disso, o homem possa deduzir por si próprio do princípio da soberana justiça que é um dos atributos essenciais da Divindade, é que todos têm um mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes com uma igual aptidão para progredir por sua atividade individual; que todos atingirão o grau de perfeição compatível com a criatura por seus esforços pessoais; que todos, sendo os filhos de um mesmo pai, são o objeto de uma igual solicitude; que nenhum deles será mais favorecido

ou melhor dotado que os demais, e dispensado do trabalho que seria imposto a outros para atender o objetivo.

8. – Ao mesmo tempo em que Deus criou os mundos materiais de toda eternidade, igualmente criou seres espirituais de toda eternidade: sem o que os mundos materiais estariam sem finalidade. Conceber-se-ia de preferência os seres espirituais sem os mundos materiais do que estes últimos sem os seres espirituais. São os mundos materiais que deveriam fornecer aos seres espirituais os elementos de atividade para o desenvolvimento de sua inteligência.

9. – O progresso é a condição normal dos seres espirituais, e a perfeição relativa o objetivo que devam atingir; ora, Deus em tendo criado toda a eternidade, e em criando sem cessar, por toda eternidade também, tê-lo-ia atingido o ponto culminante da escala.

Antes que a Terra existisse, mundos se sucederam aos mundos e, desde que a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço era povoado por seres espirituais em todos os graus de adiantamento, desde os que nasciam à vida, até os que por toda eternidade, tinham tomado lugar entre os puros Espíritos, vulgarmente chamados de anjos.

UNIÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL E DA MATÉRIA

10. – A matéria antes de ser o objeto do trabalho do Espírito para desenvolvimento de suas faculdades, seria preciso que ele pudesse agir sobre a matéria, é porque veio habitar, como o lenhador habita a floresta. Devendo ser ela por sua vez o motivo e o instrumento do trabalho, Deus, em lugar de uni-lo à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todos os impulsos de sua vontade e de se prestar a todos os seus movimentos.

O corpo é, pois, ao mesmo tempo, o invólucro e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste-se de uma veste apropriada ao novo gênero de trabalho que deva realizar, como se dá a um operário ferramentas menos grosseiras à medida que ele seja capaz de fazer uma obra mais cuidada.

11. PARA SER MAIS EXATO, É PRECISO DIZER QUE É O PRÓPRIO ESPÍRITO QUE ELABORA SEU ENVOLTÓRIO E O ADAPTA ÀS SUAS NOVAS FUNÇÕES; ELE O TORNA PERFEITO, SE REVELA E COMPLETA O ORGANISMO À MEDIDA QUE EXPERIMENTA A NECESSIDADE DE MANIFESTAR NOVAS FACULDADES; EM UMA PALAVRA, ELE O COLOCA NO MOLDE DA SUA INTELIGÊNCIA; DEUS LHE FORNECE OS MATERIAIS, PARA QUE ELE COLOQUE EM OBRA; É ASSIM QUE AS RAÇAS AVANÇADAS TÊM UM ORGANISMO, OU, COMO QUEIRA, UM APARELHAMENTO MAIS APERFEIÇOADO DO QUE AS RAÇAS PRIMITIVAS. Assim se explica igualmente a personalidade especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e as maneiras do corpo.

12. – Desde que um Espírito nasça à vida espiritual, ele deve, para seu adiantamento, fazer uso de suas faculdades, a princípio, rudimentares; é porque ele se recobre de uma veste corpórea apropriada a seu estado de infância intelectual, roupa esta que ele deixa para se revestir de outra à medida que suas forças crescem. Ora, como há tido em todos os tempos, mundos, e que estes mundos deram nascimento a corpos organizados próprios a receber Espíritos, em todos os tempos, Espíritos encontraram de alguma forma seu grau de adiantamento, os elementos necessários à sua vida carnal.

13. – O corpo, sendo exclusivamente material, sofre as vicissitudes da matéria. Após ter funcionado algum tempo, ele se desorganiza e se decompõe; o princípio vital, não encontrando

mais elemento à sua atividade, esvai-se e o corpo morre. O espírito, já que o corpo privado de vida é daí em diante sem utilidade, deixa-o, como se deixa uma casa em ruína ou uma veste fora de serviço.

14. – O CORPO É APENAS UMA VESTE DESTINADA A RECEBER O ESPÍRITO: desde então pouco importa sua origem e os materiais dos quais ele seja construído. Que o corpo do homem seja uma criação especial ou não, ele não é menos formado dos mesmos elementos que o dos animais, animado do mesmo princípio vital, senão dito aquecido pelo mesmo fogo, como é iluminado pela mesma luz, sujeito às mesmas vicissitudes e às mesmas necessidades: é um ponto sobre o qual não há contestação.

Em não considerar senão a matéria, fazendo-se abstração do Espírito, o homem nada tem, pois que o distinga do animal; mas tudo muda de aspecto si se fizer uma distinção entre a *habitação e o habitante*.

Um grande senhor, sob um barraco ou vestido com a bata de um camponês, ele não se apresenta mais como grande senhor. É o mesmo com o homem; não é sua vestimenta carnal que o ergue acima do estúpido e o faz um ser à parte, é seu ser espiritual, seu Espírito.

HIPÓTESE SOBRE A ORIGEM DO CORPO HUMANO

15. – Da similitude de formas exteriores que existe entre o corpo do homem e o de um símio, certos fisiologistas concluíram que o primeiro seria uma transformação do segundo. A isto nada há de impossível, sem que, se o for assim a dignidade do homem tenha que sofrer. Os corpos dos símios têm, muito bem, podido servir de vestimenta aos primitivos Espíritos humanos, necessariamente pouco avançados que vieram se encarnar na Terra, estas vestes sendo os meios apropriados a suas necessidades e mais próprios ao exercício de suas faculdades que os corpos de qualquer outro animal. Em lugar de uma veste especial que tenha sido feita pelo Espírito, ele o teria encontrado um todo pronto. Ele pôde, pois, se vestir da pele do símio, sem deixar de ser um Espírito humano, como o homem se reveste por vezes da pele de certos animais sem cessar de ser homem.

Está bem entendido que se trata aqui, apenas, de uma hipótese que não está absolutamente posta em princípio, mas dada somente para mostrar que a origem do corpo não prejudica ao Espírito que é o ser principal e que a similitude do corpo do homem com o corpo do símio não implica na paridade entre seu Espírito e o do símio.

16 – Em se admitindo esta hipótese, pode-se dizer que sob a influência e pelo efeito da atividade intelectual de seu novo habitante, o invólucro se modificou, embelezando nos pormenores, no todo, conservando a forma geral do conjunto. Os corpos melhorados, em se procriando, reproduziram-se nas mesmas condições, como o é das árvores enxertadas; deram nascimento a uma nova espécie que, aos poucos se distanciavam do tipo primitivo à medida que o Espírito progredia. O Espírito simiesco, que não teve aniquilamento, continuou a procriar em corpos de símios a seu uso, como o fruto da planta enxertada reproduz enxertias, e o Espírito humano procriou corpos de homens, variantes do primeiro molde onde se estabelecera. A estirpe está bifurcada; produziu um rebento e este rebento se tornou raça.

Como não existem transições bruscas na natureza, é provável que os primeiros homens que apareceram sobre a Terra deram pouca diferença do símio na forma exterior, e, sem duvida, nada muito além na inteligência. Há ainda em nossos dias, selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés e a conformação da cabeça, tem totalmente as linhas do símio, que lhe faltam somente serem peludos para completarem a semelhança.

ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

17. – O Espiritismo nos ensina, de qual forma se opera a união do Espírito e do corpo na encarnação.

O ESPÍRITO, PELA SUA ESSÊNCIA ESPIRITUAL, É UM SER INDEFINIDO, ABSTRATO, QUE NÃO PODE TER UMA AÇÃO DIRETA SOBRE A MATÉRIA; TORNA-SE-LHE PRECISO UM INTERMEDIÁRIO; ESTE INTERMEDIÁRIO ESTÁ NUM ENVOLTÓRIO FLUÍDICO (b) QUE FAZ, DE ALGUMA SORTE, PARTE INTEGRANTE DO ESPÍRITO, ENVOLTÓRIO SEMI-MATERIAL, a dizer, tendo a matéria por sua origem e a Espiritualidade por sua natureza etérea; como toda matéria, É HAURIDO DO FLUIDO CÓSMICO UNIVERSAL, que sofre nesta circunstância uma modificação especial. Este envoltório designado sob o nome de perispírito, um ser abstrato, faz do Espírito um ser concreto, definido, penhorável pelo pensamento; encontra-se apto a agir sobre a matéria tangível, tal como todos os fluidos imponderáveis que sejam, como se sabe, os mais possantes motores.

O FLUIDO PERISPIRITUAL É, POIS, O TRAÇO DE UNIÃO ENTRE O ESPÍRITO E A MATÉRIA. Durante sua união com o corpo, é o veículo de seu pensamento para transmitir o movimento às diferentes partes do organismo que se movimentam sob o impulso da sua vontade, e para repercutir no Espírito as sensações produzidas pelos agentes exteriores. Tem por fios condutores os nervos, como no telégrafo, o fluido elétrico tem por condutor o fio metálico.

18. – LOGO QUE O ESPÍRITO DEVA SE ENCARNAR NUM CORPO HUMANO EM VIA DE FORMAÇÃO, UM LAÇO FLUÍDICO, QUE NÃO É OUTRO SENÃO UMA EXPANSÃO DO PERISPIRITO, O AMARRA AO GERME SOBRE O QUAL ELE SE ENCONTRA LANÇADO POR UMA FORÇA IRRESISTÍVEL DESDE O MOMENTO DA CONCEPÇÃO. À MEDIDA QUE O GERME SE DESENVOLVE, O LAÇO SE APERTA; SOB A INFLUÊNCIA **DO PRINCÍPIO VITAL MATERIAL DO GERME**, O PERISPIRITO, QUE POSSUI CERTAS PROPRIEDADES DA MATÉRIA, UNE-SE **MOLÉCULA A MOLÉCULA** COM O CORPO QUE SE FORMA; DE ONDE SE PODE DIZER QUE O ESPÍRITO, POR INTERMÉDIO DE SEU PERISPIRITO, TOMA, DE ALGUMA FORMA, RAIZ NESTE GERME, COMO UMA PLANTA NA TERRA. QUANDO O GERME ESTÁ INTEIRAMENTE DESENVOLVIDO, A UNIÃO É COMPLETA E, ENTÃO, ELE NASCE À VIDA EXTERIOR.

Por um efeito contrário, esta união do perispírito e da matéria carnal, que se encontra acoplada sob influência do princípio vital do germe, quando este princípio cessa de agir por consequência da desorganização do corpo, que só era mantida por uma força ativa, cessa quando esta força cessa de agir; então, o perispírito se desembaraça molécula a molécula, tal como se unira e o Espírito se encontrará em liberdade. **NÃO É, POIS, A PARTIDA DO ESPÍRITO QUE CAUSA A MORTE DO CORPO, MAS A MORTE DO CORPO QUE CAUSA A PARTIDA DO ESPÍRITO.** (c)

19. – O Espiritismo nos ensina, pelos fatos que ele nos põe, mesmo, a observar, os fenômenos que acompanham esta separação; é, algumas vezes, rápida, fácil, doce e insensível; outras vezes é muito lenta, laboriosa, horrivelmente penosa, conforme o estado moral do Espírito e pode durar meses inteiros.

20. – Um fenômeno particular, igualmente registrado pela observação, acompanha sempre a encarnação do Espírito. Desde que este é preso pelo laço fluídico que o une ao germe, a perturbação se apodera dele; esta perturbação cresce à medida que o laço se aperta e, nos

últimos momentos, o Espírito perde toda consciência dele próprio, de sorte que ele mesmo não se torna jamais testemunha consciente de seu nascimento. No momento em que a criança respira, o Espírito começa a recuperar suas faculdades que se desenvolvem à medida que se formam e se consolidam os órgãos que devam servir à sua manifestação. Aqui ainda manifesta-se a sabedoria que preside a todas as partes da obra da criação. Faculdades demasiadamente ativas usariam e quebrariam os órgãos delicados apenas esboçados. É porque sua energia é proporcional à força de resistência destes órgãos.

21. – Mas, ao mesmo tempo em que o Espírito recupera a consciência dele próprio, ele perde a lembrança de seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões adquiridas anteriormente, aptidões que estavam momentaneamente postas em estado latente e que, em retomando sua atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor do que teria feito precedentemente; ele faz renascer o que se fez pelo seu trabalho anterior; é para ele um novo ponto de partida, um novo degrau a galgar. Aqui ainda se manifesta a bondade do Criador porque a lembrança de um passado, frequentemente penoso ou humilhante, juntando-se às amarguras de sua nova existência, poderia perturbar-lhe e entravá-lo; ele só se lembra daquilo que aprendeu porque lhe será útil. Se, por vezes ele conserva uma vaga intuição dos acontecimentos passados, é como a lembrança de um sonho fugidio. É, pois um homem novo qualquer que seja a idade do seu Espírito; ele marcha por novos trâmites ajudado pelo que tenha adquirido. Tão logo retorna à vida espiritual, seu passado se desenrola a seus olhos. E ele julga se teve bem ou mal empregado seu tempo.

22. – Não há, pois, solução de continuidade na vida espiritual, malgrado o esquecimento do passado; o Espírito é sempre ele, antes, durante e depois da encarnação; a encarnação é somente uma fase de sua existência. Este esquecimento só acontece, mesmo, durante a vida exterior de relação; durante o sono, o Espírito, em parte desligado dos laços carnis, rendido à liberdade e à vida espiritual se lembra; sua vida espiritual não se torna mais tão obscurecida pela matéria.

23. – Em tomando a humanidade a seu grau o mais ínfimo da escala intelectual, entre os selvagens mais atrasados, indaga-se se é este o ponto de partida da alma humana.

Conforme a opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, individualiza-se, elabora-se, em passando pelos diversos graus da animalidade; é ao que a alma se ensaia à vida e desenvolve suas primeiras faculdades para o exercício; será, por assim dizer, seu tempo de incubação. Chegado ao grau de desenvolvimento que comporta este estado, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria assim filiação espiritual, como o há filiação corpórea.

Este sistema, fundado sobre a grande lei de unidade que preside a Criação, assegura, é preciso convir, à justiça e à bondade do Criador; dá uma resultante, um alvo, um destino aos animais, que não são mais seres deserdados, mas que encontram no porvir que lhe seja reservado uma compensação a seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual, não é sua origem, mas os atributos especiais dos quais está dotado à sua entrada na humanidade, atributos que o transforma e o faz um ser distinto, como o fruto saboroso é distinto da raiz amarga de onde saiu. Por ter passado pela fileira da animalidade, o homem não seria menos homem; não seria mais animal como o fruto não é raiz, que o sábio não é o disforme feto através do qual iniciou no mundo.

Mas este sistema levanta numerosas questões do que não é oportuno discutir aqui os prós e o contra, senão examinar as diferentes hipóteses que têm sido feitas sobre este assunto. Sem, pois, procurar a origem da alma, e as fileiras pelas quais tenha podido passar, nós a tomamos

à sua entrada na humanidade, ao ponto onde, dotada do senso moral e do livre arbítrio, começa a incorrer a responsabilidade de seus atos.

24. – A obrigação, para o Espírito encarnado de prover a nutrição do corpo, a sua segurança, o seu bem estar, o contrai a aplicar suas faculdades nestas pesquisas de exercê-las e de desenvolvê-las. Sua união com a matéria é, pois, útil a seu avanço, eis, porque a encarnação é uma necessidade. Por outro lado, pelo trabalho inteligente que opera a seu proveito, ele ajuda à transformação e ao progresso material do globo em que habite; é assim que, tudo em seu próprio progresso, ele concorre à obra do Criador do qual é agente inconsciente.

25. – Mas a encarnação do Espírito não é nem constante nem perpétua; é apenas transitória; deixando um corpo, ele não retoma um outro instantaneamente; durante um lapso de tempo mais ou menos considerável, ele vive a vida espiritual, que é sua vida normal: de tal sorte que a soma do tempo passado nas diferentes encarnações é de pouca monta, comparada àquela dos tempos que ele passou no estado de Espírito livre.

No intervalo de suas encarnações, o Espírito progride igualmente, neste senso que coloca a proveito, para seu adiantamento, os conhecimentos e a experiência adquiridos durante a vida corpórea; – falamos de Espírito chegado ao estado de alma humana, tendo a liberdade de ação, e a consciência de seus atos. – Ele examina o que fez durante sua estada terrestre, passa em revista o que aprendeu, reconhece suas faltas, endireita seus planos e toma as resoluções após o que ele conta se conduzir em uma nova existência tentando fazer melhor. É assim que cada existência é um passo adiante no caminho do progresso, uma sorte de escola de aplicação.

A encarnação não é, pois, em absoluto, normalmente uma punição para o Espírito, como qualquer um possa pensar, mas uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio de progredir.

À medida que o Espírito progride moralmente, ele se desmaterializa, a dizer que, livrando-se da influência da matéria, ele se depura; sua vida espiritualiza-se, suas faculdades e suas percepções se estendem; sua felicidade está em razão do progresso completado. Mas, como age em virtude de seu livre arbítrio, pode, por negligência ou mal querer, retardar seu avanço; prolonga, por consequência, a duração de suas encarnações materiais que se transformam então para ele em punição, já que, por sua falta, ele permanece nos lugares inferiores, obrigado a recomeçar a mesma empreitada. Depende, pois, de o Espírito abreviar, por seu trabalho de depuração sobre si próprio, a duração do período de encarnações.

26. – O PROGRESSO MATERIAL DE UM GLOBO SEGUE O PROGRESSO MORAL DE SEUS HABITANTES; ora, como a criação dos mundos e dos Espíritos é incessante, que os que progredem mais ou menos rapidamente em virtude de seu livre arbítrio, resulta disso que há mundos mais ou menos idosos, com diferentes graus de adiantamento físico e moral, onde a encarnação é mais ou menos material e, onde, por consequência, o trabalho, para os Espíritos é mais ou menos rude. Neste ponto de vista, a Terra é um dos menos adiantados; povoada de Espíritos relativamente inferiores, a vida corpórea o é mais penosa do que em outros, como o é mais atrasados, onde é mais penoso ainda que sobre a Terra, e par os quais a Terra seria relativamente um mundo feliz.

27. – Tão logo os Espíritos tenham adquirido sobre um mundo a soma de progresso que comporta o estado deste mundo, eles o abandonam para se encarnarem em um outro mais avançado onde adquirem novos conhecimentos, e assim, em seguida, até que a encarnação em um corpo material não lhe sendo mais útil, vivam exclusivamente da vida espiritual, onde

progridem ainda em um outro sentido e para outros fins. Chegado ao ponto culminante do progresso, gozam da suprema felicidade; admitidos nos conselhos do Todo-Poderoso, têm seu pensamento, e tornam-se seus mensageiros, seus ministros diretos para o governo dos mundos, tendo sob suas ordens os Espíritos de diferentes graus de adiantamento.

Assim, todos os Espíritos encarnados ou desencarnados, em qualquer grau da hierarquia que se apresentem, desde o menor até o maior, têm suas atribuições no grande mecanismo do Universo; todos são úteis ao conjunto, ao mesmo tempo em que sejam úteis a eles mesmos; aos menos avançados, como a de simples manobreiro, incumbe uma tarefa material, inicialmente inconsciente, depois gradualmente inteligente. Por toda parte a atividade no mundo espiritual, em nenhum lugar a inútil ociosidade.

A coletividade dos Espíritos é de alguma sorte a alma do Universo; é o elemento espiritual que atua em tudo e por tudo, sob o impulso do pensamento divino. Sem este elemento só resta a matéria inerte, sem fim finalidade, sem inteligência, sem outro motor além das forças materiais que deixam uma grande quantidade de problemas insolúveis; pela ação do elemento espiritual *individualizado*, tudo tem uma finalidade, uma razão de ser, tudo se explica; eis porque sem a Espiritualidade, tropeça-se em dificuldades insuperáveis.

28. – Desde que a Terra se encontrou nas condições climatéricas próprias à existência da espécie humana, os Espíritos vieram a se encarnar aí; e admite-se que encontraram os envoltórios todos feitos e que não tiveram senão que se apropriar para seu uso, compreende-se melhor ainda que pudessem tomar nascimento simultaneamente sobre vários pontos do globo.

29. – Bem que os primeiros que vieram deveriam ser pouco avançados, em razão, mesmo, do que os que deveriam se encarnar em corpos muito imperfeitos, devia haver entre eles diferenças sensíveis nos caracteres e nas aptidões conforme o grau de seu desenvolvimento moral e intelectual; os Espíritos similares foram naturalmente agrupados por analogia e simpatia. A Terra encontrava-se assim povoada de diferentes categorias de Espíritos, mais ou menos aptos ou rebeldes ao progresso. Os corpos receberam o cunho do caráter do Espírito e seus corpos se procriaram conforme seu tipo respectivo, daí resultarem diferentes raças, no físico como em moral. Os Espíritos similares, continuando a se encarnar de preferência entre seus semelhantes, perpetuaram o caráter distinto físico e moral das raças e dos povos, que só se perde ao longo, por sua fusão e o progresso dos Espíritos. (*Revista Espírita*, julho 1860, página 198: *Frenologia e Fisiognomia*).

30. – Pode-se comparar os Espíritos que vieram povoar a Terra, a estas tropas de emigrantes de origens diversas que vão se estabelecer sobre um terreno virgem. Encontram aí a madeira e a pedra para fazer sua habitação e cada qual dá à cena um carimbo (marca) diferente, conforme o grau de seu saber e de sua inteligência. Grupam-se então por analogia de origens e de gostos; estes grupos acabam por formar tribos, a seguir povos tendo cada qual seus costumes e seu caráter próprio.

31. – O progresso nunca foi uniforme em toda espécie humana; as raças as mais inteligentes adiantaram-se naturalmente às outras, sem contar que Espíritos novamente nascidos à vida espiritual vieram encarnar-se na Terra após os primeiros chegados, gerando a diferença do progresso mais sensível. Seria impossível, de fato, dar a mesma antiguidade de criação aos selvagens que mal se distinguem dos símios, quanto aos chineses, e ainda menos em relação aos europeus civilizados.

Estes Espíritos de selvagens, entretanto, pertencem também à humanidade; eles atenderão um dia ao nível de seus primogênitos, mas isto não será certamente nos corpos da mesma raça física, imprópria a um certo desenvolvimento intelectual e moral. Quando o instrumento não for mais relativo com seu desenvolvimento, eles migrarão deste meio para se encarnar em um grau superior, e assim em seguida até que tenham conquistado todos os graus terrenos, após o que deixarão a Terra para passar em mundos gradativamente mais avançados. (*Revista Espírita*, abril 1862 página 97: *Perfectibilidade da raça negra*).

REENCARNAÇÕES

32. – O PRINCÍPIO DA REENCARNAÇÃO É UMA CONSEQÜÊNCIA FATAL DA LEI DO PROGRESSO. Sem a reencarnação, como explicar a diferença que existe entre o estado social atual e o dos tempos de barbáries? Se as almas são criadas ao mesmo tempo em que os corpos, as que nascem atualmente são todas também novas, todas também primitivas que as que viveram há mil anos; aditemos que não haja entre elas nenhuma conexão, nenhuma relação necessária; que elas sejam completamente independente umas das outras; por que, então, as almas da atualidade seriam melhores dotadas por Deus que as predecessoras? Por que elas compreenderiam melhor? Por que teriam instintos mais apurados, usos mais doces? Por que teriam intuições de certas coisas sem lhes ter ensinado? Desafiamos de sair daí, a menos que se admita que Deus criasse almas de diversas qualidades, conforme os tempos e os lugares, proposição inconciliável com a ideia de uma soberana justiça.

Ditas, ao contrário, que as almas atuais já viveram nos tempos recônditos; que puderam ser bárbaras como seu século, mas que progrediram; que a cada nova existência elas levem as aquisições das existências anteriores; que, por consequência, que as almas dos tempos civilizados são almas não criadas mais perfeitas, mas que se aperfeiçoaram elas mesmas com o tempo, e tereis a única explicação plausível da causa do progresso social. (*O Livro dos Espíritos*, capítulo IV e V).

Algumas pessoas pensam que as diferentes existências da alma efetuam-se de mundo em mundo, e não sobre um mesmo globo onde cada Espírito só aparece uma única vez.

Esta doutrina seria admissível se todos os habitantes da Terra estivessem exatamente ao mesmo nível intelectual e moral; eles não poderiam então progredir senão em indo num outro mundo e sua reencarnação na Terra seria sem utilidade; ora, Deus não faz nada de inútil. Desde o instante que aí se encontram todos os graus de inteligência e de moralidade, a partir da selvageria que costeia o animal até a civilização a mais avançada, ela apresenta um vasto campo de progresso; perguntar-se-ia porque o selvagem seria obrigado ir procurar em outro lugar o grau acima dele quando se encontra a seu lado, e assim, de próximo em próximo; porque o homem avançado não teria podido fazer suas primeiras etapas senão em mundos inferiores, enquanto que os análogos de todos esses mundos estão em torno dele; que há diferentes graus de progresso não somente de povo a povo, mas no mesmo povo, mas no mesmo povo e na mesma família? Em sendo assim, Deus teria feito algo de inútil, colocando lado a lado a ignorância e o saber, a barbárie e a civilização, o bem e o mal, ao passo que é precisamente este contato que faz avançar os retardatários.

Não há, pois, mais necessidade ao que os homens troquem de mundo a cada etapa. Como não o há para que um escolar troque de colégio a cada classe; longe disso, foi uma vantagem para o progresso o que seria um entrave, porque o Espírito estaria privado do exemplo que lhe oferece a vida dos graus superiores, e da possibilidade de reparar seus danos no mesmo meio e à atenção dos que tenha ofendido, possibilidade que lhe é o mais poderoso meio de adiantamento moral. Após uma curta coabitação, os Espíritos, dispersando-se e tornando-se

estranhos uns dos outros, os laços de família e de amizade, não tendo tempo de se consolidar, seriam rompidos.

Que os Espíritos deixem por um mundo mais avançado aquele que eles não possam mais nada adquirir, deve acontecer e o é; tal é o princípio. Se o é que o deixem ir adiante, é sem dúvida por causa individual que Deus pesa em sua sabedoria.

Tudo tem um objetivo na criação, sem o que Deus não seria nem prudente nem sábio; ora, se a Terra não devesse ser senão uma só etapa para o progresso de cada indivíduo, que utilidade teria ela para os jovens em tenra idade de aí vir passar alguns anos, alguns meses, algumas horas, durante as quais eles nada podem adquirir? Da mesma forma, para os idiotas e os cretinos. Uma teoria só é boa quando a condição resolve todas as questões que a ela se amarram. A questão do morto prematuro tem sido uma pedra de tropeço para todas as doutrinas, exceto para a doutrina espírita que é a única que tem solução de maneira racional.

Para os que percorrem sobre a Terra uma carreira normal, há para o progresso, uma vantagem real a se reencontrar no mesmo meio, para aí continuar o que deixaram inacabado, durante a mesma família ou em contato com as mesmas pessoas, para reparar o mal que tenham podido fazer, ou por sofrer a pena de talião.

EMIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO DE ESPÍRITOS

33. – No intervalo de suas existências corpóreas, os Espíritos estão no estado de erraticidade, e compõem a população espiritual ambiente do globo. Pelas mortes e nascimentos, estas duas populações diversificam incessantemente uma das outras; existe, pois, diariamente emigrações do mundo corpóreo para o mundo espiritual, imigrações do mundo espiritual no mundo corpóreo: é o estado normal.

34. – A certas épocas, regradas pela sabedoria divina, estas emigrações e estas imigrações operam-se em massa mais ou menos consideráveis por sequência de grandes revoluções que se fazem partir ao mesmo tempo quantidades inumeráveis, que são logo recolocadas por quantidades equivalentes de encarnações. É preciso, pois, considerar os flagelos destruidores e os cataclismos como ocasiões de chegadas e de partidas coletivas, maneiras providenciais de renovar a população corporal do globo, de revigorá-la pela introdução de novos elementos espirituais mais depurados. Se nestas catástrofes há destruição de um grande número de corpos, não há senão *vestimentas devastadas*, mas nenhum Espírito perece: só fazem trocar de meio; em lugar de partirem isoladamente, eles partem em quantidade, eis, pois toda diferença, porque partir por uma causa ou por outra, não se deve menos fatalmente partir cedo ou tarde.

As renovações rápidas e quase instantâneas que se operam no elemento espiritual da população, em sequência dos flagelos destruidores, apressam o progresso social; sem as emigrações e as imigrações que vêm de tempos em tempos dar-lhe um violento impulso, eles marchariam com uma extrema lentidão.

É notável que todas as grandes calamidades que dizimam as populações são sempre seguidas de uma era de progresso na ordem física, intelectual ou moral, e por sequência no estado social da nação entre aqueles elas se efetuam. É que tiveram por objetivo operar um remanejamento na população espiritual, que é a população normal e ativa do globo.

35. – Esta transfusão que se opera entre a população encarnada e a população desencarnada de um mesmo globo, opera-se igualmente entre os mundos, seja individualmente nas

condições normais, seja por massas em circunstâncias especiais, Há, pois, emigrações e imigrações coletivas de um mundo a outro. Resulta disso a introdução, na população de um globo, de elementos inteiramente novos; novas raças de Espíritos vindo se misturar às raças existentes, constituindo novas raças de humanos. Ora, como os Espíritos não perdem nunca o que adquiriram, eles aportam com sua inteligência e intuição de conhecimentos que possuem; imprimem, por consequência, suas características à raça corpórea que venham animar. Não têm necessidade, para isso, senão de que novos corpos sejam criados especialmente para seu uso; desde que a espécie corpórea existe, eles o encontram todos prontos a os receber. São, pois, simplesmente novos habitantes; chegando à Terra, eles fazem, a princípio, parte de sua população espiritual, após o que se encarnam como os outros.

RAÇA ADÂMICA

36. – Conforme o ensinamento dos Espíritos, é uma dessas grandes imigrações, ou, se o queira, uma destas *colônias espirituais* vinda de uma outra esfera que deu nascimento à raça simbolizada na personalidade de Adão e, por esta razão, denominada *raça adâmica*. Quando ela chegou, a Terra era povoada desde tempos imemoriais, *como a América quando vieram os europeus*.

A raça adâmica, mais avançada do que aquelas que a tinham precedido na Terra, é, em efeito, a mais inteligente; é ela que empurra todas as outras ao progresso. A Gênese no-la mostra-nos, desde seu começo, industriosa, apta às artes e às ciências, sem ter passado pela infância intelectual, o que não é próprio das raças primitivas, mas que concorda com a opinião de que ela se compunha de Espíritos tendo já progredido. Tudo prova que ela não é anciã sobre a terra, e nada se opõe ao que ela só esteja aqui após alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição nem com os fatos geológicos, nem com as observações antropológicas, e tenderia, ao contrário, em confirmá-las.

37. – A doutrina que faz proceder todo o gênero humano de uma só individualidade após seis mil anos, não é admissível no estado atual dos conhecimentos. As principais considerações que a contradizem, tiradas da ordem física e da ordem moral, resumem-se nos seguintes pontos:

38. – No ponto de vista fisiológico, certas raças apresentam tipos particulares característicos que não permitem de lhes assinalar uma origem comum. Há diferenças que não são evidentemente o efeito do clima, já que os brancos que se reproduzem nos países dos negros não se tornam negros, e reciprocamente. O ardor do Sol grelha e brune a epiderme, mas, jamais transformou um branco em negro, achatando o nariz, trocando a forma dos traços da fisionomia, nem tornou encrespado e lanoso os cabelos longos e sedosos. Sabe-se atualmente que a cor do negro provém de um tecido particular subcutâneo que possui a espécie.

É preciso, pois, considerar as raças negras mongólicas, caucásicas, como tendo suas origens próprias e tendo nascimento simultaneamente ou sucessivamente sobre diferentes partes do globo; seu cruzamento produziu raças mistas secundárias. Os caracteres fisiológicos das raças primitivas são o indicativo evidente de que elas provêm de tipos especiais. As mesmas considerações existem, pois, para o homem como para os animais, quanto à pluralidade das estirpes.

39. – Adão e seus descendentes são representantes na Gênese como homens essencialmente inteligentes, já que, desde a segunda geração, eles constroem cidades, cultivam a terra, talham os metais. Seus progressos nas artes e nas ciências foram rápidos e constantemente sustentados. Não se conceberia, pois, que esta cepa tenha tido por rebentos povos numerosos

tão atrasados, de uma inteligência tão rudimentar, que eles costeiam, ainda, em nossos dias, com a animalidade; que teriam perdido todo traço e até a menor lembrança tradicional do que o que faziam seus pais. Uma diferença tão radical nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento moral atesta, com não menos evidência, uma diferença de origem.

40. – Independentemente dos fatos geológicos, a prova da existência do homem sobre a terra antes da época fixada pela Gênese é tirada da população do globo.

Sem falar da cronologia chinesa, que remonta, diga-se, a trinta mil anos, dos documentos mais autênticos que atestam que o Egito, a Índia e outros países eram povoados e florescentes pelo menos três mil anos antes da era cristã, mil anos, por consequência, após da criação do primeiro homem, conforme a cronologia bíblica. Documentos e observações recentes não parecem deixar nenhuma dúvida atualmente sobre as relações que existiram entre a América e os velhos Egípcios; de onde é preciso concluir que esta região já era povoada por esta época. É necessário, pois, admitir que em mil anos a posteridade de um só homem tenha podido cobrir a maior parte da Terra; ora, uma tal fecundidade seria contrária a todas as leis antropológicas. A Gênese, ela própria nunca atribuiu aos primeiros descendentes de Adão uma fecundidade anormal, já que ela dá a enumeração nominal até Noé.

41. – A impossibilidade torna-se mais evidente si se admitir, com a Gênese que o dilúvio destruiu todo o *gênero humano*, à exceção de Noé e de sua família, que não era numerosa, no ano do mundo 1656, ou seja, 2348 anos antes de Jesus Cristo. Não seria, pois, em realidade, senão de Noé que dataria o povoamento do globo; ora, por esta época, a História designa Menés como rei do Egito. Quando os hebreus se estabeleceram neste último país, 642 anos depois do dilúvio, já era um poderoso império que teria sido povoado, sem falar das outras regiões, em menos de seis séculos, somente pelos descendentes de Noé, o que não é admissível.

Remarquemos, de passagem, que os egípcios acolheram os hebreus como estrangeiros; seria espantoso que tivessem perdido a lembrança de uma comunidade de origem também próxima, naquele tempo em que conservavam religiosamente os monumentos de sua História.

Uma rigorosa lógica, corroborada pelos fatos, demonstra, pois, da maneira a mais peremptória, que o homem está sobre a Terra desde um tempo indeterminado, bem anterior à época assinalada pela Gênese. Do mesmo modo, a diversidade das raças primitivas, por demonstrar a impossibilidade de uma proposição, é demonstrar a proposição contrária. Se a Geologia descobre traços autênticos da presença do homem antes do grande período diluviano, a demonstração será ainda mais absoluta.

DOUTRINA OS ANJOS DECAÍDOS E DO PARAÍSO PERDIDO (1)

42. – O termo anjo, como vários outros, tem várias acepções: toma-se indiferentemente em boa e má parte, uma vez que se diz: os bons e os maus anjos, o anjo de luz e o anjo das trevas; daí segue-se que, em sua acepção geral, significa simplesmente *Espírito*.

Os anjos não são seres fora da humanidade, criados perfeitos, mas Espíritos chegados à perfeição, como todas as criaturas, por seus esforços e seu mérito. Se os anjos fossem seres criados perfeitos, a rebelião contra Deus, sendo um sinal de inferioridade, os que se revoltaram não poderiam ser anjos. A rebelião contra Deus não se conservaria da parte de seres que fossem criados perfeitos, ao passo que ela concebe a parte de seres ainda atrasados.

Por sua etimologia, o termo anjo (do grego *aggelos*), significa *enviado, mensageiro*; ora, não é racional supor que Deus tenha tomado seus mensageiros entre seres assaz imperfeitos para se revoltar contra ele próprio.

43. – Até que os Espíritos tenham atingido a um certo grau de perfeição, estão sujeitos a falir, seja no estado de erraticidade, seja no estado de encarnação. Falir é infringir a lei de Deus, bem que esta lei esteja inscrita no coração de todos os homens a fim de que eles não tenham necessidade da revelação para conhecer seus deveres, o Espírito só a compreende gradualmente e à medida que sua inteligência se desenvolve. Aquele que infringe esta lei por ignorância e falta de experiência que só se adquire com o tempo, apenas incorre em uma responsabilidade relativa; mas da parte daquele cuja inteligência está desenvolvida, que tendo todos os meios de se esclarecer, enfrenta a lei voluntariamente e pratica o mal com conhecimento de causa, é uma revolta, uma rebelião contra o autor da lei.

44. – Os mundos progredem fisicamente pela elaboração da matéria, e moralmente pela depuração dos Espíritos que os habitam. A bondade aí está em razão da predominância do bem sobre o mal, e a predominância do bem é o resultado do avanço moral dos Espíritos. O progresso intelectual não é suficiente já que, com a inteligência, podem fazer o mal. Tão logo um mundo chegue a um de seus períodos de transformação que o deva fazer subir na hierarquia, as mutações se operam em sua população encarnada e desencarnada; é, então que têm lugar as grandes emigrações e imigrações. Aquilo que, malgrados sua inteligência e seu saber, preserva-se no mal, em sua revolta contra Deus e suas leis, será, daí para frente mais um entrave para o progresso moral ulterior, uma causa permanente de dificuldade para o repouso e a sorte dos bons, é por causa disso que são enviados para mundos menos adiantados; lá eles aplicarão sua inteligência e a intuição de seus conhecimentos adquiridos do progresso daqueles entre os quais são chamados a viver, ao mesmo tempo que expiarão, em uma série de existências penosas e por um duro trabalho, suas faltas passadas e seu endurecimento *voluntário*.

Quem serão eles entre esse bando novo para eles, ainda na infância da barbárie, senão anjos ou Espíritos pecadores envoltos em expiação? A Terra de onde *foram expulsos*, não será para eles um paraíso perdido? Não seria para eles um *lugar de delícias* em comparação com o meio ingrato aonde vão se encontrar relegados durante milhares de séculos, até o dia em que terão o mérito da libertação? A vaga lembrança intuitiva que conservam em si é para eles como uma miragem distante que os chama àquilo que *perderam por sua falta*.

45. – Mas, ao mesmo tempo em que os malvados partem do mundo que habitavam, eles são substituídos por Espíritos melhores, vindos, que seja, da erraticidade deste mesmo mundo, que seja de um mundo menos avançado onde tiveram o mérito de deixar e para os quais sua nova morada é uma recompensa. A população espiritual estando assim renovada e purgada de seus piores elementos, ao fim de algum tempo o estado moral do mundo se encontre melhorado.

Estas mutações são por vezes parciais, isto é, limitadas a um povo, a uma raça; por outras vezes, são generalizadas, quando o período de renovação for chegado para o globo.

46. – A raça adâmica tem todos os caracteres de uma raça proscrita; os Espíritos que dela fazem parte estiveram exilados sobre a terra, já povoada, mas por homens primitivos, mergulhados na ignorância, e que tiveram por missão fazer progredir, aportando entre eles as luzes de uma inteligência desenvolvida. Não será este, com efeito, o papel que esta raça preencheu até este dia? Sua superioridade intelectual prova que o mundo de onde saíram estava mais avançado que a Terra; mas este mundo devendo entrar em uma nova fase de progresso, e estes Espíritos, ante sua obstinação, não tendo sabido de colocar nesta altura,

teriam sido deslocados tornando-se um entrave à marcha providencial das coisas; eis porque foram excluídos, ao passo que outros mereceram substituí-los.

Em relegando esta raça sobre esta terra de labor e de sofrimentos, Deus teve razão de lhes dizer: *“Tu tirarás tua nutrição com o suor da tua frente”*. Em sua mansuetude, prometeu-lhe que lhe enviaria um *Salvador*, isto é, aquele que deveria esclarecer a respeito da rota a seguir por sair deste lugar de miséria, deste *inferno* e encontrar a felicidade dos eleitos. Este Salvador, Ele lhe enviou na figura do Cristo, que ensinou a lei de amor e de caridade desconhecida por eles e que deveria ser a verdadeira âncora de salvação. O Cristo tem não apenas ensinado a lei, mas deu o exemplo da prática desta lei, por sua mansuetude, sua humildade, sua paciência em sofrer sem murmúrio os tratamentos dos mais ignominiosos e as maiores dores. Para que uma tal missão fosse cumprida sem desvario, era preciso um Espírito livre das fraquezas humanas.

É igualmente em via de fazer avançar a humanidade em um senso determinado que Espíritos superiores, sem ter a qualidade do Cristo, encarnaram-se a seu tempo, sobre a Terra para aí cumprir missões especiais que aproveitam em seu adiantamento pessoal se executarem conforme as vistas do Criador.

47. – Sem a reencarnação, a missão do Cristo seria um contrassenso, tal como a promessa feita por Deus. Suponhamos, com efeito, que a alma de cada homem seja criada no ato do nascimento de seu corpo e que ela só faça aparecer e desaparecer sobre a Terra, não há nenhuma relação entre as que vieram após Adão até Jesus Cristo, nem as que vieram após; elas são todas estranhas umas às outras. A promessa de um Salvador feita por Deus não poderia se aplicar aos descendentes de Adão se suas almas ainda não tinham sido criadas. Para que a missão do Cristo pudesse se encaixar às palavras de Deus, era preciso que elas pudessem se aplicar às mesmas almas. Se estas almas são novas elas não podem ser correlatas com as faltas do primeiro pai que é apenas o pai carnal e não o pai espiritual; senão, Deus teria *criado* almas maculadas por uma falta que não teriam cometido. A doutrina vulgar do pecado original implica, pois, na necessidade de uma correlação entre as almas do tempo de Cristo e a do tempo de Adão, e, por consequência da reencarnação.

Ditas que todas essas almas faziam parte da colônia de Espíritos exilados sobre a Terra no tempo de Adão, e que elas estavam maculadas pela falta que as haviam feito exclusas de um mundo melhor, e vos teries a única interpretação racional do pecado original, pecado próprio a cada indivíduo, e não o resultado da responsabilidade da falta de um outro que jamais conhecera; ditas que tais almas ou Espíritos renasçam em diversas repetições sobre a terra na vida corpórea para progredir e se depurar; que o Cristo veio iluminar estas mesas almas não apenas para suas vidas ulteriores, e somente então vós dareis à sua missão um papel real e sério, aceitável pela razão.

48. – Um exemplo familiar, marcado por sua analogia, fará melhor compreender ainda os princípios que vieram a ser expostos:

Em 24 de maio de 1861, a fragata *Ifigênia* conduzira à Nova Caledônia uma companhia disciplinar composta de 291 homens. O comandante da colônia lhes endereçou, à sua chegada, uma ordem do dia assim concebida:

“Colocando o pé sobre esta terra longínqua, já cumpristes o papel que vos está reservado.

“A exemplo de nossos bravos soldados da marinha servindo sob vossos olhos, vós nos ajudareis a levar com claridade, ao meio das tribos selvagens da Nova Caledônia, a bandeira da civilização. Não é uma bela e nobre missão, eu vos indago? Vós a encheis dignamente.

“Escutai a voz e os conselhos de vossos chefes. Estou na sua cabeça; que minhas palavras sejam bem entendidas.

“A escolha de vosso comandante, de vossos oficiais, de vossos suboficiais e cabos é uma segura garantia de todos os esforços que serão tentados para fazer de vós excelentes soldados; eu digo mais, para vos elevar à altura de bons cidadãos e vos transformas em colonos honrados se o desejardes.

“Vossa disciplina é severa; deve sê-la. Colocada em nossas mãos, ela será firme e inflexível, sabeis-o bem; como também, justa e paternal, ela saberá distinguir o erro do vício e da degradação...”

Eis, pois homens expulsos por suas más-condutas, de um país civilizado e enviados, por punição, para o meio de um povo bárbaro. Que lhe diz o chefe? *“Afrontastes as leis de vosso país; lá, causastes embarços e escândalos, e então, fostes enxotados; e vos enviaram para aqui, mas podereis aqui resgatar vosso passado; podereis, pelo trabalho, aqui criar um posição honrada e tornarem-se honestos cidadãos. Ter-vos-á, uma bela missão a preencher, a de levar a civilização entre as tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa, e saberemos distinguir os que se conduzirem bem.”*

Para esses homens relegados ao seio da selvageria, a mãe pátria, não será ela um paraíso perdido pelas suas faltas e por sua rebelião à lei? Sobre esta terra longínqua, não seriam anjos decaídos? A linguagem do chefe não seria a que Deus fez entender aos Espíritos exilados sobre a Terra: “Haveis desobedecido a minhas leis e é por isso que vos tenho banido do mundo onde poderíeis viver felizes e em paz; aqui sereis condenados ao trabalho, mas podereis, por vossa boa conduta, merecer vosso perdão por vossa falta, a dizer, o céu?”

49. – À primeira abordagem, a ideia de decaídos parece em contradição com o princípio de que os Espíritos não possam regredir; mas é necessário considerar que não se cogita de um retorno ao estado primitivo; o Espírito, embora em uma posição inferior, não perde nada daquilo que adquiriu; seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio onde se encontre colocado. É na posição do homem do mundo condenado à prisão por seus malfeitos; certamente, ele está decaído ao ponto de vista social, porém, não se tornou nem estúpido, nem mais ignorante.

50. – Crer-se-ia agora que estes homens enviados à Nova Caledônia vão se transformar subitamente em modelos de virtude? Que vão abjurar, de um só golpe seus erros passados? Não seria preciso conhecer a humanidade para supô-lo. Pela mesma razão, os Espíritos da raça adâmica, uma vez transferidos para a Terra do exílio, não teriam despojado instantaneamente seu orgulho e seus instintos maus; por longo tempo, ainda, conservaram suas tendências de origem, um resquício do velho fomento; ora, não é este o pecado original? A nódoa que eles trazem de nascença é a da arca de Espíritos culpados e punidos àqueles a quem o caiba; tarefa que podem afastar pelo arrependimento, a expiação e a renovação do seu ser moral. O pecado original, considerado como a responsabilidade de uma falta cometida por um outro, é uma falta de senso e a negação da justiça de Deus; considerado, ao contrário, como consequência e saldo de uma imperfeição primária do indivíduo, não apenas a razão o admite, mas, encontra-se de total justiça a responsabilidade que provenha dela.

NOTA

(1) Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a *interpretação da doutrina dos anjos decaídos*, apresentamo-la apenas como uma hipótese, tendo somente a autoridade de uma opinião pessoal controversa, já que, então, faltava-nos elementos assaz completos para uma afirmação absoluta. Demo-la a título de ensaio, com vistas de provocar o exame, bem determinado a abandoná-lo ou a modificá-lo, se houvesse lugar. Atualmente, esta teoria sofreu a prova do controle universal; não somente foi acolhida pela grande maioria dos Espíritos como a mais racional e de acordo com a soberana justiça de Deus, mas ela foi confirmada pela generalidade das instruções dadas pelos Espíritos sobre este assunto. É o mesmo que concerne à origem da raça adâmica.

NOTAS DO TRADUTOR

(a) Com a “teoria do nada”, isto é, o peso sem massa descoberto pelos astrofísicos, a Ciência caminha célere para admitir que, de fato, existam dois fundamentos na existência do Universo: a energia constituinte do mundo material e das formas, correspondente a 23% do mesmo e algo mais que até então não foi possível caracterizar, compondo os 73% restantes. Mas, é preciso que o Espiritismo caminhe pelas trilhas traçadas por Kardec para que possa influir junto aos cientistas, na proposição da existência da Espiritualidade. Enquanto insistirem em transformar o Espiritismo em mais uma seita evangélica, esta posição não será alcançada.

(b) Na época de Kardec, tudo o que transcendia ao conhecimento da Ciência era considerado “fluido”. Atualmente o que se dizia “fluido perispiritual” é conhecido como “energia parapsíquica”, ou seja, correlata com a vida além da alma, transcendendo à matéria. O mesmo conceito no item seguinte, referente a “laço fluídico”.

(c) Segundo pesquisas feitas no final do século XX, a vida celular orgânica persiste após o trespasse, por algum tempo e vai se deteriorando gradativamente, com maior ou menor velocidade, dependendo de cada caso. Por esse motivo, aceita-se a existência tácita deste campo perispiritual de que fala Kardec e que abandona o corpo no ato da morte; ele já foi detectado por espectrógrafos; os russos o denominam de psicossoma, embora não seja um corpo, mas um campo de energia parapsíquica.

(d) Se compararem os itens 42 e 43 com as edições roustaingistas, o leitor verá que eles foram abolidos das mesmas porque nega a tese do anjo decaído, no caso, Lúcifer, que teria se rebelado contra Deus. Parece, mesmo, que Kardec tenha inserido tais itens para combater a tese docetista.

* * *

Capítulo XII

GÊNESE MOSAICA

Os seis dias. – O Paraíso Perdido

OS SEIS DIAS

1. – *CAPÍTULO I. No começo, Deus criou o céu e a Terra. – 2. A Terra era uniforme e toda nua. As trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus estava colocado sobre as águas. – 3. Ora, Deus disse: Que a luz seja feita e a luz foi feita. – 4. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. – 5. Deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.*

6. *Deus disse também: Que o firmamento seja feito no meio das águas, e que ele separe as águas com as águas. – 7. E Deus fez o firmamento; e ele separou as águas que estavam sob o firmamento daquelas acima do firmamento. E tal se fez assim. – 8. E Deus deu ao firmamento o nome de céu; e de tarde e de manhã se fez o segundo dia.*

9. *Deus disse ainda: que as água que estão sob o céu se reunissem em um só lugar, e que o elemento árido aparecesse. E isso se fez assim. – 10. Deus deu ao elemento árido o nome de terra, e chamou de mares todas as águas reunidas. E viu que isto era bom. – 11. Deus disse ainda: Que a terra produza a erva verde, que porte grão e árvores frutíferas que portem fruta cada qual conforme sua espécie e encerrem suas sementes nelas mesmas para se reproduzirem sobre a terra. E isso se fez assim. – 12. A terra produziu erva verde que continha o grão conforme sua espécie e árvores frutíferas que encerrava suas sementes nelas mesmas, cada qual conforme sua espécie. E Deus viu que isso era bom. – 13. E da tarde e da manhã se fez o terceiro dia.*

14. *Deus disse também: Que corpos de luz sejam feitos no firmamento do céu a fim de que separem os dias das noites e que sirvam de símbolo para marcarem o tempo e as estações, os dias e os anos. – 15. Que eles luzam no firmamento do céu e que clareiem a Terra. E isso se fez assim. 16. Deus fez, pois, dois grandes corpos luminosos, um, maior, para presidir o dia, e o outro menor para presidir a noite; fez também as estrelas; – 17. E as colocou no firmamento do céu para luzir sobre a Terra. – 18. Para presidir o dia e a noite e para separar a luz das trevas. E Deus viu que isso era bom. – 19. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia.*

20. *Deus disse ainda: que as águas produzam animais vivos que nadem na água, e pássaros que voem sobre a terra e sob o firmamento do céu. – 21. Deus criou, pois, os grandes peixes e todos os animais que possuam a vida e o movimento; que as águas produziram cada um conforme sua espécie e criou também os pássaros conforme sua espécie. Ele viu que isso era bom. – 22. E os abençoou dizendo: Crescei e multiplicai, e enchei as águas do mar; e que os pássaros se multipliquem sobre a Terra. – 23. E da tarde e da manhã se fez o quinto dia.*

24. *Deus disse também: Que a Terra produza animais vivos cada um conforme sua espécie, os animais domésticos, os répteis e as bestas selvagens da Terra conforme suas diferentes espécies. E isso se fez assim. – 25. Deus fez pois, as bestas selvagens da Terra conforme suas espécies, os animais domésticos e todos os répteis cada um conforme sua espécie. E Deus viu que isto era bom.*

26. *Ele disse em seguida: Façamos o homem à nossa imagem e à nossa semelhança e que ele comande os peixes do mar, os pássaros do céu, as bestas, a toda a Terra e a todos os*

répteis que se movam sobre a Terra. – 27. Deus criou, pois, o homem à sua imagem e o criou à imagem de Deus e os criou macho e fêmea. – 28. Deus os abençoou e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, encheis a Terra e vos sujeitai-a, e dominai os peixes do mar, os pássaros do céu e todos os animais que se movam sobre a Terra. – 29. Deus disse ainda: E vos dei todas as ervas que portam seus grãos sobre a terra e todas as árvores que encerram nelas mesmas sua semente, cada uma conforme sua espécie, a fim de que vos sirvam de nutrição; – 30. E a todos os animais da Terra, a todos os pássaros do céu, a todos os que se movem sobre a Terra e que estão vivos e animados, a fim de que tenham com que se nutrir. E isso se fez assim. – 31. Deus viu todas as coisas que havia feito; e elas eram muito boas. – 32. E da tarde e da manhã se fez o sexto dia.

CAPÍTULO II. – 1. O Céu e a Terra foram, pois assim acabados com todos os seus ornamentos. – 2. Deus terminou ao sétimo dia toda a obra que havia feito e repousou ao sétimo dia, após ter concluído todas as suas obras. – 3. Ele abençoou o sétimo dia e o santificou porque havia cessado nesse dia a produção de todas as obras que havia criado. – 4. Tal é a origem do céu e da Terra e é assim que foram criados no dia em que o Senhor Deus fez um e outro – 5. E que criou todas as plantas dos campos antes que fossem saídas da terra, e todas as ervas da campanha antes que elas fossem impulsionadas. Porque o Senhor Deus não havia ainda feito chover sobre a Terra, e não possuía nenhum homem para laborá-la; – 6. Mas se elevava da Terra uma fonte que regaria toda a superfície.

7. O Senhor Deus formou, pois, o homem do limo da terra e derramou sobre sua face um sopro de vida e o homem se tornou vivente e animado.

2. Após as revelações contidas nos capítulos precedentes sobre a origem e a constituição do Universo conforme os dados fornecidos pela Ciência, pela parte material, e conforme o Espiritismo pela parte espiritual, seria útil colocar em paralelo o próprio texto da Gênese de Moisés a fim de que cada um possa estabelecer uma comparação e julgar com conhecimento de causa; algumas explicações suplementares bastarão para fazer compreender as partes que tenham necessidade de esclarecimentos especiais.

3. Sobre alguns pontos, há certamente uma concordância notável entre a Gênese de Moisés e a doutrina científica (b); mas seria um erro crer-se que seja suficiente substituir os seis dias de vinte e quatro horas da Criação, seis períodos indeterminados para encontrar uma analogia completa: o que seria um erro não menor do que crer que, salvo o senso alegórico de algumas palavras, a Gênese e a Ciência seguem passo a passo e o são apenas a paráfrase, uma da outra.

4. Distingamos, a princípio, assim que aquilo foi dito (cap. VII, nº 14) que o número dos seis períodos geológicos é arbitrário, posto que, conta-se mais de vinte e cinco formações bem características. Este número só marca as grandes fases gerais; apenas adotou a princípio, para encontrar, o mais possível, no texto bíblico, em uma época, pouco distante do resto, onde se acreditava que se devia controlar a Ciência pela Bíblia.

Por outro lado, a geologia, tomando seu ponto de partida desde a formação dos terrenos graníticos, não compreende no número de seus períodos do estado primitivo da Terra. Lua não se ocupa nem mais do Sol, da Lua e das estrelas, nem do conjunto do Universo que cabem à Astronomia. Para entrar na moldura da Gênese, convém, pois, juntar um primeiro período abrangendo esta ordem de fenômenos e que poderia se chamar de *período astronômico*. (c)

Por outro lado, o período diluviano não é considerado por todos os geólogos como formando um período distinto, mas como um feito transitório e passageiro que não trocou notavelmente o

estado climático do globo, nem marcou uma nova fase nas espécies vegetais e animais, já que por pouco próxima exceção, as mesmas espécies encontram-se antes e depois do dilúvio. Pode-se, pois, fazer abstração sem descartar a verdade.

5. – O quadro comparativo seguinte no qual resumem-se os fenômenos que caracterizam cada um dos seis períodos, permite abranger juntamente e de julgar as descrições e as diferenças que existem entre elas e a Gênese bíblica.

CIÊNCIA	GÊNESE
<p>I. PERÍODO ASTRONÔMICO. – Aglomeração da matéria cósmica universal sobre um ponto do espaço em uma nebulosa que deu origem, pela condensação da matéria, sobre diversos pontos, às estrelas, ao Sol, à Terra, à Lua e a todos os planetas. Estado primitivo fluídico e incandescente da Terra. – Atmosfera imensa carregada com toda a água em vapor e, de todas as matérias volatilizáveis.</p>	<p>1° DIA – o céu e a Terra – a Lua.</p>
<p>II. PERÍODO PRIMÁRIO. – Endurecimento da superfície da Terra pelo resfriamento; formação das camadas graníticas. – Atmosfera espessa e ardente, impenetrável aos raios do Sol. – Precipitação gradual da água e das matérias sólidas volatilizadas no ar. – Ausência de qualquer vida orgânica.</p>	<p>2° DIA – O firmamento – Separações das águas que estão sobre o firmamento das que estejam abaixo.</p>
<p>III. PERÍODO DE TRANSIÇÃO. – As águas cobrem toda a superfície do globo. – Primeiros depósitos de sedimento formados pelas águas. – Calor úmido. – O Sol começa a penetrar na atmosfera mais depurada. – Primeiros seres organizados da constituição, a mais rudimentar. – Líquenes, musgos, fetos, licopódios, plantas herbáceas. – Vegetação colossal. – Primeiros animais marinhos: zoófitos, pólipos, crustáceos. – Depósitos mineiros.</p>	<p>3° DIA – As águas que estão sob o firmamento se reúnem; o elemento árido aparece. – A Terra e os mares. – As plantas.</p>
<p>IV. PERÍODO SECUNDÁRIO. – Superfície da Terra pouco acidentada; águas pouco profundas e pantanosas. – Temperatura menos ardente; atmosfera mais depurada. Depósitos consideráveis de calcários pelas águas. – Vegetação menos colossal; novas espécies; plantas lenhosas; primeiras árvores. – Peixes, cetáceos; animais com conchas; grandes répteis aquáticos e anfíbios.</p>	<p>4° DIA – O Sol, a Lua e as estrelas.</p>
<p>V. PERÍODO TERCIÁRIO. – Grandes levantamentos da crosta sólida; formação dos continentes. Retraimento das águas nos lugares baixos; formação dos mares. – Atmosfera depurada; temperatura atual pelo calor solar. – Animais terrestres gigantescos. – Vegetais e animais atuais. Pássaros.</p>	<p>5° DIA – Os peixes e os pássaros.</p>
<p>DILÚVIO UNIVERSAL</p>	
<p>VI. PERÍODO QUATERNÁRIO OU PÓS DILUVIANO. – Terrenos de aluvião. – Vegetais e animais da atualidade. – O homem.</p>	<p>6° DIA – Os animais terrestres. O homem.</p>

6. – Um primeiro fato que ressalta do quadro comparativo acima é que a obra de cada um dos seis dias não correspondem, de uma maneira rigorosa, como muitos o creem, a cada um dos seus períodos geológicos. A concordância mais remarcável é a da sucessão de seres orgânicos, que está a pouca coisa próxima dele, e na aparição do homem por último; ora, é um fato importante.

Há igualmente coincidência, não com a ordem numérica dos períodos, mas, pelo fato, na passagem onde disse que o terceiro dia: *“As águas que estão sob o céu se reuniram em um só lugar e que o elemento árido surgiu”*. É a expressão de que ele teve lugar no período terciário, quando os soerguimentos da crosta sólida mostraram-se a descoberto os continentes e comprimiram as águas que formaram os mares. É então, somente que apareceram os animais terrestres, conforme a Geologia e conforme Moisés.

7. – Quando Moisés disse que a criação fora feita em seis dias, teria querido falar em dias de 24 horas, ou, na verdade, compreendeu este termo no sentido de: período, duração, espaço de tempo indeterminado, o termo hebreu traduzido por dia tendo esta dupla acepção? A primeira hipótese é a mais provável, caso se o refira ao próprio texto. A especificação de tarde e de manhã que limitam cada um dos seis dias dá lugar em se supor que ele quis falar de dias ordinários. Não se pode, mesmo, conceber nenhuma dúvida a esta consideração desde o que ele diz no versículo 5: *“ele deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite, e, de tarde e de manhã fizera-se o primeiro dia”*. Isto não pode se aplicar senão ao dia de 24 horas, dividido pela luz e as trevas. O sentido é ainda mais preciso quando ele diz, versículo 17, falando do Sol, da Lua e das estrelas: *“Ele os colocou no firmamento para luzir sobre a Terra; para presidir o dia e a noite e para separar a luz das trevas. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia”*.

Além disso, tudo na Criação era miraculoso e desde quando se entra na via dos milagres, pode-se perfeitamente crer que a Terra fora feita em seis vezes vinte e quatro horas, sobretudo quando se ignora as primeiras leis naturais. Esta crença tem sido bem partilhada por todos os povos civilizados até o momento em que a Geologia veio, peças na mão, demonstrar-lhe a impossibilidade.

8. – Um dos pontos que tem sido dos mais criticados na Gênese, é a criação do Sol depois da luz. Tem-se procurado explicar, após os próprios dados fornecidos pela Geologia em dizendo que nos primeiros tempos de sua formação a atmosfera terrestre, estando carregada de vapores densos e opacos, não permitia ver o Sol que desde então não existia para a Terra. Esta razão seria talvez admissível se, a esta época houvesse habitantes a presença ou ausência do Sol; ora, conforme Moisés mesmo, nem plantas ainda havia que, todavia não poderiam crescer e se multiplicar sem a ação do calor solar.

Há, pois, evidentemente, um anacronismo na ordem em que Moisés assinala a criação do Sol, mas, involuntariamente ou não cometeu erro ao dizer que a luz tinha precedido o Sol.

O Sol não é absolutamente o princípio da luz universal, mas uma concentração de elementos luminosos em um local, de outro modo, dito, do fluido que, pelas circunstâncias dadas adquiriam as propriedades luminosas. Este fluido (e) que é a causa, devia necessariamente existir antes do Sol, que é, apenas, um *efeito*. O Sol é causa para a luz que ele resplandece mas é efeito àquela que tenha adquirido.

Numa câmara escura, uma vela acesa é um pequeno sol. O que se fez para acender a vela? Desenvolveu-se a propriedade clareadora do fluido luminoso e se concentrou este fluido sobre

um ponto; a vela é a causa da luz resplandecente no cômodo, mas se o princípio luminoso não existisse anteriormente à vela, ela não poderia estar acesa.

É o mesmo com o Sol. O erro advém da ideia falsa que se tem tido durante longo tempo que o Universo todo inteiro tenha começado com a Terra e não se compreendia que o Sol pudesse ser criado após a luz. Sabe-se agora que antes do nosso Sol e nossa Terra, milhões de sóis e de terras existiam que desfrutavam por consequência, da luz. A assertiva de Moisés é pois perfeitamente exata em princípio; ela é falsa no que faz crer a Terra antes do Sol; a Terra, estando sujeita ao Sol pelo seu movimento de translação, deveu ser formada após ele; é o que Moisés não podia saber, já que ignorava a lei de gravitação.

O mesmo pensamento encontra-se na Gênese persa dos anciões, no primeiro capítulo do Zend-Medas Ormuzd referindo-se à origem do mundo disse: *“criei a luz que foi clarear o Sol, a Lua e as estrelas”*. (Dicionário de Mitologia Universal). A forma é certamente aqui mais clara e mais científica que em Moisés e dispensa comentários.

9. – Moisés partilhava evidentemente as crenças, as mais primitivas, sobre a cosmogonia. Como os homens de seu tempo, acreditava na solidez da abóbada celeste, e em reservatórios superiores para as águas. Este pensamento está expresso sem alegorias nem ambiguidades nesta passagem (versículo 6 e seguintes): *“Deus disse; Que o firmamento seja feito no meio das águas e que ele separe as águas com as águas. Deus fez o firmamento e separou as águas que estava sobre o firmamento das que estavam abaixo do firmamento”*. (Ver cap. V *Sistema dos mundos antigos e modernos* n° 3,4,5).

Uma antiga crença fazia considerar a água como o princípio, o elemento gerador primitivo; também Moisés não fala da criação das águas que parece já existirem. “As trevas cobriam o abismo”, ou seja, as profundezas do espaço que a imaginação concebia vagamente ocupada pelas águas e nas trevas antes da criação da luz, eis porque Moisés disse que: *“o Espírito de Deus conduzia-se sobre as águas”*. A Terra estando supostamente formada no meio das águas, era preciso isolá-la; supôs-se, pois, que Deus tinha feito o firmamento, abóbada sólida, que separava as águas do alto das que estavam restantes sobre a Terra.

Para compreender certas partes da Gênese, é preciso necessariamente se situar do ponto de vista das ideias cosmogônicas do tempo em que seja o reflexo.

10. – Ante o progresso da Física e da Astronomia, uma semelhante doutrina não é sustentável (1). Contudo, Moisés atribui estas palavras ao próprio Deus; ora, posto que elas exprimem um fato notoriamente falho, das duas uma: ou Deus se enganou no relato que faz de sua obra, ou este relato não é uma revelação divina. A primeira suposição não sendo admissível, é necessário concluir que Moisés exprimiu suas próprias ideias (Cap. I, n° 3).

11. – Moisés está mais na verdade quando diz que Deus formou o homem com o aluvião da Terra (2). A Ciência nos mostra, com efeito, (cap. X) que o corpo de homem é composto de elementos retirados da matéria inorgânica, senão dito um limo da terra.

A mulher formada de uma costela de Adão é uma alegoria pueril na aparência, se a tomarmos ao pé da letra, mas profunda pelo sentido. Tem por alvo mostrar que a mulher é da mesma natureza do homem, seu igual, por consequência, ante Deus e não uma criatura à parte feita para ser sujeita e tratada como pessoa abjeta, saída de sua própria carne, a imagem da igualdade é bem mais comovente do que se ela tivesse sido formada separadamente do mesmo barro; é para dizer ao homem que ela é sua igual e não a sua escrava. Que ele deve amá-la como uma parte de si próprio.

12. – Para Espíritos incultos, sem nenhuma ideia das leis gerais, incapazes de abranger o conjunto e conceber o infinito, esta criação miraculosa e instantânea tinha algo de fantástico que impressionava a imaginação. O quadro do Universo tirado do nada em poucos dias, por um só ato da vontade criadora, era para eles a marca a mais magnífica do poder de Deus. Qual pintura, de fato, mais sublime e mais poética deste poder que estas palavras: “*Deus disse: que a luz se faça e a luz se fez!*” Deus criando o Universo por realização lenta e gradual das leis da natureza, ter-se-ia parecido menor e menos poderoso; era-lhe preciso algo de maravilhoso que saísse das vias ordinárias, senão teriam dito que Deus não era mais hábil que os homens. Uma teoria científica e racional da Criação tê-los-ia deixado frios e indiferentes.

Os homens primitivos são como as crianças às quais é preciso dar apenas o alimento intelectual que comporte sua inteligência. Atualmente, que estamos esclarecidos pelas luzes da Ciência, relevamos os erros materiais do relato de Moisés, mas não o censuramos por ter falado a linguagem do seu tempo sem o que não seria nem compreendido nem aceito.

Respeitemos estes quadros que nos parecem pueris atualmente, como respeitamos os apólogos que clarearam nossa primeira infância e abriram nossa inteligência, ensinando-nos a pensar. É com estes quadros que Moisés inculcou nos corações dos homens primitivos a fé em Deus e em seu poder, fé ingênua que devia se purificar mais tarde ao brilho da Ciência. Porque saibamos ler corretamente, não desprezemos o livro onde aprendemos a soletrar.

Não rejeitemos, pois, a Gênese bíblica; estudemo-la, pelo contrário, como se estuda a História da infância dos povos. É uma epopeia rica em alegorias onde se torna necessário procurar o sentido oculto; que é preciso comentar e explicar com a ajuda das luzes da razão e da Ciência. Todo se fazendo ressaír as belezas poéticas e as instruções veladas sob a forma de metáforas, é preciso demonstrar decididamente os erros, no próprio interesse da religião. Respeitar-se-á melhor quando estes erros não forem mais impostos pela fé, como verdades, e Deus não pareça maior e mais poderoso, logo que seu nome não seja misturado a fatos controversos.

O PARAISO PERDIDO (3)

13. – *CAPÍTULO II. – 8. – Ora, o Senhor Deus plantara desde o início um jardim delicioso no qual colocou o homem que tinha formado. – 9. O Senhor Deus tinha também produzido da terra toda a sorte de árvores belas à vista e cujos frutos eram agradáveis ao gosto, e a árvore da vida no meio do paraíso (4), com a árvore da ciência do bem e do mal. [Fez sair Jeová, Eloim, da terra (min haadama) toda árvore boa à vista e bom para comer e a árvore da vida (vehetz hachayim) no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal]. 15. O Senhor tomou, pois, o homem e o colocou no Paraíso de delícias, a fim de que o cultivasse e o guardasse. – 16. Ele lhe fez também este comando, e lhe disse: comei de todas as árvores do Paraíso. (Ele ordenou, Jeová Eloim, ao homem (hal haadam), dizendo: de toda árvore do jardim (haga) tu podes comer; - 17. Mas não coma jamais do fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porque simultaneamente que vós o comeis, morrereis muito certamente. [E da árvore da ciência do bem e do mal (oumehetz hadaat teb vara) não comerás, porque, no dia em que tu o comeres, tu o morrerás:]*

14. – *CAPÍTULO III. – 1. Ora, a serpente era o mais sutil de todos os animais que o Senhor Deus havia formado sobre a Terra; e ela disse à mulher. Por que Deus a comandou a não comer do fruto de todas as árvores do Paraíso? [E a serpente era astuta mais que todos os animais terrestres que houvera feito Jeová Eloim; ela disse à mulher (el haïscha): Eis o que lhe disse Eloim: Vós não comereis de nenhuma árvore do jardim?] – 2. A mulher respondeu-lhe: Comemos de todas as frutas de todas as árvores que estão no paraíso. [Ela disse, a mulher, à*

serpente, do fruto (miperi) das árvores do jardim nós podemos comer]. – 3. Mas para aquele que é o fruto da árvore que está no meio do paraíso Deus nos comandou de não o comer jamais e nem jamais toca-lo, do perigo que não fugiríamos do perigo de morrer. – 4. A serpente retrucou à mulher: seguramente nunca morrereis. – 5. Mas é que Deus sabe que tão logo comerdes destas frutas vossos olhos serão abertos e vós sereis como deuses conhecedores do bem e do mal.

6. A mulher considerou então que o fruto desta árvore era bom para comer; que era belo e agradável à vista. E tendo tomado dele, ela o comeu e o deu a seu marido que o comeu também. [Ela viu, a mulher, que era boa a árvore como nutrição e que era viável a árvores para COMPREENDER (leaskil), e ela tomou de seu fruto, etc.]

8. E como eles perceberam a voz do Senhor Deus, que passeava pelo Paraíso à tarde, quando um vento doce se eleva, eles se retiraram para o meio das árvores do Paraíso para se esconder de ante sua face.

9. Então o Senhor Deus chamou Adão e lhe disse: Onde estás? – 10. Adão respondeu-lhe: Percebi sua voz no Paraíso e eu tive temor, porque eu estava nu, eis porque eu me escondia. – 11. O Senhor lhe replicou: E de onde soubestes que estáveis nus, senão do que comeste do fruto da árvore da qual eu vos havia proibido de comer? – 12. Adão respondeu-lhe: A mulher que me destes por companheira presenteou-me com o fruto desta árvore e eu o comi. – 13. O Senhor Deus disse à mulher: Por que fizeste isto? Ela respondeu: A serpente me enganou e eu comi desta fruta.

14. Então o Senhor Deus disse à serpente: Porque fizeste isto, tu és maldita entre todos os animais e todas as bestas da terra; rastejarás sobre o ventre e comerás a terra todos os dias de tua vida. – 15. Colocarei um ódio entre ti e a mulher, entre a raça dela e a tua. Ela te romperá a cabeça e tu tentarás de mordê-la pelo calcanhar.

16. Deus disse também à mulher: eu vos afligirei de vários males durante a gravidez; vós parireis na dor; estareis sob o domínio de seu marido e ele vos dominará.

17. Disse, em seguida, a Adão: Porque escutastes a voz de vossa mulher, e que comestes o fruto da árvore da qual eu vos havia resguardado de comer, a Terra será maldita por causa do que fizeste e vós não tirarás do que nutrir durante toda vossa vida senão com muito trabalho. – 18. Ela vos produzirá espinhos e dificuldades e vós vos nutrireis da erva da terra. – 19. E comerás vosso pão com o suor do vosso rosto até que retornéis à Terra de onde houverdes sido tirados, porque sois pó e voltareis ao pó.

20. E Adão deu à sua mulher o nome de Eva, que significa a vida porque ela era a mãe de todos os seres vivos.

21. O Senhor Deus fez também para Adão e sua mulher hábitos de pele com os quais Ele os revestiu. – 22. E disse: eis Adão tornar-se como um de nós sabendo sobre o bem e o mal. Impeçamos, pois, agora, não conduza sua mão à árvore da vida, que não tome também seu fruto e que, comendo deste fruto não viva eternamente. [Ele disse, Jeová Eloim: Eis, o homem foi como um de nós para o conhecimento do bem e do mal; e atualmente ele pode estender a mão e pode tomar a árvore da vida (veata pen ischlach yado velaleach mehetz hachayim); ela a comerá e viverá eternamente].

23. O Senhor Deus o fez sair do jardim das delícias a fim de que fosse laborar a cultura da terra de onde ele havia sido tirado. – 24. E em o tendo expulsado, pôs querubins (5) ante o jardim

das delícias os quais faziam cintilar uma espada de fogo, para guardar o caminho que conduzia à árvore da vida.

15. – Sob uma imagem pueril e, por vezes, ridícula, se a lançamos sob formas de alegoria oculta por vezes, as maiores verdades. Existe uma fábula mais absurda, à primeira vista, que a de Saturno, um deus devorando pedras que ele tomara por seus filhos? Mas, ao mesmo tempo, o quê de mais profundamente filosófico que esta figura, se nela procurarmos o sentido moral? Saturno é a personificação do tempo; todas as coisas sendo a obra do tempo, ele será o pai de tudo o que exista, mas também tudo se destrói com o tempo. Saturno, devorando as pedras, é o emblema da destruição pelo tempo dos corpos os mais duros que são seus filhos, já que eles se formaram com o tempo.

E que escapa a esta destruição a partir desta alegoria? Júpiter, o emblema da inteligência superior do princípio espiritual, que é indestrutível. Esta imagem é mesmo tão natural que, na linguagem moderna, sem alusão à fabula antiga, diz-se de uma coisa deteriorada ao longo que ela é devorada pelo tempo, corroída e devastada pelo tempo.

16. – Toda a mitologia pagã, em realidade, é apenas um vasto quadro alegórico dos diversos lados bons e maus da humanidade. Para aqueles que procuram seu espírito, é um curso completo da mais alta filosofia, como o é nossas fábulas modernas. O absurdo era o de tomarmos forma pelo fundo; mas os padres pagãos só ensinaram a forma, seja porque quaisquer uns não o sustentam por mais tempo, seja porque tivessem interesse em manter o povo na crença de que, tudo em favor do seu domínio, os estariam mais produtivos que a filosofia. A veneração do povo pela forma era uma fonte inesgotável de riquezas, para os dons acumulados ao tempo, as oferendas e os sacrifícios feitos por intenção aos deuses, mas, em realidade, ao proveito de seus representantes. Um povo menos crédulo, sendo menos dado às imagens, às estátuas, aos emblemas e aos oráculos: também Sócrates fora condenado como ímpio, a beber cicuta, por ter querido secar esta fonte, colocando a verdade no lugar do erro. Então, não foi ainda no uso de queimar vivo aos heréticos; e cinco séculos mais tarde, Cristo foi condenado a uma morte infamante, como ímpio, por ter, como Sócrates, querido substituir o espírito da letra e porque sua doutrina, toda espiritual, faria ruir a supremacia dos escribas, dos fariseus e dos doutos da lei.

17. – Da mesma forma como a Gênese, onde é preciso ver as grandes verdades morais sob figuras materiais que, tomadas literalmente seriam também absurdas tanto quanto, em nossas fábulas, tomar-se-ia literalmente as cenas e os diálogos atribuídos aos animais.

Adão é a personificação da humanidade; sua falta individualiza a fraqueza do homem onde predominam os instintos materiais que não sabe resistir.

A árvore, como árvore da vida, é o emblema da vida espiritual, como árvore da ciência, é o da consciência que o homem adquire do bem e do mal pelo desenvolvimento de sua inteligência e o do livre arbítrio em virtude do qual ele escolhe entre os dois; ele marca o ponto onde a alma do homem, cessando de ser conduzida pelos seus instintos, toma posse de sua liberdade e incorre na responsabilidade de seus atos.

O fruto da árvore é o emblema, o objetivo dos desejos materiais do homem; é a alegoria da cobiça; resume sob uma mesma figura os motivos de sedução ao mal; em comer, é sucumbir à tentação. (6) Cria-se no meio do jardim de delícias para mostrar que a sedução está no próprio seio dos prazeres, e mostrar, ao mesmo tempo que, se o homem dá preponderância aos divertimentos materiais, ele se ata à Terra e se distancia de seu destino espiritual.

Morte da qual está ameaçado se enfrentasse a proibição que lhe é feita, é uma advertência das consequências inevitáveis, físicas e morais, que arrastam a violação das leis divinas que Deus gravou em sua consciência. É bem evidente que não se trata da morte corporal, já que, após sua falta, Adão viveu por longo tempo, bem antes da morte, senão, dito da perda dos bens que resultam do progresso moral, prejuízo do qual sua expulsão do jardim de delícias é a imagem.

A serpente está longe de passar atualmente, pelo tipo da esperteza; é, pois, aí, por referência, antes, à sua forma que por seu caráter, uma alusão à perfídia dos maus conselhos que se escorregam como a serpente e dos quais, frequentemente, por esta razão, não se desconfia dela.

Aliás, se a serpente, por ter enganado a mulher, foi condenada a rastejar sobre o ventre, sê-lo-ia preciso dizer que anteriormente ela tinha pernas, e então, não seria uma serpente.

Por que, pois, impor à lealdade ingênua e crédula das crianças como verdades, alegorias também evidentes, e que, em se falseando seu julgamento, fazem-no mais tarde verem a Bíblia como uma trama de fábulas absurdas?

18. – Se a falta de Adão é literalmente ter comido uma fruta, não seria incontestavelmente por sua natureza quase pueril, justificar o rigor com que foi ferido. Não seria nem mais racional admitir, qualquer que seja o tão, o que se suponha geralmente; senão, deus, considerando este fato como um crime irremissível, teria condenado sua apropriada obra, já que tinha criado o homem para a propagação. Se Adão entendeu neste sentido o resguardo de tocar na fruta da árvore e que ele aí se tornou escrupulosamente conformado, onde estaria a humanidade e o que teria sido dos descendentes do Criador? Se o era assim, Deus teria criado o imenso aparelho do Universo para dois indivíduos e a humanidade estaria vindo contra sua vontade e suas previsões.

Deus não teria jamais criado Adão e Eva para ficarem sós na Terra; e a prova está mesmo nestas palavras que ele lhe endereçou imediatamente após sua formação, então, que eles estariam ainda no Paraíso terreal; *“Deus os abençoou e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, enchei a Terra e vos a subjuguem”*. (cap.I, v.28). Pois, a multiplicação do homem era uma lei desde o paraíso terrestre, sua expulsão não pode ter por causa o fato suposto.

O que deu crédito a esta suposição é o sentimento de pejo pelo qual Adão e Eva sentiram à vista de Deus e que os levaram a se cobrir. Mas este pejo, ele mesmo, é uma figura por comparação: simboliza a confusão que todo culpado sente em presença de quem lhe tenha ofendido.

19. – Qual é, pois, em definitivo, esta falta tão grande que possa culpar de reprovação à perpetuidade de todos os descendentes daquele que a tenha cometido? Caim, o fraticida não foi tratado tão severamente. Nenhum Teólogo pôde defini-la logicamente porque, todos, não saindo da letra, voltam-se num círculo vicioso.

Atualmente, sabemos que esta falta nunca é jamais um fato isolado, pessoal de um indivíduo, mas que compreende. Sob um fato alegórico único, a mistura das prevaricações das quais pode-se tornar culpada a humanidade, ainda imperfeita, da Terra e que se resumem bestas palavras: *infração às leis de Deus*. Eis porque a falta (erro) do primeiro homem, simbolizando a humanidade, ela própria é simbolizada por um ato de desobediência.

20. – Em dizendo a Adão que tirará seu alimento da Terra com o suor da sua fronte, Deus simboliza a obrigação do trabalho; mas porque faz, Ele do trabalho uma punição? Que seria a Terra, se ela não fosse fecundada, transformada, saneada pelo trabalho inteligente do homem?

Disse (cap. II, v.5 e 7): “O Senhor Deus não tinha ainda feito chover sobre a Terra e não havia nenhum homem para trabalhá-la. O Senhor formou pois o homem do barro da Terra”. Estas palavras comparadas com as seguintes: **Enchei a Terra**, prova que o homem estava desde a origem destinado a ocupar toda a Terra e a cultivá-la; e outra, que o Paraíso não era um lugar circunscrito a um canto do globo. Se a cultura da Terra devia ser uma consequência da falta de Adão, resultaria que, se Adão não tivesse pecado, a Terra não teria sido cultivada e que as vistas de Deus não teriam sido completadas.

Por que di-lo à mulher que, porque ela cometeu a falta, ela parirá com dor? Como a dor do parto pode ser um castigo, já que é uma consequência do organismo, e que está provado fisiologicamente que é necessária? Como uma coisa que é conforme as leis da natureza pode ser uma punição? É o que os teólogos nem podem ainda explicar e o que não o poderão fazer enquanto não saírem do ponto de vista onde se situaram; e conforme estas palavras que se mostram tão contraditórias possam ser justificadas.

21. – Observemos a princípio que, se, no momento da Criação de Adão e Eva, sua alma viesse de ser tirada, como se o ensina, eles deveriam ser noviços em todas as coisas; eles não deveriam saber o que é morrer. Já que estavam sós sobre a Terra, tanto que eles adivinham do Paraíso terrestre, não haviam visto ninguém morrer; como, pois, teriam podido compreender em que consistia a ameaça de morte que Deus lhes fazia? Como poderia Eva compreender que parir com dor seria uma punição, já que, vindo de nascer para a vida ela nunca tinha tido filhos e que ela era a única mulher do mundo?

As palavras de Deus não deviam, pois, ter para Adão e Eva nenhum sentido. Apenas, tirado do nada, não podiam saber nem porque nem como eles surgiram; não deviam compreender nem o Criador nem o motivo da proibição que lhe faziam. Sem nenhuma experiência das condições da vida, eles pecaram como crianças que atuam sem discernimento, o que torna mais incompreensível ainda a terrível responsabilidade que Deus fez pesar sobre eles e sobre toda humanidade inteira.

22. – O que é um impasse para a Teologia, o Espiritismo explica sem dificuldade e de uma maneira racional, pela anterioridade de alma e a pluralidade das existências, lei sem a qual tudo é mistério e anomalia na vida do homem. Com efeito, admitamos que Adão e Eva tendo já vivido, tudo se encontra justificado; Deus não lhes fala nunca como a crianças, mas como a seres em estado de compreender e que o compreendem, prova evidente que eles tiveram uma experiência anterior. Admitamos, entre outras coisas, que eles tivessem vivido em um mundo mais avançado e menos material que o nosso, onde o trabalho do Espírito suplantara o trabalho do corpo; que, por sua rebelião à lei de Deus, caracterizada pela desobediência, eles o tivessem sido excluídos e exilados por punição na Terá, onde o homem, por consequência da natureza do globo está sujeito a um trabalho corporal, Deus tinha razão de lhes dizer: No mundo em que ides viver de hoje em diante, “vós cultivareis a terra e dela tirareis vosso alimento com o suor de vossa fronte”; e, para a mulher: “vós parireis com dor”, porque tal é a condição deste mundo (Cap. XI, n° 31 e seguintes).

O Paraíso terrestre do qual se tem inutilmente procurado os vestígios sobre a Terra, era, pois, a figura do mundo venturoso onde tinham vivido Adão, ou antes, a raça dos Espíritos dos quais ele seja a personificação. A expulsão do paraíso marca o momento em que estes Espíritos vieram encarnar-se entre os habitantes do mundo, e a troca de situação é que ocorreu a

seguir. O anjo armado com uma espada reluzente, que defende a entrada do Paraíso, simboliza a impossibilidade na qual estão os Espíritos dos mundos inferiores em penetrar nos mundos superiores antes de terem mérito, pela sua depuração (ver logo após cap. XIV n° 9).

23. – Caim (após a morte de Abel) respondeu ao Senhor: minha iniquidade é por demais grande para poder obter o perdão. – Vós me enxotastes hoje, da superfície da Terra e eu irei me esconder de ante vossa face. Serei fugitivo e vagabundo sobre a terra, qualquer um, pois, me encontrará e me destruirá. – O senhor lhe respondeu: Não, isto não ocorrerá porque quem destruir Caim será punido severamente. W o Senhor colocou um sinal sobre Caim, a fim de que, quem o encontrasse nunca lhe destruísse.

Caim, sendo retirado de ante a face do Senhor, tornou-se vagabundo sobre a Terra e habitou pela região oriental do Éden: - E tendo conhecido sua mulher, ela concebeu e pariu Henocho. Ele construiu, em seguida, uma cidade, que se chamou Enóquia, do nome do seu filho (cap. IV, versículos de 13 a 16).

24. Caso se reporte à letra da Gênese, eis as quais consequências se chegou: Adão e Eva estavam sós no mundo após sua expulsão do paraíso terrestre; só posteriormente, apenas, que tiveram por filhos Caim e Abel. Ora, Caim matando seu irmão e retirando-se para outra região, não reviu mais seu pai e sua mãe que se tornaram novamente sós; só muito tempo depois com a idade de cento e trinta anos que Adão teve um terceiro filho, chamado Seth. Após o nascimento de Seth, ele viveu ainda, conforme a genealogia bíblica, oitocentos anos e teve filhos e filhas.

Tão logo Caim veio estabelecer-se no oriente do Éden, existia, apenas sobre a Terra três pessoas: seu pai e sua mãe, e ele próprio, por seu lado. Entretanto, ele teve uma mulher e um filho; quem poderia ser esta mulher e onde teria podido encontrá-la? Ele construiu uma cidade, mas uma cidade supõe habitantes já que não é presumível que ele a tenha feito para si próprio, sua mulher e seu filho, nem que a tenha podido construir sozinho.

É preciso, pois, inferir deste relato, mesmo, que a região era povoada; ora, não poderia ser pelos descendentes de Adão, que, então, não havia outro senão Caim.

A presença de outros habitantes resulta desta palavra de Caim: *“eu serei fugitivo e vagabundo e aquele que me encontrar me matará”* e, de resposta que Deus lhe fez. Por quem poderia ele temer de ser morto e que bem o signo que Deus colocou sobre ele para preservá-lo se não devesse encontrar ninguém? Se, pois, se havia sobre a Terra outros homens além da família de Adão, é que eles aí estavam antes deles. De onde esta consequência, tirada do próprio texto da Gênese, que Adão não é nem o primeiro nem o único pai do gênero humano (Cap. XI, n° 34).

25. – Seria preciso os conhecimentos que o Espiritismo trouxe tocantes ao relacionamento do princípio espiritual e do material, sobre a natureza da alma, sua criação em estado de simplicidade e ignorância, sua união com o corpo, sua marcha progressiva, indefinida através de existências sucessivas e através dos mundos que são igualmente degraus na trilha do aperfeiçoamento, sua libertação gradual da influência da matéria pelo uso do seu livre arbítrio, a causa de suas tendências boas ou más e de suas aptidões, o fenômeno do nascimento e da morte, o estado do Espírito na erraticidade, enfim, o porvir que é o prêmio de seus esforços para melhorar-se e de sua perseverança no bem, para lançar a luz por todas as partes da Gênese espiritual.

Graças a esta luz, o homem sabe daí pra frente de onde ele vem, para onde ele vai, porque está sobre a Terra e porque sofre; sabe que seu futuro está entre suas mãos e que a duração de seu cativeiro aqui em baixo depende dele. A Gênese, saída da alegoria estreita e mesquinha, mostra-se a ele grande e digna da majestade da bondade e da justiça do Criador. Considerada desse ponto de vista, a Gênese confundirá a incredulidade e a vencerá.

NOTAS

(1) Por mais grosseiro que seja o erro de uma tal crença, ainda se a engambela menos em nossos dias as crianças como sendo uma verdade sacra. Não é que esteja cheio de medo que os instrutores ousam arriscar uma tímida interpretação. Como querem que isto não faça incrédulos mais tarde?

(2) O termo hebreu *haadam*, homem do qual deu Adão e o termo *haadama*, terra, têm o mesmo radical.

(3) Na sequência de alguns versículos colocou-se a tradução literal do texto hebreu, que encontra mais fielmente o pensamento primitivo. O sentido alegórico resulta-lhe mais claramente.

(4) Paraíso, do latim *paradisus*, feito do grego *paradeisos*, jardim, vergel, local plantado de árvores. O termo hebreu empregado na Gênese é *hagan*, que tem o mesmo significado.

(5) Do hebreu *cherub*, *kerub*, boi, *charab*, trabalhar. Anjos do segundo da primeira hierarquia, que se apresentavam com quatro asas, quatro faces e pés de boi.

(6) Em nenhum texto, o fruto é identificado pela maçã; este termo só é encontrado nas versões infantis. A palavra do texto hebraico é *peri*, que tem as mesmas acepções do francês, sem especificação de espécie w talvez tomado no sentido material, moral alegórico, próprio e figurado. Entre os israelitas não há interpretação obrigatória; desde que uma palavra tenha várias acepções, cada qual a entende como queira, desde que a interpretação não seja contrária à gramática. O termo *peri* (de pericarpo) tem sido traduzido em latim por *malum*, que se fala da maçã e de todas as frutas. É derivado do grego *mélon*, particípio do verbo *mélo*, interessar, tomar atenção, atrair.

NOTAS DO TRADUTOR

(a) Traduzimos fielmente a versão francesa que Kardec nos apresenta embora não seja a configuração literal do texto da Vulgata latina, mas, uma de suas formas de dizer, e Kardec só pode ter colocado este trecho aqui porque está no contexto do tema do livro e precisa ser discutido, já que o que aqui se encerra não tem o menor cabimento da Razão. Nem com a hermenêutica dos seus intérpretes.

Cabe ainda lembrar que foi baseado nesta concepção que Ptolomeu engendrou a sua dita teoria geocentrista a respeito da existência do Universo, para não contrariar as leis religiosas do seu povo, o que, por si só, mostra a incoerência mosaica.

(b) Naquela época, os estudos científicos permitiam que se fizesse um comparativo entre os absurdos de Moisés e os ciclos ou períodos de formação da Terra, todavia, pelos novos conhecimentos, sabe-se, com exatidão, que, nem simbolicamente, pode-se tirar qualquer ilação a respeito da formação Universal, já que Moisés encerra seu trabalho como se a obra da Criação se limitasse à Terra, porque jamais poderia imaginar que o Universo fosse tão complexo e existisse algo relativo à vida fora da Terra. Cientificamente, a Gênese de Moises não merece qualquer consideração.

(c) Kardec, aqui se refere ao período anterior à existência da formação da Terra, onde vários outros astros foram formados.

(d) Acresce ainda dizer que Moisés não tinha o mínimo conhecimento de astronomia nem sabia que o dia era provocado pelo movimento de rotação do nosso planeta.

(e) Energia, atualmente.

(f) Provavelmente Kardec tenha inserido tal trecho no seu estudo pela sua importância à época predominantemente cristã porque não é de se admitir que um homem que raciocinava pudesse levar a sério tal lenda.

(g) Pior ainda, é saber por que os outros animais, que nada tinham com este pecado, também ficaram biologicamente sujeitos às mesmas leis do parto.

(h) Pior ainda é imaginar que eles já tenham sido criados adultos sem passarem pela infância, no entanto, os seus descendentes teriam que arcar com tal processo.

(i) Considerando que só agora, no final do século XX e início do XXI é que os cientistas puderam comprovar a existência cíclica do Universo, é de se supor que, se Kardec tivesse conhecimento disso, pudesse admitir que tal banimento de mundo superior da falange de Espíritos representada por Adão tivesse ocorrido justamente nesta última mudança cíclica da nova fase do nosso Universo.

* * *

Capítulo XIII

CARACTERES DOS MILAGRES

1.– Em sua acepção etimológica, o termo milagre (de *mirari*, admirar) (a) significa *admirável, coisa extraordinária, surpreendente*. A academia definiu esta palavra: *Um ato do poder divino contrário às leis conhecidas da natureza*.

Em sua acepção usual, este termo perdeu, como tantos outros, seu significado primitivo. Em geral que seja, ela é restrita a uma ordem particular de fatos. No pensamento das massas, um *milagre* implica na ideia de um feito extra natural; no senso litúrgico, é uma derrogação das leis da natureza, pela qual Deus manifesta seu poder. Tal é, com efeito, sua acepção vulgar, tornando-se o sentido próprio, e é apenas por comparação e por metáfora que se aplica às circunstâncias ordinárias da vida.

Um dos caracteres do milagre propriamente dito, é ser inexplicável, da mesma forma que se completa por fora das leis naturais; e é tal a ideia que se o aplica, que se um fato miraculoso venha a encontrar explicação, diz-se então que não é mais um milagre, por mais surpreendente que o seja.

Um outro aspecto do milagre é o de ser insólito, isolado e excepcional; a partir do momento em que um fenômeno se reproduz, seja espontaneamente, seja por um ato da vontade, é porque ele está submetido a uma lei, e desde então, que esta lei seja conhecida ou não, não pode ser mais um milagre.

2. – A Ciência realiza todos os dias milagres aos olhos dos ignorantes. Que um homem realmente morto seja retornado à vida por uma intervenção divina, é de fato um verdadeiro milagre, porque é um fato contrário às leis da natureza. Mas se este homem apenas tem a aparência da morte, se há ainda nele uma réstia de *vitalidade latente*, é que a ciência ou uma ação magnética torne a reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas, é um fenômeno natural, mas, aos olhos do vulgar ignorante, o fato passará por milagroso. Que ao meio de certas experiências um físico lance um escaravelho elétrico e faça cair um raio sobre uma árvore, este novo fenômeno será olhado como provido de um poder diabólico; mas Josué parando o movimento do Sol, ou de preferência, da Terra, admitindo-se o feito, eis aí o verdadeiro milagre, porque não existe nenhum magnetizador dotado de um bastante grande poder para operar um tal prodígio.

Os séculos da ignorância foram fecundos em milagres, porque tudo o que a causa era desconhecida passava por milagroso. Na medida em que a Ciência revelou novas leis, o círculo de maravilhas de restringiu; contudo, como não havia explorado todo o campo da natureza, restava ainda uma deusas larga parte ao maravilhoso.

3. – O maravilhoso, excluído do domínio da materialidade pela Ciência, entrincheirou-se no da espiritualidade, que tem sido seu último refúgio. O Espiritismo, demonstrando que o elemento espiritual é uma das forças vivas da natureza, força incessantemente operante justamente com a força material, faz voltar os fenômenos que saíram do círculo dos efeitos naturais, porque, como os demais, eles são correlatos a leis. Se o maravilhoso está expulso da espiritualidade, não há mais razão de ser. E é então somente que se poderá dizer que o tempo dos milagres passou. (1)

4. – O Espiritismo vem, pois, a seu turno, fazer o que cada Ciência fez com sua chegada: revelar novas leis e explicar, em decorrência, os fenômenos que são a mola destas leis.

Estes fenômenos, é verdade, prendem-se à existência dos Espíritos e à sua intervenção no mundo material; ora, pois, diga-se que é sobrenatural. Mas, então, torna-se preciso provar que os Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da natureza; que não o é nem pode ser aí uma de suas leis.

O Espírito é apenas uma alma que sobreviveu ao corpo; é o ser principal já que não morre, ao passo que o corpo é apenas um acessório que se destrói. Sua existência é, pois também todo natural depois que pendente da encarnação; é submissa às leis que regem o princípio espiritual, como o corpo é submisso às que regem o princípio material; porém, como estes dois princípios possuem uma afinidade necessária que reagem incessantemente entre si, e que de sua ação simultânea resultam o movimento e a harmonia do conjunto, em seguida, que a espiritualidade e a materialidade são duas partes e um mesmo todo, também natural, uma que outra, e que a primeira não é uma exceção, uma anomalia na ordem das coisas.

5. – De acordo com sua encarnação, o Espírito se manifesta sobre a matéria por intermédio de seu corpo fluídico (b) ou perispírito; ele vem a ser o mesmo fora da encarnação. Como Espírito, e, na medida da sua capacidade, faz o que faria como criatura humana, apenas, como não mais possui seu corpo carnal por instrumento, ele se serve desde que necessário, de órgãos materiais de um encarnado que vêm a ser o que se chama de *médium*. Ele faz como aquele que, não podendo escrever por si mesmo, empunha a mão de um secretário, ou que não sabendo uma língua, serve-se de um intérprete. Um secretário, um intérprete são os médiuns de um encarnado, como o intermediário é o secretário ou o intérprete de um Espírito.

6 – O meio no qual atuam os Espíritos e as maneiras de execução não sendo mais as mesmas das do estado encarnatório, os efeitos são distintos. Estes efeitos parecem apenas sobrenaturais porque são produzidos com ajuda de agentes que não são aqueles dos quais nos servimos; mas desde o instante em que estes agentes estejam na natureza, e que os fatos de manifestações ocorrem em virtude de certas leis, não há nada de sobrenatural nem de maravilhoso. Antes de conhecer as propriedades da eletricidade, os fenômenos elétricos passavam por prodigiosos aos olhos de certas pessoas; desde que a causa ficou conhecida, o surpreendente desapareceu. Acontece o mesmo com os fenômenos espíritas, que não saem mais da ordem das leis naturais do que os fenômenos elétricos, acústicos, luminosos e outros que têm tido origem de um vulgo de crenças supersticiosas.

7. – Portanto, dir-se-vos-á, admitis que um Espírito possa envolver uma mesa e a manter no espaço sem ponto de apoio; não seria uma derrogação da lei de gravidade? – Sim, à lei conhecida; mas conheceis todas as leis? Antes de se ter experimentado a força de ascensão de certos gases, quem diria que uma pesada máquina portando vários homens pudesse triunfar sobre a força gravitacional? Aos olhos do vulgo, isto não deveria parecer maravilhoso, diabólico? Aquele que há um século transmitir um despacho telegráfico a quinhentas léguas, e receber a resposta em poucos minutos, teria passado por louco; se o tivesse feito, teria acreditado que possuía o diabo às suas ordens, porque, então, só o diabo estaria capacitado de ir tão depressa; conforme atualmente a coisa é não apenas reconhecida como possível, mas mostra-se totalmente natural. Por que, pois um fluido desconhecido não teria a propriedade, nas circunstâncias apresentadas, de contrabalançar o peso do balão? É, de fato, o que tem lugar no caso do qual se cogita. (**Livro dos Médiuns**, cap. IV).

8. – Os fenômenos espíritas, estando na natureza, produzem-se a todos os tempos; mais precisamente porque seus estudos não se podiam fazer pelos meios materiais dos quais dispõem a ciência vulgar, eles se situaram por mais tempo do que outros no domínio do sobrenatural, de onde o Espiritismo os fez sair atualmente.

O sobrenatural, baseado sobre aparências inexplicáveis, deixa um livre curso à imaginação que, vagando pelo desconhecido, produz, então, as crenças supersticiosas. Uma explicação racional fundamentada sobre as leis da natureza, reconduzindo o homem sobre o terreno da realidade, coloca um ponto de parada aos desvios da imaginação e destrói as superstições. Longe de ampliar o domínio do sobrenatural, o Espiritismo o restringe até os seus últimos limites e lhe despoja de seu último refúgio. Se faz crer à possibilidade de certos fatos, ele impede de crer em muitos outros, porque demonstra no círculo da espiritualidade, como a ciência no círculo da materialidade, o que é possível e o que não o é. Contudo, como não tem a pretensão de possuir a última palavra sobre todas as coisas, mesmo sobre aquelas que sejam da sua competência, não se coloca jamais em regulador absoluto do possível, e faz a parte dos conhecimentos que reserva o porvir.

9. – Os fenômenos espíritos consistem nos diferentes modos de manifestação da alma ou Espírito, quer durante a encarnação, quer no condição de erraticidade. É por suas manifestações que a alma revela, sua existência, sua sobrevivência e sua individualidade; julga-se a por seus efeitos; a causa sendo natural, o efeito o é igualmente. São estes efeitos que fazem o objeto especial das pesquisas e do estudo do Espiritismo, a fim de chegar ao conhecimento tão completo quanto possível da natureza e dos atributos da alma, como das leis que regem o princípio espiritual.

10. – Pelos que denegam a existência do princípio espiritual independente e, por conseguinte, a da alma individual e sobrevivente, toda a natureza estaria na matéria tangível; todos os fenômenos que se prendem à Espiritualidade são, a seus olhos, sobrenaturais, por consequência, quiméricos; não admitindo a causa, não podem admitir o efeito; e quando os efeitos são patentes, eles os atribuem à imaginação, à ilusão, à alucinação e se recusam de se aprofundar neles; daí, entre eles, uma opinião preconcebida que os tornam impróprios para julgar sadiamente o Espiritismo, porque parte do princípio da negação de tudo o que não seja material.

11. – Do que o Espiritismo admite, os efeitos que sejam a consequência da existência da alma, não resulta que aceite todos os efeitos qualificados de maravilhosos e que pretenda justificá-los e crer neles; que se faça o campeão de todos os visionários, de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas, de todas as lendas miraculosas: seria preciso ter bem pouco o conhecimento para pensar assim. Seus adversários, crendo lhe opor um argumento sem réplica, quando após ter feito eruditas buscas sobre os convulsionários de Saint-Médard, os protestantes dos montes Cévennes, ou os religiosos de Loudun, eles chegaram a descobrir aí fatos patentes de fraude que ninguém contesta; mas estas histórias seriam elas o evangelho do Espiritismo? Seus partidários, teriam eles negado que o charlatanismo havia especulado certos fatos a seu proveito; que a imaginação o tenha criado; que o fanatismo o tenha exagerado bastante? Não é mais solidário extravagâncias que se possam cometer em seu nome, que a verdadeira ciência não fica com abusos da ignorância, nem a verdadeira religião dos excessos do fanatismo. Muitos críticos julgam o Espiritismo apenas sobre os contos de fada e as lendas populares que o são as ficções; tanto valeria julgar a história sobre os romanos históricos ou as tragédias.

12. – Os fenômenos espíritos são os mais frequentemente espontâneos, e se produzem sem qualquer ideia preconcebida entre as pessoas que aí sonham tão pouco quanto possível; em certas circunstâncias, é que podem ser provocados pelos agentes designados sob o nome de *médiuns*: no primeiro caso, o médium é *inconsciente* relativamente ao que se produz por seu intermédio; no segundo ele atua com conhecimento de causa; eis a distinção *entre médiuns conscientes e médiuns inconscientes*. Estes últimos são os mais numerosos e se encontram

frequentemente entre os incrédulos os mais obstinados que fazem assim do Espiritismo sem o saber e sem o querer. Os fenômenos espontâneos têm, por si próprios, uma importância capital, porque não se pode suspeitar da boa fé dos que os obtenham. O é aqui como no sonambulismo, que, entre certos indivíduos, é natural e involuntário, e entre outros, provocados pela ação magnética (2).

Mas que estes fenômenos sejam ou não o resultado de um ato da vontade, a causa primeira é exatamente a mesma e não se encarta em nenhuma das leis naturais. Os médiuns não produzem pois absolutamente nada de sobrenatural; por consequência, eles não fazem *nenhum milagre*; as curas instantâneas, elas próprias, não são mais miraculosas do que os outros efeitos, porque são devidas à ação de um agente fluídico fazendo o ofício de agente terapêutico do que as propriedades não são menos naturais por terem sido desconhecidas até nossos dias. O epíteto de *taumaturgos*, dados a certos médiuns pela crítica ignorante dos princípios do Espiritismo, é, pois, de repente, impróprio. A qualificação de *milagre* dado, por comparação, a esta sorte de fenômenos, só pode induzir em erro sobre seu verdadeiro caráter.

13. – A intervenção de inteligências ocultas nos fenômenos espíritas não mostra este mais miraculoso do que todos os outros fenômenos que são devidos a agentes invisíveis, porque estes seres ocultos que povoam os espaços são uma das potências da natureza poder cuja ação é incessante sobre o mundo material tão quanto sobre o mundo moral.

O Espiritismo, esclarecendo-nos sobre este poder, dá-nos a chave de uma multidão de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio e que poderiam, em tempos recuados, passar por prodígios; ele revela, igualmente, que o magnetismo, uma lei, senão desconhecida, dita no mínimo, mal contida; ou por melhor dizer, conhecendo-se os efeitos, porque eles o são produzidos a todo tempo, porém, sem se conhecer a lei e é a ignorância desta lei que engendrou a superstição. Esta lei conhecida, o maravilhoso dissipa-se e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis porque os Espíritos não fazem mais milagres fazendo girar uma mesa ou escreverem os falecidos, como a medicina em fazendo reviver um moribundo, ou o físico fazendo cair um raio. Aquele que pretendesse, com ajuda desta ciência, *fazer milagres*, seria ou um ignorante da coisa, ou um fabricante de patetas.

14. – Uma vez que o Espiritismo repudia toda pretensão às coisas miraculosas, com sua franqueza, há milagres na acepção usual da palavra?

Digamos primeiramente que entre os fatos reputados miraculosos que se passam antes do advento do Espiritismo, e que se passam ainda em nossos dias, a maior parte, senão tudo encontra explicação nas leis recentes que veio revelar; estes fatos voltam pois, ainda que com outro nome, na ordem dos fenômenos espíritas, e como tal, nada têm de sobrenatural. Fica bem entendido que não se cogita aqui de fatos autênticos e não destes que, sob o nome de milagre, são o produto de um indigno malabarismo com vista de explorar a credulidade; não mais do que certos fatos lendários que possam ter tido, na origem, um fundo de verdade, mas eu a superstição amplificou ao absurdo. É sobre estes fatos que o Espiritismo vem lançar a luz, em dando os meios de fazer a parte do erro e da verdade.

15. – Quanto aos milagres propriamente ditos, nada sendo impossível a Deus, pode-se fazê-los sem dúvida; fê-los? Em outros termos: derogam-se as leis que se estabeleceram? Não cabe ao homem prejulgar os atos da Divindade e as subordinar à fraqueza de seu entendimento; entretanto, temos por critério de nosso julgamento, a atenção das coisas divinas, os atributos próprios de Deus. Ao soberano poder junta a soberana sabedoria do que é preciso concluir que não se faz nada de inútil.

Por que, pois, faria milagres? Por atestar Seu poder, dir-se-ia; mas o poder de Deus não se manifesta de uma maneira bem senão impressionante juntamente grandiosa das obras da criação, pela sabedoria previdente que preside a suas partes mais ínfimas bem como as maiores, e por harmonia das leis que regem o Universo, que, por algumas pequenas e pueris derrogações que sabem imitar todos os fabricantes de desvios? Que se diria de um sábio mecanicista que, para provar sua habilidade, desequilibrasse o relógio que tivesse construído, obra prima da ciência, a fim de mostrar que pode desfazer o que fez? Seu saber não resultaria ao contrário da regularidade da precisão do movimento?

A questão dos milagres propriamente dita não é, pois o meio do Espiritismo? Mas, apoiando-se sobre o raciocínio: que Deus não faz nada de inútil, emite esta opinião que: os milagres não sendo necessários à glorificação de Deus, nada no Universo de afasta das leis gerais. Si é fato que não compreendemos, é que nos falta ainda os conhecimentos necessários.

16. – Admitindo-se que Deus possa, por razões que não podemos apreciar, derrogar acidentalmente as leis que estabeleceu, estas leis não seria mais imutáveis; mas, ao menos, é racional pensar que só a ele cabe o poder; não saberia senão admitir sem Lhe denegar todo poder, que seja dado ao Espírito do mal desfazer a obra de Deus, fazendo, por seu lado prodígios a seduzir, mesmo, os eleitos, o que implicaria na ideia de um poder igual ao Seu, é, portanto, o que se ensina. Se Satã tem o poder de interromper o curso das leis naturais que são obra divina, sem a permissão de Deus, ele será mais poderoso eu Deus: pois Deus não tem o todo-poderio; se Deus lhe delega esta influência, como se o pretende, para induzir mais facilmente os homens ao mal, Deus não teria a soberana bondade. Em um e outro caso, é a negação de um dos atributos sem os quais Deus não seria Deus.

Também a Igreja distingue os bons milagres que vêm de Deus, malvados milagres que procedem de Satã; mas, como fazer a diferença? Que um milagre seja oficial ou não, isto não seria menos uma derrogação das leis que emanam de Deus apenas; se um indivíduo é curado, a dizer-se, miraculosamente, que o seja por feitura de Deus ou de Satã, ele não estaria menos curado. É preciso ter bastante pobre ideia da inteligência humana para esperar que semelhantes doutrinas pudessem ser aceitas em nossos dias.

A possibilidade de certos feitos reputados miraculosos sendo reconhecidos, é preciso concluir que, qualquer que seja a fonte à qual se os atribua, são efeitos naturais, pois, *Espíritos* ou *encarnados* podem usar, como de todo, como de sua própria inteligência e de seus conhecimentos científicos, para o bem ou para o mal, conforme sua bondade ou sua perversidade. Um ser perverso, colocando a proveito seu saber, pode, pois, fazer coisas que passam por prodígios aos olhos dos ignorantes; mas quando estes efeitos têm por resultado um bem qualquer, seria ilógico atribuir-lhe uma origem diabólica.

17. – Mas, dir-se-á, a religião se apoia sobre fatos que não são nem explicados nem explicáveis. Não explicados, pode ser, inexplicáveis, é uma outra questão. Sabem-se as descobertas e os conhecimentos que nos reserva o porvir? Sem falar em milagres da criação, o maior de todos, sem contradita, e que entrou atualmente no domínio da lei universal, não se vê já, sob o império do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo reproduzir-se os enlevos, as visões, as aparições, a visão à distância, as curas instantâneas, as suspensões, as comunicações orais e outras com seres do mundo invisível, fenômenos conhecidos de tempos imemoriais, considerados outrora como maravilhosos, e provados atualmente como pertencentes à ordem das coisas naturais, após a lei constitutiva dos seres? Os livros sacros estão plenos de fatos deste gênero classificados de sobrenaturais; mas, como se encontram, análogos e mais maravilhosos ainda em todas as religiões pagãs da antiguidade, se a verdade

de uma religião dependesse do número e da natureza desses fatos, não se sabe mais o que carregar.

18. – Pretender que o sobrenatural seja o fundamento necessário de toda religião, que seja a chave do arco do edifício cristão, é defender uma tese perigosa; si se fizer repousarem as verdades do cristianismo sobre a base única do maravilhoso, é dar-lhe um apoio frágil de onde as pedras se separam cada dia. Esta tese, da qual eminentes teólogos se tornaram os defensores, conduz direto a esta conclusão que, em um tempo dado, na haverá mais religião possível, até mesmo a religião cristã, se o que é olhado como sobrenatural é demonstrado como natural; porque se terá inutilmente amontoado os argumentos, não se chegará a manter a crença senão de um fato miraculoso, quando está provado que não o é; ora, a prova que um fato não é uma exceção nas leis naturais, é quando ele pode ser explicado por estas mesmas leis e que, podendo se reproduzir por intermédio de um indivíduo qualquer, cessa de ser o privilégio dos santos. Não é o *sobrenatural* que é necessário às religiões, porém o *princípio espiritual*, que se confunde a torto e a direito com o maravilhoso e sem o que não há religião possível.

O Espiritismo considera a religião cristã num ponto mais elevado; dá-lhe uma base mais sólida que os milagres, estas são as leis imutáveis de Deus, que regem o princípio espiritual bem como o princípio material; esta base desafia o tempo e a ciência, porque o tempo e a ciência virão sancioná-la.

Deus não o é menos digno, de nossa admiração, de nosso reconhecimento, de nosso respeito, por não ter derogado suas leis, grandes, sobretudo, por sua imutabilidade. Não é necessário o sobrenatural para render a Deus o culto que lhe seja devido; a natureza, não é ela assaz imponente por si própria, que seja preciso ainda ajuntar algo para provar o poder supremo? A religião encontrará igualmente menos incrédulos, quanto será, por todos os pontos, sancionada pela razão. O cristianismo nada tem que perder com esta sanção; ao contrário ela só pode ganhar com isso. Se alguma coisa tem podido lhe obstar na opinião de certas pessoas, é precisamente o abuso do maravilhoso e do sobrenatural.

19. – Si se tomar o termo milagre na sua acepção etimológica, no sentido de *coisa admirável*, teremos sem cessar milagres sob nossos olhos; nós os aspiramos no ar e nós os pisamos sob nossos pés, porque tudo é milagre na natureza.

Quer-se dar ao povo, aos ignorantes. Aos pobres de espírito uma ideia do poder de Deus? É necessário mostrar-lhe na sabedoria infinita que preside a tudo, no admirável organismo de tudo o que vive, na frutificação das plantas, na apropriação de todas partes de cada ser a suas necessidades, conforme o meio onde é chamado a viver; é necessário mostrar-lhe a ação de Deus no pé de planta, na flor que se desabrocha, no Sol que vivifica tudo; é preciso lhe mostrar sua bondade em sua solícitude por todas as criaturas, tão ínfimas quanto sejam, sua providência na razão de ser de cada coisa, do que nada é inútil, no bem que aparece sempre de um mal aparente e momentâneo. Faça-os compreender sobretudo que o mal real é a obra do homem e não a de Deus; não procure apavorá-los pelo quadro das chamas eternas nas quais terminam por não crer e que lhes faz duvidar da bondade de Deus; mas encoraje-os pela certeza de poderem se remir um dia e reparar o mal que tenham podido fazer; mostre-lhes as descobertas da ciência como a revelação das leis divinas e não como obra de Satã; ensina-lhes, enfim, a ler no livro da natureza sem cessar aberto ante eles; neste livro inexaurível onde a sabedoria e a bondade do Criador estão inscritas a cada página: então, eles compreenderão que um Ser tão grande, ocupando-se de tudo, velando a tudo, prevendo tudo, deva ser soberanamente poderoso. O trabalhador o verá traçando seu rego, e o infeliz o abençoará em suas aflições, porque se dirá: Se sou infeliz é por minha culpa. Então, os

homens serão realmente religiosos, racionalmente religiosos, sobretudo, bem melhores que se esforçando em fazê-los crer em pedras que suam o sangue ou em estátuas que piscam olhos e vertem lágrimas.

NOTAS

(1) O termo *elemento* não está posto aqui no sentido de *corpo simples, elementar, de moléculas primitivas*, mas, no de *parte constituinte de um todo*. Neste sentido, pode-se dizer que o *elemento espiritual* tem uma parte ativa na economia do Universo, como se diz que o *elemento civil* e o *elemento militar* figuram na cifra de uma população; que o *elemento religioso* entra na educação; que na Argélia é preciso ter comto do *elemento árabe*, etc.

(2) *Livro dos Médiuns*, cap. V. – *Revista Espírita*; exemplares: dezembro 1865, pág. 370; – agosto 1865, pág. 231.

NOTAS DO TRADUTOR

(a) No latim, além do verbo *miro, as... ari* citado por Kardec, também encontramos o conceito de *miraculum, i* definido por Lívio como sendo “coisa maravilhosa e ainda o termo *miracula, æ* que, para vários autores define a mulher deforme.

(b) Na época de Kardec tudo o que transcendia à matéria era conhecido como fluido; atualmente, depois das experiências suecas, a tendência é admitir-se que o perispírito seja um campo considerado paranormal e dito *psicossoma* pelos russos. Também conhecido como *life's field*.

* * *

Capítulo XIV

OS FLUIDOS

Natureza e propriedade dos fluidos Explicação de alguns fatos reputados como sobrenaturais

NATUREZA E PROPRIEDADE DOS FLUIDOS

1. – A Ciência deu a chave dos milagres que competem mais particularmente ao elemento material, quer explicando-os, quer demonstrando-lhe a impossibilidade, pelas leis que regem a matéria; mas os fenômenos nos quais o elemento espiritual tenha uma parte preponderante não podendo ser explicado somente pelas leis da matéria, escapam às investigações da Ciência: é porque eles têm, mais do que os outros, os caracteres aparentes do maravilhoso. É, pois, nas leis que regem a vida espiritual que se pode encontrar a chave dos milagres desta categoria.

2. – O fluido cósmico universal é, tal como ficou demonstrado, a matéria elementar primitiva (b) da qual as transformações constituem a inumerável variedade de corpos da natureza. No que respeita ao princípio elementar universal, ela apresenta dois estados distintos: o de eletrização ou de imponderabilidade que se pode considerar como o estado primitivo, e o de materialização ou de ponderabilidade que vem a ser, de alguma forma, sua consequência. O ponto intermediário é o de transformação do fluido em matéria tangível; mas ainda aí, não existe transição brusca, pois, pode-se considerar como o estado primitivo, e o de materialização ou de imponderabilidade, que vem a ser de alguma forma, sua consequência. O ponto intermediário é o de transformação do fluido em matéria tangível; mas, ainda aí, não existe transição brusca, pois, pode-se considerar nossos fluidos imponderáveis como um termo intermediário entre os dois estados (Cap. IV, n° 10 e seguintes).

Cada um destes dois estados dá necessariamente a lugar a fenômenos especiais: ao segundo cabem os do mundo visível e ao primeiro os do mundo invisível. Alguns chamados *fenômenos materiais* estão na alçada da Ciência propriamente dita; estes outros qualificados de *fenômenos espirituais* ou *psíquicos* (c), porque se ligam mais especificamente à existência do Espírito, estão nas atribuições do Espiritismo: mas, como a vida espiritual e a vida corpórea estão em contato incessante, os fenômenos de ambas as ordens se apresentam simultaneamente. O homem, no estado encarnatório, só pode ter a percepção dos fenômenos físicos que se ligam à vida corpórea; os que são do domínio exclusivo da vida espiritual escapam aos sentidos materiais, e só podem ser percebidos no Estado de Espírito (1).

3. – Ao estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme, sem cessar de ser etéreo, assume modificações também variáveis em seu gênero, e mais numerosas, talvez, do que no estado de matéria tangível. Estas modificações constituem fluidos distintos que, bem que procedentes do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenômenos particulares do mundo invisível.

Tudo sendo relativo, estes fluidos têm para os Espíritos que são propriamente fluídicos, uma aparência também material como a dos objetos tangíveis para os encarnados e são para eles o que são para nós as substâncias do mundo terrestre, eles os elaboram, combinam-nos, para produzir efeitos determinados como fazem os homens com seus materiais, todavia, por processos distintos.

Contudo, como aqui em baixo, só é dado aos Espíritos os mais esclarecidos, compreender o papel dos elementos constitutivos de seu mundo. Os ignorantes do mundo invisível são também incapazes de explicar os fenômenos dos quais são testemunhos e aos quais concorrem com frequência maquinalmente, tal como os ignorantes da Terra não sabem explicar os efeitos da luz ou da eletricidade, de dizer como veem e entendem.

4. – Os elementos fluídicos do mundo espiritual escapam a nossos instrumentos de análise e à percepção de nossos sentidos feitos para a matéria tangível e não para a matéria etérea. É que eles pertencem a um meio totalmente distinto do nosso, que não o podemos julgar senão por comparações também imperfeitas como as que um nascido cego procure fazer uma ideia da teoria das cores.

Mas, entre estes fluidos, alguns deles estão intimamente ligados à vida corpórea e pertencem de alguma sorte, ao meio terrestre. Na ausência de percepção direta, pode-se observar os efeitos e conseguir sobre sua natureza, conhecimentos de uma certa precisão. Este estudo é essencial, porque é a chave de uma porção de fenômenos inexplicáveis somente pelas leis da matéria.

5. – O ponto de partida do fluido universal é o patamar de pureza absoluta, do qual nada nos pode dar uma ideia; a posição oposta é sua transformação em matéria tangível. Entre estes dois extremos existem inumeráveis transformações que se aproximam, mais ou menos, de uma e de outra. Os fluidos, os mais vizinhos da matéria, os menos puros, por consequência, compõem o que se pode chamar mais ou menos puros por consequência, compõem o que se pode chamar a atmosfera espiritual terrestre. É neste meio onde se encontra igualmente diferentes degraus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados da Terra tiram os elementos necessários à economia de sua existência. Estes fluidos, mais ou menos sutis, e impalpáveis que sejam para nós, não o são menos de uma natureza grosseira comparativamente aos fluidos etéreos das regiões superiores.

É o mesmo com a superfície de todos os mundos, salvo as diferenças de constituição e as condições de vitalidade próprias a cada um. Quanto menos a vida seja material, menos os fluidos espirituais têm afinidade com a matéria propriamente dita.

A qualificação de *fluidos espirituais* não é rigorosamente exata, já que, em definitivo, é sempre a matéria mais ou menos quintessenciada. Só há realmente de *espiritual* a alma ou princípio inteligente. Designa-se os assim por comparação, e em razão, sobretudo de sua afinidade com os Espíritos. Pode-se dizer que é a matéria do mundo espiritual, eis porque os chamamos de *fluidos espirituais*.

6. – Quem conhece alhures a constituição íntima da matéria tangível? (e) Ela talvez só seja compacta em relação a nossos sentidos e o que o provaria é a facilidade com a qual ela é atravessada pelos fluidos espirituais e os Espíritos aos quais ela não faz mais obstáculo senão como corpos transparentes não o sendo à luz.

A matéria tangível, tendo por elemento primitivo o fluido cósmico etéreo deve poder, em se desagregando, retornar ao estado de eterização, como o diamante, o mais duro dos corpos pode se volatilizar em gás impalpável. A solidificação da matéria é em realidade, apenas, um estado transitório do fluido universal, que pode retornar ao seu estado primitivo quando as condições de coesão deixam de existir.

Quem sabe, mesmo, se, ao estado de tangibilidade, a matéria não seja susceptível de adquirir uma sorte de eterização que lhe daria propriedades particulares? Certos fenômenos que

parecem autênticos tenderiam a lhe fazer supor. Só possuímos ainda os primeiros passos do mundo invisível e o futuro nos reserva sem dúvida, o conhecimento de novas leis que nos permitirão compreender o que é ainda, para nós, um mistério.

7. – O perispírito, ou corpo fluídico do Espírito é um dos produtos do fluido cósmico; é uma condensação deste fluido em volta de um centro de inteligência ou *alma*. Viu-se que o corpo carnal tem igualmente seu princípio neste mesmo fluido transformado e condensado em matéria tangível; no perispírito a transformação molecular se opera diferentemente, porque o fluido conserva sua imponderabilidade (f) e suas qualidades etéreas. O corpo perispiritual e o corpo somático têm, pois, suas fontes no mesmo elemento primitivo: um e outro são da matéria, contudo, sob dois estados distintos.

8. – Os Espíritos tiram seu perispírito do meio onde se encontram, isto é, que este envoltório é formado dos fluidos ambientais; disso resulta que os elementos constituintes do perispírito devam variar conforme os mundos. Júpiter, sendo dado como um mundo muito avançado comparativamente à Terra, onde a vida corporal não tem a materialidade da nossa, os envoltórios perispirituais devem ser aí de uma natureza infinitamente mais quintessenciada do que sobre a Terra.

Ora, da mesma forma que não podemos existir neste mundo com nosso corpo carnal, nossos Espíritos não poderiam nele penetrar com seu perispírito terrestre. Abandonando a Terra, o Espírito aí deixa seu envoltório fluídico e veste um outro apropriado ao mundo para onde deva ir.

9. – A natureza do envoltório fluídico é sempre correlata com o adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem trocá-lo a seu capricho e, por conseqüência, não podem, à vontade, transportar-se de um mundo para outro. Eis, pois, o envoltório fluídico, embora etéreo e imponderável em relação à matéria tangível, é ainda deveras pesado, salvo se possa exprimir assim em relação ao mundo espiritual, por lhe permitir em sair de seu meio. É preciso enfileirar nesta categoria aqueles que, pois, o perispírito seja assaz grosseiro para que eles o circundem com seu corpo carnal e que, por este motivo, creiam-se sempre vivos. Estes Espíritos, e é grande o seu número, ficam na superfície da Terra como os encarnados, crendo sempre vagar com suas ocupações; outros, um pouco mais desmaterializados, não o são todavia, capazes de se elevar acima das regiões terrestres. (2)

Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores e até neles encarnarem-se. Eles haurem nos elementos constituintes do mundo onde penetram os materiais de envoltório fluídico ou carnal apropriado ao meio onde se encontram. Fazem como o grande senhor que deixa suas roupas douradas para se vestirem momentaneamente de veste grosseira, sem deixar de ser o grande senhor.

É assim que os Espíritos de ordem mais elevada podem se manifestar aos habitantes da Terra, ou encarnar-se em missões entre nós. Estes Espíritos trazem com eles não o envoltório, mas a lembrança por intuição das regiões de onde vieram e que veem pelo pensamento. São videntes entre os cegos.

10. – A camada dos fluidos espirituais que envolvem a Terra pode ser comparada com as camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas, menos puras que as camadas superiores. Estes fluidos não são homogêneos; é uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais se encontram necessariamente as moléculas elementares que formam a base mais ou menos alterada. Os efeitos produzidos por estes fluidos estarão na razão da *soma* das partes puras que encerram. Tal é, por comparação, o álcool retificado ou

misturado, em diferentes proporções com água ou outras substâncias: seu peso específico aumenta em decorrência desta mistura ao mesmo tempo que sua potência e sua inflamabilidade diminuem, bem embora, no todo, exista álcool puro.

Os Espíritos chamados a viver neste meio, nele haurem seu perispírito, mas conforme o Espírito seja, ele mesmo, mais ou menos puro, seu perispírito forma-se das partes as mais puras ou mais grosseiras respectivas deste meio. O Espírito aí produz, sempre por comparação e não por assimilação, o efeito de uma reação química que lançaram sobre si as moléculas assimiláveis à sua natureza.

Disto resulta este fato *capital*, que a constituição íntima do perispírito não é idêntica entre todos os Espíritos encarnados e desencarnados que povoam a Terra o espaço envolvente. Não o é a mesma coisa com o corpo carnal, que, como conforme foi demonstrado, é formado dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Também, entre todos os efeitos produzidos pelos corpos, são os mesmos, as necessidades parelhas ao passo que diferem por tudo isto que seja inerente ao perispírito.

Disso resulta, ainda que o envoltório perispiritual do mesmo Espírito se modifique com o progresso moral dele a cada encarnação, desde que se encarnando no mesmo meio; que os Espíritos superiores encarnando-se excepcionalmente em missão num mundo inferior têm um perispírito menos grosseiro do que os indígenas deste mundo.

11. – O meio é sempre relativo à natureza dos seres que aí devam viver; os peixes estão na água, os seres terrestres estão no ar; os seres espirituais estão no fluido espiritual ou etéreo mesmo sobre a Terra. O fluido etéreo está para as necessidades do Espírito tal como a atmosfera para a necessidade dos encarnados. Ora, tal como os peixes não podem viver no ar, eu os animais terrestres não podem viver numa atmosfera bastante rarefeita para seus pulmões, os Espíritos inferiores não podem suportar a claridade e a impressão dos fluidos os mais etéreos. Não morreriam aí porque o Espírito não morre, mas uma força instintiva os manteria afastados, como se afastasse de um fogo muito ardente ou de uma luz deveras ofuscante. Eis porque eles não podem sair do meio apropriado à sua natureza, para mudar isso, é preciso que troquem primeiramente sua natureza; que se despojem dos instintos materiais que os retenham nos ambientes materiais; em uma palavra, que se purifiquem e se transformem moralmente, então, gradualmente, eles se identificarão com um meio mais puro, que tornam para eles uma necessidade necessária, como os olhos de quem por longo tempo viveu nas trevas para se habituarem insensivelmente à luz do dia e ao clarão do Sol.

12. – Assim, tudo se liga, tudo se encadeia no Universo; tudo é submisso à grande e harmoniosa lei de unidade, desde a materialidade, a mais compacta, até a espiritualidade, a mais pura. A Terra é como uma vasilha de onde se escapa uma fumaça espessa que se rarefaz à medida que se eleva e donde as parcelas rarefeitas se perdem no espaço infinito.

O poder divino explode em todas as partes deste conjunto grandioso, e quer-se-ia que, para melhor atestar seu poder, Deus, não contente disso que fez, viesse turbar esta harmonia! Que se abaixasse ao papel de mágico por efeitos pueris dignos de um prestidigitador! E ousa-se por acréscimo, dar-lhe por rival em habilidade o próprio Satã! Jamais, em verdade, não se rebaixou por tanto tempo a majestade divina e, pasmem-se do progresso da incredulidade!

Tendes razão de dizer: “*A fé se foi!*” Mas é a fé em tudo o que choca o bom senso e a razão que se foi; a fé semelhante à que fazia dizer outrora: “*Os deuses se vão!*” Mas a fé nas coisas sérias, a fé em Deus e na imortalidade está sempre viva no coração do homem e se ela foi

sufocada sob as pueris histórias com as quais a sobrecarregaram ela se ergue mais forte desde que seja resgatada, como a planta comprimida soergue-se desde que torne a ver o Sol!

Sim, tudo é milagre na natureza, porque tudo é admirável e testemunho da sabedoria divina! Estes milagres são para todo mundo; para todos os que tenham olhos para ver e ouvidos para escutar, e não ao proveito de alguns. Não! Nunca há milagres no sentido que se toma desta palavra, porque tudo evidencia leis eternas da criação.

13. – Os fluidos espirituais que constituem um dos estados do fluido cósmico universal (g), são, pois, a atmosfera dos seres espirituais; é o elemento onde eles haurem os materiais sobre os quais operam; o meio onde se passam os fenômenos especiais, perceptíveis à vista e ao ouvido do Espírito e que escapam aos sentidos carnis impressionados apenas pela matéria tangível; é, enfim, o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

14. – Os Espíritos agem sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam o gás, mas com a ajuda do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade estão para o Espírito como a mão está para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem neste fluido tal ou qual direção; eles os aglomeram, combinam-nos ou dispersam-nos; eles formando conjunto tendo uma aparência, uma forma, um cor determinada; trocando as propriedades como um químico troca as de um gás ou de outros corpos combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Por vezes, estas transformações são o resultado de uma intenção; frequentemente são o produto de um pensamento inconsciente; é suficiente o Espírito pensar numa coisa para que esta coisa se reproduza.

É assim, por exemplo, que um Espírito se apresenta à vista de um encarnado, dotado da vista espiritual, sob as aparências que tinha em sua existência à época em que o tenha conhecido embora tenha tido várias encarnações após. Ele se apresenta com as vestes, os sinais externos, enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc., que tinha então; um decapitado apresentar-se-á sem a cabeça. Não é para dizer que tenha conservado tais aparências; não, certamente, porque, como Espírito, ele não é nem coxo, nem maneta, nem caolho, nem decapitado; mas seu *pensamento* se reportando à época em que era assim, seu perispírito toma instantaneamente as aparências que o deixa como tal, instantaneamente. Se, pois, ele tenha sido uma vez negro e outra vez branco, ele se apresentará como negro ou como branco, de acordo com a qual, das duas encarnações sob a que seja evocado e onde se reportará seu pensamento.

Por um efeito análogo, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos dos quais tenha o hábito de se servir; um avaro manejará ouro, um militar terá suas armas e seu uniforme, um fumante seu pito, um trabalhador sua charrua e seus bois, uma velha mulher sua roca.

Estes objetos fluídicos são também reais para o Espírito e que estariam no estado material para o homem encarnado; mas, pela mesma razão a qual são criados pelo pensamento, sua existência é também fugidia como o pensamento. (3)

15. – A ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais tem têm consequências de uma importância direta e capital para os encarnados. Desde o instante que estes fluidos são o veículo do pensamento, que o pensamento possa modificar as propriedades, é evidente que elas devam estar impregnadas das qualidades boas ou más dos pensamentos que os ponham em vibração, modificados pela pureza ou impureza dos sentimentos. Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas deletérios corrompem o ar respirável. Os

fluidos que envolvem ou que emitem os maus Espíritos são, pois, viciados, ao passo que aqueles que recebem a influência dos bons Espíritos são também puros que comportam o grau da perfeição moral deles.

Seria impossível fazer nem uma enumeração nem uma classificação dos bons e dos maus fluidos, nem de especificar suas qualidades respectivas, atentando que sua diversidade é tão grande quanto a dos pensamentos.

16. – Se os fluidos ambientais são modificados pela projeção do pensamento do Espírito, seu envoltório perispiritual que é parte constituinte de seu ser, que recebe diretamente e de uma maneira permanente a impressão de seus pensamentos, deve mais ainda conduzir a impressão de suas qualidades boas ou más. Os fluidos viciados pelos eflúvios dos maus Espíritos podem se purificar pelo seu afastamento, mas seu perispírito será sempre o que é, tanto que o Espírito não se modificará por si mesmo.

17. – Os homens, sendo os Espíritos encarnados, têm, em parte, as atribuições da vida espiritual, porque vivem desta vida igualmente como da vida corpórea, a princípio, conforme o sono, e de acordo com o estado de vigília. O Espírito em se encarnado, conserva seu perispírito com as qualidades que lhe sejam próprias e que, como se sabe, não é circunscrita pelo corpo, mas irradiada toda em volta e envolta como uma atmosfera fluídica.

Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito goza de um papel preponderante no organismo; pela sua expansão, põe o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres.

O pensamento do Espírito encarnado atua sobre os fluidos espirituais como aquela dos Espíritos desencarnados; transmite-se de Espírito a Espírito pela mesma via e, conforme seja boa ou má, saneia ou vicia os fluidos envolventes.

18. – O perispírito dos encarnados, sendo de uma natureza idêntica à dos fluidos espirituais, assimila-se a ele com facilidade, como uma esponja embebe-se de um líquido. Estes fluidos têm sobre o perispírito uma ação tanto mais direta quanto pela sua expansão e sua radiação, confunde-se com ele.

Estes fluidos, atuando sobre o perispírito, cada qual a seu turno, reagem sobre o organismo material com o qual esteja em contato molecular. Se os eflúvios forem de boa natureza, o corpo resente-se de uma impressão salutar; se são maus, a impressão é penosa; se as malignas forem permanentes e enérgicas, podem determinar desordens físicas. Certas doenças não têm outra causa.

Os meios onde abundam os maus Espíritos estão, pois, impregnados de maus fluidos que se absorve por todos os poros perispirituais, como se absorve pelos poros do corpo os miasmas pestilentos.

19. – E isto ocorre igualmente nas reuniões dos encarnados. Uma assembleia é um ambiente onde irradiam pensamentos diversos. O pensamento atuando sobre os fluidos como o som atua sobre o ar, estes fluidos nos trazem os pensamentos como o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer com toda verdade que existe nestes fluidos ondas e emissões de pensamento que se cruzam sem se confundir, como os há no ar ondas e radiações sonoras.

Uma assembleia é como uma orquestra, um coro de pensamentos onde cada qual produz sua nota. Disso resulta uma multiplicidade de correntes e de eflúvios fluídicos onde cada qual

recebe a impressão pelo sentido espiritual como em um coro de música cada qual recebe a impressão dos sons pelo sentido auditivo.

Mas, tal como há emissões sonoras harmônicas ou dissonantes, há também pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto for harmônico, a impressão será agradável; se for dissonante, a impressão é penosa. Ora, por isso, não é necessário que o pensamento seja formado em palavras: as irradiações fluídicas; as radiações fluídicas não o fazem por menos, quer sejam expressas ou não, mas se ela se mistura a algum pensamento mau, produzirá efeitos de uma corrente de ar gelado em um meio tépido.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se experimenta em uma reunião simpática, animada de bons e benevolentes pensamentos; reina aí, como uma atmosfera moral salubre onde se respira comodamente; sai-se daí reconfortado, porque se está impregnado de eflúvios fluídicos salutares. Assim explicam-se também a ansiedade, a inquietação indefinível que se sente em um meio antipático, onde pensamentos maledicentes provocam como se fossem correntes de ar nauseabundas.

20. – O pensamento produz, pois, por uma forma de efeito físico que reage sobre o moral; é este que só o Espiritismo poderia fazer compreender. O homem o sente instintivamente, já que procura as reuniões homogêneas e simpáticas onde ele sabe que pode haurir novas forças morais; poder-se-ia dizer que aí ele recupera as perdas fluídicas que sofre cada dia pelas radiações do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material. É que, com efeito, o pensamento é uma emissão que ocasiona uma perda real nos fluidos espirituais e, por conseguinte, nos fluidos materiais, de tal sorte que o homem tem necessidade de se reconfortar pelos eflúvios que recebe de fora.

Quando se diz que um médico cura seu enfermo com boas palavras, está-se dentro da verdade absoluta, porque o pensamento cordial traz consigo fluidos reparadores que atuam sobre o físico tanto quanto sobre o moral.

21. – É, sem dúvida possível, dir-se-á, evitar os homens que se saiba mal intencionados, mas como se subtrair da influência dos maus Espíritos que pululam em nossa volta e se deslizam em toda parte sem serem vistos?

O meio é seguramente simples, já que depende da vontade do próprio homem que traz consigo o preservativo necessário. Os fluidos unem-se em razão da similitude de sua natureza; os fluidos antagônicos se repelem; existe uma incompatibilidade entre os bons e os maus fluidos, como entre o óleo e a água.

Que se faz então quando o ar é viciado? Sanea-se, purifica-o, destruindo o centro dos miasmas combatendo os eflúvios insalubres por correntes de ar salutares mais fortes. A invasão dos maus fluidos é preciso, pois opor-lhes bons fluidos; e como cada qual tem em seu próprio perispírito uma fonte fluídica permanente traz-se o remédio consigo mesmo; basta depurar esta fonte e dar-lhe qualidades tais que sejam para as más influências uma *resistência*, em lugar de ser uma força atrativa. O perispírito é, assim, uma couraça à qual é preciso dar a melhor têmpera possível; ora, como as qualidades do perispírito são, em razão, qualidades da alma, torna-se necessário trabalhar em sua própria melhoria, porque são as imperfeições da alma que atraem os maus Espíritos.

As moscas vão onde os focos de corrupção as atraem; destruindo estes focos e as moscas se dispersarão. Do mesmo modo, os maus Espíritos vão aonde o mal os atraia; destruí-vos o mal

e eles se afastarão. Os Espíritos realmente bons, encarnados ou desencarnados, nada têm que temer à influência dos maus Espíritos.

EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FATOS REPUTADOS SOBRENATURAIS

22. – O perispírito é o traço de união entre a vida corpórea e a vida espiritual; é através dele que o Espírito encarnado se encontra em contínuo relacionamento com os Espíritos; é por ele, enfim, que se cumprem no homem os fenômenos especiais que nunca teriam sua causa primária na matéria tangível, e que, por esta razão, parecem sobrenaturais.

É nas propriedades e a radiação do fluido perispiritual que se torna preciso procurar a causa da *dupla visão* ou *visão espiritual* que se pode também chamar de *visão psíquica*, com a qual várias pessoas são dotadas frequentemente em sua ignorância tal como a vista sonambúlica.

O perispírito é o *órgão sensitivo* do Espírito; é por seu intermédio que o Espírito encarnado tem a percepção das coisas espirituais que escapam aos sentidos carnis. Pelos órgãos do corpo, a visão, a audição e as diversas sensações (h) são localizadas e restritas à percepção das coisas materiais; pelo sentido espiritual, eles estão generalizados; o Espírito vê, entende e sente por todo o seu ser, o que está na esfera da radiação de seu fluido perispiritual.

Estes fenômenos são, entre os homens, a manifestação da vida espiritual; é a alma que atua fora do organismo. Na dupla visão, ou percepção pelo sentido espiritual, ele não vê pelos olhos do corpo, se bem que frequentemente, por hábito ele os dirija para o ponto sobre o qual se volta sua atenção; ele vê pelos olhos da alma, e a prova está no fato de que ele vê tão bem de olhos fechados e além do alcance do raio visual. (4)

23. – Embora, durante a vida espiritual, o Espírito esteja *preso* ao corpo pelo perispírito, ele não se torna totalmente escravo que não lhe permita estender sua cadeia, e se transportar ao longe, seja sobre a Terra, seja sobre qualquer ponto do espaço. O Espírito está apenas com pesar preso ao seu corpo, porque sua situação normal é a liberdade, ao passo que a vida corpórea é a do servo vinculado à gleba.

O Espírito fica, pois, feliz em deixar seu corpo, como o pássaro deixa suas grades; ele se serve de todas as ocasiões de se libertar e aproveita, por isso, de todos os instantes em que sua presença não seja necessária à vida de relação. É o fenômeno designado sob o nome de *emancipação da alma*; ocorre sempre no sono; todas as vezes em que o corpo repousa e que os sentidos estejam inativos, o Espírito se libera. (**Livro dos Espíritos**, cap. VIII)

Nestes momentos, o Espírito vive a vida espiritual, ao passo que o corpo vive apenas a vida vegetativa; está, em parte, no estado em que ficará após a morte; percorre o espaço, diverte-se com os amigos e outros Espíritos livres, ou *encarnados* como ele.

O laço fluídico que o retém ao corpo só é definitivamente rompido com a morte; a separação completa só tem lugar pela extinção absoluta da atividade do princípio vital. Enquanto o corpo vive, o Espírito a qualquer distância que esteja, o é imediatamente chamado desde que sua presença se torne necessária; então, retoma o curso da vida exterior de relação. Por vezes, ao despertar, conserva de suas peregrinações uma lembrança, uma imagem mais ou menos precisa do que constitui o sonho; reporta-se em todos os casos, a intuições que lhe sugerem ideias e pensamentos novos e justificam o provérbio: A noite traz conselhos.

Assim se explicam igualmente certos fenômenos característicos do sonambulismo natural e magnético, da catalepsia, da letargia, do êxtase, etc., e que nada mais são do que a vida espiritual. (5)

24. – Já que a visão espiritual não se efetua pelos olhos do corpo, é que a percepção das coisas não tem lugar através da luz ordinária: com efeito, a luz material é feita para o mundo material; para o mundo espiritual existe uma luz especial cuja natureza é desconhecida, mas que é sem dúvida uma das propriedades do fluido etéreo afetado através das percepções visuais da alma. Há, pois, a luz material e a luz espiritual. A primeira tem seu ambiente circunscrito aos corpos luminosos, a segunda, tem seu ambiente em todo lugar; é a razão pela qual não existe obstáculos à visão espiritual; ela não fica afetada nem pela distância nem pela opacidade da matéria; a obscuridade não existe para ela. O mundo espiritual é, pois, clareado pela luz espiritual, que tem seus efeitos próprios como o mundo material é clareado pela luz solar.

25. – A alma, envolta pelo seu perispírito, traz, assim, nela seu princípio luminoso; penetrando a matéria em virtude de sua essência etérea, não existem corpos opacos para sua visão.

Entretanto, a visão espiritual não tem nem a mesma extensão nem a mesma penetração no meio de todos os Espíritos. Só os puros Espíritos é que a possuem em toda sua pujança; entre os Espíritos inferiores, ela é debilitada pela imperfeição relativa do perispírito que se interpõe como uma sorte de neblina.

Ela se manifesta em diferentes níveis entre os Espíritos encarnados pelo fenômeno da segunda visão, quer no sonambulismo natural ou magnético quer no estado de vigília. Conforme o grau de poder da faculdade diz-se que a lucidez pode ser maior ou menor. É com auxílio desta faculdade que certas pessoas veem o interior do organismo e descrevem a causa das doenças.

26. – A visão espiritual dá, pois, percepções especiais que, não tendo por sede os órgãos materiais, opera-se em condições distintas da visão corpórea. Por esta razão, não se pode esperar efeitos idênticos e experimentá-los por mesmos processos. Ocorrendo fora do organismo,, ela tem uma mobilidade que frustra todas as previsões. É preciso estudá-la em seus efeitos e em suas causas, e não por assimilação com a visão ordinária, à qual não está destinada a suprir, salvo casos excepcionais, e que não serviriam para se tomar por regra.

27. – A visão espiritual é necessariamente incompleta e imperfeita entre os Espíritos encarnados e por consequência, sujeita a aberrações. Tendo seu centro na própria alma, o estado da alma deve influir sobre as percepções que propicia. Conforme o grau de seu desenvolvimento, as circunstâncias e o estado moral do indivíduo, ela pode dar, seja no sono, seja no estado de vigília: 1° a percepção de certos fatos materiais reais, como o conhecimento de ocorrências que se passam ao longe, os pormenores descritivos de uma localidade, as causas de uma doença e os remédios convenientes; 2° a percepção de coisas igualmente reais do mundo espiritual, como a visão dos Espíritos; 3° imagens fantásticas criadas pela imaginação, análogas às criações fluídicas do pensamento. (Veja acima n° 14) Estas criações estão sempre correlatas com as disposições morais do Espírito que as produza. É assim que o pensamento de pessoas fortemente imbuídas e preocupadas com certas crenças religiosas lhes apresenta o inferno, suas caldeiras, suas torturas e seus demônios, tais quais se as afiguram: é por vezes, toda uma epopeia; os pagãos viam o Olimpo e o Tártaro como os cristãos veem o inferno e o paraíso. Se, ao despertar ao sair do êxtase, estas pessoas conservam uma lembrança precisa de suas visões, estas se tornam realidades e confirmações de sua crença, embora isto seja apenas o produto de seus próprios pensamentos. (6) Há, pois,

uma escolha muito rigorosa a fazer nas visões estáticas antes de aceitá-las. O remédio à excessiva credulidade, sob estas relações, é o estudo das leis que regem o mundo espiritual.

28. – Os sonhos propriamente ditos apresentam as três naturezas de visões descritas anteriormente. É às duas primeiras que cabem os sonhos de previsão, pressentimentos e advertências; é na terceira isto é, nas criações fluídicas do pensamento que se pode encontrar a causa de certas imagens fantásticas que nada têm de real em relação à vida material, mas que têm para o Espírito uma realidade por vezes tais, que o corpo suporta o contragolpe e que se tem visto os cabelos embranquecerem sob a impressão de um sonho. Estas criações podem ser provocadas: pelas crenças exaltadas; por lembranças retrospectivas, pelos gostos, os desejos, as paixões, o medo, os remorsos, pelas preocupações habituais; pelas necessidades do corpo, ou um incômodo nas funções do organismo; enfim, por outros Espíritos, com um objetivo benévolo ou malévolos, conforme sua natureza. (7)

29. – A matéria inerte é insensível; o fluido perispiritual o é igualmente, mas transmite a sensação ao centro sensitivo, que é o Espírito. As lesões dolorosas do corpo se repercutem, pois, no Espírito como um choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual em que os nervos parecem que sejam os fios condutores. É o influxo nervoso dos fisiologistas que, não conhecendo as relações desse fluido com o princípio espiritual não puderam explicar-lhe todos os efeitos.

Esta interrupção pode ter lugar pela separação de um membro ou à secção de um nervo, mas também parcialmente ou de uma maneira geral, e sem nenhuma lesão, nos momentos de emancipação de grande super-excitação, ou preocupação do Espírito. Neste estado, o Espírito não se concentra mais ao corpo e em sua febril atividade, atrai, por assim dizer, a si, o fluido perispiritual que, retirando-se da superfície, nela produz uma insensibilidade momentânea. É assim que, no ardor do combate, um militar não se apercebe frequentemente que está ferido; que alguém, cuja atenção esteja concentrada sobre um trabalho, não percebe o barulho que se faça em volta dele. É um efeito análogo, porém mais pronunciado que tem lugar entre certos sonâmbulos, na letargia e na catalepsia. É assim, enfim, que se pode explicara insensibilidade dos convulsionários e de certos mártires. (*Revista Espírita*, jan.1868: *Estudo sobre os muçulmanos de Aissa*)

A paralisia não tem de todo a mesma causa: aqui, o efeito é totalmente orgânico; são os próprios nervos, os filamentos condutores que não estão mais aptos à circulação fluídica; são as cordas do instrumento que estão alteradas.

30. – Em certos estados patológicos, então, quando o Espírito não está mais no corpo e o perispírito só nele adere em alguns pontos, o corpo tem todas as aparências da morte e o é em verdade absoluta, em dizendo que a vida esteja apenas por um fio. Este estado pode durar mais ou menos por muito tempo; certas partes do corpo podem até entrar em decomposição, sem que a vida esteja definitivamente extinta. Enquanto o derradeiro fio não estiver rompido, o Espírito pode, seja por uma ação enérgica de sua própria vontade, quer por um *influxo fluídico estranho igualmente possante*, ser chamado ao corpo. Assim, explicam-se certos prolongamentos da vida contra todas as probabilidades e certas pretensas ressurreições. É a planta que resiste, por vezes com uma só fibrila da raiz; mas quando as últimas moléculas do corpo fluídico são desligadas do corpo carnal ou quando este último fica em um estado de degradação irreparável, todo retorno à vista torna-se impossível. (8)

31. – O fluido universal é, como se viu, o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito que, apenas são transformações (j). Pela identidade de sua natureza, este fluido pode fornecer ao corpo os princípios reparadores. Estando condensado no perispírito, o agente propulsor é o

Espírito encarnado ou desencarnado, que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância de seu envoltório fluídico. A cura se opera pela substituição de uma molécula *sadia* por outra molécula *insalubre*. O poder curador estará, pois, em razão da pureza da substância inoculada; ela depende ainda da energia e da vontade que provoca uma emissão fluídica mais abundante e dá ao fluido uma força maior de penetração; enfim, das intenções que animam aquele que quer curar, *quer seja homem ou Espírito*. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são como substâncias médicas alteradas.

32. – Os efeitos da ação fluídica sobre os doentes são extremamente variáveis conforme as circunstâncias; esta ação é por vezes lenta e reclama um tratamento seguido, como no magnetismo ordinário; de outras vezes é rápida como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de um poder tal que operam sobre certos doentes curas instantâneas pela simples imposição das mãos, ou mesmo por um só ato da vontade. Entre os dois polos extremos desta faculdade há diferenças ao infinito. Todas as curas deste gênero são variedades do magnetismo e só diferem pela potência e a rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo, e o fluido que goza a propriedade de agente terapêutico e cujo efeito está subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais.

33. – A ação magnética pode se produzir de várias maneiras:

1° Pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano*, (k) cuja ação está subordinada à potência e, sobretudo à qualidade do fluido.

2° Pelo fluido dos Espíritos atuando diretamente e *sem intermediário* sobre um encarnado, seja para curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o *magnetismo espiritual*, cuja qualidade está em razão da qualidade do Espírito. (9)

3° Pelo fluido que os Espíritos derramam sobre o magnetizador e para o qual este seve de condutor. É o magnetismo *misto*, *semiespiritual*, ou, *cão se queira*, *humano-espiritual*. O fluido espiritual combinado com o fluido humano dá a este último as qualidades que lhe faltam. O concurso dos Espíritos em semelhante circunstâncias, é por vezes, espontâneo mas o mais comum é o provocado pelo apelo do magnetizador.

34. – A faculdade de curar pelo influxo fluídico é muito comum e pode-se desenvolver pelo exercício, mas o de curar instantaneamente pela imposição das mãos é mais raro, e seu apogeu pode ser considerado como excepcional. Todavia, viu-se em diversas épocas e quase entre todos os povos, indivíduos que a possuíam a um grau eminente. Nestes últimos tempos tem-se visto vários exemplos notáveis cuja autenticidade não pode se contestada. Desde que estas sortes de curas repousam sobre um princípio natural e que o poder de realizá-las não é um privilégio, é que elas não fogem e que nada têm de milagroso senão a aparência. (10)

35. – O perispírito é invisível para nós em seu estado normal, porém, como é formado de matéria etérea, o Espírito pode, em certos casos, faze-lo sujeitar-se por um ato de sua vontade, uma modificação molecular que lhe torna momentaneamente visível. É assim que se produzem as *aparições*, que não são mais do que os outros fenômenos que estão fora das leis da natureza. Este não é mais extraordinário do que o do vapor, que fica invisível quando se torna muito rarefeito, e que torna visível quando se condensa.

Conforme o grau de condensação do fluido perispiritual, a aparição é, por vezes, vaga e vaporosa; em outras ocasiões ela é mais nitidamente definida; de outras vezes, enfim, ela tem

todas as aparências da matéria tangível; pode até chegar à tangibilidade real, ao ponto em que não se possa equivocar sobre a natureza de ser que se tenha diante de si.

As aparições vaporosas são frequentes e chega assaz amudado que os indivíduos se apresentem assim, após a morte para as pessoas com as quais tenha afeição. As aparições tangíveis são mais raras; embora se tenha delas bastante numerosos exemplos perfeitamente autênticos. Se o Espírito pode se fazer reconhecer, ele dará a seu envoltório todos os sinais exteriores que tinha de sua vida.

36. – É de se assinalar que as aparições tangíveis têm apenas a aparência da matéria carnal, mas não saberia em ter as qualidades; em razão de sua natureza fluídica, não podem ter a mesma coesão porque, em realidade, esta não é a carne; elas se formam instantaneamente e desaparecem da mesma forma, ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas. Os seres que se apresentam nesta condição nem nascem nem morrem como os outros homens; vê-se-os e não se os vê mais sem se saber de onde vieram, como são vindos nem para onde vão; não se poderia destruí-los, nem acorrentá-los ou encarcerá-los, já que não possuem corpo carnal; os golpes que se lhes deferissem bateriam no vazio.

Tal é o caráter dos *agêneres* com os quais se possa entreter sem se duvidar do que sejam, mas que não se fazem de longa duração e não podem se tornar os comensais habituais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família.

Há, aliás, em toda sua pessoa, em suas maneiras, algo de estranho e de insólito que tem da materialidade e da espiritualidade; seu olhar vaporoso e penetrante simultaneamente não tem a nitidez de visão pelos olhos da carne; sua linguagem breve e quase sempre sentenciosa nada tem de clara e da volubilidade, da linguagem humana; sua aproximação faz sentir uma sensação particular indefinível de surpresa que inspira uma sorte de temor, e tudo em os tomando por indivíduos semelhantes a todo mundo, diz-se involuntariamente: Eis um ser singular! (11)

37. – O perispírito sendo o mesmo entre os encarnados e os desencarnados, por um efeito completamente idêntico, um Espírito encarnado pode aparecer, em um momento de liberdade, em um outro lugar daquele em que seu corpo repouse, sob seus traços habituais e com todas as marcas de sua identidade. É este fenômeno do qual se tem exemplos autênticos que deram lugar à crença aos homens duplos. (12)

38. – Um efeito particular a estas sortes de fenômeno, é que as aparições vaporosas e mesmo tangíveis não são perceptíveis indistintamente por todo mundo; os Espíritos só se mostram quando querem a quem o queiram. Um Espírito poderia, então, aparecer em uma assembléia a um ou a vários assistentes e não ser visto pelos demais. Isto vem do fato de que estas sortes de percepções se efetuam pela visão espiritual e não pela visão carnal; porque não apenas a visão espiritual é dada a todo mundo, mas pode, por necessidade, ser retirada, pela vontade do Espírito, daquele para quem não queira se mostrar como pode dá-la momentaneamente se o julgar necessário.

A condensação do fluido espiritual nas aparições, mesmo até a tangibilidade, não tem, pois as propriedades da matéria ordinária; sem tal coisa, as aparições, sendo perceptíveis pelos olhos do corpo, sê-lo-iam por todas as pessoas presentes. (13)

39. – O Espírito, podendo operar transformações na contextura de seu envoltório perispiritual e este envoltório irradiando em volta dos corpos como uma atmosfera fluídica, um fenômeno análogo ao das aparições pode se produzir na superfície dos referidos corpos. Sob a camada

fluídica, a figura real do corpo pode se desfazer mais ou menos completamente e revestir-se de outros traços; ou bem, os traços primitivos vistos através da camada fluídica modificada, como através de um prisma, podem tomar uma outra expressão. Se o Espírito, saindo do terra a terra, se identifica com as coisas do mundo espiritual, a expressão de uma figura disforme pode tornar-se bela, radiosa e, por vezes, até, luminosa; se, ao contrário, o Espírito fica exaltado por maldosas paixões, uma figura bela pode tomar um aspecto hediondo.

É assim eu se operam as *transfigurações* que são sempre um reflexo das qualidades e dos sentimentos predominantes do Espírito. Esse fenômeno é, pois, o resultado de uma transformação fluídica; é uma sorte de aparição perispiritual que se produz sobre o próprio corpo mesmo vivente e, por vezes, no momento da morte, em lugar de se produzir ao longe, como nas aparições propriamente ditas. O que distingue as aparições deste gênero, é que geralmente elas são perceptíveis por todos os assistentes e pelos olhos do corpo, precisamente porque elas têm por base a matéria carnal visível, enquanto que, nas aparições puramente fluídicas, nunca existe matéria tangível. (14)

40. – Os fenômenos das mesas girantes e falantes, da suspensão etérea dos corpos pesados, de escrita medianímica, tão anciães quanto o mundo, mais vulgares atualmente, dão a chave de alguns fenômenos análogos aos, na ignorância da lei que os reja, tinha-se atribuído um caráter sobrenatural e miraculoso. Estes fenômenos repousam sobre as propriedades do fluido perispiritual, seja dos encarnados, seja dos Espíritos livres.

41. – É com ajuda de seu perispírito que o Espírito age sobre seu corpo vivo; é ainda com este mesmo fluido que ele se manifesta agindo sobre a matéria inerte, que ele produz os ruídos, os movimentos das mesas e outros objetos que ergue, derruba ou transporta. Este fenômeno nada tem de surpreendente, caso se considere que, entre nós, os mais possantes motores se encontram nos fluidos os mais rarefeitos e até imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com ajuda de seu perispírito que o Espírito faz os médiuns escrever (l), falar (psicofonia) ou desenhar; não tendo corpo tangível para atuar ostensivamente quando quer se manifestar, ele se serve do corpo do médium, do qual toma emprestado os órgãos que faz agir como se fosse seu próprio corpo, e isso pelo eflúvio fluídico que derrama sobre ele.

42. – É pelo mesmo meio que o Espírito atua sobre a mesa, seja por fazê-la movimentar-se sem significação determinada, seja por fazê-la bater com golpes inteligentes indicando as letras do alfabeto para formar palavras e frases, fenômeno designado sob o nome de *tiptologia*. A mesa, aqui, é apenas um instrumento do qual ele se serve, como o faz com o lápis para escrever; dá-lhe uma vitalidade momentânea pelo fluido eu a penetra, porém *nunca se identifica com ela*. As pessoas que, em suas emoções, vendo manifestar-se um ente que lhe seja caro, abraçam a mesa, fazem um ato ridículo, porque é absolutamente como se abraçassem um bastão do qual um amigo se serve para vibrar seus golpes. O mesmo ocorre com os eu dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito estivesse atado na madeira ou como se a madeira fosse transformada em Espírito.

Quando comunicações têm lugar por este meio, é preciso se caracterizar o Espírito não na mesa, mas ao lado, *tal como estaria em sua vida*, e tal como se o veria se, a este momento, ele pudesse tornar-se visível. A mesma coisa tem lugar nas comunicações por psicografia: ver-se-ia o Espírito ao lado do médium conduzindo sua mão ou lhe transmitindo seu pensamento por uma corrente fluídica.

43. – Quando a mesa se destaca do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a ergue à força braçal, mas envolve-a e penetra-lhe uma sorte de atmosfera fluídica que neutraliza o efeito da gravidade, como o faz o ar pelos balões e as cafifas. O fluido no qual está penetrado dá-lhe momentaneamente uma leveza específica enorme. Quando está colada ao solo, é um caso análogo ao da bomba pneumática com a qual se faz o vácuo. São apenas comparações para mostrar a analogia dos efeitos e não a similitude absoluta das causas. (*Livro dos Médiuns*, cap. IV)

Compreende-se após isto que não é difícil ao Espírito levantar uma pessoa como levantar uma mesa, de transportar um objeto de um local a outro, ou de lançá-lo a qualquer parte; estes fenômenos produzem-se pela mesma lei. (15)

Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito que corre, porque ele pode ficar tranquilamente no mesmo lugar, mas ele dá-lhe a impulsão por uma corrente fluídica com a ajuda da qual a faz mover a seu capricho.

Quando golpes se fazem perceber na mesa ou alhures, o Espírito não bate nem com sua mão nem com um objeto qualquer; ele dirige sobre o ponto de onde parte o barulho um jato de fluido que produz o efeito de um choque elétrico. Ele modifica o ruído como se pode modificar os sons produzidos pelo ar. (16)

44. – Um fenômeno muito frequente na mediunidade é a aptidão de certos médiuns para escrever em uma língua que lhe seja estranha; a tratar, pela palavra ou pela escrita, temas fora do conhecimento de sua instrução. Não é raro em ver que escrevem corretamente sem ter aprendido a escrever; por vezes, fazem poesia sem ter jamais sido feito um verso em sua vida; em outros casos, desenham, pintam, esculpem, compõem música, tocam um instrumento sem conhecer o desenho, a pintura, a escultura ou a arte musical. É muito frequente que um médium psicógrafo reproduza, sem se equivocar, o escrito e a assinatura que o Espírito que se comunica por seu intermédio tinham quando em vida, embora jamais os tenha conhecido.

Este fenômeno não é mais maravilhoso que de ver um menino escrever quando conduzem-lhe a mão; pode-se, assim, fazê-lo executar tudo o que se queira. Pode-se fazer com que escreva à primeira vista numa língua qualquer ditando-lhe as palavras letra por letra. Compreende-se que se possa fazer o mesmo com a mediunidade, caso se reporte à maneira com a qual os Espíritos se comunicam com os médiuns, que são para eles, em realidade, meros instrumentos passivos. Mas se o médium possuído do mecanismo se venceu as dificuldades práticas, se as expressões lhe são familiares, se têm enfim, em seu cérebro os elementos de que este Espírito queira fazê-lo executar, ele fica na posição do homem que sabe ler e escrever corretamente; o trabalho fica mais fácil e mais rápido; o Espírito só tem mais eu transmitir o pensamento que seu intérprete reproduz pelos meios de que disponha.

A aptidão de um médium a coisas que lhe sejam estranhas possui frequentemente também aos conhecimentos que possuíam em uma outra existência e na qual seu Espírito conservou a intuição. Se foi poeta ou músico, por exemplo, terá maior facilidade de assimilar o pensamento poético ou musical que queiram lhe fazer reproduzir. A língua que ignora atualmente pode lhe ter sido familiar em uma outra existência: daí, para ele, uma aptidão maior para escrever mediunicamente nesta língua. (17)

45. – Os maus Espíritos pululam em volta da Terra, por consequência da inferioridade moral de seus habitantes. Sua ação malfazeja faz parte dos flagelos com os quais a humanidade é alvo aqui em baixo. A obsessão que é um dos efeitos desta ação, como as doenças e todas as

atribuições da vida, devem, pois, ser consideradas como uma prova ou uma expiação e aceita como tal.

A obsessão é a ação persistente que um malvado Espírito exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito distintos, desde a simples influência moral sem marcas externas sensíveis, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Oblitera todas as faculdades medianímica; na mediunidade auditiva e psicográfica ela se traduz pela obstinação de um Espírito em se manifestar com a exclusão dos demais.

46. – Iguamente como as doenças são o resultado das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre a de uma imperfeição moral que dá entrada a um Espírito mau. A uma causa física opõe-se uma força física, a uma causa moral é preciso opor-se uma força moral. Para preservar-se das doenças, fortifica-se o corpo; para se garantir da obsessão é preciso fortificar-se a alma; daí para o obsidiado, a necessidade de trabalhar pela sua própria melhoria, o que satisfaz o mais frequente para desembaraçar-se do obsessor sem recurso de pessoas estranhas. Este recurso torna-se necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque, então, o paciente perde, por vezes, sua vontade e seu livre arbítrio.

A obsessão é quase sempre o fato de uma vingança exercida por um Espírito e que o mais frequente tem origem nas relações que o obsedado tenha tido com aquele em uma existência anterior.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado é como envolvido e impregnado de um fluido pernicioso que neutraliza a ação dos fluidos salutareos e os repulsa. É deste fluido que se torna necessário se desembaraçar; ora, um mau fluido não pode ser repellido por outro mau fluido. Por uma ação idêntica à do médium curador, no caso de doenças, *é necessário expulsar o fluido mau com ajuda de um fluido melhor.*

Esta é a ação mecânica, mas que nem sempre é suficiente; é preciso também e sobretudo *atuar sobre o ser inteligente* ao qual é preciso ter o direito de *atuar sobre o ser inteligente* ao qual é preciso ter o direito de *falar com autoridade* e esta autoridade só é dada pela superioridade moral; quanto maior ela for, maior será a autoridade.

Isto não é tudo ainda; para assegurar a libertação, torna-se necessário fazer nascer nele o arrependimento e o desejo do bem, com auxílio de instruções habilmente dirigidas em evocações particulares feitas em vista de sua educação moral; então, pode-se ter a dupla satisfação de liberar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa se torna mais fácil quando o obsedado, compreendendo sua situação, traz sua contribuição voluntária e de prece; não o é desta forma quando aquele seduzido pelo Espírito mentiroso ilude-se sobre as qualidades de seu dominador, e se compraz no erro onde este último o mergulha; porque, então, longe de secundar, ele repele a assistência. É o caso da fascinação sempre infinitamente mais rebelde que a subjugação, a mais violenta. (**Livro dos Médiuns**, cap. XXIII)

Em todos os casos de obsessão, a prece é a mais poderosa auxiliar para agir contra o Espírito obsessor.

47. – Na obsessão, o Espírito age exteriormente com auxílio de seu perispírito que ele identifica com o do encarnado; este último encontra-se então enlaçado como em uma rede e forçado a agir contra sua vontade.

Na possessão, em lugar de agir exteriormente, o Espírito livre se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; faz eleição de domicílio em seu corpo sem que, contudo este o deixe definitivamente, o que não pode ter lugar senão com a morte. A possessão é, pois, sempre temporária e intermitente porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar e dignidade de um Espírito encarnado, atentando que a união molecular do perispírito e do corpo só pode se operar no momento da concepção. (Cap. XI, n° 18)

O Espírito, na posse momentânea do corpo, serve-se dele como do seu próprio; fala por sua boca, vê pelos seus olhos, atua com seus braços como se tivesse feito de sua vivência. Não o é mais como na mediunidade psicofônica onde o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um Espírito desencarnado; é este último ele próprio que fala e que atua e se o tiver conhecido em vida, reconhecê-lo-á pela sua linguagem, sua voz, pelos seus gestos e até pela expressão de sua fisionomia.

48. – A obsessão (#1) é sempre uma ocorrência de um Espírito malfeitor. A possessão (#2) pode ser a atuação de um bom Espírito que quer falar e, para causar maior impressão em seu ouvinte, *toma emprestado* o corpo de um encarnado que este lhe empresta voluntariamente como se emprestasse sua veste. Isso se faz sem nenhuma perturbação nem mal estar, e durante este tempo o Espírito se encontra em liberdade como no estado de emancipação, e, mais frequentemente ele se coloca ao lado de seu reintegrante para escutá-lo.

Quando o Espírito possessor é mau, as coisas se passam diferentemente; ele não toma emprestado o corpo; ele se apodera, se o titular não possuir *força moral a lhe resistir*. Ele o faz por maldade para com o dito, a quem tortura e martiriza de todas as maneiras, até querer fazer com que pereça, seja pelo estrangulamento, seja colocando-o no fogo ou em outros lugares perigosos. Servindo-se dos membros e dos órgãos do desditoso paciente, blasfemeia; injúria e maltrata os que o cercam; libera-se a estas excentricidades e a atos que tenham todas as características de loucura furiosa.

Os fatos deste gênero em diversos graus de intensidade são muito numerosos, e diversos casos de loucura não possuem outra causa. Frequentemente a eles se juntam desordens patológicas que são apenas consequências, e contra as quais os tratamentos médicos são impotentes enquanto subsistir a causa primária. O Espiritismo, fazendo conhecer esta fonte de uma parte das misérias humanas, indica o meio de remediá-las; este meio é o de atuar sobre o autor do mal que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado com inteligência. (18)

49. – A obsessão e a possessão são mais frequentemente individuais, mas, por vezes, são epidêmicas. Quando uma nuvem de maus Espíritos se abate sobre uma localidade e como quando uma tropa de inimigos vem invadi-la. Neste caso, o número de indivíduos atingidos pode ser considerável. (19)

NOTAS

(1) A denominação de fenômeno psíquico representa mais exatamente o que se pensa do fenômeno espiritual, atentando ao fato de que estes fenômenos representam sobre as propriedades e os atributos da alma, ou melhor, dos fluidos perispirituais que são inseparáveis da alma. Esta qualificação os liga mais intimamente à ordem dos fatos naturais regidos por suas leis, pode-se, pois, admiti-los como efeitos psíquicos, sem os admitir, a título de milagre.

(2) *Exemplo de Espíritos que se creem ainda deste mundo: Revista Espírita* dez. 1859, p. 310; – nov. 1854, p. 339; – abr. 1865, p. 117

(3) *Revista Espírita*, jul. 1859, p. 184. *Livro dos Médiuns* cap. VIII

(4) *Fatos de dupla visão e de lucidez sonambúlica* relatados na **Revista Espirita**: jan. 1858, p. 25; nov. 1858, p. 213; jul. 1861, p. 197; nov. 1865, p. 352

(5) *Exemplos de letargia e catalepsia*: **Revista Espirita**: *Senhor Schwabenhau*, set. 1858, p. 255; – *A jovem cataléptica de Suabe*, jan. 1866, p. 18.

(6) É assim que se pode explicar as visões da Irmã Elmerich, que se reportando ao tempo da Paixão de Cristo, disse que viu coisas materiais que nunca existiram senão nos livros que lera; aquela da senhora Cantanille (**Revista Espirita**, ago. 1866, pág. 240) e uma parte daquelas de Swedenborg.

(7) **Revista Espirita** – jun. 1866, p. 172 – set. 1866, p. 184. – **Livro dos Espíritos**, cap. VIII, n° 400)

(8) Exemplos: **Revista Espirita**, *O doutor Cardon*, ago. 1863, p. 251; – *A mulher corsa*; mar. 1866, p. 134

(9) Exemplos: **Revista Espirita**, fev. 1863 p. 04 ; – abr.1865, p. 113 ; – set. 1865, p. 264.

(10) *Exemplos de curas instantâneas* reportadas na **Revista Espirita**: *O Príncipe de Hohenlohe*, dez. 1866, p. 368; *Jacob*, out. e nov. 1867, ps. 306 e 339; – *Simonet*, ago. 1867, p. 232; – *Caid Hassan*, out. 1867, p. 303; – *o pároco Gassner*, nov. 1867, p. 331.

(11) *Exemplos de aparições vaporosas ou tangíveis e de agêneres*: **Revista Espirita** – jan. 1858, p. 24; – out. 1858, p. 291; – fev. 1859, p. 38; – mar. 1859, p. 80; – jan. 1859, p. 11; – nov. 1859, p. 303; – ago. 1859, p. 210; – abr. 1860, p. 117; – mai. 1860, p. 150; – jul. 1861, p. 199; – abr. 1866, p.120; – *O trabalhador Martin apresentado a Luís XV*, pormenores completos; dez. 1866, p. 353.

(12) *Exemplo de aparições de pessoas vivas*: **Revista Espirita**, dez. 1858, p. 329 e 331; – fev. 1859, p. 41; – ago. 1859, p. 197; – nov. 1860, p. 356.

(13) Não é preciso aceitar senão com uma extrema reserva o relato de aparições puramente individuais que, em certos casos, poderiam ser o efeito da imaginação superexcitada e por vezes uma invenção feita com um objetivo interesseiro. Convém, pois, ter um conto escrupuloso das circunstâncias, da honorabilidade da pessoa, assim como do interesse que pudesse ter para abusar da credulidade de indivíduos demasiadamente confiantes.

(14) *Exemplo e teoria da transfiguração*, **Revista Espirita**, mar. 1859, p. 62. (**Livro dos Médiuns**, cap. VII, p. 142)

(15) Tal é o princípio do fenômeno dos transportes; fenômeno muito real, contudo convém só aceitá-lo com uma extrema reserva porque é um dos que mais se prestam a imitações e escamoteações. A honorabilidade irrecusável de pessoa que os obtém, seu desinteresse absoluto, material e moral e o concurso das circunstâncias acessórias devem ser postas em séria consideração. É preciso, sobretudo, desconfiar-se da enorme facilidade com a qual tais efeitos sejam produzidos e manter sob suspeita os que se repelem muito freqüente e por assim dizer, à vontade; os prestidigitadores fazem coisas mais extraordinárias.

O levantamento de alguém é um fato não menos positivo, porém bastante mais raro talvez porque seja mais difícil de imitá-lo. É notório que o Sr. Home foi mais de uma vez erguido, até o teto, fazendo a volta pela sala. Diz-se que São Cupertino tinha a mesma faculdade o que não é mais milagroso para um do eu para outro.

(16) *Exemplos de manifestações materiais e de perturbações por Espírito*: **Revista Espirita**: *Jovem filha dos Panoramas*, jan. 1858, p. 13; – *Senhorinha Clairon*, fev. 1858, p. 44; – *Espírito batedor de Bergzabern*, registro completo, mai., jun., jul. 1858, p. 125, 153 e 184; – *Dibbelsdorf*, ago. 1858, p. 219; – *Bou langer de Dieppe*, mar. 1860, p. 76; – *Negociante de São Petersburgo*, abr. 1860, p. 115; – *Rua das Nogueiras*, ago. 1860, p. 236; – *Espírito batedor de l'Aube*, jan. 1861, p. 23; – idem ao século XVI, jan. 1864, p. 32; – *Poitiers*, mai. 1864, p. 156 e mai. 1865, p. 134; – *Irmã Maria*, jun. 1864, p. 185; – *Marselha*, abr. 1865, p. 225; – *Os raios de Equihem*, fev. 1866, p. 55.

(17) A aptidão de certas pessoas para línguas eu elas sabem, por assim dizer, sem as ter aprendido não tem uma outra causa senão que uma lembrança intuitiva do que sabiam em uma outra existência. *O exemplo do poeta Méry* relatado na **Revista Espirita** de nov. 1864, p. 328, é uma prova. É evidente que se o Sr. Méry tivesse sido médium em sua juventude, ele teria escrito em latim tão facilmente quanto em francês e ter-se-ia criado o prodígio.

(18) *Exemplo de cura de obsessões e de possessões*: **Revista Espirita**, dez. 1863, p. 373. – jan. 1864, p. 11. – jul. 1864, p. 168. – jan. 1865, p. 11. – jun. 1864, p. 168. – jan. 1865, p. 11. – jun. 1865, p. 172. – fev. abr. e mai.

1863, pgs. 1, 33, 101 e 133.

(19) É uma epidemia deste gênero que seiviciou durante vários anos a aldeia de Morzine, na Sabóia – (ver o relato completo desta epidemia na **Revista Espirita** de dez. 1862, p.353, jan., fev., abr. e mai. 1863, pgs 1, 33, 101 e 133)

NOTAS DO TRADUTOR

(a) Antes de lermos o item que se segue, temos que ter em conta que, na época de Kardec, a energia era tida como uma forma fluida e que foi Sir Isaac Newton que denominou de FCU (fluido cósmico universal) a energia fundamental do Universo e só em 1905 é que Einstein provou que desta energia – chamada de matéria elementar primitiva por Kardec – se derivavam todos os demais fenômenos da natureza, inclusive a própria matéria, expressão pela famosa fórmula $E = mc^2$. Kardec se antecipou a ele.

(b) Nunca é demais repetir que o FCU (definido por Newton) nada mais é do que a energia fundamental do Universo e, como tal, o primeiro estado físico de tudo o que possa existir dentro dele. Por isso, quando Kardec se antecipa à época, definindo-o como "matéria elementar primitiva" ele já se antecipava a seu tempo neste conceito. Ainda não se sabia que a própria matéria, ou terceiro estado físico da energia, era exatamente, esta mesma energia (conhecida como FCU) condensada.

(c) Atualmente, a Parapsicologia denomina de psíquicos aos fenômenos anímicos e de parapsíquicos aos mediúnicos, ditos espirituais (ou espíritos por Akzacf) e que dependem da presença do desencarnado.

(d) Naquela época não se tinha a menor noção da existência desta energia fundamental descrita por Kardec e que só meio século após veio a ser conhecida, confirmando as presentes assertivas.

(e) Na época de Kardec ainda não se sabia que a molécula era constituída de átomos e estes de partículas, quanto mais que ela seria a condensação da energia fundamental ou "fluido cósmico" como diziam.

(f) Hoje, o assunto se prende ao peso sem massa da atual "teoria do Nada"

(g) Há muita correlação entre o que Kardec descreve e o que os Astrofísicos acabam de descobrir sobre a energia estranha que corresponde a 73% da energia sideral.

(h) Atualmente são conhecidos dezoito sensórios.

(i) A descoberta da energia escura pela Ciência pode ser o primeiro passo para esclarecer estes fenômenos.

(j) Pela equação de Einstein, $E = mc^2$, esta energia fundamental, então conhecida como fluido universal, é que se condensa para formar a matéria.

(k) Mesmer o chamou de magnetismo animal.

(l) Psicografia.

NOTA DO PORTAL A ERA DO ESPÍRITO

(#1) Posterior à **Gênese** a União Espirita da Bélgica, lança o livro **L'Obsession** (A Obsessão) apresentando escritos do mestre Allan Kardec sobre o tema. Informa Carlos de Brito Imbassahy: que nessa obra é *onde* (Kardec) *classifica um quarto tipo de obsessão, denominando-a de obsessão física.*

(#2) Na **Revista Espirita** de dezembro de 1863, *Um Caso de possessão (Senhorita Julia)*, quando narrou o caso da sonâmbula Sra. A, que de repente mudou de voz tomando atitudes absolutamente masculinas, isso fez com que Kardec muda-se de opinião em relação a possessão, levando-o, logo no primeiro parágrafo desse artigo a escrever de maneira contundente o seguinte: *"Temos dito que não havia possessos, no sentido vulgar do vocábulo, mas subjugados. Voltamos a esta asserção absoluta, porque agora nos é demonstrado que pode haver verdadeira possessão, isto é, substituição, posto que parcial, de um Espírito errante a um encarnado."*

* * *

Capítulo XV

OS MILAGRES DO EVANGELHO

- Observações preliminares. – Sonhos. – Estrela dos magos. – Dupla visão.**
– Curas, – Possessos. – Ressurreição. – Jesus marcha sobre as águas.
– Transfiguração. – Tempestade apaziguada. – Bodas de Cana.
– Multiplicação dos pães. – Tentação de Jesus. – Prodígios à morte de Jesus.
– Aparição de Jesus após sua morte. – Desaparecimento do corpo de Jesus.

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

1. – Os fatos reportados no Evangelho, e que têm sido até aqui, considerados como milagrosos, pertencem, na maior parte à ordem dos *fenômenos psíquicos*, isto é, dos que têm por causa primária as faculdades e os atributos da alma. Em os aproximando dos que foram descritos e explicados no capítulo precedente, reconhece-se sem penar que há entre eles identidade de causa e de efeito. A história em mostrar análogos em todos os tempos e entre todos os povos pela razão de que, desde que haja almas encarnadas e desencarnadas, os mesmos efeitos têm dito serem produzidos. Pode-se, é verdade, contestar sobre este ponto de veracidade da História; mas, atualmente, eles se produzem sob nossos olhos, por assim dizer, à vontade e através de indivíduos que nada têm de excepcional. O fato, somente, da reprodução de um fenômeno em condições idênticas, é suficiente para provar que seja possível e submetido a uma lei, e que, desde então, não é miraculoso.

O princípio dos fenômenos psíquicos repousa. Como se tem visto, sobre a propriedade do fluido espiritual que constitui o agente magnético; sobre as manifestações de vida espiritual durante a existência e após a morte; enfim, sobre o estado constitutivo do Espírito e seu papel como força ativa da natureza. Estes elementos conhecidos e seus efeitos constatados, têm por consequência fazer com que se admita a possibilidade de certos fatos que se rejeitavam naquele tempo que se lhes atribuíam uma origem sobrenatural.

2. – Sem nada prejudicar sobre a natureza do Cristo, que não entra no quadro desta obra examinar, não o considerando, por hipótese, senão como um Espírito superior, não se pode impedir de reconhecer nele um dos de ordem a mais elevada e que é colocado, por suas virtudes bem acima da humanidade terrestre. Pelos imensos resultados que tem produzido, sua encarnação neste mundo só poderia ser de uma de suas missões que só são confiadas aos mensageiros diretos da Divindade para cumprimento de seus desígnios. Supondo-se que ele mesmo não fosse Deus, mas um enviado de Deus para transmitir sua palavra, ele seria mais que um profeta, porque seria um Messias divino.

Como homem, tinha a organização dos seres carnais; mas, como Espírito puro, destacado da matéria, ele devia viver a vida espiritual mais que a vida corpórea, da qual não tinha absolutamente as fraquezas; sua superioridade sobre os homens nunca conservava as qualidades particulares de seu corpo, mas a de seu Espírito que dominava a matéria de uma maneira absoluta, e a do seu perispírito haurido na parte a mais quintessenciada dos fluidos terrestres (Cap. XIV, nº 9). Sua alma devia apenas, manter com o corpo os laços estritamente indispensáveis; constantemente desembaraçado, ela deveria lhe dar uma dupla vista não apenas permanente, mas de uma penetração excepcional e bem de outra forma superiora à daquela que se vê entre os homens comuns. Devia ser o mesmo com todos os fenômenos que dependam dos fluidos perispirituais ou psíquicos. A qualidade desses fluidos dava-lhe um imenso poder magnético secundado pelo desejo incessante de fazer o bem.

Nas curas que operava agia como médium? Pode-se considerá-lo como sendo um potente médium curador? Não; porque o médium é um intermediário, um instrumento do qual se servem os Espíritos desencarnados. Ora, Cristo não tinha necessidade de assistência; ele é que assiste aos outros; ele atuava, pois, por si próprio em virtude de seu poder pessoal, assim como podem fazê-lo os encarnados em certos casos e na medida de suas forças. Qual Espírito, aliás, ousou-lhe insuflar seus próprios pensamentos e encarrega-los de transmiti-los? Se ele recebesse um influxo estranho, não poderia ser senão de Deus; conforme a definição dada por um Espírito, ele era médium de Deus.

SONHOS

3. – José, diz o Evangelho, foi advertido por um anjo que lhe apareceu em sonho e lhe disse para escapar para o Egito com o filho. (São Mateus, cap. II v.19 a 23).

As advertências por sonhos representam um grande papel nos livros sacros de todas as religiões. Sem garantir a exatidão de todos os fatos reportados e sem os discutir, os fenômenos, por eles mesmos, não têm nada de anormal quando se sabe que o tempo do sono é aquele em que o Espírito se desliga dos laços da matéria, penetra momentaneamente na vida espiritual onde se reencontra com os que conheceu. É frequentemente este momento que encontram os Espíritos protetores para se manifestar a seus protegidos e lhes dar conselhos mais diretos. Os exemplos autênticos das advertências por sonhos são numerosos, mas é preciso inferir apenas que nem todos os sonhos sejam advertências e ainda menos, que tudo o que se vê e, sonhos tenham sua significação. É preciso enfileirar entre as crenças supersticiosas e absurdas a arte de interpretar sonhos (cap. XIV, nº 27 e 28).

ESTRELA DOS MAGOS

4. – É dito que uma estrela apareceu aos magos que vieram adorar Jesus, que ela caminhou diante deles para lhes indicar a rota e parou quando chegaram. (São Mateus, cap. II, v.1 a 12).

A questão não é saber se o fato relatado por São Mateus é real ou se não é apenas uma figura para indicar que os magos foram levados de uma maneira misteriosa para o lugar onde estava o Menino, tendo em vista que não existe nenhum meio de controle, contudo, se um fato desta natureza seja possível.

Uma coisa certa é que nesta circunstância a luz não poderia ser uma estrela. Podia-se crer à época em que se pensava que as estrelas fossem pontos luminosos presos ao firmamento e que podiam cair sobre a Terra; mas não atualmente, que se conhece sua natureza.

Por não ter a causa que se lhe atribui, o fato da aparição de uma luz tendo o aspecto de uma estrela não o é menos uma coisa possível. Um Espírito pode aparecer sob forma luminosa ou transformar uma parte de seu fluido perispiritual em um ponto luminoso. Vários fatos deste gênero, recentes e perfeitamente autênticos não têm outra causa e esta causa nada tem de sobrenatural.

DUPLA VISTA

Entrada de Jesus em Jerusalém

5. – Logo que se aproximaram de Jerusalém, e que chegaram a Bethfagê, próximo da montanha das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos – e lhes disse: *ide a esta aldeia que está ante vós e aí encontrareis chegando uma asna presa e seu asnhinho ao pé da mesma;*

desamarrai-a e me trazei-os. – Se alguém vos disser alguma coisa, dizei-lhe que o Senhor tem-lhe necessidade, e, dessa maneira, deixarão trazê-los. – Ora, tudo isto é feito a fim de que esta palavra do profeta fosse cumprida: – Dizei à filha de Sion: Eis aqui vosso rei que vem a vós, cheio de doçura, montado sobre uma asna e sobre um asnozinho daquela que está sob o jugo.

Os discípulos em se foram, pois, e fizeram o que Jesus os havia mandado. – E indo em busca da asna e do asninho, cobriram-nos com suas vestimentas e o fizeram montar sobre eles. (São Mateus, cap. XXI, v.1 a 7)

Beijo de Judas

6. – Erguei-vos, vamos, aquele que deve me trair está perto daqui. – Não tinha ainda terminado estas palavras, que Judas, um dos doze, chegou e, com ele, uma tropa de pessoas armadas de espada e bastões, que tinham sido enviados pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. – Ora, aquele que o traíra tinha-lhe dado um sinal para reconhecê-lo em lhe dizendo: Aquele que eu beijar é o próprio que procurais; agarrai-o. – Logo, pois, aproximou-se de Jesus e lhe disse: – Mestre, eu vos saúdo; e o beijou. – Jesus respondeu-lhe: Meu amigo, o que vindes fazer aqui? E, ao mesmo tempo, os demais avançando, lançaram-se sobre Jesus e apoderaram-se dele. (São Mateus, cap. XXVI, v.46 a 50)

Pesca miraculosa

7. – Um dia em que Jesus estava nas margens do lago de Genezaré, encontrando-se oprimido pela multidão do povo que se comprimia para escutar a palavra de Deus, – ele viu dois barcos chegando à margem do lago dos quais os pescadores tinham descido e levavam suas redes. – Ele entrou, então, em um dos barcos que era de Simão e pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra; e, estando sentado, ele ensinava o povo de dentro da embarcação.

Assim que acabou de falar, disse a Simão: avançai ao largo das águas e lançai vossa rede de pescar. – Simão respondeu-lhe: Mestre, trabalhamos a noite inteira sem nada pegar, entretanto, sobre vossa palavra, eu lançarei a rede. – Tendo-a lançado, então, pegaram uma tão grande quantidade de peixes que sua rede se rompeu. – E fizeram sinal a seus companheiros que estavam no outro barco, para vir ajudá-los. Eles o vieram e encheram de tal forma seus barcos que faltou pouco para que eles não fossem ao fundo. (São Lucas, cap. V, v.1 a 7)

Vocação de Pedro, André, Jacó, João e Mateus

8. – Ora, Jesus caminhando ao longo do mar da Galiléia, viu dois irmãos Simão chamado Pedro e André seu irmão que lançavam suas redes ao mar porque eram pescadores, – e ele lhes disse: Segui-me e eu vos farei pescadores de homens. – Tão logo eles deixaram suas redes e o seguiram.

Dali, avançando, viu dois outros irmãos, Jacó filho de Zebedeu e João seu irmão que estavam em um barco com Zebedeu, pai deles e que arrumavam suas redes, e ele chamou-os. Ao mesmo tempo, abandonaram suas redes e seu pai e o seguiram. (São Mateus, cap. IV, v.18 a 22)

Jesus, saindo de lá, viu passando um homem assentado numa mesa de impostos, de nome Mateus, ao qual disse: Segui-me e ele logo se levantou e seguiu-o. (São Mateus, cap. IV, v.9)

9. – Estes fatos nada têm de surpreendente quando se conhece o poder da dupla visão e a causa muito natural desta faculdade. Jesus a possuía ao supremo grau e pode-se dizer que ela era seu estado normal, o que atestam um grande número de atos de sua vida e o que explicam atualmente os fenômenos magnéticos e o Espiritismo.

A pesca qualificada, de miraculosa explica-se igualmente pela dupla visão. Jesus nunca teria produzido espontaneamente peixes lá onde não o existissem; ele viu como poderia fazê-lo um lúcido vidente, pela visão da alma, o local onde eles se encontravam e pôde dizê-lo com segurança aos pescadores onde lançar suas redes.

A penetração do pensamento e, por conseguinte, certas previsões são a consequência da vida espiritual. Quando Jesus chamou a si Pedro, André, Jacó (a), João e Mateus, era preciso que conhecesse suas disposições íntimas para saber que eles o seguiriam e que seriam capazes de preencher a missão da qual os devia encarregar. Era necessário que eles próprios tivessem a intuição desta missão para se abandonarem a ele. É o mesmo quando, no dia da ceia, anuncia que um dos doze o trairia e que o designa em dizendo que é aquele que coloca a mão na baixela e quando diz que Pedro o renegará.

Em vários trechos do Evangelho é dito: *“mas Jesus conhecendo seus pensamentos, lhe diz...”* Ora, como podia ele conhecer seu pensamento, se isto não é, por sua vez, pela suas radiações fluídicas, senão que a ele aportara este pensamento e a visão espiritual que lhes permitia lesse no foro íntimo dos indivíduos?

Então, frequentemente, que se creia um pensamento profundamente escondido no recôndito da alma, não se duvida que se leva consigo um espelho que a reflete, um revelador em sua própria radiação fluídica que nela está impregnada. Caso se visse o mecanismo do mundo invisível que nos envolve, as ramificações destes fios condutores do pensamento que religam todos os seres inteligentes, corpóreos e incorpóreos, os eflúvios fluídicos carregados das impressões do mundo moral, e que, como correntes de ar atravessando o espaço, seriam menos surpreendentes sobre certos efeitos que a ignorância atribui ao acaso (Cap. XIV, nº 22 e seguintes)

CURAS

Perda de sangue

10. - *Então, uma mulher, doente de uma perda de sangue há doze anos, – que muito tinha sofrido na mão de vários médicos e que, tendo gasto todos os seus bens, não havia recebido nenhum alívio, mas seu estado cada vez se encontrava pior, – tendo ouvido falar de Jesus vindo na multidão por detrás, e tocou nas suas vestes; pois ela disse: se eu puder somente tocar suas vestes, estarei curada. – No mesmo instante a fonte de sangue que ela perdia foi estancada e ela sentiu em seu corpo que estava curada desta doença.*

Logo, Jesus, conhecendo em si próprio a virtude que emanara dele, voltou-se para o meio da turba e disse: Quem foi que tocou em minhas vestes? – Seus discípulos lhe disseram: Vede que a multidão vos imprensa de todos os lados e vós indagais que vos tocou? – E ele olhava tudo em sua volta para ver quem lhe houvera tocado.

Mas esta mulher que sabia o que estava se passando com ela, sendo tomada de medo e de pavor, veio lançar-se a seus pés e lhe declarou toda a verdade. – E Jesus lhe disse: Minha filha, vossa fé vos salvou; ide em paz e estejais curada de vossa doença (São Marcos, cap. V, v.25 a 34)

11. – Estas palavras: *Conhecendo em si próprio a virtude que dele havia saído*, são significativas; elas exprimem o movimento fluídico que se operou de Jesus para a mulher doente; ambos ressentiram-se da ação que vinha de se produzir. É marcante que o efeito não tenha sido provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; não houve nem magnetização nem imposição das mãos. A irradiação fluídica normal foi suficiente para operar a cura.

Mas por que esta irradiação foi dirigida sobre esta mulher, de preferência, do que sobre outros, já que Jesus não pensava nela e que se achava envolvido pela multidão?

A razão é bem simples. O fluido sendo dado como matéria terapêutica, deve causar a desordem orgânica para a reparar. Pode ser dirigido sobre o mal pela vontade do curador, ou atraído pelo desejo ardente, a confiança, em uma palavra, à fé do doente. Em relação à corrente fluídica, o primeiro faz o efeito de uma bomba compressora e o segundo de uma bomba aspirante. Por vezes, a simultaneidade dos dois efeitos é necessária, de outras vezes, um só é suficiente; foi o segundo que teve lugar nesta circunstância.

Jesus tinha, pois, razão em dizer: *“Vossa fé vos salvou”*. Entende-se aqui que a fé não é a virtude mística tal como certas pessoas a entendam mas uma verdadeira **força atrativa**, ao passo que aquele que não a tenha, opõe à corrente fluídica uma força repulsiva, ou pelo menos uma força de inércia que paralisa a ação. Compreende-se depois disso eu dois enfermos atingidos pelo mesmo mal em presença de um curador, um possa ser curado e o outro não. É aí um dos princípios mais importantes da mediunidade curadora e que explica, por uma causa muito natural, certas anomalias aparentes (Cap. XIV, n° 31, 32, 33)

Cego de Bethsaide

12. – *Tendo chegado a Bethsaide, trouxeram-lhe um cego o qual lhe pedia para tocá-lo.*

E tomando o cego pela mão conduziu-o para fora da aldeia; pôs-lhe saliva sobre os olhos e tendo-lhe imposto as mãos perguntou-lhe se via alguma coisa. – Este homem, observando, disse-lhe: Eu vejo caminhar homens que me parecem como árvores. – Jesus colocou-lhe ainda uma vez as mãos sobre os olhos e ele começou a ver melhor; e afinal ele foi totalmente curado, pois via distintamente todas as coisas.

Ele o enviou em seguida para sua casa e lhe disse: Ide-vos para vossa casa; e se voltardes à aldeia, não direis a ninguém o que vos aconteceu. (São Marcos, cap. VIII, v.22 a 26)

13. – Aqui, o efeito magnético é evidente; a cura não foi instantânea, mas gradual e, por conseguinte, de uma ação firme e reiterada, embora mais rápida do que na magnetização ordinária. A primeira sensação deste homem é bem a que os experimentam os cegos em recobrando a luz; por um efeito óptico, os objetos lhe pareciam de uma grandeza desmesurada.

Paralítico

14. *Jesus, estando dentro de um barco, atravessou o lago e veio para sua cidade (Cafarnaum). – E como lhe tivessem apresentado um paralítico deitado sobre um leito, Jesus vendo sua fé, disse a este paralítico: Meu filho, tende confiança, vossos pecados vos são remidos.*

Logo, alguns dos escribas disseram entre si: Este homem blasfema. – Mas Jesus, tendo conhecimento do que eles pensavam, disse-lhes: Por que tendes maus pensamentos dentro de

vossos corações? – Pois, o que é o mais fácil de se dizer: vossos pecados vos estão remidos, ou de dizer: Levantai-vos e andai? – Ora, a fim de que vos saibais que o filho do homem tem sobre a Terra o dever de remir seus pecados: Levantai-vos, disse então ao paralítico; conduzi vosso leito e ide com ele para vossa casa.

O paralítico levantou-se logo e se foi para sua casa. – E o povo, vendo este milagre, ficou cheio de temor e rendeu graças a Deus do que havia dado um tal poder aos homens. (São Mateus, cap. IX, v.1 a 8)

15. – Que poderiam significar estas palavras: “vossos pecados vos serão remidos”, e a quem poderiam elas servir para a cura? O Espiritismo dá a chave, como de uma infinidade de outras palavras, incompreendidas até este dia; ele nos ensina, pela lei da pluralidade das existências, que os males e as aflições da vida são frequentemente expiações do passado e que sofreremos na vida presente as consequências das faltas que tenhamos cometido em uma existência anterior: as diferentes existências sendo solidárias umas com as outras, até aquela que se tenha pagado o débito e suas imperfeições.

Se, pois, a doença deste homem era uma punição pelo mal eu ele houvera podido cometer, em dizendo-lhe: - “Vossos pecados vos foram remidos”, era como lhe dizer: “tendes pagado vossa dívida; a causa de vossa doença está extinta por vossa fé presente; em consequência vós mereceis ser liberto de vossa doença”. É por isso que ele disse aos escribas: É também fácil de dizer: Vossos pecados vos são remidos, do que: Levantai-vos e caminhai; a causa cessando, o efeito deve cessar. O caso é o mesmo que para um prisioneiro ao qual viesse dizer: “Vosso crime está expiado e perdoado”, o que equivaleria a lhe dizer: “Podeis sair da prisão”.

Os dez leprosos

16. – Um dia em que fora a Jerusalém e passara pelos confins da Samaria e da Galiléia, – estando perto de entrar num lugarejo, dez leprosos vieram diante dele, e permanecendo distantes, elevaram suas vozes e disseram-lhe: Jesus, nosso mestre, tende piedade de nós. – Tão logo ele os apercebeu, disse-lhes: Ide-vos mostrar aos sacerdotes. E como lá iam, foram curados.

Um deles, vendo que estava curado, voltou sobre seus passos glorificando Deus em altas vozes; – e veio se lançar aos pés de Jesus, o rosto contra o chão, em lhe rendendo graças; e este era o samaritano.

Então Jesus disse: Todos os dez não estão curados? Onde estão, pois, os nove outros? Só foi encontrado o que retornou e que rendeu glória a Deus, que é este estrangeiro. – E ele lhe disse: Erguei-vos; ide, vossa fé vos salvou. (São Lucas, cap. XVII, v.11 a 19)

17. – Os samaritanos eram cismáticos, como bem mais próximos, os protestantes em relação aos católicos, e desprezados pelos judeus como heréticos. Jesus em curando indistintamente os samaritanos e os judeus, dava, por sua vez, uma lição e um exemplo de tolerância, e, fazendo ressaltar que o samaritano apenas voltara para render glória a Deus, mostrou que havia nele mais verdadeira fé, e reconhecimento que entre os que se diziam ortodoxos. Em ajuntando: “Vossa fé vos salvou”, fez ver que Deus mira o fundo do coração e não a forma exterior da adoração. Contudo, os outros foram curados; e o era preciso para a lição que queria dar, e provar sua ingratidão; mas quem sabe o que disso será resultado e se eles teriam se beneficiado do favor que lhes havia concedido? Em dizendo ao Samaritano: “Vossa fé vos salvou”, Jesus deu a entender que não aconteceu o mesmo com os outros.

Mão seca

18. - *Jesus entrou de outra feita, numa sinagoga onde encontrou um homem que tinha uma mão seca. – E eles o observaram para ver se curaria ao dia de sábado, a fim de que tivesse motivo para acusá-lo. – Então, ele disse a este homem que tinha a mão seca: erguei-vos e vinde ter ao centro. – Depois, disse-lhe: É permitido no dia do sábado fazer bem ou mal, de salvar a vida ou de tirá-la? E eles permaneceram em silêncio. – Mas ele, olhando-os com cólera, aflito que estava da cegueira de seus corações, disse a este homem: Estendei vossa mão. Este a estendeu e ele a tornou sadia.*

Logo, os fariseus, tendo saído, tiraram conselho contra ele, com os herodianos, sobre o meio de prendê-lo. Mas Jesus se retirara com seus discípulos para o mar onde uma grande multidão de povo o seguiu da Galileia e da Judéia, – de Jerusalém, da Iduméia e de além do Jordão; e os do redor de Tiro e do Sidon, tendo escutado falar das coisas que ele fazia, vieram em grande número encontrá-lo. (São Marcos, cap. III, v.1 a 8)

A mulher curvada

19. – *Jesus ensinava numa sinagoga todos os dias de sábado. – E um dia ele aí viu uma mulher possuída de um Espírito que a fazia doente há dezoito anos; e ela estava tão curvada que não podia de todo olhar para cima. – Jesus, vendo-a, chamou-a e lhe disse: Mulher, estais livre de vossa enfermidade. – Ao mesmo tempo ele lhe impôs as mãos; e estando logo ereta, ela rendeu glória a Deus.*

Mas o chefe da sinagoga, indignado com isto, que Jesus tinha curado num dia de sábado, disse ao povo: Há seis dias destinados para trabalhar; vinde nesses dias para serem curados e não nos dias de sábado.

O senhor, tomando a palavra, disse-lhe: Hipócritas, há algum de vós que não solta seu boi ou seu asno da manjedoura no dia de sábado e nem o conduz a beber? Por que pois não é possível livrar de seus laços, em um dia de sábado, esta filha de Abraão que satã tinha mantido assim atada durante dezoito anos?

A esta palavra, todos os seus adversários permaneceram confusos e todo o povo ficou arrebatado de vê-lo fazer tanta ação gloriosa. (São Lucas, cap. XIII, v.10 a 17)

20. – *Este fato prova que àquela época, a maior parte das doenças era atribuída ao demônio e que se confundia, como atualmente, as possessões com as doenças, mas no sentido inverso; isto é, que atualmente os que não acreditavam nos maus Espíritos, confundem as obsessões com os males patológicos.*

O parálítico da pia batismal (b)

21. – *Após isso, a festa dos judeus estando chegadas, Jesus se foi a Jerusalém. Ora, existia em Jerusalém a pia batismal das ovelhas negras que se chama em hebreu Betsáida, que tinha cinco galerias – nas quais estavam deitados um grande número de doentes, cegos, coxos e os que tinham os membros dessecados, que todos atentavam para que a água fosse agitada. – Pois o anjo do Senhor, em um certo tempo, descia nesta piscina e agitava a água: e o que entrasse em primeiro, após o que a água tivesse sido assim agitada, estaria curado, qualquer que fosse a doença.*

Ora, havia um homem que estava doente após trinta e oito anos. Jesus, tendo-o visto deitado e conhecendo que ele estava doente após tão longo tempo, disse-lhe: Quereis ser curado? – O doente respondeu: Senhor eu não tenho ninguém para me lançar na piscina depois que a água for agitada; e conforme o tempo que eu gasto para ir até lá, um outro aí desce antes de mim. – Jesus lhe disse: Erguei-vos, conduzi vosso leito e caminhei. – No instante este homem foi curado e tomando seu leito ele começou a andar. Ora, este dia lá era um dia de sábado.

Os judeus disseram, pois, a aquele que tinha sido curado: É hoje o sábado; não vos é permitido transportar vosso leito. – Ele lhes respondeu: Aquele que me curou disse-me: conduzi vosso leito e caminhei. Eles lhe contestaram: Quem, pois é este homem que vos disse: conduzi vosso leito e caminhei? Mas aquele que o tinha curado ele não sabia onde estava já que Jesus havia se retirado da multidão de pessoas que estava lá.

Depois, Jesus encontrou este homem no templo e lhe disse: Vede que estais curados, não pequeis mais no futuro, de modo que não vos aconteça coisa pior.

Este homem se foi encontrar os judeus e lhes disse que fora Jesus que o curara. – E é por esta razão que os judeus perseguiram Jesus, porque fazia estas coisas lá no dia de sábado. – Então, Jesus lhes disse: Meu pai não cessa nunca de atuar agora e eu atuo também incessantemente. (São João, cap. V, v.1 a 17)

22. – Piscina (do latim, *piscis*, peixe), dizia-se entre os romanos, dos reservatórios ou viveiros onde se sustentavam peixes. Mais tarde a acepção desta palavra foi estendida aos tanques onde se banhavam em comum.

A piscina de Betsáida, em Jerusalém, era uma cisterna próxima do templo, alimentada por uma fonte natural, onde a água parecia ter tido propriedades curativas. Era, sem dúvida, uma fonte intermitente que, em determinadas épocas jorrava com força e revolvía a água. Conforme a crença vulgar, este momento era o mais favorável às curas; talvez eu, em realidade, no momento desta saída, a água tivesse uma propriedade mais ativa ou que a agitação produzida pela água jorrante movimentasse o lodo salutar para certas moléstias. Estes efeitos são muito naturais e perfeitamente conhecidos atualmente; mas então as ciências estavam pouco avançadas e via-se uma causa sobrenatural na maior parte dos fenômenos incompreendidos. Os judeus atribuíam, pois, a agitação desta água à presença de um anjo e esta crença lhes parecia tanto melhor fundamentada que neste momento a água estivesse mais salutar.

Depois de ter curado este homem, Jesus lhe disse: *“no futuro não pequeis mais, com medo de que não vos aconteça algo de pior”*. Por estas palavras, fez-lhe entender que sua doença era uma punição e que, se ele não se melhorasse, poderia ser novamente punido ainda mais rigorosamente. Esta doutrina é inteiramente de acordo com a que ensina o Espiritismo.

23. – Jesus parecia escolher a tarefa de operar suas curas no dia de sábado, para ter ocasião de protestar contra o rigorismo dos fariseus no tocante à observação desse dia. Ele queria mostrar-lhe que a verdadeira piedade não consiste na observância das práticas exteriores e das coisas formais, mas, que está nos sentimentos do coração. Ele se justifica dizendo: *“Meu Pai nunca cessa de agir até o presente e eu atuo também incessantemente”*, isto, Deus não suspende nunca suas obras nem sua ação sobre as coisas da natureza no dia de sábado, Ele continua na faina produtiva do que seja necessário à vossa nutrição e à vossa saúde, e eu sou seu exemplo.

Cego de nascença

24. – Quando Jesus passava, viu um homem que era cego desde seu nascimento; – e seus discípulos fizeram-lhe esta indagação: Mestre, é o pecado deste homem ou o pecado daqueles que o puseram no mundo que é a causa de que tenha nascido cego?

Jesus lhes respondeu: Não é nem que ele tenha pecado, nem aqueles que o puseram no mundo; mas é a fim de que as obras do poder de Deus brilhem nele. – É preciso que eu faça as obras daquele que me enviou enquanto é dia, a noite vem, na qual ninguém pode atuar. – Tanto que estou no mundo, sou a luz do mundo.

Após ter dito isto ele cuspiu na terra e, tendo feito lama com a saliva, ele untou com esta lama os olhos do cego, – e lhe disse: Ide-vos lavar na piscina de Siloé, que significa Enviado. Ele foi lá e se lavou aí e voltou vendo claro.

Seus vizinhos que o tinham visto antes pedir esmolas, disseram: Não é este que estava sentado e que pedia escola? Uns respondiam: É ele; – outros diziam: Não, é um que se parece com ele. Mas este lhes dizia: “Sou eu mesmo”. – Eles disseram-lhe então: Como é que vossos olhos estão abertos? – Ele lhes respondeu: Este homem que se chama Jesus fez lama e a colocou em meus olhos e me disse: Ide à piscina de Siloé e lavai-vos aí. Eu o fiz, eu me lavei aí e eu vejo. – Eles lhe disseram: Onde está ele? O outro respondeu-lhe: não sei.

Então, eles conduziram aos fariseus este homem que tinha sido cego. – Ora, era o dia de sábado eu Jesus tinha feito esta bolha e lhe havia aberto os olhos.

Os fariseus o interrogaram, pois, também eles próprios, para saber como tinha recuperado a visão. E ele lhes disse: Ele pôs lama sobre os olhos; eu me lavei e eu vejo. Sobre isto, alguns dos fariseus disseram: Este homem não é jamais enviado de Deus, já que não guarda nunca o sábado. Mas outros disseram: Como um homem perigoso poderia fazer tais prodígios? E havia por lá divisão entre eles.

Disseram, pois, de novo, ao cego: E tu, o que dizes deste homem que te abriu os olhos? Ele respondeu: Eu digo que é um profeta. – Mas os judeus não acreditaram absolutamente que este homem tivesse sido cego e que recuperara a vista. Até que fizeram vir seu pai e sua mãe, – que lhe interrogaram em lhes dizendo: Eis aí vosso filho que dizeis que nasceu cego? Como, pois, ele vê atualmente? – O pai e a mãe responderam: Nós sabemos que este é o nosso filho e que nasceu cego; mas não sabemos como ele vê atualmente, e não sabemos nada mais quem lhe abriu os olhos. Interrogai-o; ele tem idade para responder por si próprio.

Seu pai e sua mãe falavam desta forma porque temiam os judeus; porque os judeus já tinham resolvido em conjunto que qualquer um que reconhecesse Jesus como sendo o Cristo, seria excluído da sinagoga. – Isto foi o que obrigou o pai e a mãe a responder: Ele tem idade, interrogai-o a ele mesmo.

Eles chamaram, pois, uma segunda vez, este homem que havia sido cego, e lhe disseram: Rende glória a Deus; nós sabemos que este homem é um pecador. – Ele lhes respondeu: Se é um pecador, de nada sei; mas tudo o que sei é que eu era cego e que eu vejo atualmente. – Eles lhe disseram ainda: Que a ti ele fez, e como abriu teus olhos? – Respondeu ele: Eu já vos disse e vós entendeis; por que quereis ouvir ainda uma vez? É que quereis tornar-se seus discípulos? – Sobre quem eles o carregaram de injúrias e lhe disseram: Sê tu mesmo seu discípulo; para nós, nós somos os discípulos de Moisés. – Sabemos que Deus falou a Moisés, mas, para este, não sabemos de onde saiu.

Este homem respondeu-lhes: Eis o que é espantoso, que vós não sabeis de onde ele é, e quem tenha aberto os olhos. – Ora, sabemos que Deus nunca exalta os pecadores; mas se alguém honre e faça sua vontade, é este aí que Ele exalta. – Depois que o mundo existe, não se tem mais entendido dizer que ninguém tenha aberto os olhos de um cego de nascença. – Se este homem não fosse um enviado de Deus, ele não poderia fazer nada do que fez.

Eles lhes responderam: és apenas um pecado desde o ventre de tua mãe, e queres nos ensinar? E o excluíram. (São João, cap. IX, v.1 a 34)

25. – Este relato tão simples e tão natural traz em si um caráter evidente de verdade. Nada de fantástico nem de maravilhoso; é uma cena da vida real tomada sobre o fato. A linguagem deste cego é bem a destes homens simples entre os quais o saber é substituído pelo bom senso e que retorquem os argumentos de seus adversários com bonomia por razões que não faltam nem justeza nem propósito. O tom dos fariseus não é o destes orgulhosos que não admitem nada acima de sua inteligência e se indignam ao simples pensamento de que um homem do povo possa lhe corrigir? Salvo a cor local dos nomes, crer-se-ia nosso tempo.

Ser enxotado da sinagoga equivale a ser posto fora da Igreja; era uma forma de excomunicação. Os espíritas cuja doutrina é a do Cristo interpretada conforme o progresso das luzes atuais, são tratados como judeus que reconheciam Jesus como Messias; em os excomungando, coloca-os fora da Igreja como fizeram os escribas e os fariseus à atenção dos partidários de Jesus. Assim eis um homem que é excluído porque não pôde crer que aquele que o havia curado fosse um possuído do demônio, e porque ele glorificava Deus de sua cura! Não é o que se faz com os espíritas? O que obtém: sábios conselhos dos Espíritos, volta a Deus e ao bem, curas, tudo é obra do diabo e lança-lhes o anátema. Não viste padres dizerem, do alto do púlpito, que *se torna melhor ficar incrédulo do que retornar à fé pelo Espiritismo?* Não se tem visto dizer a doentes que não deviam se fazer curar pelos espíritas que possuíssem tal dom, porque é um dom satânico? Que diziam e que faziam de mais, sacerdotes judeus e os fariseus? Do resto, é dito que tudo deva passar atualmente como ao tempo do Cristo.

Esta pergunta dos discípulos: *“É o pecado deste homem a causa de nascer cego”* indica a intuição de uma existência anterior, caso contrário não teria sentido: porque o pecado que seria a causa de uma enfermidade de nascença deveria ter sido cometido antes do nascimento e por consequência, em uma existência anterior. Se Jesus tivesse visto aí uma ideia falsa ele teria dito: *“Como este homem teria podido pecar antes de estar entre nós?”* Em lugar disso ele lhes disse que, se este homem é cego, não significa que tenha pecado, mas, a fim de que o poder de Deus brilhe nele; é como dizer que ele devia ser o instrumento de uma manifestação do poder de Deus. Se isto não era uma expiação do passado é uma aprova de que devia servir a seu progresso, porque Deus, que é justo, não poderia lhe impor um sofrimento sem compensação.

Quanto ao meio empregado para lhe curar é evidente que espécie de lama feita com a saliva e terra não podia ter virtude senão pela ação do fluido curador do qual estava impregnada; é assim que as substâncias as mais insignificantes, a água por exemplo, podem adquirir qualidades poderosas e efetivas sob ação do fluido espiritual ou magnético ao qual servem de veículo ou, se o quiserem, de *reservatório*.

Numerosas curas de Jesus

26. – *Jesus ia por toda a Galileia ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino e curando todas as apatias e todas as doenças entre o povo. – E sua reputação se estendeu por*

toda a Síria, apresentavam-se-lhe todos aqueles que estavam doentes, e diversificadamente afligidos de males e de dores, os possessos, os lunáticos, os paralíticos e ele os curava; – e uma grande multidão de pessoas seguia-o da Galileia, da Decápolis, de Jerusalém, da Judéia e do outro lado do Jordão. (São Mateus, cap. IV, v.23 a 25)

27. – De todos os fatos que testemunham o poder de Jesus, os mais numerosos são, sem contradição, as curas; ele queria provar por aí que o verdadeiro poder é aquele que faz o bem, que sua finalidade era de se tornar útil e não de satisfazer a curiosidade dos indiferentes para coisas extraordinárias.

Em aliviando o sofrimento, ele se afeiçoava às pessoas pelo coração e os fazia prosélitos mais numerosos e mais sinceros do que se tivesse atingido apenas pelo espetáculo dos olhos. Por este meio, ele se fazia amar, ao passo que se ele se deixasse envolver em produzir efeitos materiais surpreendentes, como demandavam os fariseus, a maior parte só teria visto nele um feiticeiro ou um hábil jogral que *os desocupados iriam ver para se distrair*.

Assim, quando João Batista lhe envia seus discípulos para lhe indagar se ele era o Cristo, ele não disse: *“Eu o sou”*, porque todo impostor tê-lo-ia podido dizer igualmente; ele não falava nem de prodígios nem de coisas maravilhosas, mas ele lhes responde simplesmente: *“Ide dizer a João: Os cegos veem, os doentes são curados, os surdos escutam, o evangelho é anunciado aos pobres”*. Era dizer-lhe: *“reconhecei-me por minhas obras, julgueis a árvore por seu fruto”*, porque aí é o verdadeiro caráter da sua missão divina.

28. – É também pelo bem que faz que o Espiritismo prova sua missão providencial. Ele cura os males físicos, mas cura principalmente as moléstias morais e estão aí os maiores prodígios pelos quais se afirma. Seus mais sinceros adeptos não são os que não tenham sido atingidos senão pela visão de fenômenos extraordinários, mas os que foram tocados no coração pelo consolo; os que ficaram livres das torturas da dúvida; os que cuja coragem foi revelada nas aflições, que hauriram a força na certeza do porvir que lhe é vindo trazer, no conhecimento do seu ser espiritual e no seu destino. Eis aquele cuja fé é inabalável porque a sentem e a compreendem.

Os que só veem no Espiritismo efeitos materiais não podem compreender seu poder moral; também os incrédulos que apenas o conhecem pelos fenômenos dos quais não admitem a causa primária, veem apenas jograis e charlatães. Não é, pois, pelos prodígios que o Espiritismo triunfará. Sobre a incredulidade, é em multiplicando seus benefícios morais, já que os incrédulos não admitem os prodígios, conhecem, como todo mundo, o sofrimento e as aflições e ninguém recusa os alívios e as consolações. (Cap. XIV, nº 30)

POSSESSOS

29. – *Vieram, em seguida, a Cafarnaum; Jesus entrando a princípio, no dia de sábado, na sinagoga, instruiu-os; e eles se espantaram com sua doutrina, porque ele os intuía como tendo autoridade, e não como os escribas.*

Ora, encontrava-se na sinagoga um homem possuído de um Espírito impuro que bradava, – em dizendo: Que há entre vós e nós, Jesus de Nazaré? Sois vós vindos para nos perder? Eu sei o que vós sois: sois o Santo Deus. – Mas Jesus falando-lhe com ameaça, disse-lhe: cala-te e saia deste homem. – então, o Espírito impuro, agitando-se com violentas convulsões, e lançando um grande grito, saiu dele.

Todos o ficaram surpresos, que se indagavam uns dos outros: O que é isto? E qual é esta nova doutrina? Ele comanda com império, mesmo os Espíritos impuros e eles lhe obedecem. (São Marcos, cap. I, v. de 21 a 27)

30. – Após eles terem saído, apresentaram-lhe um homem mudo possuído do demônio. – O demônio tendo sido enxotado, o mudo falou e o povo em fuste na admiração, diziam eles: Nunca, jamais, vi semelhante coisa em Israel.

Mas os fariseus diziam ao contrário: É pelo príncipe dos demônios que ele enxota os demônios. (São Mateus, cap. IX, v.32 a 34)

31. – Quando ele veio ao lugar onde estavam os outros discípulos, viu uma grande multidão de pessoas em volta deles e escribas que disputavam com eles. – Logo, todo povo, tendo percebido Jesus, foi tomado de assombro e de pavor; acorrendo, eles o saudaram.

Então ele lhes indagou: Do que disputai em conjunto? – E um homem dentre o povo, tomando a palavra, disse-lhe: Mestre, eu vos trouxe meu filho que está possuído de um Espírito mudo; – e em qualquer lugar que ele se apodere de meu filho, ele o lança contra o chão e o menino espuma, trinca os dentes e fica todo seco. Pedi a vossos discípulos que o curassem, mas eles não o puderam.

Jesus lhe respondeu: Ó gente incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos acudirei? Conduzi-o a mim? – Eles levaram-no; e ele ainda não tinha visto Jesus quando o Espírito começou a se agitar com violência, e caiu por terra, onde ele rolava espumando.

Jesus indagou ao pai da criança: Quanto tempo há que isto aconteceu? Desde sua infância, disse o pai. – E o Espírito o tem frequentemente lançado, várias vezes no fogo e outras tantas na água para fazê-lo perecer; mas se podeis alguma coisa, tendes compaixão de nós e nos socorreis.

Jesus respondeu-lhe: Se vós puderdes crer, tudo é possível àquele que acredita. – Logo, o pai do menino, gritando, disse-lhe com lágrimas: Senhor, eu creio, ajudai-me em minha incredulidade.

E Jesus vendo que o povo acorria em massa, falou com ameaças ao Espírito impuro e lhe disse: Espírito surdo e mudo, saia da criança, eu te ordeno e não retorne mais aí. – Então, este Espírito, tendo soltado um grande grito e tendo se agitado em violentas convulsões, saiu e o menino permaneceu como morto, de sorte que vários disseram que ele estava morto. – Mas Jesus tendo-o tomado pela mão e o erguendo, ele se levantou.

Logo que Jesus entrou na casa, seus discípulos lhe disseram em particular: De onde provém não termos podido expulsar este demônio? – Ele respondeu-lhes: Esta sorte de demônio não pode ser caçada por nenhum outro meio senão pela prece e pela abstinência. (São Marcos, cap. IX, v.13 a 28)

32. – Então, foi-lhe apresentado um possesso cego e mudo, e ele o curou, de sorte que ele começou a falar e a ver. – Todo o povo ficou cheio de admiração e lhe disseram: Não é este exatamente o filho de David?

Mas os fariseus ouvindo isto, disseram: Este homem só expulsa o demônio pela virtude de Belzebu, príncipe dos demônios.

Ora, Jesus conhecendo seus pensamentos, lhes disse: Todo reino dividido contra ele próprio será arruinado e toda cidade ou casa que esteja dividida contra ela própria, não poderá subsistir. Se Satã dá caça a Satã, ele está dividido contra ele próprio, como, pois, sue reino subsistirá? E se é por Belzebu que expulso os demônios, por quem vossos filhos lhe dão caça? É por isso que eles serão os próprios vossos julgadores. – Se eu dou caça aos demônios pelo Espírito de Deus, o reino de Deus está, pois, vindo até vós. (São Mateus, cap. XII, v.22 a 28)

33. – As libertações de possessos figuram, com as curas, entre os atos os mais numerosos de Jesus. Entre os fatos desta natureza existe aquele como aquele que foi reportado acima no n°. 30 onde a possessão não é evidente. É provável que àquela época, como acontece ainda em nossos dias, atribuía-se à influência dos demônios todas as doenças cuja causa fosse desconhecida, principalmente o mutismo, a epilepsia e a catalepsia. Mas acontece onde a ação dos maus Espíritos não é duvidosa; tem aqueles dos quais somos testemunhas, uma analogia tão tocante que neles se reconhecem todos os sintomas deste gênero de afecção. A prova da participação de uma inteligência oculta, em casos semelhantes, resulta de um fato material; são as numerosas curas radicais obtidas em alguns Centros espíritas pela simples evocação e a moralização dos Espíritos obsessores sem magnetização nem medicamentos e frequentemente na ausência à distância do paciente. A imensa superioridade do Cristo dava-lhe uma tal autoridade sobre os Espíritos imperfeitos, então chamados de demônios, que lhe era suficiente comanda-los a se retirar para que eles não pudessem resistir a esta injunção. (Cap. XIV, n° 46)

34. – O fato de maus Espíritos enviados aos corpos de porcos é contrário a todas as probabilidades. Um Espírito mau não é menos do que um Espírito humano ainda assaz imperfeito para fazer o mal depois da morte como o fizesse antes e é contra as leis da natureza que possa animar corpos de um animal; é preciso, pois, ver nisso uma de suas ampliações comuns de um fato real na época de ignorância e de superstição, ou talvez uma alegoria para caracterizar as tendências imundas de certos Espíritos.

35. – Os obsedados e os possessos parece terem sido muito numerosos na Judéia, ao tempo de Jesus, o que lhe dava ocasião de curá-los bastante. Os maus Espíritos tinham, sem dúvida, feito invasão neste país e causado uma epidemia de possessões. (Cap. XIV, n° 49)

Sem estar num estado epidêmico, as obsessões individuais são extremamente frequentes e se apresentam sob aspectos muito variados que um conhecimento aprofundado do Espiritismo faz facilmente reconhecer; podem frequentemente ter consequências importunas para a saúde, quer em agravando as afecções orgânicas, quer em as determinando. Elas serão incontestavelmente colocadas um dia entre as causas patológicas requerentes, por sua natureza especial, meios de tratamento especiais. O Espiritismo em fazendo conhecer a causa do mal, abre uma nova via à arte de curar e fornece a ciência o meio de conseguir aí onde ela só encalha frequentemente pela falta de atacar a causa primeira do mal. (Livro dos Médiuns, cap. XXIII)

36. – Jesus era acusado pelos fariseus de expulsar os demônios pelo demônio; o bem propriamente dito que ele fazia era, segundo os mesmos, a obra de Satã sem refletir que Satã se caçando a si mesmo fazia um ato de insensatez. Esta doutrina é ainda a que a Igreja procura fazer prevalecer atualmente contra as manifestações espíritas. (1)

RESSURREIÇÃO

Filha de Jairo

37. – *Jesus, estando ainda a passar no barco para a outra borda, tão logo ficou próximo do mar, uma grande multidão de pessoas se reuniu em volta dele. E um dirigente da sinagoga, chamado Jairo, veio encontrá-lo; e o encontrando, lançou-se a seus pés, – e suplicava-lhe com grande instância, dizendo-lhe: Tenho uma filha que está terminal; vinde lhe impor as mãos para curá-la e salvar-lhe a vida.*

Jesus se foi com ele e era seguido de uma grande massa de pessoas que o comprimia

Enquanto ele, Jairo, falava ainda, veio gente do chefe da sinagoga que lhe disse: vossa filha está morta; por que quereis dar ao Mestre a pena de ir mais longe? – Mas Jesus tendo percebido estas palavras, disse ao dirigente da sinagoga: Não temeis jamais, crede somente. – E não permitiu que ninguém o seguisse, apenas Pedro, Jacó e João, irmão de Jacó.

Estando chegado à casa do dirigente da Sinagoga, ele aí viu um grupo confuso de pessoas que choravam e que lançaram grandes gritos; – e, entrando-lhe, disse-lhes: por que fazeis tanto barulho e por que chorais? Esta filha não está morta, ela apenas está adormecida. – E eles zombaram dele. Tendo feito sair todo mundo, ele tomou o pai e a mãe da criança e os que tinham vindo com ele, e entrou no lugar onde a filha estava deitada. – Tomou-a pela mão e lhe disse Talitha cumi, ou seja: Minha filha, levantai-vos, eu comando. – No mesmo instante, a filha se levantou e se pôs a caminhar; porque tinha doze anos, ficaram maravilhosamente pasmos. (São Marcos, cap. V, v.21 a 43)

Filho da viúva de Naim

38. *O dia seguinte Jesus ia a uma cidade chamada Naim, e seus discípulos o acompanhariam com uma grande multidão de povo. – Quando estava perto da entrada da cidade, encontrou-se com um préstito que trazia um morto para enterro, que era filho único de sua mãe e esta mulher era viúva e havia uma grande quantidade de pessoas da cidade com ela. – O Senhor, tendo-a visto, foi tocado de compaixão por ela, e lhe disse: Não chore mais. – Depois, aproximando-se, tocou o caixão e os que o conduziam retiveram-se. Então, ele disse: Jovem homem, levantai-vos, eu vos comando. – Ao mesmo tempo, o morto se elevou sobre seu assento e começou a falar; e Jesus rendeu-o à sua mãe.*

Todos os que estavam presentes foram tomados de medo e glorificaram Deus dizendo: Um grande profeta apareceu no meio de nós e Deus visitou seu povo. – O rumor deste milagre que ele havia feito se espalhou por toda a Judéia e em todos os países em volta. (São Lucas, cap. VII, v.11 a 17)

39. – O fato do retorno à vida corpórea de um indivíduo realmente morto, seria contrário às leis da natureza, e por consequência, miraculoso. Ora, não é necessário recorrer a esta ordem de fatos para explicar as ressurreições operadas pelo Cristo.

Se, entre nós, as aparências enganam, por vezes os gênios da arte, os acidentes desta natureza deviam ser, senão frequentes num país onde não se tomasse nenhuma precaução e onde o sepultamento fosse inédito. (2) Há, pois, toda a probabilidade que nos dois exemplos anteriores só devesse haver síncope ou letargia. Jesus, ele mesmo o disse positivamente, da filha de Jairo: *Esta filha, diz ele, não está morta; ela apenas dorme.* A partir do poder fluídico que possuía Jesus, nada há de extraordinário ao que o fluido vital dirigido por uma forte vontade, tenha reanimado os sentidos entorpecidos; que tenha, mesmo, podido voltar ao corpo o Espírito prestes a deixá-lo, tanto que o laço perispiritual não estava definitivamente rompido. Para os homens desse tempo que acreditavam que o indivíduo estivesse morto desde que ele

não respirasse mais, haveria ressurreição, e eles puderam afirmar de muito boa fé: mas havia, em realidade, cura e não ressurreição na acepção do termo.

40. – A ressurreição de Lázaro, o que quer que se diga, não anula de modo nenhum, este princípio. Ele estava, dizia-se após quatro dias, no sepulcro, mas sabe-se que há letargias que duram oito dias ou mais. Junte-se que ele recendia mal, que é um sinal de decomposição. Esta alegação não prova nada, não mais, atentando que, entre certos indivíduos existe decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte e que exalam um odor de putrefação. A morte não chega senão quando os órgãos essenciais à vida são atacados.

E quem poderia saber se ele se sentia mal? É sua irmã Marta que o diz, mas como o sabia ela? Lázaro estando enterrado após quatro dias, ela poderia supô-lo, mas não em ter certeza. (Cap. XIV, n.º 29) (3)

JESUS CAMINHA SOBRE AS ÁGUAS

41. – *Logo, Jesus obrigou seus discípulos de entrar no barco, e de passar ao outro bordo antes dele, enquanto que ele reverenciava o povo. – Após tê-lo despedido, ele subiu sozinho sobre uma montanha para rezar: E tendo vindo a tarde, ele se encontrou sozinho naquele lugar.*

Entretanto, o barco era fortemente batido por ondas no meio do mar, porque o vento estava contra. – Mas à quarta vigília da noite, Jesus veio a eles caminhando sobre o mar (o lago de Genezaré ou de Tiberíades). – Quando eles o viram caminhar assim sobre o mar, eles se turbaram e diziam: É um fantasma, e bradaram de pavor. – Logo, Jesus lhes falou e lhes disse: Acalmai-vos, sou eu, nada que temer.

Pedro lhe respondeu: Senhor, se sois vós, ordenai que eu vá até vós caminhando sobre as águas. – Jesus disse-lhe: Vinde. E Pedro, descendo do barco, caminhou sobre a água para ir a Jesus. Mas vindo um grande vento, ele teve medo; e, começando a afundar, gritou: Senhor, salvai-me! – Logo, Jesus, estendendo-lhe a mão, tomou-a e lhe disse: Homem de pouca fé, por que duvidastes? – E subindo no barco, o vento cessou. Então, os que estavam neste barco, aproximando-se dele, adoraram-no e disseram-lhe: Vós sois, realmente, filho de Deus. (São Mateus, cap. XIV, v.22 a 33)

42. – Este fenômeno encontra sua explicação natural nos princípios expostos anteriormente no cap. XIV, n.º 43.

Jesus, embora vivo, pôde aparecer sobre as águas sob uma forma tangível, enquanto que seu corpo carnal estava alhures; é a hipótese a mais provável. Pode-se reconhecer, até, nesse relato, certos sinais característicos das aparições tangíveis. (Cap. XIV, n.º. 35 a 37)

Por outro lado, seu corpo poderia ser sustentado e seu peso ser neutralizado pela mesma força fluidica que mantém uma mesa no espaço sem ponto de apoio. O mesmo efeito é por várias vezes produzido sobre corpos humanos.

TRANSFIGURAÇÃO

43. – *Seis dias após, Jesus tendo tomado Pedro, Jacó e João, conduziu-os sós, com ele sobre uma alta montanha num retiro (4) e se transfigurou ante eles. E enquanto ele fazia suas preces, sua fisionomia parecia completamente outra; suas vestes tornaram-se todas brilhantes de luz, e brancas como a neve, de modo que não há nada de pisoeiro sobre a Terra que possa*

fazer algo assim tão branco. – E eles viram aparecer Elias e Moisés que se entretiveram com Jesus.

Então, Pedro disse a Jesus: Mestre, nós estamos bem aqui; façamos aqui três tendas: uma para vós, uma para Moisés e uma para Elias; – porque ele não sabia o que dizer, de tanto que estava assustado.

Ao mesmo tempo, apareceu uma nuvem que os cobriu; e saiu desta nuvem uma voz que fez entender estas palavras: Este aí é meu filho bem-amado, escutai-o.

Logo, olhando de todos os lados, não viram mais ninguém senão Jesus que permanecia só com eles.

Quando desceram da montanha, ele os recomendou para não falar a ninguém do que tinham visto até que o que o filho do homem fosse ressuscitado dentre os mortos. E eles tornaram a coisa secreta, comentando entre eles o que queria dizer com estas palavras: Até que o filho do homem fosse ressuscitado dentre os mortos. (São Marcos, cap. IX v.1 a 9)

44. – É ainda nas propriedades do fluido perispiritual que se pode encontrar a razão deste fenômeno. A transfiguração explicada ao cap. XIV, nº 39, é um fato assaz ordinário quem por consequência da radiação fluídica, pode modificar a aparência de um indivíduo; mas a pureza do perispírito de Jesus pôde permitir a seu Espírito de lhe dar uma claridade excepcional. Quanto à aparição de Moisés e Elias, ela se inclui inteiramente no caso da todos os fenômenos do mesmo gênero. (Cap. XIV, nº. 35 e seguintes)

De todas as faculdades que se revelaram em Jesus, não existe nenhuma que esteja em desacordo com as condições da humanidade e que não se encontre entre o comum dos homens, porque elas são da natureza; mas, pela superioridade de sua essência moral e de suas qualidades fluídicas, elas atingiram entre ele proporções acima dessas do vulgar. Ele nos representava, a par do seu envoltório carnal, o estado dos Espíritos puros.

TEMPESTADE AMAINADA

45. – *Um dia, estando provido em um barco com seus discípulos, disse-lhes: Passemos ao outro bordo do lago. Partiram, pois. – E como passavam, ele adormeceu. – Entre um grande turbilhão de vento vindo de repente prorromper sobre o lago, de sorte que, enchendo-se d'água, eles ficaram em perigo. – Aproximaram-se, pois, dele e despertaram-no, em lhe dizendo: Mestre, perigamos. Jesus, levantando-se, falou com ameaça aos ventos e às ondas agitadas, e eles se amainaram e se fez uma grande calma. Então, ele lhes disse: Onde, pois, está a vossa fé? Mas eles, cheios de medo e de admiração disseram uns aos outros: Qual é, pois, este que comanda a sorte dos ventos e das ondas e a quem obedecem? (São Lucas, cap. VIII, v.22 a 25)*

46. – Não conhecemos ainda o bastante os segredos da natureza para afirmar se há sim ou não inteligências ocultas que presidem a ação dos elementos. Nesta hipótese, o fenômeno em questão poderia ser o resultado de um ato de autoridade sobre estas mesmas inteligências, e provaria um poder que não é dado a nenhum homem exercer.

Em todo casos, Jesus dormindo tranquilamente durante a tempestade, atesta uma seguridade que pode se explicar por este fato de que seu Espírito via que não tinha nenhum perigo e que a borrasca iria apaziguar-se.

BODAS DE CANÁ

47. – Este milagre, mencionado em um só evangelho de S. João é indicado como sendo o primeiro que Jesus fez, e, por este motivo diria que era igualmente mais marcado; é preciso que tenha produzido bem pouca sensação para que nenhum outro evangelista fale dele. Um fato também extraordinário diria abalar ao mais alto ponto os convivas e principalmente ao chefe da casa que não parecia mesmo ter-se apercebido.

Considerado em si mesmo, este fato tem pouca importância comparativamente a aquele que testemunham verdadeiramente qualidades espirituais de Jesus. Admitindo-se que as coisas se passam como são reportadas, é notável que seja o único fenômeno deste gênero que tenha produzido; era de uma natureza bastante elevada para se ligar a efeitos puramente materiais próprios somente a espicaçar a curiosidade da multidão que o assimilava a um mágico; ele sabia que as coisas úteis lhe conquistaria mais simpatia e lhe traria mais adeptos do que os que pudessem passar por desvios de destreza e nunca tocariam o coração.

Bem que ao rigor, faz-se poder explicar até um certo ponto, por uma ação fluídica que assim que o magnetismo em oferta dos exemplos teriam trocado as propriedades da água, dando-lhe o gosto do vinho, esta hipótese é pouco provável atentando para os casos semelhantes, a água tendo apenas o gosto do vinho, teria conservado sua cor, o que não teria escapado de ser remarcado. É mais racional de ver aí uma de suas parábolas tão frequentes nos ensinamentos de Jesus, como a do jovem pródigo, do festim das bodas e tantos outros. Ele teria feito durante o repasto, uma alusão ao vinho e à água de onde tirou uma instrução. O que justifica esta opinião são as palavras que lhe endereçou a este assunto o mestre de hotel; *“Todo homem serve a princípio o bom vinho e depois que tenham bebido o bastante, serve-se então um inferior; mas, para vós, tendes reservado o bom vinho até esta hora”*.

A MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

48. – A multiplicação dos pães é um dos milagres que mais tem intrigado os comentaristas, ao mesmo tempo em que tem divertido a verve dos incrédulos. Sem se dar ao trabalho de lhe sondar o sentido alegórico, estes últimos viram apenas um conto pueril; mas, a maior parte das pessoas sérias viu neste relato algo sob uma forma diferente da forma ordinária, uma parábola comparando a nutrição espiritual da alma com a nutrição do corpo.

Pode-se aí ver, entretanto mais do que uma figura e admitir, sob um certo ponto de vista, a realidade de um efeito material, sem para isso recorrer ao prodígio. Sabe-se que uma grande preocupação de espírito, a atenção sustentada, dada a uma coisa, fazem esquecer a fome. Ora, os que seguiam Jesus, eram pessoas ávidas de o entender: não há, pois, nada de espantoso ao que, fascinados por sua fala e talvez também pela poderosa ação magnética que exercia sobre eles, eles não tinham provado a necessidade material de comer.

Jesus, que previa este resultado, pôde, pois, tranquilizar seus discípulos dizendo em linguagem figurada que lhe era habitual, admitindo que levassem alguns pães, que estes pães bastariam para satisfazer a multidão. Ao mesmo tempo deu a eles uma lição: *“Dai-lhe vós mesmos de comer”*, disse; ele os ensinava por isto que também podiam nutrir-se pelas palavras.

Assim, ao lado do senso alegórico moral ele pôde produzir um efeito fisiológico natural muito conhecido. O prodígio, neste caso, está na ascendência da palavra de Jesus assaz poderosa para cativar a atenção de uma multidão imensa ao ponto de lhe fazer esquecer de comer. Este

poder moral testemunho da superioridade de Jesus bem mais do que o fato puramente material da multiplicação dos pães que deve ser considerado como uma alegoria.

Esta explicação se encontra, aliás, confirmada pelo próprio Jesus, nas duas passagens seguintes:

O levedo dos fariseus

49. – Ora, seus discípulos, estando passado para o lado de lá da água, tinham se esquecido de pegar os pães. – Jesus lhes disse: Tendes atenção de vos guardar do levedo dos fariseus e dos saduceus. – Mas eles pensavam e diziam entre si: É porque nós não trouxemos nenhum pão.

O que Jesus, sabendo, disse-lhes: Homens de pouca fé, por que vos entretendes concordes do que não trouxe nenhum pão? Não compreendeis nunca ainda e não vos lembrais nunca que cinco pães foram suficientes para cinco mil homens, e quanto vos sobrou na cesta? E que sete pães foram suficientes para quatro mil homens, e quanto tereis levado no cesto? – Como não compreendeis que este não é o pão de que vos falei, quando vos disse para guardar o levedo dos fariseus e dos saduceus?

Então, compreenderam que ele não os tinha dito para se guardar do levedo que se coloca no pão, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus. (São Mateus, cap. XVI, v.5 a 12)

O PÃO DO CÉU

50. – No dia seguinte, o povo que permanecia do outro lado do mar, notou que não havia existido nenhum outro barco e que Jesus sequer entrara com seus discípulos, mas que os discípulos sozinhos se foram; – e como depois chegaram outros barcos de Tiberíades, próximo do lugar onde o Senhor, após ter rendido graças, os havia alimentado com cinco pães; – e que reconheceram enfim que Jesus jamais estivera lá não mais que seus discípulos, entraram nestes barcos e vieram a Cafarnaum procurar Jesus. – E tendo encontrado do lado de lá do mar, disseram-lhe: Mestre, quando sois vindo aqui?

Jesus lhes respondeu: em verdade em verdade eu vos digo, vós me procurais não à cata dos milagres que tivestes visto, mas porque vos dei pão a comer e ficastes fartos. – Trabalhai não para ter a nutrição que perece mas aquela que permanece pela vida eterna e que o filho do homem vos dará porque é nele que Deus o Pai imprimiu sua chancela e seu caráter.

Eles lhe disseram: Que faremos nós para fazer obras de Deus? – Jesus lhes respondeu: A obra de Deus é a que é que credes em quem Ele enviou.

Eles lhe disseram: Qual milagre, pois, fareis a fim de que em o vendo, nós acreditemos em vós? Que fizestes de extraordinário? – Nossos pais comeram o maná no deserto; conforme o que está escrito. Ele lhes deu a comer o pão do céu.

Jesus respondeu-lhes: Em verdade, em verdade eu vos digo, Moisés nunca vos deu o pão do céu; mas é meu pai que vos dá o verdadeiro pão do céu. – Porque o pão de Deus é aquele que desceu do céu e dá a vida ao mundo.

Eles lhe disseram, então: Senhor, dai-nos sempre deste pão.

Jesus lhe respondeu: Eu sou o pão vida; aquele que vier a mim nunca terá fome e o que acreditar em mim jamais terá sede. – Mas eu já vos tenho dito, vós me tendes visto e nunca acreditais.

Em verdade, em verdade, eu vos digo, aquele que acreditar em mim tem a vida eterna. – Eu sou o pão vida. – Vossos pais comeram o maná no deserto e estão mortos. – Mas eis aqui o pão que desceu do céu, a fim de que aquele que o coma não morra nunca. (São João, cap. VI, v.2 a 36 e 47 a 50)

51. – Na primeira passagem, Jesus, lembrando o efeito produzido anteriormente dá claramente a entender que nunca tratou de pão material; senão, a comparação que ele estabeleceu com o levedo estaria sem objetivo. **“Nunca compreendeis ainda, diz ele e não lembrais nunca que cinco pães foram suficientes para cinco mil homens e eu sete pães foram suficientes para quatro mil homens? Como não compreendeis nunca que não é do pão que vos falava, quando vos disse para vos preservardes do levedo dos fariseus?”** Esta comparação não teria nenhuma razão de ser na hipótese de uma multiplicação material. O fato fora assaz extraordinário em si próprio para ter atingido a imaginação de seus discípulos que, entretanto, não pareciam lembrar-se disso.

É o que resulta não menos claramente do discurso de Jesus sobre o pão do céu no qual ele se vincula em fazer compreender o sentido verdadeiro do alimento espiritual. *“Trabalhai, diz ele, não para ter o alimento que fenece, mas aquele que permanece para a vida eterna e que o Filho do homem vos dará.”* Este alimento é sua palavra que é o pão descido do céu e que dá a vida ao mundo. *“Eu sou, diz ele, o pão da vida; aquele que vier a mim nunca terá fome, e o que crê em mim não terá jamais sede”.*

Mas estas distinções eram bastante sutis para estas naturezas brutas que só compreendiam coisas tangíveis. O maná (d) que havia nutrido o corpo de seus ancestrais era para eles o verdadeiro pão do céu; aia estava o milagre. Se pois o fato da multiplicação dos pães tivesse tido lugar materialmente, como estes mesmos homens, ao proveito daqueles para os quais fora produzido poucos dias antes, teriam sido assaz pouco tocado para dizer a Jesus: *“Que milagre pois fizestes, a fim de que em vendo-o nós vos acreditemos? Que fizestes de extraordinário?”* É que entendiam por milagre os prodígios que demandavam dos fariseus, ou seja, os sinais no céu, operados ao comando, como por uma varinha de um encantador. O que fazia Jesus era bastante simples e não se afastava o suficiente das leis da natureza; as curas, mesmo, não tinham um caráter assaz estranho; assaz extraordinário; os milagres espirituais não tinham bastante corpo para eles.

TENTAÇÃO DE JESUS

52. – Jesus transportado pelo diabo ao alto do templo, depois sobre uma montanha e tentado por ele é uma destas parábolas que lhe eram tão familiares e que a credulidade pública transformou em fatos materiais (5).

53. – *“Jesus não foi arrebatado, mas queria fazer compreender aos homens que a humanidade está sujeita a falir e que deva estar sempre em guarda contra as más inspirações àquelas que sua natureza fraca leva a ceder. A tentação de Jesus é, pois, uma figura e é preciso ser cego para tomá-la ao pé da letra. Como quereis que o Messias, o verbo de Deus encarnado se submetesse por uns tempos, por mais curto que fosse, às sugestões do demônio e que, como diz o Evangelho de Lucas, o demônio o tenha detido por um tempo, o que daria que pensar que ele fosse ainda submisso a seu poder. Não; compreendais melhor os ensinamentos que vos tenham sido dados. O Espírito do mal não podia nada sobre a essência do bem. Ninguém*

diz que viu Jesus sobre a montanha nem sobre a cúpula do templo; certamente, este teria sido um fato de natureza tal que se espalharia entre todas as pessoas. A tentação não foi, pois, um ato material e físico. Quanto ao ato moral, podeis admitir que o Espírito das trevas pudesse dizer a quem conheça sua origem e seu poder: ‘Adora-me e eu te darei todos os reinos da Terra?’ O demônio teria, pois, ignorado quem era aquele a quem fazia tais ofertas, o que não é provável; se ele o conhecia, sua proposição era uma falta de senso, porque ele sabia bem que seria repellido por aquele que vinha arruinar seu império sobre os homens.”

“Compreendeis, pois o sentido desta parábola, porque o é uma, tal e qual a do Filho pródigo e do Bom Samaritano. Uma nos mostra os perigos que correm os homens, se não resistirem a esta voz íntima que a ele grita sem cessar: ‘Tu podes ser mais do que és; tu podes possuir mais do que o possuis, tu podes crescer, alcançar; cede à voz da ambição e todos os teus votos estarão satisfeitos.’ Ela vos mostra o perigo e o meio de evita-lo, em dizendo às más inspirações: **Retira-te, Satã! Senão, dize: Para trás, tentação!**”

“As duas outras parábolas que lembrei vos mostram o que pode ainda esperar aquele que, muito fraco para repelir o demônio, sucumbiu a suas tentações. Elas vos mostram a misericórdia do pai de família entendendo sua mão sobre a fronte do filho arrependido e lhe concedendo com amor o perdão esperado. Elas vos mostram o culpado, o cismático, o homem rejeitado pelos seus irmãos, valendo melhor aos olhos do Juiz supremo, do que aqueles que o desprezaram, porque pratica as virtudes ensinadas pela lei do amor.”

“Pesai bem os ensinamentos dados nos Evangelhos; saber distinguir o que está no sentido próprio ou no sentido figurado, e seus erros que vos tendes cegado durante tantos séculos, esfacular-se-ão pouco a pouco, para fazer lugar à resplandecente luz da verdade.” (Bordéus, 1862. João Evangelista).

Prodígios à morte de Jesus

54. – Ora, depois da sexta hora do dia até a nona, toda a Terra tornou-se coberta de trevas.

Ao mesmo tempo, o véu do Templo se dilacerara em dois desde em cima até em baixo; a Terra tremera, as pedras fenderam-se; – os sepulcros se abriram e vários corpos dos santos, que estavam no sono da morte, ressuscitaram; – e saindo de suas tumbas após sua ressurreição, vieram para a cidade santa, e foram vistos por várias pessoas. (São Mateus, cap. XXVII, v.45, 51 a 53)

55. – É estranho que tais prodígios, acontecendo no mesmo momento em que a atenção da cidade estava fixa no sepulcro de Jesus, que era o acontecimento do dia, não tenha sido notado já que nenhum historiador faça menção dele. Parece impossível que um tremor de terra e toda a Terra coberta pelas trevas durante três horas, em um país onde o céu está sempre de uma perfeita limpidez, tenha podido passar a despercebido.

A duração desta obscuridade está bem próxima da de um eclipse do Sol, mas estas sortes de eclipse só se reproduzem na lua nova e a morte de Jesus ocorreu durante o plenilúnio, dia 14 do mês de nissan, dia da páscoa dos judeus.

O obscurecimento do Sol pode também ser produzido pelas nódoas que se nota em sua superfície. Em caso semelhante, a claridade da luz fica sensivelmente debilitada, mas jamais ao ponto de produzir a escuridão e as trevas. Supondo-se que um fenômeno deste gênero tenha tido lugar nesta época teria sido uma causa perfeitamente natural. (6)

Quanto aos mortos ressuscitados, é possível que algumas pessoas tenham tido visões ou aparições o que não é nada excepcional; mas como então não se conhecia a causa deste fenômeno, afigurava-se que as aparições de indivíduos saíram do sepulcro.

Os discípulos de Jesus, emocionados com a morte de seu mestre, sem dúvida, ligariam quaisquer fatos particulares aqueles que não tivessem prestado nenhuma atenção em outros tempos. Seria suficiente que um fragmento de rocha se solte neste momento para que gentes predispostas às maravilhas aí vejam um prodígio e que, em amplificando o fato, tenham dito que as pedras se fenderam.

Jesus é grande por suas obras e não pelos quadros fantásticos do qual um entusiasmo pouco claro acreditou-se dever envolvê-lo.

APARIÇÕES DE JESUS APÓS SUA MORTE

56. – *Mas Maria (Madalena) manteve-se fora, perto do sepulcro, vertendo lágrimas. E como ela chorava, abaixando-se para olhar no sepulcro, – ela viu dois anjos vestidos de branco, sentados no lugar onde havia estado o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. – Eles lhe disseram: Mulher, por que vos chorai? Ela lhes respondeu: É que levaram meu senhor e eu não sei onde ele foi posto.*

Tendo dito isto, ela se voltou e viu Jesus em pé, sem saber sequer que este foi Jesus. – Então, Jesus lhe disse: Mulher, por que vós chorais? O que procurais? Ela, pensando que se tratasse do coveiro, disse-lhe: Senhor, se fostes vós que o conduziu, diga-me aonde o pôs e eu o transportarei.

Jesus lhe disse: Maria. Logo, ela se voltou e lhe disse: Raboni, isto é, Meu Mestre. – Jesus lhe respondeu: Não me toques, porque eu ainda não subi até meu pai; mas ide encontrar meus irmãos e dize-lhe de minha parte: Eu subo até meu Pai e vosso Pai, até meu Deus e vosso Deus.

Maria Madalena veio, pois, dizer aos discípulos que ela havia visto o Senhor, e que ele lhe tinha dito estas coisas (São João, cap. XX, v.14 a 18)

57. – *Este dia lá mesmo, dois dentre eles foram a uma aldeia chamada Emaús, longe a sessenta estádios de Jerusalém, – falando reunidos de tudo o que havia passado. – E ocorreu que quando se entretinham e conversavam juntos sobre lá, Jesus veio, ele próprio se juntar e se pôs a caminhar com eles; – mas seus olhos estavam cerrados, a fim de que não pudessem reconhecê-lo. – E ele lhes disse: De que conversais assim, caminhando e de onde vindes que estais tão tristes?*

Um deles, chamado Cleófas, tomando a palavra, disse-lhe: Estais sós tão por fora em Jerusalém que não sabeis o que se passou esses dias aqui? – E o quê? Indagou-lhe. Eles lhe responderam: Tocando Jesus de Nazaré, que foi um profeta, poderoso ante Deus e ante todo o povo; – e de que maneira os príncipes dos sacerdotes e nossos senadores liberaram para ser condenado à morte e o crucificaram. – Ora, esperávamos que fosse ele que resgataria Israel, e, entretanto, após tudo isso, eis o terceiro dia que estas coisas se passaram. – É verdade que algumas mulheres das que estavam conosco nos pasmaram; porque indo antes do amanhecer a seu sepulcro, – e não encontrando o seu corpo elas vieram dizer que anjos mesmo, apareceram a elas e lhes disseram que ele vivia. – E alguns dos nossos, tendo estado também no sepulcro, encontraram todas as coisas como as mulheres lhes haviam reportado; mas por ele, nada encontraram.

Então, ele lhes disse: ó insensatos cujo coração tarda a crer em tudo o que os profetas disseram! Não era preciso que o Cristo sofresse todas essas coisas e que entrasse assim na glória? – E começando por Moisés, em seguida por todos os profetas, explicava-lhes em todas as Escrituras o que tinha sido dito dele.

Quando estavam próximos da aldeia para onde iam, pareceu que ele ia mais longe. – Mas eles o forçaram a ficar, dizendo-lhe: Demorai conosco, porque é tarde e que o dia já está em seu declínio, e ele entrou com os dois. – Estando com eles à mesa, tomou o pão e o benzeu e tendo-o partido, deu-o a eles. – Ao mesmo tempo seus olhos se abriram e eles o reconheceram, mas ele desapareceu de diante de seus olhos.

Então eles se disseram, um ao outro: Não é verdade que nosso coração estava todo ardente em nós quando ele nos falou no caminho e que nos explicou as Escrituras? E se erguendo à mesma hora, eles voltaram a Jerusalém e encontraram os onze apóstolos e os que permaneciam com eles estavam reunidos, – e disseram: O Senhor está realmente ressuscitado e apareceu a Simão. – Então, eles narraram também o que lhes acontecera no caminho, e como o tinham reconhecido no fracionamento do pão.

Enquanto se entretinha, assim, Jesus se apresentou no meio deles, e lhes disse: A paz esteja convosco; sou eu; não tenhais medo. – Mas, na confusão e o pavor que estavam possuídos, eles imaginaram que viam um Espírito.

E Jesus lhes disse: Por que vos perturbais? E por que se cria tanto pensamento em vossos corações? – Olhai minhas mãos e meus pés e reconheceis que sou eu mesmo; tocai-me e considerai que um Espírito não tem nem carne nem osso, como em mim, como vedes que eu os tenho. – Após ter dito isto, mostrou-lhes suas mãos e seus pés.

Mas, como não acreditavam ainda, de tanto que estavam transportados de alegria e admiração, ele lhes disse: Tendes aqui alguma coisa para comer? – Eles apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado e um favo de mel. – Ele os comeu ante eles e tomando os restos, deu-os a eles, e lhes disse: Eis o que vos dizia estando ainda convosco: que era necessário que tudo o que tenha sido escrito de mim na lei de Moisés, nos profetas e nos salmos se cumpriu.

Ao mesmo tempo, abriu-lhes o espírito a fim de que entendessem as Escrituras; – e lhes disse: É assim que está escrito e é assim que era preciso que Cristo sofresse e que ressuscitasse dentre os mortos ao terceiro dia; – e que se pregasse em seu nome a penitência e a remissão dos pecados em todas as nações, em começando por Jerusalém. – Ora, sois testemunhas destas coisas. – E eu vou vos enviar o dom de meu pai, que vos prometi; mas, entretanto, demorais, na cidade até que vos sejais revestidos da força do Alto. (São Lucas, cap. XXIV, v.13 a 49)

58. – Ora, Tomé, um dos doze apóstolos chamado Dídimo, não estava com eles quando Jesus veio. – Os outros discípulos lhe disseram então: Nós vimos o Senhor. Mas este lhes disse: Se eu não vir em suas mãos a marca dos cravos que os pregaram e se eu não colocar meu dedo no furo dos cravos, e minha mão na chaga de seu lado, eu nunca o creditarei.

Oito dias após, os discípulos estando ainda no mesmo lugar, e Tomé com eles, Jesus veio, as portas estando fechadas e ele se tocou no meio deles e lhes disse: A paz esteja convosco.

Ele disse, em seguida, a Tomé: colocai aqui vosso dedo e considerai minhas mãos: chegai também vossa mão e ponde lá em meu lado; e não sejais tão incrédulos, mas fiel. – Tomé lhe

respondeu e lhe disse: Meu Senhor e meu Deus! – Jesus disse-lhe: Tendes acreditado Tomé porque visteis; feliz aquele que acreditou sem ter visto! (São João, cap. XX, v.20 a 29)

59. – *Jesus se fez ver ainda, depois, a seus discípulos na borda do mar de Tiberíades e ele se fez ver desta sorte:*

Simão Pedro e Tome, chamado Dídimos, Natanael que era de Cana, na Galileia, os filhos de Zebedeu e dois outros de seus discípulos, estavam reunidos. – Simão Pedro lhes disse: vou pescar. Eles lhe disseram: Nós iremos também convosco. Foram-se, pois, e entraram em um barco, mas nesta noite, lá, nada pegaram.

Tendo vindo a manhã, Jesus apareceu sobre a borda da praia sem que seus discípulos conhecessem que era Jesus.- Jesus lhes disse, então: Filhos, nada tendes para comer? Eles lhes responderam: Não. – Ele lhes disse: Lançai a rede do lado direito do barco, e vós os encontrareis. Eles a lançaram logo e não puderam mais tira-la de tanto que estava carregada de peixes.

Então, o discípulo que Jesus amava disse a Pedro. É o Senhor. E Simão Pedro tendo percebido que era o Senhor, vestiu sua roupa (porque estava nu), e se lançou ao mar. – Os outros discípulos vieram com o barco; e como não estavam longe da terra, senão em torno de duzentos côvados, eles aí tiraram a rede cheia de peixes. (São João, cap. XXI, v.1 a 18)

60. – *Após isso, ele os levou afora, para Betânia; e tendo lavado as mãos, ele os benzeu; – e em benzendo, separou-se deles e foi arrebatado ao céu.*

Por eles, após tê-lo adorado, voltaram a Jerusalém, cheios de alegria; – e estavam sem cessar no templo louvando e bendizendo Deus. Amém. (São Lucas, cap. XXIV, v.50 a 53)

61. – As aparições de Jesus após sua morte são reportadas por todos os evangelistas com pormenores circunstanciados que não permitem duvidar da realidade do fato. Elas se explicam, aliás, perfeitamente, pelas leis fluídicas e as propriedades do perispírito e não apresentam nada de anormal com os fenômenos do mesmo gênero dos quais a História Antiga e a Contemporânea oferecem numerosos exemplos, sem excetuar a tangibilidade. Salvo se observe as circunstâncias que acompanharam suas diversas aparições, reconhece-se nele, nestes momentos, todos os caracteres de um ser fluídico. Ele aparece inopinadamente e desaparece do mesmo jeito; – é visto por uns e não pelos outros, sob aparência que não o fazem reconhecido mesmo por seus discípulos; ele se mostra em lugares fechados onde um corpo carnal não poderia penetrar; sua linguagem, mesmo, não tem a verve de um ser corpóreo; tem o tom breve e sentencioso particular dos Espíritos que se manifestam desta maneira; todas suas passadas, em uma palavra, têm algo que não é do mundo terrestre. Sua visão causa por vez surpresa e de outras, temor; seus discípulos em o vendo não lhe falam com a mesma liberdade; sentem que não é mais o homem.

Jesus mostrou-se, pois com seu corpo perispiritual, o que explica que só tenha sido visto por aqueles a quem tenha querido se fazer ver; se tivesse tido um corpo carnal, seria visto pela primeira vinda, como um ser vivo. Seus discípulos ignorando a causa primária do fenômeno das aparições, não se deram conta destas particularidades que eles não notavam, provavelmente; eles viam Jesus e o tocavam, para eles este devia ser seu corpo ressuscitado. (Cap. XIV, nº 14 e 35 a 38)

62. – Naquele tempo que a incredulidade rejeitava todos os fatos executados por Jesus tendo uma aparência sobrenatural, e os considerava, sem exceção, como lendários, o Espiritismo dá

à maior parte destes fatos uma explicação natural; prova-lhe a possibilidade, não somente pela teoria das leis fluídicas, mas pela identidade com os fatos análogos produzidos por uma multidão de pessoas nas condições as mais vulgares. Já que estes fatos estão, de alguma sorte, no domínio público, não provam nada, em princípio, tocante à natureza excepcional de Jesus. (7)

63. – O maior dos milagres que Jesus fez foi o que atesta verdadeiramente sua superioridade, e a revolução que seus ensinamentos operaram no mundo malgrado a exiguidade de seus meios de ação.

Em efeito, Jesus, obscuro, pobre, nascido na condição a mais humilde, entre um pequeno povo quase ignorado e sem preponderância política, artística ou literária, não prega senão por três anos; durante este curto espaço de tempo, ele é menosprezado e perseguido por seus concidadãos, caluniado, tratado como impostor; é obrigado a fugir para não ser apedrejado; é traído por um de seus apóstolos, renegado por outro, abandonado por todos no momento em que cai nas mãos de seus inimigos. Ele só fez o bem e isso não o colocava ao abrigo da malquerença que voltou contra ele os próprios serviços que prestava. Condenado ao suplício reservado aos criminosos, morre ignorado do mundo porque a História sua contemporânea cala-se sobre seu conto. (8) Não há nada escrito e, entretanto ajudado por alguns homens obscuros como ele, sua palavra foi suficiente para regenerar o mundo, sua doutrina matou o paganismo todo-poderosos e se tornou a bandeira da civilização. Tinha, pois, contra ele, tudo o que se pode fazer gorar os homens, é pelo que dizemos que o triunfo da sua doutrina é maior do que seus milagres, ao mesmo tempo em que prova sua missão divina. Se, em lugar de princípios sociais e regeneração fundamentados sobre o futuro espiritual do homem, ele só teria oferecido à posteridade alguns fatos maravilhosos sob pena de se conhecê-lo, talvez, de nome, atualmente.

DESAPARECIMENTO DO CORPO DE JESUS

64. – O desaparecimento do corpo de Jesus após sua morte tem sido o objeto de numerosos comentários; ele é atestado pelos quatro evangelistas, sobre as declarações das mulheres que estavam presentes ao sepulcro ao terceiro e não o encontraram aí. Alguns viram neste desaparecimento um fato miraculoso, outros supuseram um transporte clandestino.

Conforme uma outra opinião, Jesus não teria se revestido de um corpo carnal, mas somente de um corpo fluídico; ele não teria sido durante a vida senão uma aparição tangível, em uma palavra, uma espécie de agêner. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida teriam sido apenas uma aparência. É assim, diz-se, que seu corpo retornando a seu estado fluídico, pôde desaparecer do sepulcro e é com este mesmo corpo que ele teria se mostrado após sua morte.

65. – A estada de Jesus sobre a Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que seguiu à sua morte. No primeiro, após o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa na casa materna como nas condições ordinárias da vida (9). Após o nascimento até sua morte tudo, em seus atos, em sua linguagem e nas diversas circunstâncias de sua vida, apresenta as características não equívocas da corporeidade. Os fenômenos de ordem psíquica que se produzem nele são acidentais e nada anormais já que se explicam pelas propriedades do perispírito, e se reencontra em diferentes graus entre outros indivíduos. Após sua morte, a contrário, tudo nele revela o ser fluídico. A diferença entre os dois estados é de tal forma talhada, que não é possível de assimilá-las.

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita e que diferem essencialmente daquela dos fluidos etéreos; a desorganização aí se opera pela ruptura da coesão molecular. Um instrumento cortante, penetrando no corpo material divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida forem atacados, seu funcionamento cessa e a morte se segue, isto é, a morte do corpo. Esta coesão não existindo nos corpos fluídicos, a vida não repousa sobre o jogo dos órgãos especiais e não pode aí se produzir desordens análogas; um instrumento cortante ou qualquer outro, aí penetra como em um vapor, sem nele causar qualquer lesão. Eis porque esta sorte de corpos *não pode morrer* e porque os seres fluídicos designados sob o nome de *agêneres* não podem ser destruídos.

Sem dúvida, um semelhante fato não é radicalmente impossível após o que se sabe atualmente sobre as propriedades dos fluidos, (g) mas seria, no mínimo, de toda feita, excepcional em oposição formal com o caráter dos agêneres (Cap. XIV, n° 36). A questão é, pois de saber se uma tal hipótese seja admissível, se é confirmada ou contraditada pelos fatos.

Após o suplício de Jesus, seu corpo ficou lá, inerte e sem vida; ele foi sepultado como os corpos ordinários e cada um pôde vê-lo e toca-lo. Após a ressurreição, quando ele quis deixar a Terra, ele não morre; seu corpo se eleva, se desvanece e desaparece sem deixar nenhum traço, prova evidente que seu corpo era de uma outra natureza que a que permaneceu na cruz, de onde é preciso concluir que se Jesus pôde morrer, é que ele tinha um corpo carnal.

Por seqüência de suas propriedades materiais, o corpo carnal é o signo das sensações e das dores físicas que repercutem no centro sensitivo ou Espírito. Não é o corpo que sofre, é o Espírito que recebe o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Em um corpo privado de Espírito, a sensação é absolutamente nula; pela mesma razão, o Espírito que não tenha corpo material, não pode experimentar os sofrimentos que são o resultado da alteração da matéria; donde, é preciso igualmente concluir que se Jesus sofreu materialmente como nem restará dúvida, é que ele tinha um corpo material de uma natureza semelhante à da de todo mundo.

66. – Aos fatos materiais vêm se ajuntar considerações morais todo-poderosas.

Se Jesus tivesse estado durante sua vida nas condições dos seres fluídicos, não teria experimentado nem a dor, nem nenhuma necessidade do corpo; supor que ele o fosse assim, é tirar-lhe todo o mérito da vida de privação e de sofrimentos que ele escolhera como exemplo de resignação. Se tudo nele fosse apenas aparência, todos os atos de sua vida, o anúncio reiterado de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus de afastar o cálice de seus lábios, sua paixão, sua agonia, tudo até seu último brado no momento de render o Espírito, teria sido apenas um vão simulacro por dar o troco sobre sua natureza e fazer crer no sacrifício ilusório de sua vida, uma comédia indigna de um simples honesto homem, com mais forte razão de um ser assim superior; em uma palavra, ele teria abusado da boa fé de seus contemporâneos e da posteridade. Tais são as consequências lógicas deste sistema, consequências que não são admissíveis porque é abate-lo moralmente, em vez de eleva-lo.

Jesus, pois, teve, **como todo mundo**, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que atestam os fenômenos materiais e os fenômenos físicos que marcam sua vida.

67. – Em que se transformou o corpo carnal? É um problema cuja solução não se pode deduzir, até nova ordem, salvo por hipóteses, falta de elementos suficientes para assegurar uma convicção. Esta solução, aliás, é de uma importância secundária e não juntaria nada aos méritos do Cristo nem aos fatos que atestam, de uma certa maneira bem contrariamente peremptória, sua superioridade e sua missão divina.

Não pode, pois, haver sobre a maneira na qual esse desaparecimento se operou senão opiniões pessoais que teriam valores apenas igualmente quanto as que fossem sancionadas por uma lógica rigorosa e pelo ensinamento geral dos Espíritos; ora, até o presente, nenhuma das que foram formuladas recebeu a sanção deste duplo controle.

Se os Espíritos ainda não resolveram a questão pela unanimidade de seus ensinamentos, é que, sem dúvida, o movimento da resolução não veio ainda ou que ainda falta conhecimentos em auxílio dos que possam resolvê-la por si própria. Em atentando, descarta-se a suposição de um rapto clandestino, poder-se-ia encontrar, por analogia, uma explicação provável na teoria do duplo fenômeno dos transportes e da invisibilidade. (**Livro dos Médiuns**, cap. IV e V)

68. – Esta ideia sobre a natureza do corpo de Jesus não é nova. No século IV, Apolinário de Laudicéia, chefe da seita dos *apolinaristas*, pretendia que Jesus nunca tinha tomado um corpo como o nosso, mas um corpo impassível que descera do céu no seio da Santa Virgem e não teria nascido dela; que, assim, Jesus não era nato, não tinha sofrido e não estava morto senão em aparência. Os apolinaristas foram anematizados pelo Concílio de Alexandria em 360, no de Roma em 374, e no de Constantinopla, em 381.

NOTAS

(1) Todos os teólogos estão longe de professar opiniões também absolutas sobre a doutrina demoníaca. Eis a de um eclesiástico do qual o clero não poderá contestar o valor. Encontra-se a passagem seguinte na *Conferência sobre a religião*, por Monsenhor Freyssinous, bispo de Hermópolis, tomo II, p. 341, Paris, 1825.

Se Jesus tivesse operado seus milagres pela virtude do demônio, o demônio teria, pois, trabalhado para destruir seu império e teria empregado seu poder contra ele próprio. Certamente, *um demônio que procurasse destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude, seria um estranho demônio*. Eis aí porque Jesus, para repelir a absurda acusação dos Judeus, dizia-lhes: “*Se opero prodígios em nome do demônio, o demônio, então está dividido contra ele mesmo; procura, pois, se destruir;*” resposta que não admite réplica.

É precisamente o argumento que apresentam os Espíritos àqueles que atribuam ao demônio os bons conselhos que eles recebem dos Espíritos. O demônio agiria como um larápio de profissão que tornaria tudo o que tenha jogado e induziria os outros parceiros a tornarem-se pessoas honestas.

(2) Uma prova deste costume se encontra nos Atos dos Apóstolos, cap. V, v.5 e seguintes:

“Ananias, tendo escutado estas palavras, caiu e encontrou o Espírito; e todos os que escutaram falar foram tomados de um grande medo. – Logo, alguns jovens vieram tomar seu corpo, e tendo-o carregado, eles o enterraram. Aproximadamente três horas após, sua mulher (Safira), que não sabia o que estava chegando, entrou. E Pedro lhe disse..., etc. – No mesmo momento, ela caiu a seus pés e encontrou o Espírito. Estes jovens homens, entrando, encontraram-na morta; e, conduzindo-a, eles enterraram-na próximo de seu marido.”

(3) O fato seguinte prova que a decomposição precede, por vezes, a morte. No convento do Bom Pastor, fundado em Toulon pelo abade Marin, capelão dos presídios para filhas arrependidas, encontrava-se uma jovem mulher que tinha experimentado os mais terríveis sofrimentos com a calma e a impassibilidade de uma vítima expiatória. Ao meio das dores ela parecia sorrir ante uma celeste visão; como santa Teresa, ela pedia sofrer ainda; sua carne se ia em farrapos, a gangrena ganhava seus membros; por uma sábia providência, os médicos tinham recomendado que fizessem a inumação do corpo imediatamente após o óbito. Coisa estranha! Mal ela deu o último suspiro, que todo o trabalho de decomposição parou; as exalações cadavéricas cessaram; durante trinta e seis horas ela ficou exposta às preces e às venerações da comunidade.

(4) O monte Tabor, ao S. O. do lago de Tabarique, a 11 km S. E. de Nazaré; aproximadamente a 1000 metros de altitude.

(5) A explicação seguinte é tirada textualmente de uma instrução dada a este assunto por um Espírito.

(6) Há constantemente na superfície do Sol nódoas fixas que seguem seu movimento de rotação e têm servido para determinar-lhe a duração. Mas estas nódoas aumentam, por vezes, de número em extensão e em

intensidade, e é então que se produz uma diminuição na luz e no calor. Este aumento no número das nódoas parece coincidir com certos fenômenos astronômicos e a posição relativa de certos planetas o que lhe causa o retorno periódico. A duração desse obscurecimento é muito variável; por vezes não é mais do que duas ou três horas, mas, em 535 houve um que durou quatorze meses.

(7) Os numerosos fatos contemporâneos de curas, aparições, possessões, dupla vista e outros, que estão relatados na **Revista Espírita** são lembrados nas referências acima, oferecem, até nas circunstâncias de pormenores, uma analogia tão marcante com as que reporta o Evangelho, que a similitude dos efeitos e das causas permanece evidente. Pergunta-se, pois, porque o mesmo fato teria uma causa natural, atualmente e sobrenatural outrora; diabólico entre alguns e divino entre outros. Se fosse possível de os colocar aqui a respeito de uns dos outros, a comparação seria muito fácil; mas o número e os desenvolvimentos que a maior parte necessita, não o permitem.

(8) O historiador judeu Joseph é o único que fala dele e diz muito pouca coisa.

(9) Não falamos do mistério da encarnação, pois não temos que nos ocupar aqui, e que será examinado ulteriormente.

NOTAS DO TRADUTOR

(a) Jacques em francês)

(b) Piscina – pia batismal – local do rio ou córrego onde os sacerdotes levavam as pessoas para receberem a consagração do batismo e onde, geralmente, pequenos peixes nadavam, evitando a correnteza, daí dar-lhe o nome de piscina. Também, lavadeiras usavam o local para sua faina.

(c) Alavanca psíquica.

(d) Alimento sagrado que Deus enviou aos homens no deserto – (*Êxodo XVI*).

(e) Ou, então, admitir, como os incrédulos, que seja mais uma fantasia inserta nos textos evangélicos.

(f) Perante os conhecimentos atuais correlatos a fluidos e energias, completamente distintos do que se sabia à época de Kardec, não há a mínima possibilidade da existência do referido agêneres sem que a ele corresponda uma fonte permanente geradora de energia. E não havia tecnologia para tal.

(g) Aqui Kardec elimina qualquer possibilidade docetista da existência de um corpo fluídico durante a vida carnal de Jesus).

* * *

Capítulo XVI

AS PREDIÇÕES CONFORME O ESPIRITISMO

TEORIA DA PRESCIÊNCIA

1. – Como o conhecimento do futuro é ele possível? Compreende-se a previsão dos acontecimentos que sejam a consequência do estado presente, mas não dos que não haja nenhuma referência, e ainda menos dos que se lhes atribua ao acaso. As coisas futuras, diz-se, não existem; elas estão ainda no nada. Como, então, saber que elas chegarão? Os exemplos de predições realizadas são, entretanto, assaz numerosas, do que é preciso concluir que se passa por aí um fenômeno do qual não se tem a chave, porque não há efeito sem causa; é esta causa que vamos ensaiar a procura, e é ainda o Espiritismo a própria chave de tantos mistérios, que nos a fornecerá e que, mais, nos mostrará que o próprio fato das predições não foge das leis naturais.

Tomemos, como comparação, um exemplo nas coisas usuais e que ajudará a fazer compreender o princípio que teremos que desenvolver.

2. – Suponhamos um homem colocado sobre uma alta montanha e observando a vasta extensão da planície. Nesta situação, o espaço de uma légua será pouca coisa, e ele poderá facilmente vislumbrar de uma só olhada todos os acidentes do terreno, desde o início até o fim da rota. O viajante que segue este caminho pela primeira vez sabe que, andando, chegará ao destino; eis aí uma simples previsão da consequência de sua caminhada; mas os acidentes do terreno, as subidas e as descidas, as ribeiras que atravessar, os bosques a cruzar e os precipícios onde possa cair, os ladrões postados para roubá-lo, as casas hospitaleiras onde poderá se repousar, tudo isto é independente de sua pessoa: é para ele desconhecido, o futuro, porque sua visão não se estende além de um pequeno círculo que o envolve. Quanto à duração, ele a mede pelo tempo que leva a percorrer o caminho; tirai-lhe os pontos de referência e a duração se desvanece. Para o homem que está sobre a montanha e que segue vendo o viajante, tudo isto é o presente. Suponhamos que este homem desça ao pé do viajante e lhe diga: *“A tal momento ireis encontrar qual coisa, sereis atacado e socorrido”*, ele estará lhe prevendo o futuro; o futuro fica para o viajante; para o homem da montanha, este futuro é o presente.

3. – Se sairmos agora do círculo das coisas puramente materiais, e se entrarmos pelo pensamento, no domínio da vida espiritual, veremos este fenômeno se produzir em uma escala maior. Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha: para ele, o espaço e a duração afastam-se para o lado. Mas a extensão e a penetração de sua visão são proporcionais à sua pureza e à sua elevação na hierarquia espiritual; são relativamente aos Espíritos inferiores, como o homem armado de um poderoso telescópio, ao lado do que só possa seus olhos. Entre estes últimos, a visão é circunscrita, não apenas porque só podem dificilmente se distanciar do globo ao qual são vinculados, mas porque a imperfeição do seu perispírito viola as coisas distantes, como o faz um nevoeiro para os olhos do corpo.

Compreende-se, pois, que, conforme o grau de perfeição, um Espírito possa abraçar um período de alguns anos, de alguns séculos e até de diversos milhares de anos, porque o que é um século em presença do infinito? Os acontecimentos nunca se desenrolam sucessivamente ante ele, como os incidentes da rota do viajante: ele vê simultaneamente o início e o fim do período; todos os acontecimentos que, neste período, forem o futuro para o homem da Terra, serão para ele o presente. Poderá, pois, vir nos dizer com firmeza. Tal coisa acontecerá a tal época, porque ele vê esta coisa como o homem da montanha vê o que aguarda o viajante

sobre a rota; se não o faz é porque o conhecimento do futuro seria nocivo ao homem: entravaria seu livre arbítrio, paralizá-lo-ia no trabalho que deva cumprir para seu progresso; e o bem e o mal que o aguarda, estando no desconhecido, são para ele, a prova.

Se uma tal faculdade, mesmo restrita, pode estar nos atributos da criatura, a que grau de poder não deve se elevar no Criador, que envolve o infinito? Para Ele, o tempo não existe: o começo e o fim dos mundos são o presente. Neste imenso panorama, o que é a duração da vida de um homem, de uma geração, de um povo?

4. – Entretanto, como o homem deve concorrer ao progresso geral, e que certos acontecimentos devam resultar de sua cooperação, pode ser útil, em certos casos, que se torne pressentido sobre estes acontecimentos, a fim de que ele prepare os caminhos e se ponha preparado a agir quando o momento chegar; é porque Deus permite por vezes que um pedaço do véu seja erguido; mas é sempre com um objetivo útil, e jamais para satisfazer uma vã curiosidade. Esta missão pode, pois, ser dada, nem a todos os Espíritos já que estes não conhecem melhor o futuro do que os homens, mas a alguns Espíritos suficientemente avançados para isto; ora é de notar que tais sortes de revelação são sempre feitas espontaneamente, e jamais, ou bem raramente ao menos, em resposta a um pedido direito.

5. – Esta missão pode igualmente ser mostrada a certos homens, e eis aí de que maneira:

Aquele a quem é confiada a atenção de revelar uma coisa oculta, pode receber, a seu desconhecimento, a inspiração dos Espíritos que a conheçam e, então, ele a transmite maquinalmente, sem se dar conta disso. Sabe-se, por outro lado, que, seja durante o sono, seja no estado de vigília, nos êxtases da dupla visão, a alma se libera e possui um grau maior ou menos das faculdades do Espírito livre. Se for um Espírito avançado, se tiver, sobretudo, como os profetas, recebido uma especial missão a este efeito, ele desfruta, nos momentos de emancipação da alma, a faculdade de abranger, por ele próprio, um período mais ou menos extenso e vê como atuais, os acontecimentos deste período. Pode, então, revela-los ao mesmo instante ou conservar na memória até despertar. Se estes acontecimentos devam ficar em segredo, ele perderá a lembrança ou só restará uma vaga intuição, suficiente para guiá-lo instintivamente.

É assim que se vê esta faculdade se desenvolver providencialmente em certas ocasiões, nos perigos iminentes, nas grandes calamidades, nas revoluções, e que a maior parte das seitas perseguidas tiveram numerosos videntes; é ainda assim que se vê grandes capitães marcharem resolutamente ao inimigo com a certeza da vitória; homens de gênio, como Cristóvão Colombo, por exemplo, perseguir um alvo prevendo, por assim dizer, o momento em que eles o atinjam: é que viram este alvo que não é desconhecido para seu Espírito.

O dom de predição não é, pois, mais sobrenatural do que uma porção de outros fenômenos; repousa sobre a propriedade da alma e a lei da relação do mundo visível e do mundo invisível que o Espiritismo vem fazer conhecido. Mas, como admitir a existência de um mundo invisível, se não se admitir a alma, ou, senão, não se admitir nenhuma individualidade após a morte? O incrédulo que nega a presciência é conseqüente com ele próprio; resta saber se é inconseqüente com a lei da natureza.

6. – Esta teoria da presciência não resolve, talvez, de uma maneira absoluta, todos os casos que possam apresentar a revelação do futuro; não se pode, porém, desconvir que ela se coloca no princípio fundamental. Se não se pode tudo explicar, é pela dificuldade, para o homem, de se situar neste ponto de vista extraterrestre; por sua inferioridade, mesmo, seu pensamento incessantemente restabelecido na senda da vida material, é frequentemente

impotente a se desligar do Sol. De certo modo, certos homens são como jovens pássaros onde as asas, muito tênues, não lhes permitem elevar-se no ar ou como aqueles que a vista é bastante curta para ver ao longe ou, enfim, como aqueles que faltam de um sentido para certas percepções.

7. – Para compreender as coisas espirituais, ou seja, para que se faça uma ideia tão limpa quanto a que nós fizemos de uma paisagem que estivesse sob nossos olhos, falta-nos verdadeiramente um sentido, exatamente como a um cego falta o sensorio necessário para compreender os efeitos da luz, das cores e da visão sem o contato. É também, apenas por um esforço de imaginação que nós aí chegamos, e, com auxílio de comparações tiradas nas coisas que nos sejam familiares. Mas, coisas materiais só podem dar ideias muito imperfeitas das coisas espirituais; é por isso que não deveríamos tomar estas comparações ao pé da letra e crer, por exemplo, no caso do qual se discute que a extensão das faculdades perceptivas do Espírito possuam a sua elevação efetiva e que tenha necessidade de estar sobre uma montanha ou acima das nuvens para abraçar o tempo e o espaço.

Esta faculdade é inerente ao estado de espiritualidade ou caso se queira, de desmaterialização; isto é, a espiritualização produz um efeito que se pode comparar, qualquer que seja muito imperfeitamente, à da vida de acordo com o homem que está sobre a montanha, esta comparação tinha simplesmente por finalidade mostrar que estes acontecimentos referentes ao futuro para uns, estão no presente para outros, e podem, assim serem preditos, o que não implica que o efeito se produza da mesma maneira.

Para gozar esta percepção, o Espiritismo, pois, não tem necessidade de se transportar para um ponto qualquer do espaço; o que está sobre a Terra a nossos lados pode possuí-la em sua plenitude tão bem como se estivesse a mil léguas, ao passo que nós não vemos nada fora do horizonte visual. A visão entre os Espíritos, não se produzindo da mesma maneira nem com os mesmos elementos que entre os homens, seu horizonte visual é totalmente outro; ora, é precisamente este sentido que nos falta para concebê-lo; *o Espírito, ao lado do encarnado, é como aquele que vê ao lado de um cego.*

8. – É preciso simbolizar bem, por outro lado, que esta percepção não se limita ao capacitado, mas que compreende a penetração de todas as coisas; é, nós o repetimos, uma faculdade inerente e proporcionada ao estado de desmaterialização. Esta faculdade é *amortecida* pela encarnação, mas não é completamente anulada, já que a alma não está encerrada no corpo como em uma caixa. O encarnado a possui ainda que sempre, a um menor grau do que aquele quando está inteiramente liberto; é isto que dá a certos homens um poder de penetração que falta totalmente a outros, uma maior justeza no golpe de vista moral, uma compreensão mais fácil das coisas extra-materiais.

Não apenas o Espírito percebe, mas se recorda do que tenha visto no estado de Espírito, e esta lembrança é como um quadro que se refaz em seu pensamento. Na encarnação, ele vê mais vagamente e como através de um véu; no estado de liberdade ele vê e concebe claramente. *O princípio de visão não está fora dele, mas nele;* é por isso que ele não tem necessidade de nossa luz externa. Pelo desenvolvimento moral, o círculo das ideias e da concepção se alarga pela desmaterialização gradual do perispírito, ele se purifica dos elementos grosseiros que alteram a delicadeza das percepções; de onde é fácil compreender que a extensão de todas as faculdades segue o progresso do Espírito.

9. – É o grau das faculdades do Espírito que na encarnação, o encontra mais ou menos apto a conceber as coisas espirituais. Todavia, esta aptidão não é a consequência necessária do desenvolvimento da inteligência; a ciência vulgar não a atribui; é por isso que se veem homens

de um grande saber também cegos para as coisas espirituais, como outros o são para as coisas materiais; eles o são refratários, porque não as compreendem; isto se tem a que seu progresso ainda não está cumprido neste sentido, ao passo que se vê pessoas de uma instrução e uma inteligência vulgares, compreendê-los com a maior facilidade, o que prova que eles tinham a intuição prévia. É, entre eles, uma lembrança retrospectiva do que viram e souberam, quer na erraticidade, quer em suas existências anteriores, como outros têm intuição das línguas e das ciências que possuíram.

10. – A faculdade de trocar seu ponto de vista e de tomá-lo no topo não dá somente a solução do problema da presciência; está em outra a chave da verdadeira fé, da fé sólida; é também o mais poderoso elemento de força e resignação, porque, daí, a vida terrestre aparecendo como um ponto na imensidão, compreende-se o pouco valor das coisas que, vistas por baixo, parecem tão importantes; os incidentes, as misérias, as vaidades da vida se reduzem à medida que se desenvolve o imenso e esplendoroso horizonte do futuro. Aquele que vê assim as coisas deste mundo fica muito pouco ou nada atento às vicissitudes e por isso mesmo, ele é assim feliz quanto possa ser aqui em baixo. É preciso, pois, lamentar os que concentraram seus pensamentos na estreita esfera terrestre, porque ressentem com toda sua força, o contragolpe de todas as atribulações que como igualmente aos estímulos, os assedia sem cessar.

11. – Quanto ao futuro do Espiritismo, os Espíritos, como se o sabe, são unânimes em afirmar o triunfo próximo, apesar dos entraves que se lhe opõe; esta previsão se lhe é fácil, a princípio, porque sua propagação é sua obra pessoal; concorrendo ao movimento ou dirigindo, eles sabem, por consequência, o que devam fazer; em segundo lugar, é-lhes suficiente abraçar um período de curta duração e neste período, eles veem no caminho os poderosos auxiliares que Deus lhe suscita e que não tardarão a se manifestar.

Sem serem Espíritos desencarnados, que os espíritas se reportem, apenas há trinta anos antes, ao meado da geração que surge; que daí considerem o que se passa atualmente; que sigam a fileira e verão se consumir em vãos esforços o que se acreditavam chamados a revertê-lo; eles o verão pouco a pouco desaparecer da cena, ao lado da árvore que cresce e da qual as raízes se estendam cada dia mais.

12. – Os acontecimentos vulgares da vida privada são, na maioria das vezes, a consequência da maneira de agir de cada um; tal será bem sucedido segundo suas capacidades, sua habilidade, sua perseverança, sua prudência e sua energia, onde um outro encalhará por sua insuficiência; de sorte que se pode dizer que cada um é o artesão de seu próprio porvir o qual não está jamais submetido a uma cega fatalidade independente de sua pessoa. Conhecendo o caráter de um indivíduo, pode-se facilmente predizer-lhe a sorte que o aguarda na rota em que se empenha.

13. – Os acontecimentos que tocam aos interesses gerais da humanidade são regrados pela Providência. Quando uma coisa está nos desígnios de Deus, ela deve cumprir-se, quando mesmo, seja por um modo seja por outro. Os homens concorrem à sua execução, mas ninguém é indispensável, senão, Deus, ele próprio estaria à mercê de suas criaturas. Se àquele que se incumba a missão de executar, falhar, um outro o é encarregado. Não há nenhuma missão fatal, o homem está sempre livre para efetuar a que lhe seja confiada e que tenha voluntariamente aceitado; se não o faz, perde-lhe o benefício e assume a responsabilidade dos retardados que possam ocorrer do tão de sua negligência ou de sua má vontade; se ele se torna um obstáculo a seu acontecimento, Deus pode suprimi-lo de um sopro.

14. – O resultado final de um acontecimento pode, pois, ser correto, porque está nas vistas de Deus; mas, como o mais frequente, os pormenores e o modo de execução são subordinados às circunstâncias e ao livre arbítrio dos homens, os caminhos e os meios podem ser eventuais. Os Espíritos podem nos pressentir sobre o acordo, se for útil, que sejamos prevenidos; mas para precisar o lugar e a data é preciso que conheçam adiantadamente a determinação que tomará tal ou qual indivíduo; ora, se esta determinação ainda não estiver em seu pensamento, conforme o que vá ser, pode acelerar ou retardar o desenvolvimento, modificar os meios secundários de ação, tudo confinante com o mesmo resultado. É assim, por exemplo, que os Espíritos podem, pelo conjunto das circunstâncias, prever que uma guerra esteja mais ou menos próxima, que seja inevitável, sem que possa prever o dia em que começará nem os incidentes de minúcias que possam ser modificadas pela vontade dos homens.

15. – Pela fixação da época dos acontecimentos futuros, é preciso, por outro lado, possuir cômputo de uma circunstância inerente à própria natureza dos Espíritos.

O tempo, tal como o espaço, só pode ser avaliado com a ajuda de pontos de comparação ou de referência que os dividam em períodos que se possam computar. Sobre a Terra, a divisão natural do tempo em dias e em anos está marcada pelo levante e poente do Sol, e pela duração do movimento de translação da Terra. A subdivisão do dia em 24 horas é arbitrária; ela é indicada com auxílio de instrumentos tais como as ampulhetas, os clepsidras (b), os relógios, os quadrantes solares, etc. As unidades de medida do tempo devem variar conforme os mundos já que os períodos astronômicos são diferentes; é assim, por exemplo, que, em Júpiter, os dias equivalem a dez das nossas horas e os anos por volta de doze anos terrestres.

Existe, pois, para cada mundo uma maneira diferente de suputar a duração segundo a natureza das revoluções astrais que aí se realizam; isto já será uma dificuldade para a determinação de nossas datas por Espíritos que não conheçam nosso mundo. Mas, fora dos mundos, estes meios de apreciação não existem. Para um Espírito, no Espaço, não existe nem levante nem poente do Sol marcando os dias nem revolução periódica marcando os anos; só existe para ele a duração e o espaço infinitos. (Cap. VI, n° 1 seguintes). Aquele que, pois, jamais veio à Terra, não terá nenhum conhecimento de nossos cálculos, que de resto, ser-lhe-iam completamente inúteis; e tem mais: aquele que nunca tenha se encarnado em algum mundo não terá nenhuma noção das frações da duração de tempo. Quando um Espírito estranho à Terra vem aqui se manifestar, ele só pode assinalar datas dos eventos que se identificam com nossos usos, o que está, sem dúvida, em seu poder, mas o que muitas vezes, ele não julga fácil de fazê-lo.

16. – O modo de suputação (cômputo) da duração do tempo é uma convenção arbitrária feita entre os encarnados pela necessidade da vida corpórea de relação. Para medir a duração como nós, os Espíritos só poderiam fazê-lo com o auxílio de nossos instrumentos de precisão que não existem na vida espiritual.

Conforme os Espíritos que compõem a população invisível do nosso globo onde eles já viveram e onde continuam vivendo em nosso meio, estão naturalmente identificados com nossos hábitos, dos quais portam a lembrança na erraticidade. Têm, pois, menos dificuldade que os outros a se pôr em nosso ponto de vista pelo que concerne aos usos terrenos; na Grécia, eles computam por olimpíadas; alhures, por períodos lunares ou solares, conforme os tempos e os lugares. Poderiam, por consequência, mais facilmente assinalar uma data para os acontecimentos futuros desde que a conheçam; mas, por outro lado, que não lhe o é sempre permitido, ficam impedidos, por esta razão, já que todas as vezes, as circunstâncias dos pormenores estão subordinadas ao livre arbítrio e à decisão eventual do homem, a data precisa não existe, realmente senão quando a ocorrência tiver acontecido.

Eis porque as predições circunstanciais não podem oferecer certeza e não devem ser aceitas senão como probabilidades, no caso, mesmo em que não tragam consigo um carimbo de *legítima suspeição*. Também os Espíritos sábios nunca predizem nada em épocas fixas; eles se cercam em nos presentir a descendência das coisas que nos sejam úteis em conhecer. Insistir por ter pormenores precisos é expor-se às mistificações dos Espíritos frugais, que predizem tudo o que se queira sem se preocupar com a verdade e divertem-se dos pavores e das decepções que causem.

As predições que oferecem maior probabilidade são as que têm um caráter de utilidade geral e humanitário; não é preciso computar sobre as outras senão quando elas são cumpridas. Pode-se, conforme as circunstâncias, aceitá-las a título de advertência, mas será imprudência agir prematuramente em vista de sua realização num dia fixo. Pode-se ter por certo que muitas delas são circunstanciais, muitas delas suspeitas.

17. – A forma assaz geralmente empregada até aqui pelas predições se faz de verdadeiros enigmas frequentemente indecifráveis. Esta forma misteriosa e cabalística com que Nostradamus oferece o tipo o mais completo, dá-lhe um certo prestígio aos olhos do vulgar que lhe atribui tanto mais valor quanto sejam mais incompreensíveis. Por sua ambiguidade elas se prestam a interpretações muito distintas, de tal sorte que, conforme o sentido atribuído a certas palavras alegóricas ou de convenção, a maneira de computar o cálculo bizarramente complicado das datas, e com um pouco de boa vontade, encontra-se aí a pouco mais ou menos, tudo o que se queira.

Qualquer que seja, não se pode desconvir eu alguns têm um caráter sério e confundem pela sua veracidade. É provável que esta forma velada tenha tido, num tempo, sua razão de ser e até sua necessidade.

Atualmente, as circunstâncias não são mais as mesmas; o positivismo do século acomodar-se-ia pouco à linguagem silábica. Também as predições de nossos dias não afetam mais estas formas estranhas; aquelas que fazem os Espíritos, nada têm de místicas; falam a linguagem de todo mundo como se o fizessem em sua vida, porque não cessaram de pertencer à humanidade: eles nos previnem sobre as coisas futuras, pessoais ou gerais, tanto quanto possam ser úteis, na medida da perspicácia da qual sejam dotados, como o fariam conselheiros ou amigos. Suas previsões são, pois, de preferência, advertências que não atentem ao livre arbítrio, de que predições propriamente ditas que implicariam numa fatalidade absoluta. Sua opinião é, dentre outras, quase sempre motivada, porque não querem que o homem aniquile sua razão sob uma fé cega, o que permite lhe apreciar a justeza.

18. – A humanidade contemporânea tem também seus profetas; mais de um escritor, poeta, literato, historiador ou filósofo tem presentido, em seus escritos, a marcha futura das coisas que se vê realizarem atualmente.

Esta aptidão se tem frequentemente, sem dúvida, com a retidão de julgamento que deduz as consequências lógicas do presente; mas frequentemente, também, ela é o resultado de uma clarividência especial, inconsciente, ou de uma inspiração estranha. O que os homens têm feito em sua vida, podem, com mais forte razão, fazê-lo e com maior exatidão no estado espiritual quando sua visão não fica obscurecida pela matéria.

NOTAS DO TRADUTOR

(a) Aqui ainda vemos Kardec preso aos fundamentos cristãos relativos a Deus, pois que, em sua época, ainda, não existia o conceito da existência de um Agente Supremo atuante no Universo e que não teria predicados

humanos, senão como um fulcro perfeito, sem permitir, sem obrigar, sem decidir; apenas, fazendo cumprir as leis da perfeição universal. Em síntese, fazendo com que o Universo simplesmente exista.

(b) Marcador de tempo ancestral.

(c) No espaço sideral, o tempo é um parâmetro de posição dos pontos cósmicos em relação à expansão do Universo. Daí muitos confundirem-no com a quarta dimensão.

* * *

Capítulo XVII

PREDIÇÕES DO EVANGELHO

- Ninguém é profeta em seu país. – Morte e paixão de Jesus. – Perseguição dos apóstolos.**
- Cidades impenitentes. – Ruína do templo de Jerusalém. – Maldição aos fariseus.**
- Minhas palavras nunca passarão. – A pedra angular. – Parábola dos vinhateiros.**
- Um só rebanho e um só pastor. – Vinda de Elias. Anúncio do Consolador.**
- Segunda chegada do Cristo. – Sinais precursores.**
- Vossos filhos e vossas filhas profetizarão. Juízo final.**

NINGUÉM É PROFETA EM SEU PAÍS

1.– *E estando vindo em seu país, ele os instruía em suas sinagogas de sorte que, tomados de espanto, eles diziam: De onde vieram para ele esta sabedoria e estes milagres? – Não é este o filho deste carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria? E seus irmãos Jacó, José, Simão e Judas? – E suas irmãs não estão elas entre nós? De onde vê, pois, a ele todas estas coisas? E assim tornavam-no um motivo de escândalo. Mas Jesus lhes disse: Um profeta só é sem honra em seu país e na sua casa. – E não fez lá muitos milagres por causa de sua incredulidade.* (São Mateus, cap. XII, v. 54 a 58)

2. – Jesus enunciou lá uma verdade passada em provérbio, que vale por todos os tempos e à qual se poderia dar mais extensão dizendo-se que *ninguém é profeta* em sua vida.

Na linguagem atual, esta máxima se relaciona ao crédito do qual um homem goza entre os seus e aqueles no meio dos quais vive, da confiança que lhes inspira pela superioridade do saber e da inteligência. Se há exceções, são raras e, em todos os casos, nunca são absolutas; o princípio desta verdade é uma consequência natural da fraqueza humana e pode-se explicar assim:

O hábito de se ver desde a infância, nas circunstâncias vulgares da vida, estabelece entre os homens uma sorte de igualdade material que faz que frequentemente si se refugie em reconhecer uma superioridade moral nele, do qual se tem sido o companheiro ou o comensal que saiu do mesmo meio e do qual se viu as primeiras fraquezas; o orgulho sofre de ascendência que ele é obrigado a passar. Quem quer que se eleve acima do nível comum está sempre na mira do ciúme e da inveja; os que se sentem incapazes de alcançar sua altura, esforçam-se de rebaixá-lo, pelo denegrir, pela maledicência e pela calúnia; gritam tanto mais forte quanto se vejam menores, crendo-se engrandecer e o eclipsar pelo barulho que fazem. Tal tem sido e tal será a História da humanidade, tanto que os homens não compreenderam sua natureza espiritual, e não ampliaram seu horizonte moral, também este julgamento é próprio dos Espíritos bitolados e vulgares, que reportam tudo à sua personalidade.

Por outro lado, faz-se geralmente dos homens que só se conhecem pelo seu espírito, um ideal que aumenta com o passar dos tempos e dos lugares. Despojam-nos quase da humanidade; parece que não devam nem falar nem sentir como todo mundo, que sua linguagem e seus pensamentos devam estar constantemente no diapásão da sublimidade, sem sonhar que o Espírito nem poderia estar incessantemente tenso e num estado perpétuo de superexcitação. No contato diário da vida privada, vê-se muito o homem material que nada o distingue do vulgar. O homem corpóreo que atinge os sentidos, apaga quase o homem espiritual que só toca o Espírito; *de longe, só se vê os clarões do gênio; de perto vê-se os repousos do Espírito.*

Após a morte, a comparação não mais existe, o homem espiritual fica só, e parece tanto maior quanto a lembrança do homem corpóreo esteja mais distante. Eis porque os homens que marcaram sua passagem sobre a Terra pó obras de um valor real são mais apreciados após sua morte, do que de sua vivência. São julgados com mais imparcialidade, porque os invejosos e os ciumentos desapareceram, os antagonismos pessoais não existem mais. A posteridade é um juiz desinteressado que aprecia a obra do Espírito, aceita-a sem entusiasmo cego se for boa, rejeita-a sem rancor se for má, abstração feita da individualidade que a produza.

Jesus podia tanto menos escapar das consequências deste princípio inerente à natureza humana, já que vivia num meio pouco esclarecido e entre homens todos inteiros na vida material. Seus compatriotas só viam nele o filho do carpinteiro, o irmão de homens também ignorantes quanto eles e indagavam o que poderia torná-lo superior a eles e lhes dar o direito de censurá-los; também vendo que sua palavra tinha menos crédito sobre os seus, que o desprezavam, do que para os estranhos, ele foi pregar entre os que o escutavam e no meio onde encontrava simpatia. Pode-se julgar de quais sentimentos seus próximos estavam animados a respeito disso para esse fato, que seus próprios irmãos acompanhados de sua mãe, vieram em uma reunião onde ele se encontrava, para se apoderar dele dizendo que ele tinha *perdido o Espírito*. (São Marcos, cap. III, v. 20 e 21, 31 a 35 – ***Evangelho conforme o Espiritismo***, cap. XIV)

Assim, de um lado, os sacerdotes e os fariseus acusando Jesus de agir pelo demônio; de outro, ele era taxado de desatino pelos seus mais próximos parentes. Não é assim que se usa atualmente em relação aos espíritas e estes devem se queixar de não serem mais bem tratados pelos seus concidadãos do que não o foi Jesus? O que não tinha nada de estonteante há dois mil anos, entre um povo ignorante, e mais estranho no século dezanove entre as nações civilizadas.

MORTE E PAIXÃO DE JESUS

3. – (Após a cura do lunático) – *Todos ficaram admirados do grande poder de Deus. E quando todo mundo ficava na admiração do que fazia Jesus, ele disse a seus discípulos: Colocai bem no vosso coração o que vou vos dizer: o filho do homem deve ser liberado entre as mãos dos homens. Mas eles nunca entendiam esta linguagem; era-lhes de tal forma oculta que não na compreendiam nada e temiam, mesmo, de interrogá-lo sobre este assunto.* (São Lucas, cap. IX, v. 44 e 45)

4. – *Desde então Jesus começou a revelar a seus discípulos que seria necessário que ele fosse a Jerusalém; e aí sofreria muito da parte dos senadores, dos escribas e dos príncipes dos sacerdotes; que seria posto à morte e que ressuscitaria no terceiro dia.* (São Mateus, cap. XVI, v. 21)

5. – *Logo que chegou à Galileia, Jesus lhes disse: o Filho do homem deve ser entregue entre as mãos dos homens; e eles o farão morrer; e ele ressuscitará no terceiro dia; o que os afligiu extremamente.* (São Mateus, cap. XVIII, v. 21, 22)

6. – *Ora Jesus, indo a Jerusalém, tomou à parte seus doze discípulos e lhes disse: Nós vamos a Jerusalém e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas que o condenarão à morte; – e o liberarão aos gentios a fim de que eles o tratem com escárnio, e que o chicoteiem e o crucifiquem; e ele ressuscitará ao terceiro dia.* (São Mateus, cap. XX, v. 17 a 19)

7. – *Em seguida Jesus, tomando à parte os doze apóstolos, lhes disse: Eis, vamos a Jerusalém e tudo aquilo que foi escrito pelos profetas tocante ao Filho do homem, vai ser cumprido; – porque ele será liberado aos gentios, zombar-se-á dele, chicoteá-lo-ão, e lhe escarrarão no seu rosto. – E, após o quê, ele será chicoteado e o farão morrer, e ele ressuscitará no terceiro dia.*

Mas eles não compreenderam nada de tudo isso; esta linguagem era-lhes fechada, e eles não entenderam absolutamente nada do que ele lhes dizia. (São Lucas, cap. XVIII, v. 31 a 34)

8. – *Jesus, tendo terminado todos os seus discursos, disse a seus discípulos: – Vocês sabem que a Páscoa se fará em dois dias, e que o Filho do homem será liberado para ser crucificado.*

Ao mesmo tempo, o príncipe dos sacerdotes e os anciões do povo reunir-se-ão na corte do grande sacerdote chamado Caifás, – e tomaram conselho entre eles para encontrar um meio de se apoderar jeitosamente de Jesus e de fazê-lo morrer. – E eles disseram: É preciso apenas que seja durante a festa, de medo que não provoque qualquer tumulto entre o povo. (São Mateus, cap. XXVI, v. 1 a 5)

9. – *No mesmo dia, alguns fariseus vieram lhe dizer: Vá em frente, sairá deste lugar, porque Herodes quer vos fazer morrer. – Ele respondeu-lhes: vá dizer a esta raposa: Tenho ainda que expulsar os demônios e encontrar a saúde aos doentes hoje e amanhã e no terceiro dia serei consumado por minha morte. (São Lucas, cap. XIII, v. 31 e 32)*

PERSEGUIÇÃO DOS APÓSTOLOS

10. – *Dai-vos guarda dos homens, porque eles vos farão comparecer em suas assembleias, e eles vos farão chicotear nas sinagogas; vós sereis apresentados, por minha causa, aos governantes e aos reis, para lhes servir de testemunhas, bem como as nações. (São Mateus, cap. X, v. 17 e 18)*

11. – *Eles vos expulsarão da sinagoga; e tempo virá no qual aquele que vos fará morrer crerá fazer uma coisa agradável a Deus. – Eles vos tratarão desta sorte porque não conhecem nem meu Pai nem a mim. – Ora, eu vos digo estas coisas a fim de que, quando o tempo vier, vós vos lembrareis do que eu vos disse. (São João, cap. XVI, v. 1 a 4)*

12. – *Sereis traídos e liberados aos magistrados pelos vossos pais e vossas mães, pelos vossos irmãos, pelos vossos parentes, pelos vossos amigos, e se fará morrer vários dentre vós; – e sereis odiados por todo mundo, por causa de meu nome. – Entretanto, não se perderá um cabelo de vossa cabeça. – É por vossa paciência que possuireis vossas almas. (São Lucas, cap. XXI, v. 16 a 19)*

13. – *(Martírio de São Pedro) Em verdade, em verdade, eu vos digo, quando éreis mais moço, vós vos cingíeis a vós mesmos e íeis aonde queríeis; mas quando fordes velho, estendereis vossa mão e um outro vos cingirá para onde não desejareis. – Ora, ele dizia isto para marcar por qual deveria glorificar Deus. (São, João, cap. XXI, v. 18 e 19)*

CIDADES IMPENITENTES

14. – *Então ele começou a fazer reprovações às cidades nas quais tinha feito muitos milagres, do que elas nunca tinham feito penitência.*

Pior a ti, Corozaim, pior a ti Betsaída, porque, se os milagres que acontecerem no meio de vós tivessem sido feitos em Tiro e em Sidon há longo tempo eles teriam feito penitência na bolsa

de dinheiro e na cinza. – É por isso que vos declaro que ao dia do julgamento Tiro e Sidon serão tratadas menos rigorosamente que vós.

E tu, Cafarnaum, elevar-te-ás sempre até o céu. Tu serás aviltada até o fim do inferno, porque os milagres que foram feitos no teu meio tivessem sido feitos em Sodoma ela subsistiria, talvez ainda hoje. – É por isso que te declaro que, no dia do julgamento, o país de Sodoma será tratado menos rigorosamente que tu. (São Mateus, cap. XI, v. 20 a 24)

RUINA DO TEMPLO DE JERUSALÉM

15. – Quando Jesus saiu do templo para se ir, seus discípulos se aproximaram dele para lhe fazerem notar a estrutura e a grandeza deste edifício. – Mas ele lhes disse: Vede vós todas estas edificações? Eu vos digo em verdade, elas serão a tal ponto, destruídas que não restará pedra sobre pedra. (São Mateus, cap. XIV, v. 1 e 2)

16. – Chegando, em seguida, próximo a Jerusalém e contemplando a cidade, ele chorou sobre ela dizendo: – Ah! Se tu reconhecesses ao menos, por esses dias que te é ainda dado, aquele que pode te obter a paz! Mas, agora, tudo isso está fechado aos teus olhos. – Também virá um tempo infeliz para ti, onde teus inimigos envolver-te-ão de trincheiras onde te encerrarão e te confinarão de todas as partes; – eles te abaterão por terra, tu e teus filhos que estão em teu meio e não deixarão pedra sobre pedra, porque tu não reconheceste o tempo em que Deus te visitou. (São Lucas, cap. XIX, v. 41 a 44)

17. – Entretanto, é preciso que eu continue a caminhar, hoje e amanhã, e o dia seguinte, porque não é possível que um profeta sofra a morte, aliás, senão em Jerusalém.

Jerusalém, Jerusalém que matas os profetas e que apedrejas aqueles que estão envoltos por ti, quantas vezes quis reunir teus filhos como uma galinha reúne seus pintos sob suas asas e tu não a quiseste. – O tempo se aproxima em que vossa casa permanecerá deserta. Ora, eu vos digo em verdade que vós não me vereis doravante senão até que me digais: Bendito seja aquele que venha em nome do Senhor. (São Lucas, cap. XIII, v. 33 a 35)

18. – Quando virdes um deserto envolvendo Jerusalém, sabeis que sua destruição está próxima. – Então, aqueles que estiverem na Judéia desapareçam para as montanhas; aqueles que se encontrem dentro dela retirem-se e os que estiverem no país da vizinhança não entrem aí jamais. Porque serão, então, os dias da vingança; a fim de que tudo o que está na Escritura seja cumprido. – Infelizes daquelas que estiverem grávidas ou nutrizes em seus dias, porque este país será abatido pelo mal e a cólera do céu cairá sobre este povo. – Eles os passarão pelo fio da espada; serão levados cativos em todas as nações, e Jerusalém será esmigalhada aos pés dos gentios até que o tempo das nações seja completo. (São Lucas, cap. XXI, v. 20 a 24)

19. – (Jesus caminhando para o suplício) Ora, ele estava seguido de uma grande multidão de pessoas e de mulheres, que se batiam no peito e que choravam. – Mas Jesus, voltando-se lhes disse: Filhas de Jerusalém, nunca chorais por mim mas chorais por vós mesmas e por vossos filhos; – porque virá um tempo em que se dirá: felizes as estéreis e as entranhas que nunca portaram filhos e de mães que não tenham nunca nutrido. – Começarão, então, a dizer às montanhas: Caí sobre nós! E às colinas: Cobri-nos! – Porque se trata da sorte dos bosques verdes, como o bosque seco será ele tratado? (São Lucas, cap. XXIII, v. 27 a 31)

20. – A faculdade de pressentir as coisas futuras é um atributo da alma e se explica pela teoria da presciência. Jesus a possuía, como todas as outras em um grau eminente. Ele pôde, pois,

prever os acontecimentos que sucederam à sua morte sem que o tenha feito nada de sobrenatural, pois se os vê reproduzir sob nossos olhos nas condições as mais vulgares. Não é raro que indivíduos anunciem com precisão, o instante de sua morte; é que sua alma no estado de liberação é como o homem da montanha (Cap. XIV, n° 1); ela abarca a rota a percorrer e visualiza o fim.

Devia ser da mesma forma assim com Jesus que tinha a consciência na missão que viera cumprir, sabia que a morte pelo suplício era a consequência necessária. A visão espiritual que era permanente dentro dele assim como a penetração do pensamento, devia lhe mostrar as circunstâncias e a época fatal. Pela mesma razão, podia prever a ruína do Templo, a de Jerusalém, as desgraças que iriam ferir seus habitantes, e a dispersão dos judeus.

21. – A incredulidade que não admite a vida espiritual independente da matéria, na pode se dar conta da presciência; é porque ela a nega, atribuindo ao acaso os fatos autênticos que se cumprem sob seus olhos. É marcante que ela recua ante o exame de todos os fenômenos psíquicos que se produzem em todas as partes de medo, sem dúvida de aí ver a alma surgir e lhe dar um desmentido.

MALDIÇÃO AOS FARISEUS

22. – (João Batista) *Vendo vários fariseus e saduceus que vinham a seu batismo, ele lhes disse: Raça de víboras, quem vos ensinou a escapar da cólera que deva cair sobre vós? Fazeis, pois, dignos frutos de penitência; – e não penseis dizer a vós mesmos: Nós temos Abraão por Pai, porque eu vos declaro que Deus pode fazer nascer destas pedras, mesmo, filhos de Abraão; – porque o machado já está posto à raiz das árvores: Toda árvore, pois, que nunca produzir bons frutos será golpeada e lançada ao fogo.* (São Mateus, cap. III, v. 7 a 10)

23. – *Infelizes de vós, escribas e fariseus hipócritas porque fechais aos homens o reino dos céus; porque vós mesmos nunca lá entrareis e vos opondes ainda àqueles que lá desejam entrar!*

Infelizes de vós, escribas e fariseus hipócritas porque, sob pretexto de vossas longas preces devorais as casas das viúvas; é por esse motivo que recebereis um julgamento mais rigoroso!

Infelizes de vós, escribas e fariseus hipócritas porque percorreis mares e terras para fazer um prosélito e que após o quê ele é transformado, vós o tornai dignos do inferno duas vezes mais que vós.

Infelizes de vós, condutores cegos que dizeis: se um homem jura pelo templo, isso não é nada; mas aquele que jura pelo ouro do templo está obrigado ao seu juramento! – Insensatos e cegos que sois! A quem se deve mais estimar, ou o ouro ou o templo que santifica o ouro? E se um homem, direis vós, jura pelo altar, não é nada; mas aquele que jura pelo dom que está sobre o altar, é obrigado ao seu juramento. – Cegos que vós sois! A que se deve mais estimar, ao dom ou ao altar que santifica o dom? – Aquele, pois, que jura pelo altar e por tudo o que esteja por cima; – e quem jura pelo templo, jura pelo tempo e pelo que aí habite; – e aquele que jura pelo céu. Jura pelo trono de Deus e por aquele que aí esteja sentado.

Infelizes de vós, escribas e fariseus hipócritas que pagais o dízimo da menta, do funcho e do cominho e que tendes abandonado o que há de mais importante na lei, para saber: a justiça, a misericórdia e a fé! Estão aí as coisas que são precisas praticar sem nem ao menos omitir as outras. – Condutores cegos, que tendes grande solicitude em examinar o que bebeis, de medo de sorver um mosquito e que traga um camelo!

Infelizes de vós, escribas e fariseus hipócritas porque .limpai por fora do copo e do prato e estais no interior cheios de rapina e de impureza! Fariseus cegos! Limpai primeiramente dentro do copo e do prato a fim de que o exterior esteja limpo também.

Infelizes de vós, escribas e fariseus hipócritas que pareceis com sepulcros caiados que, por fora parece belo aos olhos dos homens, mas que no interior estão cheios de ossada de mortos e de toda a sorte de putrefações! – Assim, externamente pareceis justos, mas no íntimo, estais cheios de hipocrisias e de iniquidades.

Infelizes de vós, escribas e fariseus que construís túmulos aos profetas e ornai os monumentos dos justos, – e que dizeis: Se fôssemos do tempo dos nossos pais não nos fundiríamos ligados a eles para espalhar o sangue dos profetas! Acabai, pois, também de cumular a medida de vossos pais. – Serpentes, raças de víboras, como podeis evitar de serem condenados ao inferno? – É por isso que vos enviarei profetas, sábios e escribas e matareis uns, crucificareis outros, chicoteareis outros mais em vossa sinagoga e vos perseguireis de cidade em cidade; – a fim de que todo sangue inocente que se espalhou sobre a Terra recaia sobre vós, desde o sangue de Abel o justo, até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matasteis entre o templo e o altar! Digo-vos em verdade, tudo isto virá fundir sobre esta raça que existe atualmente. (São Mateus, cap. XXIII, v. 13 a 16)

MINHAS PALAVRAS NUNCA PASSARÃO

24. – *Então, seus discípulos, aproximando-se, disseram-lhe: Sabeis bem que os fariseus tendo entendido o que vós viestes a dizer, ficaram escandalizados? – Mas ele respondeu: Toda planta que meu pai celeste nunca tenha plantado, será arrancada. – Deixai-os; são cegos que conduzem cegos; se um cego conduz outro, eles cairão, os dois, na fossa. (São Mateus, cap. XV, v. 12 a 14)*

25. – *O Céu e a Terra passarão, mas minhas palavras nunca passarão. (São Mateus, cap. XXIV, v. 35)*

26. – *As palavras de Jesus nunca passarão porque serão verdadeiras em todos os tempos; seu código moral será eterno porque encerra as condições do bem que conduz o homem a seu destino eterno. Mas suas palavras são chegadas até nós puras de toda mistura e de falsas interpretações? Todas as seitas cristãs têm tomado o espírito? Nenhuma terá desviado o verdadeiro sentido por sequência dos julgamentos e da ignorância das leis da natureza? Nenhuma fez dela um instrumento de domínio para servir a ambições e a interesses materiais, um estribo não para se elevar aos céus, mas para se elevar na Terra? Todas são elas propostas como regra de conduta à pratica das virtudes da qual fez a condição expressa da salvação? Todas são isentas de censura que ele endereçava aos fariseus de seu tempo? Todas, enfim, são elas em teoria como em prática, a expressão pura da sua doutrina?*

A verdade, sendo uma, não pode se encontrar em afirmações contrárias e Jesus não poderia querer dar um duplo sentido às palavras. Se, pois, as diferentes seitas se contradiziam, se umas consideravam como verdade o que outras condenavam como heresia, é impossível que estejam todas elas com a verdade. Se todas tivessem tomado o sentido verdadeiro do ensinamento evangélico, elas iriam se encontrar sobre o mesmo terreno e não haveria tido seitas.

O que não passará é o senso verdadeiro das palavras de Jesus; o eu passará é o que os homens estabeleceram sobre o senso falso que deram às suas próprias palavras.

Jesus tendo missão de trazer aos homens o pensamento de Deus, sua doutrina pura pode ser somente a expressão desse pensamento; é por isso que ele disse: Toda planta que meu Pai celeste nunca plantou será arrancada.

A PEDRA ANGULAR

27. Não tendes jamais lido esta palavra nas Escrituras: a pedra que foi rejeitada pelos que edificaram é transformada na principal pedra angular? É o que o Senhor fez e nossos olhos o veem com admiração. – É por isso que vos declaro que o reino de Deus vos será despojado e que será dado a um povo onde produzirá frutos. – Aquele que se deixar cair sobre esta pedra se quebrará, e ela esmagará aquele sobre o qual cairá.

Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, tendo entendido estas palavras de Jesus concluíram que era deles que ele falava; – e querendo se apoderar dele, apreenderam o povo, porque eles o olhavam como um profeta. (São Mateus, cap. XXI, v. 42 a 46)

28. – A palavra de Jesus transformou-se na pedra angular, isto é, a pedra de consolidação do novo edifício da fé, elevado sobre as ruínas do passado; os Juizes, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus tendo rejeitado esta palavra, ela os esmagou como esmagará aquele que posteriormente a desprezar ou que deformarem o sentido em benefício de sua ambição.

PARÁBOLA DOS VINATEIROS HOMICIDAS

29. – Havia um pai de família que, tendo plantado uma vinha, fechou-a com uma cerca viva; e escavando a terra ele aí edificou uma torre; depois, tendo-a alugado a vinhateiros, ele se foi para um país distante.

Ora, o tempo das frutas estando próximo, ele enviou seus servidores aos vinhateiros para recolher os frutos de sua vinha. – Mas os vinhateiros, tendo se apoderado dos seus servidores, agrediram um, mataram outro e lapidaram um terceiro. – Ele lhe enviou ainda outros servidores em maior número que os primeiros e foram tratados da mesma forma. – Enfim, enviou-lhe seu próprio filho, dizendo para si mesmo: Terão algum respeito pelo meu filho. Mas os vinhateiros, vendo o filho, disseram entre eles: Eis o herdeiro: vinde, matemo-lo e seremos senhores de sua herdade. – Assim, tendo-se apoderado dele, lançaram-no fora da vinha e mataram-no.

Quando, pois, o senhor da vinha vier, como tratará os vinhateiros? – Responderam-lhe: fará perecer miseravelmente estes perigosos e arrendará sua vinha a outros vinhateiros que lhe tornarão os frutos em sua estação. (São Mateus, c. XXI, v. 33 a 41)

30. – O pai de família é Deus; a vinha que plantou é a lei que estabeleceu; os vinhateiros aos quais arrendou sua vinha são os homens que devem ensinar e praticar sua lei; os servidores que enviou até eles são os profetas que fizeram perecer; seu Filho que ele enviou, enfim, é Jesus, que eles mataram do mesmo jeito. Como, pois, o Senhor tratará seus mandatários prevaricadores de sua lei? Ele os tratará como foram tratados seus enviados, e chamará outros que lhe renderem melhor conto de seus bens e da condução de sua manada.

Assim tem-no sido escribas, príncipes dos sacerdotes e fariseus; assim o será quando ele vier de novo conta a cada um do que tenha feito de sua doutrina; tirará a autoridade de quem dela tiver abusado, porque quer que seu campo seja administrado conforme sua vontade.

Após dezoito séculos a humanidade, chegada à idade viril está madura para compreender o que Cristo só fez aflorar, porque como ele próprio dizia, não teriam compreendido. Ora, a qual resultado chegaram os que, durante este longo período tem sido encarregado de sua educação religiosa? Em ver a indiferença suceder à fé e a incredulidade se erigir como doutrina. Em nenhuma outra época, de fato, o cepticismo e o espírito de negação não foram mais propalados em todas as classes da sociedade.

Mas, se algumas das palavras são encobertas por alegorias, por tudo o que concerne à regra de conduta, as relações homem-a-homem, os princípios morais dos quais ele faz a condição expressa da salvação. (***Evangelho conforme o Espiritismo***, cap. XV), ele é claro, explícito e sem ambiguidade.

O que fez de suas máximas de caridade, de amor e de tolerância; das recomendações que fez a seus apóstolos de converter os homens pela doçura e a persuasão; a simplicidade, a humildade, o desinteresse e todas as virtudes em que ele deu o exemplo? Em seu nome os homens se lançaram o anátema e a maldição; massacraram-se em nome daquele que disse: todos os homens são irmãos. Fizeram um Deus ciumento, cruel, vingativo e parcial daquele que se proclamou infinitamente justo, bom e misericordioso; sacrificou-se a este Deus de paz e de verdade mais de milhares de vítimas nas piras, pelas torturas e as perseguições o que jamais sacrificaram os pagãos pelos falsos deuses; venderam-se as preces e os favores do céu em nome daquele que perseguiu os vendilhões do templo e que disse a seus discípulos: Dai de graça o que de graça receberdes.

Que diria o Cristo se vivesse atualmente entre nós? Se visse seus representantes ambicionar as honras, as riquezas, o poder e o fausto dos príncipes no mundo enquanto que ele, mais rei do eu os reis da Terra, fez sua entrada em Jerusalém montado num asno? Não estaria ele no direito de dizer: que fizestes de meus ensinamentos, vós que lisonjeais o bezerro de ouro, que fazeis em vossas preces uma ampla participação aos ricos e uma mirrada participação aos pobres, neste caso que vos tenho dito: Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no reino dos céus? Mas se ele não o está carnalmente, não o está em Espírito, e como o mestre da parábola, virá pedir conta a seus vinhateiros do produto de sua vinha, quando do tempo da colheita chegar.

UM SÓ REBANHO E UM SÓ PASTOR

31. *Tenho ainda outras ovelhas negras que não são deste curral; é preciso também que eu as conduza; elas escutarão minha voz e só haverá um único rebanho e um pastor.* (São João, cap. X, v. 6)

32. – Por estas palavras, Jesus anuncia claramente que um dia os homens se reúnem a uma crença única; mas como esta unificação poderá ser feita? A coisa parece difícil, caso se considere as diferenças que existem entre as religiões, o antagonismo que elas mantêm entre seus adeptos respectivos, suas obstinações a se crer em posse exclusiva da verdade. Todas querem bem a unidade, mas todas se lisonjeiam de que ela se fará a seu proveito, e nenhuma pretende fazer concessões em suas crenças.

Entretanto, a unidade se fará em religião como tende a se fazer socialmente, politicamente, comercialmente, pelo aviltamento das barreiras que separam os povos, pela assimilação dos costumes, dos usos, da linguagem; os povos do mundo inteiro fraternizam-se já, como os de província do mesmo império; pressente-se esta unidade, deseja-se a. Far-se-á pelas forças das coisas porque se tornará uma necessidade para estreitar os liames de fraternidade entre as nações; ela se fará pelo desenvolvimento da razão humana que fará compreender a

puerilidade dessas dissidências; pelo progresso da ciência que demonstra cada dia os erros materiais sobre os quais se apoia, e destaca pouco a pouco as pedras carcomidas de seus assentamentos. Se a ciência demoliu, nas religiões o que é obra dos homens e é fruto da sua ignorância das leis da natureza ela não pode destruir, apesar da opinião de alguns, o que é a obra de Deus e de eterna verdade, desentulhando os acessórios ela prepara as vias da unidade.

Para chegar à unidade, as religiões deverão se encontrar em um terreno neutro, entretanto comum a todas; para isso, todas terão que fazer concessões e sacrifícios maiores ou menores conforme a multiplicidade de seus dogmas particulares. Mas em virtude do princípio de imutabilidade que professam todas, a iniciativa das concessões não poderia vir do campo oficial; ao lugar de tomar seu ponto de partida do alto, elas o tomam por baixo pela iniciativa individual. Opera-se, após algum tempo, um momento de descentralização e tende a adquirir uma força irresistível. O princípio da imutabilidade que as religiões consideravam até aqui como uma égide conservadora, tornar-se-á um elemento destruidor, atentando para o fato de que os cultos imobilizando-se, ao passo que a sociedade marcha para a frente, eles serão contornados, após, absorvidos na corrente de ideias de progressão.

Entre as pessoas que se destacam no todo ou em parte dos troncos principais e do qual o número engrossa sem cessar, se alguns não quiserem nada, a imensa maioria que não se acomoda anulando-se do nada, quer alguma coisa; esta alguma coisa nada está ainda definida em seu pensamento, mas pressentem-na; tendem ao mesmo fim por vias distintas e será por elas que começará o movimento de concentração sobre a unidade.

No estado atual de opiniões e de conhecimentos, a religião que devera relacionar um dia todos os homens sob uma mesma bandeira, será a que satisfará melhor a razão e as legítimas aspirações do coração e do Espírito; que não será de nenhuma forma desmentida pela ciência positiva; que, em lugar de se imobilizar, seguirá a humanidade em sua marcha progressiva sem se deixar jamais ultrapassar; que não será nem exclusiva nem intolerante; que será emancipadora da inteligência, admitindo apenas a fé racional, aquela cujo código de moral será o mais puro, o mais racional, o mais em harmonia com as necessidades sociais, a mais apropriada, enfim, a fundar sobre a Terra o reino do bem, pela prática da caridade e da fraternidade universal.

Entre as religiões existentes, aquelas que mais se aproximam destas condições terão menos concessões que fazer; se uma delas se as preencher completamente, tornar-se-á naturalmente o eixo da unidade futura; esta unidade se fará em torno daquela que menos deixará a desejar pela razão, não por uma decisão oficial, porque não se regulamenta a consciência, mas pelas adesões individuais e voluntárias.

O que entretém o antagonismo entre as religiões é a ideia que elas têm cada qual do seu Deus particular, e sua pretensão de ter a única verdade e a mais poderosa e que está em hostilidade constante com os deuses dos outros cultos, e ocupada a combater sua influência. Quando se convencerem que só existe um único Deus no Universo e que, em definitivo, é o mesmo que eles adoram, sob o nome de Jeová, Alá ou Deus; quando estiverem de acordo sobre seus atributos essenciais, compreenderão que um Ente único só pode ter uma única vontade; elas se estenderão as mãos como os servidores de um mesmo Mestre e os filhos de um mesmo pai e terão feito um grande passo sobre a unificação.

CHEGADA DE ELIAS

33. – *Então, seus discípulos lhe indagaram: Por que, pois, os escribas disseram que é preciso que Elias venha primeiro? – Mas Jesus respondeu-lhes: É verdade que Elias deva vir e que restabelecerá todas as coisas.*

Mas eu vos declaro que Elias já veio e nem o conheceram, mas trataram-no como lhes aprouve. É assim que farão morrer o Filho do homem.

Então seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele lhes tinha falado. (São Mateus, cap. 17 v. 10 a 13)

34. – Elias já viera na pessoa de João Batista. Seu novo advento é anunciado de uma maneira explícita; ora, como ele não pode voltar senão com um novo corpo, é a consagração formal do princípio da pluralidade das existências. (***Evangelho conforme o Espiritismo***, cap. IV, nº 10)

ANÚNCIO DO CONSOLADOR

35. – *Se vós me amais, guardai, guardai meus mandamentos; – e eu rezarei meu Pai, e Ele vos enviará um outro consolador a fim de que demore eternamente convosco: – O espírito Verdade, que este mundo não pode receber porque nunca o vê; mas por vós, vós o conheceis porque permanecerá convosco e estará em vós. – Mas o consolador que é o Espírito Santo, que meu Pai enviará em meu nome, **ensinar-vos-á todas as coisas e fareis recordar de tudo o que eu vos tenho dito.** (São João, cap. XIV, v. 15 a 17 e 26 – Evangelho cf. o Espiritismo, cap. VI)*

36. – *Todavia, digo-vos a verdade: É-vos útil que eu me vá porque se eu nunca for, o Consolador não virá a vós; mas eu me vou e vo-lo enviarei, – e quando ele vier, convencerá o mundo no que toca ao pecado, no que toca à justiça e no que toca ao julgamento: – no tocante ao pecado, porque não acreditaram em mim; – tocante à justiça, porque eu me vou a meu Pai e que não me vereis mais; tocante ao julgamento, porque o príncipe deste mundo já está julgado.*

Tenho ainda muitas coisas que dizer, mas vós não podeis portá-la presentemente.

Quando este Espírito Verdade vier, ele vos ensinará toda verdade porque não falará dele mesmo, mas dirá tudo o que ele tiver entendido, e vos anunciará a coisa por vir.

Ele me glorificará porque receberá do que é meu e ele vos anunciará. (São João, cap. XVI, v. 7 a 14)

37. – Esta predição é, sem contradita, uma das mais importantes do ponto de vista religioso porque constata da maneira a menos equívoca que *Jesus não disse tudo aquilo que tinha para dizer* porque não seria, mesmo, compreendido por seus apóstolos, já que é a estes que se dirigia. Se lhes houvesse dado instruções secretas, eles a teriam feito menção nos Evangelhos (a). Desde então, que não tenha dito tudo a seus apóstolos, seus sucessores não puderam saber mais do eu eles; teriam, pois podido se equivocar sobre o sentido de suas palavras, dar uma falsa interpretação a seus pensamentos, frequentemente velados sob a forma parabólica. As religiões fundadas sobre o evangelho não podem, pois, se dizer em posse de toda a verdade, já que se reservou em completar ulteriormente suas instruções. Seu princípio de imutabilidade é um protesto contra as próprias palavras de Jesus.

Ele anuncia sob o nome de *Consolador* e de *Espírito Verdade* aquele que deva *ensinar todas as coisas*, e fazer *relembrar* o que ele disse; pois, seu ensinamento não estava completo; no

mais, ele previa que se teria esquecido o que disse e que se o teria descaracterizado já que o Espírito Verdade devia fazer lembrar, e concorde com Elias, *restabelecer todas as coisas*, isto é, conforme o verdadeiro pensamento de Jesus.

38. – Quando este novo revelador deverá vir? É bem evidente que se, à época em que falava Jesus, os homens não estavam em estado de compreender as coisas que lhe restava dizer, não será em alguns anos que possam adquirir as luzes necessárias. Para entendimento de certas partes dos Evangelhos, à exceção dos preceitos morais, seria preciso conhecimentos que só o progresso das ciências poderia dar, e que deveriam ser a obra do tempo e de várias gerações. Se, pois, o novo Messias viesse pouco tempo após Cristo teria encontrado o terreno todo também pouco propício e não teria feito mais do que ele. Ora, desde o Cristo até nossos dias não se produziu nenhuma grande revelação que tenha completado o Evangelho e que lhe tenha elucidado as partes obscuras, índice seguro de que o enviado não tinha ainda aparecido.

39. – Qual deva ser este enviado? Jesus dizendo: *“Rogarei a meu pai e Ele vos enviará um outro Consolador”* indica claramente que este não é ele próprio; do contrário, teria dito: *“Voltarei para completar o que vos tenho ensinado”*. Após, ele junta: *“A fim de que ele demore eternamente convosco e ele estará em vós”*. Isto aqui não seria possível entender de uma individualidade encarnada que não possa demorar eternamente conosco e ainda menos estar em nós, mas compreende-se muito bem de uma doutrina que, de fato, logo que se a tenha assimilado, possa estar eternamente em nós. O *Consolador* é, pois, no pensamento de Jesus, a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora onde o inspirador deva ser o *Espírito Verdade*.

40. – O Espiritismo realiza, como tem demonstrado (Cap. I, nº 30), todas as condições do Consolador prometido por Jesus. Nem é uma doutrina individual, uma concepção humana; ninguém pode se dizer-lhe o criador. É o produto do ensinamento coletivo dos Espíritos aos quais preside o Espírito Verdade. Não suprime nada do Evangelho: completa-o e elucida-o; com auxílio das novas leis que revela, junta às da ciência, faz compreender o que estava ininteligível, admite a possibilidade daquilo que a incredulidade olhava como inadmissível. Teve seus precursores e seus profetas que previram sua vinda. Por seu poder moralizador, prepara o reino do bem sobre a Terra.

A doutrina de Moisés, incompleta, ficou circunscrita ao povo judeu; a de Jesus, mais completa, espalhou-se sobre toda a Terra pelo Cristianismo, mas não converteu todo mundo; o Espiritismo, mais completo ainda, tendo raízes em todas as crenças, converterá a humanidade.
(1)

41. – Cristo, dizendo a seus apóstolos: “um outro virá mais tarde, que vos ensinará o que não pude vos dizer agora”, proclamava por isso mesmo a necessidade da reencarnação. Como estes homens poderiam aproveitar o ensinamento mais completo que deveria ser dado ulteriormente; como estariam eles mais aptos a compreendê-lo se não deviam reviver? Jesus teria dito uma inconseqüência se os homens futuros devessem, conforme a doutrina vulgar, serem homens novos, almas saídas do nada em seu nascimento. Admiti, ao contrário, que os apóstolos e os homens de seu tempo tenham vivido depois; que vivam ainda atualmente a promessa de Jesus se encontre justificada; sua inteligência que deveu se desenvolver ao contato com o progresso social, pode conduzir atualmente o que não poderia portar então. Sem a reencarnação, a promessa de Jesus teria sido ilusória.

42. – Salvo se dissesse que esta promessa foi realizada no dia de Pentecoste, pela descida do Espírito Santo, responder-se-ia que o Espírito Santo inspirou-as, que pôde abrir sua

inteligência, desenvolver neles as aptidões medianímicas que deveriam facilitar sua missão, mas que não lhe tenha aprendido nada de mais do que houvesse ensinado Jesus, porque não se encontra nenhum traço de um ensino especial. O Espírito Santo não tem, pois, realizado o que Jesus anunciou sobre o Consolador: de outro modo, os apóstolos teriam elucidado, desde sua vivência, tudo o que ficou obscuro no Evangelho até este dia, e cuja interpretação contraditória deu lugar às inumeráveis seitas que dividem o Cristianismo desde o primeiro século.

SEGUNDA VINDA DO CRISTO

43. – *Então Jesus disse a seus discípulos: se alguém quiser vir após mim, que renuncie a si próprio, que se encarregue de sua cruz, e que me siga; – porque aquele que quiser salvar sua vida perdê-la-á e o que perder sua vida por amor a mim, a reencontrará.*

E que serviria a um homem ganhar todo o mundo, e perder sua alma? Ou, por que troca o homem, poderia ele resgatar sua alma após tê-la perdido? Pois o Filho do homem deve vir na glória de seu pai com seus anjos, e então, renderá a cada um conforme suas obras.

Eu vos digo, em verdade, há alguns dos que estão aqui que não experimentarão a morte senão enquanto não virem o Filho do homem vir em seu reino. (São Mateus, XVI, v. 24 a 28)

44. – *Então, o sumo sacerdote, erguendo-se no meio da assembleia, interrogou Jesus e lhe disse: Não respondeis nada àqueles que depõem contra vós? – Mas Jesus permaneceu no silêncio e não respondeu nada. O sumo sacerdote interrogou-o ainda e disse: Sois vós o Cristo, o Filho de Deus bendito para sempre? – Jesus lhe respondeu: Eu o sou e vereis um dia o Filho do homem sentado à direita da majestade de Deus, e vindo sobre as nuvens do céu.*

Logo, o sumo sacerdote, despedaçando suas vestes, disse-lhe: Que temos nós mais necessidade de testemunhas? (São Marcos, cap. XIV, v. 60 a 63)

45. – Jesus anuncia sua segunda chegada, mas não diz, absolutamente, que voltará sobre a Terra com um corpo carnal nem que o Consolador será personificado nele. Ele se apresenta como devendo vir em Espírito, na glória de seu pai, julgar o mérito e o demérito e levar a cada um conforme suas obras quando os tempos foram chegados.

Esta palavra: *“Há alguns dos que estão aqui que não experimentarão a morte se não tiverem visto o Filho do homem vir em seu reino”* mostra uma contradição que já é certo que ele não virá aos viventes de alguns destes que estavam presentes. Jesus não podia, entretanto, enganar-se numa previsão desta natureza, e sobretudo por uma coisa contemporânea que lhe concernia pessoalmente; é preciso, a princípio, indagar se estas palavras sempre tiveram sido bem fielmente encontradas. Pode-se duvidar, se sonho que não tenha nada escrito; que eles só tenham aparecido após sua morte; e quando se vê o mesmo discurso quase sempre reproduzido em termos diferentes em cada evangelista, é uma prova evidente que estas não são as expressões textuais de Jesus. É por outro lado, provável que o sentido deva, por vezes ser alterado ao passar-se para traduções sucessivas.

De outro lado, é certo que, se Jesus tivesse dito tudo o que tivesse podido dizer, ele teria se expressado sobre todas as coisas de uma maneira limpa e precisa que não teria dado nenhum equívoco, como é feito pelos princípios morais, enquanto que deveu cobrir seu pensamento sobre os assuntos que ele não julgou a propósito de se aprofundar. Os apóstolos, persuadidos de que a geração presente devia ser testemunha do que ele anunciava, deveram interpretar o pensamento de Jesus conforme sua ideia; puderam, por consequência, redigi-la no sentido do

presente de uma maneira mais absoluta, que não pôde, talvez, fazer ele mesmo. Qualquer que seja o fato é aí que prova que as coisas não aconteceram assim como se crê.

46. – Um ponto capital que Jesus não pôde desenvolver, porque os homens do seu tempo não estavam suficientemente preparados a esta ordem de ideias e a suas consequências, mas do que, entretanto, apresentou o princípio, como fizera por todas as coisas, é a grande e importante lei da reencarnação. Esta lei, estudada e posta à luz dos nossos dias pelo Espiritismo, é a chave de várias passagens do Evangelho que, sem ela, parecem contrassenso.

É nesta lei que se pode encontrar a explicação racional das palavras acima, admitindo-as como textuais. Já que elas não podem se aplicar à pessoa dos apóstolos, é evidente que se reportam ao reino futuro do Cristo, ou seja, no tempo em que sua doutrina, melhor compreendida, será a lei universal. Dizendo-lhe que *alguns dos que estão presentes* verão seu acontecimento, isso não podia se estender senão no sentido de que reviveriam a esta época. Mas os judeus figuraram que eles iriam ver tudo o que Jesus anunciava e tomaram suas alegorias ao pé da letra.

De resto, alguns anos de suas predições cumpriram-se em seu tempo, tais como a ruína de Jerusalém, as maldições que se seguiram, e a dispersão dos judeus; mas ele leva sua visão mais longe e, em falando do presente, ele faz constantemente alusão ao futuro.

SINAIS PRECURSORES

47. – *Ouvireis também falar de guerras e de ruídos de guerras; mas resguardai bem de vos turbar, porque é preciso que estas coisas aconteçam, mas isto não se ainda o fim, – porque se verá sublevar povo contra povo, reino contra reino, e haverá pestes, famintos, e tremores de terra em diversos lugares; – e todas estas coisas serão apenas o começo das dores.* (São Mateus, cap. XXIV, v. 6 a 8)

48. – *Então, o irmão liberará o irmão à morte e o pai ao filho; e os filhos se sublevarão contra seus pais e suas mães e os farão morrer. – E vós sereis odiados por todo mundo por causa de meu nome; mas aquele que se preservar até o fim, será salvo.* (São Marcos, cap. XIII, v. 12 e 13)

49. – *Quando virdes que a abominação da desolação que foi predita pelo profeta Daniel estiver no lugar santo, que o que ler entenda bem o que leu.*

Então, que aqueles que estiverem na Judéia, fujam subindo a montanha. – Que aquele que estiver no alto do teto nunca desça para apanhar qualquer coisa de sua casa; – E aquele que estiver no campo nunca retorne para pegar suas vestes. – Mas infeliz das mulheres que estiverem grávidas ou amamentando naqueles dias. – Rezai, pois, a Deus que vossa fuga nunca chegue durante o inverno nem no dia do sábado, – porque a aflição desse tempo lá será tão grande que não o haja nunca tido igual, após o começo do mundo até o presente e que haverá jamais. – E se estes dias não forem abreviados, nenhum homem se salvará, mas estes dias serão abreviados em favor dos escolhidos. (São Mateus, cap. XXIV, v. 15 a 25)

50. – *Logo após estes dias de aflição o Sol se obscurecerá e a Lua não dará mais sua luz; as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão enfraquecidos.*

Então o sinal do Filho do homem aparecerá no céu e todos os povos da Terra estarão em pratos e nos gemidos; e verão o Filho do homem que virá sobre as nuvens do céu como uma grande majestade.

E ele enviará seus anjos que farão entender a voz radiosa de suas trombetas e que reunirão seus eleitos dos quatro cantos do mundo desde uma extremidade do céu até a outra.

Aprendeí uma comparação tirada da figueira. Quando seus ramos são já tenros e produzem folhas, sabeis que o verão está próximo. – Igualmente, quando virdes todas estas coisas, saibais que o Filho do homem está próximo e que ele é como a porta.

Eu vos digo, em verdade, que esta raça não passará enquanto que todas as coisas não sejam cumpridas. (São Mateus, cap. XXIV, v. 29 a 34)

E chegará o advento do Filho do homem, aquele que chegou ao tempo de Moisés; – porque, como nos últimos tempos antes do dilúvio, os homens comiam e bebiam, casavam-se e casavam seus filhos até o dia em que Noé entrou na arca; – e, como não conheceram o momento do dilúvio senão quando ele sobreveio e envolveu todo mundo, sê-lo-á da mesma forma a vinda do Filho do homem. (São Mateus, cap. XXIV, v. 37 e 38)

51. – Quanto a este dia aí, ou a esta hora, ninguém o sabe nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, mas o Pai somente. (São Marcos, cap. XIII, v. 32)

52. – Em verdade, em verdade, eu vos digo, chorareis e gemereis e o mundo se regozijará; estareis na tristeza, mas vossa tristeza se mudará em alegria. – Uma mulher, quando ela gera e na dor, porque sua hora é vinda, mas após dar a vida a um filho, ela não se lembrará mais de todos os seus males na alegria que possui, de ter posto um homem no mundo. – É assim que sois agora na tristeza, mas vos verei de novo e vosso coração se rejubilará e ninguém vos arrebatará vossa alegria. (São João, cap. XVI, v. 20 a 22)

53. – Surgirão vários falsos profetas que seduzirão muitas pessoas, – e porque a iniquidade abundará, a caridade de muitos se resfriará; – mas aquele que perseverar até o fim será salvo. – E este Evangelho do reino será pregado em toda a Terra para servir de testemunho a todas as nações, e é então que o fim chegará. (São Mateus, cap. XXIV, v. 11 a 14)

54. – Este quadro do fim dos tempos é evidentemente alegórico, como a maior parte daquilo que apresentava Jesus. As imagens que contêm são de natureza, por sua energia, que impressione as inteligências ainda rudes. Para quebrar estas imaginações pouco sutis, era necessário pinturas vigorosas, em cores nítidas. Jesus dirigia-se, sobretudo, ao povo, aos homens os menos estarecidos, incapazes de compreender as abstrações metafísicas, e de assimilar a delicadeza das formas. Para chegar ao coração, era preciso falar aos olhos com auxílio de traços materiais, e aos ouvidos pelo vigor da linguagem.

Por uma consequência natural desta disposição de espírito, o poder supremo não podia, conforme a crença de então, manifestar-se senão por coisas extraordinárias, sobrenaturais; mais fosse impossível, melhor eram aceitos como prováveis.

O Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com uma grande majestade, cercado de seus anjos e ao barulho das trombetas, parecia-lhes bem de outro modo imponente que um ser investido somente de poder moral. Também os judeus que alcançavam no Messias um rei da Terra, poderoso entre todos os reis, para colocar sua nação na primeira filha, e restaurar o trono de Davi e de Salomão, não o queriam reconhecer no humilde filho de um carpinteiro, sem

autoridade material, tido como louco por uns e de sobreposto de Satã por outros; não podiam compreender um rei sem asilo e cujo reino não era deste mundo.

Entretanto, este pobre proletário da Judéia tornou-se o maior entre os grandes; conquistou à sua soberania mais reinos que os mais poderosos potentados; somente com sua palavra e alguns miseráveis pescadores, ele revolucionou o mundo, e é a ele que os judeus devem sua reabilitação.

55. – É de se notar que, entre os Anciãos, os tremores de terra e o obscurecimento do Sol eram símbolos obrigatórios de todos os acontecimentos e de todos os presságios sinistros; se os reencontra na morte de Jesus, à de César e em uma quantidade de circunstâncias da história do paganismo. Se estes fenômenos fossem produzidos também frequentemente como se conta, pareceria impossível que os homens não o tivessem conservado na memória por tradição. Aqui se junta as estrelas que caem do céu, como para testemunhar às gerações futuras mais esclarecidas, que se trata de uma ficção, já que se sabe que as estrelas não podem cair. (b)

56. – Entretanto, sob estas alegorias ocultam-se grandes verdades: é, a princípio, o anúncio das calamidades de todos os gêneros que atingirão a humanidade e a dizimarão; calamidades engendradas pela luta suprema entre o bem e o mal, a fé e a incredulidade, as ideias progressistas e as ideias retrógradas. Em segundo lugar, a da difusão por toda a Terra do Evangelho restabelecido na sua pureza primitiva; depois, o reino do bem, que será o da paz e da fraternidade universal, sairá do código de moral evangélica posta em prática por todos os povos. Este será verdadeiramente o reino de Jesus, já que ele presidirá a seu estabelecimento e que os homens viverão sob a égide de sua lei; reino de bondade porque diz ele, “após os dias de aflição virão os dias de alegria”.

57. – Quando acontecerão estas coisas? “*Ninguém o sabe, diz Jesus, nem mesmo o Filho*”, mas, quando o momento vier, os homens serão advertidos pelos índices precursores. Estes índices não estão nem no Sol, nem nas estrelas, mas, no estado social, e nos fenômenos mais morais que físicos e que se pode em parte deduzir de suas alusões.

É bem certo que esta troca não podia se operar durante a vivência dos apóstolos, de outra forma, Jesus não teria podido ignorá-lo, e, aliás, uma tal transformação não poderia se cumprir em alguns anos. Entretanto, ele lhes fala como se eles devessem ser testemunhas; é que, em efeito, eles poderão reviver a essa época e trabalharem eles mesmos na transformação. Logo, ele fala da sorte próxima de Jerusalém e logo ele toma este fato como ponto de comparação para o futuro.

58. – É o fim do mundo que Jesus anuncia pela sua nova vinda e quando diz: “*Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, é então que o fim chegará*”?

Não é racional supor que Deus destruísse o mundo precisamente no momento em que ele entrará na trilha do progresso moral pela prática dos ensinamentos evangélicos: nada, aliás, nas palavras do Cristo, indica uma destruição universal a qual, em tais condições, não seria justificada.

A prática geral do Evangelho, devendo causar um melhoramento no estado moral dos homens, causará por ele mesmo, o reino do bem e ocasionará a queda do reino do mal. É, pois, o fim do velho mundo, do mundo governado pelos prejulgamentos, o orgulho, o egoísmo, o fanatismo, a incredulidade e todas as más paixões que o Cristo faz alusão quando diz: “*Quando o*

Evangelho for pregado por toda Terra, é então que o fim chegará, mas este fim ocasionará uma luta, e é desta luta que surgirão os males que ele previu”.

VOSSOS FILHOS E VOSSAS FILHAS PROFETIZARÃO

59. – *Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos filhos criados terão visões e vossos anciões terão sonhos. – Nesses dias, derramarei meu Espírito sobre meus servos e sobre minhas servas e eles profetizarão.* (Atos, cap. II, v. 17 e 18)

60. – Si se considerar o estado atual do mundo físico e do mundo moral, as tendências, as aspirações, os pressentimentos das massas, a decadência das velhas ideias que se debatem em vão após um século contra as ideias novas, não se pode duvidar que uma ordem de coisas se prepara e que o velho mundo encontra-se em seu fim.

Se agora, fazendo a parte da forma alegoria de certos quadros e auscultando o senso íntimo de suas palavras, compara-se a situação atual com os tempos descritos por Jesus como devendo marcar a era da renovação, não se pode desconvir eu várias de suas predições recebem atualmente seu cumprimento; de onde é necessário concluir que atingimos os tempos anunciados, o que confirmam sob todos os pontos do globo os Espíritos que se manifestam.

61. – Assim, como se tem visto (Cap. I n° 32), o advento do Espiritismo, coincidindo com outras circunstâncias, realiza uma das mais importantes predições de Jesus pela influência que deva forçosamente exercer sobre as ideias. É de outra forma claramente anunciada naquela que é reportada aos Atos dos Apóstolos: *“Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão”.*

É o anúncio inequívoco da vulgarização da mediunidade de nossos dias que se revela entre os indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições e conseqüentemente a manifestação universal dos Espíritos, porque sem os Espíritos não haveria médiuns. Eis aí, é dito, encontrará *nos últimos tempos*; ora, desde que não nos tocamos ao fim do mundo, mas, ao contrário à sua regeneração, é preciso que se entendam tais palavras: o fim dos tempos do mundo moral que termina. (**Evangelho conforme o Espiritismo**, cap. XXI)

JULGAMENTO FINAL

62. – *Ora, quando o Filho do homem vier na sua majestade, acompanhado de todos os anjos, ele assentará sobre o trono de sua glória; – e todas as nações estando reunidas ante ele, ele separará uns dos outros, como um pastor separa as ovelhas de com os bodes, e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à esquerda. – Então, o Rei dirá àqueles que estejam à direita: Vinde vós que tendes sido benditos por meu Pai, etc.* (São Mateus, cap. XXV, v. 31 a 46 – **Evangelho conforme o Espiritismo**, cap. XV)

63. – O bem, devendo reinar sobre a Terra, é preciso que os Espíritos endurecidos no mal e que poderiam aí levar a confusão o sejam excluídos. Deus os havia deixado o tempo necessário a seu melhoramento; mas o momento em que o globo deva se elevar na hierarquia dos mundos, pelo progresso moral de seus habitantes, estando chegado tal tempo como Espíritos e como encarnados, sê-lo-á interdito àquele que, não tendo aproveitado das instruções que eles tenham sido encarregados de receber. Serão exilados em mundos inferiores como o foram outrora, sobre a Terra os da raça adâmica, ao passo que serão substituídos por Espíritos melhores. É esta separação à qual presidirá Jesus que é ilustrada

por estas palavras do juízo final: “*Os bons passarão à minha direita e os mordazes à minha esquerda*” (Cap. XI, nº 31 e seguintes)

64. – A doutrina de um julgamento final, único e universal, empregando a tudo jamais fim da humanidade, repugna à razão neste sentido em que implicaria a inatividade de Deus durante a eternidade que seguirá sua destruição. Pergunta-se de que utilidade teriam, então, o Sol, a Lua e as estrelas que, conforme a Gênese, foram feitos para clarear nosso mundo. É espantoso que uma obra tão imensa tenha sido feita por tão pouco tempo e ao proveito de seres dos quais, a maior parte estaria voltada para o avanço dos suplícios eternos.

65. – Materialmente, a ideia de um julgamento único era, até a um certo ponto, admissível para aqueles que não procuram a razão das coisas, então, que se creia toda humanidade concentrada sobre a Terra e que tudo no Universo tinha sido feito para seus habitantes; ela é inadmissível desde que se soube que há milhares de mundos semelhantes que perpetuam as humanidades durante a eternidade, e entre os quais a Terra é um ponto imperceptível, dos menos consideráveis.

Vê-se por este único fato que Jesus tinha razão de dizer a seus discípulos: “*Há muita coisa que não posso vos dizer porque vós não o compreenderíeis*” já que o progresso das ciências era indispensável para uma sadia interpretação de algumas de suas palavras. Certamente, os apóstolos, São Paulo e os primeiros discípulos teriam estabelecido de outra forma, outros dogmas se tivessem tido os conhecimentos astronômicos, geológicos, físicos, químicos, fisiológicos e psicológicos que se possui atualmente. Também Jesus adiou o complemento de suas instruções e anunciou que todas as coisas deviam ser restabelecidas.

66. – Moralmente, um julgamento definitivo e sem apelo é inconciliável com a bondade infinita do Criador, que Jesus nos apresenta sem cessar como um bom Pai deixando sempre uma via aberta ao arrependimento e pronto a estender seus braços ao filho pródigo. Se Jesus tinha entendido o julgamento neste sentido, teria desmentido suas próprias palavras.

E depois, se o julgamento final deve assombrar os homens, de improviso, no meio de seus trabalhos ordinários, e as mulheres grávidas, indaga-se qual o objetivo de Deus, que não fez nada de inútil nem injusto, faria nascer crianças e *criaria almas novas* neste momento supremo, ao termo fatal da humanidade, para fazê-los passar em julgamento ao sair do seio da mãe antes que tivessem a consciência própria, então que outras tenham tido milhares de anos para se reconhecer? De que lado, à direita ou à esquerda, passariam essas almas que não são ainda nem boas nem más e a que todo caminho ulterior de progresso está de agora em diante fechado, já que a humanidade não existirá mais? (Cap. II, nº 19)

Que, os que a razão se contenta com iguais crenças que as conservam, é direito deles, e ninguém aí encontra a repetir; mas que se não encontre mal não mais que todo mundo nem seja de seu aviso.

67. – O julgamento por via de emigração, tal como foi definido acima (em 63), é racional; é fundado sobre a mais rigorosa justiça atentando que deixa eternamente ao Espírito seu livre arbítrio; que não constitui privilégio para ninguém; que uma igual latitude é dada por Deus a todas as suas criaturas, sem exceção, para progredir; que a porta do céu está sempre aberta para os que se tornam dignos de aí entrar; que o aniquilamento mesmo de um mundo, arrastando a destruição dos corpos, não levaria nenhuma interrupção à marcha progressiva do Espírito. Tal é a consequência da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.

Conforme esta interpretação, a qualificação de *juízo final* não é exata já que os Espíritos passam por semelhantes julgamentos criminais a cada renovação dos mundos que habitem até àquele que tenha atingido um certo grau de perfeição. Nunca há, pois, propriamente dito, *juízo final* mas há *juízos gerais* em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos, em seguida dos quais se operam as grandes emigrações e imigrações de Espíritos.

NOTA

(1) Todas as doutrinas filosóficas e religiosas levam o nome da individualidade fundadora; diz-se o Mosaísmo, o Cristianismo, o Maometismo, o Budismo, o Cartesianismo, o Fuerismo, o Sansimonismo, etc. O termo *Espiritismo*, ao contrário, não se refere a nenhuma personalidade; encerra uma ideia geral que indica, ao mesmo tempo, o caráter e a fonte múltipla da doutrina.

NOTAS DO TRADUTOR

(a) Ou então os responsáveis pela elaboração do Novo Testamento suprimiram.

(b) Mas na época de Jesus as estrelas eram consideradas fixas numa abóbada que cobria a Terra.

* * *

Capítulo XVIII

OS TEMPOS SÃO CHEGADOS

Sinais dos tempos – A nova geração

SINAIS DOS TEMPOS

1. – Os tempos assinados por Deus são chegados, dizem-nos de toda a parte, onde grandes eventos vão acontecer para a regeneração da humanidade. Em que sentido deve-se entender estas palavras proféticas? Para os incrédulos elas não têm nenhuma importância; a seus olhos, é apenas a expressão de uma crença pueril sem fundamento; para o maior número dos crentes, ela tem alguma coisa de místico e de sobrenatural que lhes parece ser o precursor da desordem das leis da natureza. Estas duas interpretações são igualmente errôneas: a primeira no que implica na negação da Providência; a segunda no que estas palavras não anunciam a perturbação das leis da natureza, mas seu cumprimento.

2. – Tudo é harmonia na Criação; tudo revela uma previdência que não se desmente nem nas menores coisas, nem nas maiores; devemos, pois, a princípio, descartar toda a ideia de capricho inconciliável com a sabedoria divina; em segundo lugar, se nossa época está marcada para o acontecimento de certas coisas, é que elas têm sua razão de ser na marcha do acordo.

Isto posto, diremos que nosso globo, com tudo o que existe, está sujeito à lei do progresso. Progride fisicamente pela transformação dos elementos que o compoem e moralmente pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam. Estes dois progressos seguem e caminham paralelamente, porque a perfeição da habitação está em relação com a do habitante. Fisicamente, o globo sofreu transformações constatadas pela Ciência e que têm sucessivamente tornado habitável por seres de mais e mais aperfeiçoados; moralmente, a humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do adoçamento dos costumes. Ao mesmo tempo em que a melhoria do globo se opera sob o império das forças materiais, os homens concorrem-no pelos esforços de sua inteligência; eles saneiam as regiões insalubres, tornam as comunicações mais fáceis e a terra mais produtiva.

Este duplo progresso acontece de duas maneiras: uma lenta gradual e insensível, a outra por mudanças mais bruscas, a cada uma das quais se opera um movimento ascensional mais rápido que marca, pelos caracteres talhados, os períodos progressivos da humanidade. Estes movimentos, subordinados nos *pormenores* ao livre arbítrio dos homens, são, de alguma sorte fatias em seu conjunto, porque são submetidos a leis como as que se operam na germinação, no crescimento e amadurecimento das plantas, atentando que o objetivo da humanidade é o progresso, não obstante a marcha retardatária de algumas individualidades; é porque o movimento progressivo se torna por vezes parcial, isto é, limitado a uma raça ou uma nação e por outras vezes, geral.

O progresso da humanidade se efetua, pois, em virtude de uma lei; ora, como todas as leis da natureza são a obra eterna da sabedoria e da presciência divinas, tudo o que seja o efeito destas leis é o resultado da vontade de Deus, não de uma vontade acidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável. Portanto, quando a humanidade está madura para liberar um degrau, pode-se dizer que os tempos marcados por Deus são chegados, como se pode dizer também que em tal estação elas são chegadas para a maturidade dos frutos e a colheita.

3. – Do que o movimento progressivo da humanidade é inevitável porque está na natureza, não se segue que Deus lhe seja indiferente e que, após ter estabelecido as leis seja voltado à

inação, deixando as coisas irem todas sozinhas. Suas leis são eternas e imutáveis, sem dúvida, mas porque sua própria vontade é eterna e constante, e que seu pensamento anime a todas as coisas sem interrupção; seu pensamento que penetra tudo é a força inteligente e permanente que mantém tudo na harmonia; que este pensamento cesse um só instante de agir e o Universo será como um relógio sem pendular regulador. Deus vela, pois, incessantemente pela execução de suas leis, e os Espíritos que povoam o Espaço são seus ministros encarregados dos pormenores, conforme as atribuições, aferentes a seu grau de adiantamento.

4. – O Universo é, por sua vez, um mecanismo incomensurável conduzido por um número não menos incomensurável de inteligências, um imenso governo onde cada ser inteligente tem sua parte de ação sob o olho do soberano Mestre cuja vontade *única* mantém a *unidade* por toda a parte. Sob o império deste vasto poder regulador tudo se movimenta, tudo funciona numa ordem perfeita; o que nos parece perturbações são os movimentos parciais e isolados que só nos parece irregulares porque nossa visão é circunscrita. Se pudermos abraçar o conjunto, veremos que estas irregularidades são apenas aparentes e que se harmonizam no todo.

5. – A previsão dos movimentos progressistas da humanidade nada tem de surpreendente entre os seres desmaterializados que veem o alvo para onde tendem todas as coisas, onde qualquer um possui o pensamento direto de Deus e que julgam, nos movimentos parciais, o tempo no qual poderá executar um movimento geral como se julga de adiantamento, o tempo que seja necessário a uma árvore para carregar de frutos, como os astrônomos calculam a época de um fenômeno astronômico pelo tempo que seja preciso a um astro para completar sua revolução.

Mas todos aqueles que anunciam estes fenômenos, os autores de almanaques que predizem os eclipses e as marés, não estão certamente em condição de fazerem eles próprios os cálculos necessários: são apenas ressonâncias; assim o é com Espíritos secundários cuja visão é fechada e que não fazem senão repetir o eu *apraz* aos Espíritos superiores de lhes revelar.

6. – A humanidade cumpriu, até nossos dias, incontestáveis progressos, os homens, por sua inteligência, chegaram a resultados que não tinham jamais atingidos, com respeito às ciências, artes e bem estar material; resta-lhe ainda um imenso progresso a realizar: é de *fazer reinar entre eles a caridade, a fraternidade e a solidariedade, para assegurar o bem-estar moral*. Não lhes era possível, nem com suas crenças, nem com suas instituições ultrapassadas, restos de um outro tempo, boas para uma certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, tendo dado o que comportavam, seria um ponto estacionário atualmente. Tal é um jovem estimulado por movimentos impotentes quando vem a idade madura. Não é mais somente o desenvolvimento da inteligência que é preciso aos homens, é a elevação dos sentimentos e, por conseguinte, é preciso destruir tudo o que possa superexcitar em si o egoísmo e o orgulho.

Tal é o período onde vão entrar atualmente e que marcará uma das fases principais da humanidade. Esta fase que se elabora neste momento, é o complemento necessário do estado precedente, como a idade viril é o complemento da juventude; ela poderia, pois ser prevista e predita antecipadamente e é por isso que se diz que os tempos marcados por Deus são chegados.

7. – Neste tempo aqui, não se discute de uma troca parcial de uma renovação limitada a um sítio, a um povo, a uma raça; é um movimento universal que se opera no sentido do *progresso moral*. Uma nova ordem de coisas tende a se estabelecer, e os homens que o sejam os maiores opositores aí trabalham por seu desconhecimento; a geração futura, desembaraçada

das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, encontrar-se-á animada de ideias e sentimentos distintos dos que a geração presente que se vai a passos de gigante. O velho mundo estará morto e viverá na História como atualmente os tempos da idade média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.

De resto, cada um sabe que a ordem das coisas atuais deixa a desejar; após ter de alguma sorte, esgotado o bem-estar material que é o produto da inteligência, chega-se a compreender que o complemento deste bem-estar só pode estar no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, mais se sente o que falta, sem, entretanto poder ainda defini-lo claramente; é o efeito do trabalho íntimo que se opera pela regeneração; tem-se desejos, aspirações que são como o pressentimento de um estado melhor.

8. – Mas uma troca também radical como a que se elabora não pode acontecer sem comoção; há luta inevitável entre as ideias. Deste conflito, nascerão forçosamente perturbações temporárias até que o terreno seja desobstruído e o equilíbrio restabelecido. É, pois, da luta de ideias que surgirão os graves acontecimentos anunciados, e não de cataclismos, ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais eram a consequência do estado de formação da Terra, *atualmente não são mais as entranhas do globo que se agitam, são as da humanidade.*

9. – A humanidade é um ser coletivo em que se operam as mesmas revoluções morais que em cada ser individual, com esta diferença que umas se completam de ano em ano e outras de século em século. Que se as segue nas suas evoluções através dos tempos e se verá a vida das diversas raças marcada por períodos que dão a cada época uma fisionomia particular.

Ao lado dos movimentos parciais existe um movimento geral que dá a impulsão à humanidade toda inteira; mas o progresso de cada parte do conjunto é relativo ao seu grau de avanço. Tal seria uma família composta de vários filhos do qual o caçula está no berço e o primogênito de dez anos e os demais entre eles será ainda um menino; mas, a seu turno ele se tornará um homem. Assim o é nas diferentes frações da humanidade; os mais atrasados avançam, porém não saberão de um pulo para atingir o nível dos mais adiantados.

10. – A humanidade transformada adulta tem novas necessidades, aspirações mais amplas, mais elevadas, compreende o vazio das ideias de onde surgiu a insuficiência de suas instituições para sua felicidade, não encontra mais no estado das coisas as satisfações legítimas para as quais se sente chamada; é porque sacode, seus idiomas e se solta. Compelido por uma força irresistível, sobre as margens desconhecidas, à descoberta de novos horizontes menos fechados.

E é no momento em que se encontra muito limitado na esfera material, onde a vida intelectual transborda, onde o sentimento da espiritualidade desabrocha, que homens se dizendo filósofos, esperam cumular o vazio pelas doutrinas do nada e do materialismo! Estranha aberração! Estes mesmos homens que pretendem empurrá-la avante, esforçam-se em circunscrevê-la no círculo estreito da matéria da qual aspira sair; fecham-lhe o aspecto da vida infinita e lhe dizem, em lhe mostrando a queda: *Nec plus ultra!* (a)

11. – A marcha progressiva da humanidade se opera de duas maneiras, como temos dito: uma gradual, lenta, insensível, caso se considere as épocas próximas, que se traduz por melhoramentos sucessivos nos costumes, as leis, os usos, que só se apercebe à distância como as trocas que as correntes d'água causam na superfície do globo; outro por movimentos relativamente bruscos, rápidos, parecidos com os de uma torrente rompendo seus diques, que lhe fazem transpor em alguns anos o espaço que levou séculos a percorrer. É então um

cataclismo moral que devora em alguns instantes as instituições do passado e aos quais sucede uma nova ordem de coisas que se assentam pouco a pouco, à medida que a calma se restabelece e se torna definitiva.

Àquele que viver bastante para abraçar as duas versões da nova fase, parecerá que um mundo novo saiu das ruínas do velho; o caráter, os costumes, os usos, tudo é mudado; é que, de fato, os homens novos ou melhor regenerados, surgiram; as ideias levadas pela geração que se esvai, fizeram lugar a ideias novas na geração que se cria.

É a um destes períodos de transformação ou caso se queira, de *crescimento moral* que é vindo à humanidade. Da adolescência passa à idade viril; o passado não pode mais bastar a suas novas aspirações e a suas novas necessidades; não pode mais ser conduzida pelos mesmos meios; não se prende mais, a ilusões e prestígio; é preciso à sua razão nutrir-se de alimentos mais substanciais. O presente é bastante efêmero; sente que seu destino é mais vasto que a vida corpórea, é muito restrita para encerrá-la por inteiro; é porque lança seus olhares no passado e no futuro, a fim de neles descobrir o mistério de sua existência e disso haurir uma consoladora seguridade.

12. – Quem quer que tenha meditado sobre o Espiritismo e suas consequências e não o circunscreva na produção de alguns fenômenos, compreende que ele abre à humanidade um caminho novo, e lhe descortina os horizontes do infinito; iniciando-o nos mistérios do mundo invisível ele lhes mostra seu verdadeiro papel na criação, papel *perpetuamente ativo*, tanto quanto no estado espiritual como no estado corpóreo. O homem não caminha mais na cegueira, sabe de onde vem, para onde vai e porque está na Terra. O futuro se mostra a ele em sua realidade, separada dos preconceitos da ignorância e da superstição; não é mais uma vaga esperança: é uma verdade palpável, também certa para ele como a sucessão do dia e da noite. Ele sabe que seu ser não é limitado a qualquer instante por uma existência efêmera; que a vida espiritual nunca se interrompe pela morte, que já viveu, que reviverá ainda e que, de tudo o que adquirir em perfeição pelo trabalho, nada está perdido; encontra em suas existências anteriores a razão do que é atualmente; e: *do que o homem fizer atualmente, pode concluir o que será um dia.*

13. – Com o pensamento de que a atividade e a cooperação individuais na obra geral da civilização são limitadas à vida presente e que nada tenha sido antes e que nada será, que faz ao homem o progresso ulterior da humanidade? Que lhe importa que ao futuro os povos sejam mais bem governados, mais felizes, mais esclarecidos, melhores uns para os outros? Já que ele não deva retirar nenhum proveito, este progresso não estará perdido para ele? Que lhe serve trabalhar para os que virão depois dele, se não deve jamais os conhecer, se estes são seres novos que pouco após reencontrarão eles próprios no nada? Sob o império da negação do futuro individual, tudo se encurta forçosamente às mesquinhas proporções do momento e da personalidade.

Mas, ao contrário, que amplitude dá ao pensamento do homem a *certeza* de perpetuidade de seu ser espiritual! O que de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador que esta lei a partir da qual a vida espiritual e a vida corpórea são apenas dois modelos de existência que se alternam para o cumprimento do progresso! O que de mais justo, de mais consolativo senão a ideia dos mesmos seres progredindo sem cessar, a princípio através de gerações do mesmo mundo, e, em seguida, de mundo em mundo até a perfeição, *sem solução de continuidade!* Todas as ações têm então um objetivo, porque, trabalhando por todos trabalha-se por si próprio e reciprocamente; de sorte que nem o progresso individual nem o progresso geral são jamais estéreis; aproveita para as gerações e individualidades futuras que

não são outras senão as gerações e as individualidades passadas, chegadas a um mais alto patamar de adiantamento.

14. – A vida espiritual é a vida normal e eterna do Espírito e a encarnação é apenas uma forma temporária de existência. Salvo a vestimenta externa, há pois, identidade entre as encarnações e as desencarnações; são as mesmas individualidades sob dois aspectos diferentes, tanto ao mundo visível como ao mundo invisível se reencontrar, seja num, seja noutro, concorrendo num e noutro para o mesmo fim pelos meios apropriados às suas situações.

Desta lei decola a da perpetuidade das relações entre os seres; a morte não os separa nunca e nem põe termo a suas relações simpáticas nem a seus deveres recíprocos. Daí a *solidariedade* de todos para cada um e de cada qual por todos; daí também a *fraternidade*. Os homens não viverão infelizes sobre a Terra senão quando estes dois sentimentos estiverem entrado em seus corações e em seus costumes porque então eles conformarão suas leis e suas instituições. Isto será aí um dos principais resultados da transformação que se opera.

Mas como conciliar os deveres da solidariedade e da fraternidade com a crença de que a morte rende a todo sempre os homens estranhos uns aos outros? Pela lei da perpetuidade de relações que ligam todos os seres, o Espiritismo fundamenta este duplo princípio sobre as próprias leis da natureza; fez disso não somente um dever, mas uma necessidade. Por esta, da pluralidade das existências, o homem se relaciona ao que fez e ao que fará aos homens do passado e aos do porvir; não pode mais dizer que ele nada tem de comum com aqueles que morreram, já que uns e outros se encontram sem cessar, neste mundo e no outro, para galgar junto a escala do progresso e se prestar um mútuo apoio. A fraternidade não está mais circunscrita a qualquer indivíduo que o acaso junta durante a duração efêmera da vida; ela é perpétua como a vida espiritual, universal como a humanidade, que constitui uma grande família onde todos os membros são solidários uns com os outros, *qualquer que seja a época em que tenham vivido*.

Tais são as ideias que advêm do Espiritismo e que suscitará entre todos os homens e que suscitará entre todos os homens quando for universalmente derramada, contida, ensinada e praticada. Com o Espiritismo, a fraternidade, sinônimo da caridade pregada pelo Cristo, não é mais uma vá palavra; tem sua razão de ser. Do sentimento de fraternidade nasce o da reciprocidade e dos deveres sociais, de homem a homem, de povo a povo, de raça a raça; desses dois sentimentos bem compreendidos sairão forçosamente as instituições as mais vantajosas ao bem-estar de todos.

15. – A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social; mas não há fraternidade real, sólida e efetiva se ela não estiver apoiada sobre uma base inquebrantável; esta base é a fé; não a fé em tais ou quais dogmas particulares que mudam com os tempos e os povos e se lançam a pedra, porque em se anatematizando, eles mantêm o antagonismo; mas a fé nos princípios fundamentais que todo mundo possa aceitar: *Deus, a alma, o futuro*, O PROGRESSO INDIVIDUAL INDEFINIDO, A PERPETUIDADE DAS RELAÇÕES ENTRE OS SERES. Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos, que este Deus soberanamente justo e bom, nunca pode querer injustiça, que o mal vem dos homens e nunca d'Ele, eles se olharão como irmãos de um mesmo pai e se estenderão a mão.

É esta fé que dá o Espiritismo e que será de agora em diante o agente sobre o qual se moverá o gênero humano quaisquer que sejam seu modo de adoração e suas crenças particulares, que o Espiritismo respeita, mas que, dos quais não se ocupará.

Desta fé só pode sair o verdadeiro progresso moral, porque, apenas ela dá uma sanção lógica aos direitos legítimos e aos deveres; sem ela o direito é aquele que dá a força, o dever um código humano imposto pela violência. Sem ela o que é o homem? Um pouco de matéria que se dissolve, em ser efêmero que só faz passar; o próprio gênio é apenas uma centelha que brilha um instante para se apagar para sempre; não há certamente aí muito que revelar aos seus próprios olhos.

Com um tal pensamento, onde estariam realmente os direitos e os deveres? Qual é o objetivo do progresso? Apenas esta fé faz sentir ao homem sua dignidade pela perpetuidade e progressão de seu ser, não em um futuro mesquinho e circunscrito à personalidade, mas grandiosa e esplêndida; este pensamento se eleva acima da Terra; ele se sente crescer em sonhando que tem seu papel no Universo; que este Universo é seu domínio, que poderá percorre-lo um dia e que a morte não fará dele uma nulidade ou um ser inútil a si mesmo e aos outros.

16. – O progresso intelectual ocorrido até nossos dias nas mais vastas proporções, é um grande passo e marca a primeira fase da humanidade, mas só ele é impotente para regenerá-la; tanto que o homem será dominado pelo orgulho e o egoísmo, utilizará sua inteligência e seus conhecimentos em proveito de suas paixões e de seus interesses pessoais; é porque ele os aplica ao aperfeiçoamento dos meios de prejudicar os outros e de os destruir.

O progresso moral somente pode assegurar a felicidade dos homens sobre a Terra em colocando um freio às más paixões; só ele pode fazer reinar entre todos, a concórdia, a paz, a fraternidade.

É ele que baixará as barreiras dos povos, que fará tombar os preconceitos de casta, e calar os antagonismos de seitas, ensinando aos homens a se olharem como irmãos chamados a se auxiliarem mutuamente e não a viver na dependência uns dos outros.

É ainda o progresso moral, secundado aí pelo progresso da inteligência, que confundirá os homens de uma mesma crença estabelecida sobre as verdades eternas, não sujeitas à discussão e por isso mesmo, aceitas por todos.

A unidade de crença será o liame, o mais poderoso, o mais sólido fundamento da fraternidade universal, rompida em todos os tempos pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem ver no próximo inimigo que se torna necessário afastar-se, combater, exterminar, em lugar de irmãos que sejam preciso amar.

17. – Um tal estado de coisas supõe uma troca radical no sentimento das massas, um progresso geral que só poderia ocorrer saindo-se do círculo de ideias bitoladas e terra a terra que fomentam um egoísmo. Em diversas épocas, homens de elite têm procurado impulsionar a humanidade para este caminho; mas a humanidade ainda muito jovem, permanece surda, e seus ensinamentos, têm sido como a boa semente caída sobre a pedra.

Atualmente, a humanidade amadureceu para levar seus olhares mais alto como ainda não tinha feito, para assimilar ideias mais amplas e compreender aquilo que não havia entendido.

A geração que desaparece levará com ela seus preconceitos e seus erros; a geração que surge, temperada numa fonte mais depurada, imbuída de ideias mais sadias, imprimirá ao mundo o movimento ascensional, no sentido do progresso moral que deva marcar a nova fase da humanidade.

18. – Esta fase se revela já por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis, por ideias grandes e generosas que se faz dia e que começam a encontrar ecos. É assim que se vê fundar uma quantidade de instituições protetoras, civilizadoras e emancipantes, sob impulso e pela iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se impregnam cada dia de um sentimento mais humano. Os preconceitos de raça se enfraquecem, os povos começam a se olhar como os membros de uma grande família; pela uniformidade e a facilidade dos meios de transação, suprimem as barreiras que se separavam; de todas as partes do mundo, reúnem-se em comícios universais para os torneios práticos da inteligência.

Mas falta a estas reformas uma base para se desenvolver, completar-se e consolidar-se, uma predisposição moral mais geral para frutificar e se fazer aceitar pelas massas. Não o é isto menos um sinal característico do tempo, o prelúdio do que ocorrerá em uma mais larga escala, à medida que o terreno se torne mais propício.

19. – Um sinal não menos característico do período em que entramos é a relação evidente que se opera no sentido das ideias espiritualistas; uma repulsão instintiva se manifesta contra as ideias materialistas. O espírito de incredulidade que se apoderará das massas ignorantes ou esclarecidas, e lhe tinha feito rejeitar, com a forma, o próprio fundamento de toda crença mostra ter sido um sono ao sair do qual se experimenta o desejo de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, onde o vácuo se faz, procura-se alguma coisa, um ponto de apoio, uma esperança.

20. – Neste grande movimento regenerador, o Espiritismo tem um papel considerável, não o Espiritismo ridículo, inventado por uma crítica escarnecedora, mas o Espiritismo filosófico, tal que o compreenda qualquer um que se dê ao trabalho de procurar amêndoa sob casca.

Pelas provas que traz das verdades fundamentais, ele preenche o vazio que a incredulidade faz nas ideias e nas crenças; pela certeza de que dá de um futuro conforme a justiça de Deus e que a razão a mais severa possa admitir, tempera as acrimônias da vida e previne os funestos efeitos do desespero.

Fazendo conhecer novas leis da natureza, ele dá a chave de fenômenos incompreendidos e de problemas insolúveis até estes dias e destrói a fé incrédula e a superstição. Para ele, não há nem sobrenatural nem maravilhas, tudo acontece no mundo em virtude de leis imutáveis.

Longe de substituir um exclusivismo por outro, coloca-se em combate absoluto da liberdade de consciência; combate o fanatismo sob todas as formas, e o perfil em sua raiz proclamando a salvação para todos os homens de bem e a possibilidade, para os mais imperfeitos, de chegar, por seus esforços à expiação e reparação, à perfeição única que leva à suprema felicidade. Em lugar de desencorajar o fraco, encoraja-o mostrando-lhe a porta que ele pode abrir.

Nunca diz: *Fora do Espiritismo não há salvação*, mas, com o Cristo: *Fora da caridade não há salvação*, princípio de tolerância que relaciona os homens em um comum sentimento de fraternidade, em lugar de os separar em seitas inimigas.

Por este outro princípio: *Não há fé inquebrantável do que a que possa enfrentar a razão face a face a todos os tempos da humanidade*, ele destrói o império da fé cega que aniquila a razão,, a obediência passiva que embrutece; emancipa a inteligência do homem e ergue sua moral.

Consequente com ele próprio, não se impõe; diz o que é, o que quer, o que dá, e atende àquele que lhe vier livremente, voluntariamente; quer ser aceito pela razão e não pela força.

Respeita todas as crenças sinceras e só combate a incredulidade, o egoísmo, o orgulho e a hipocrisia, que são as chagas da sociedade e os obstáculos os mais sérios ao progresso moral; mas, ele não lança o anátema a ninguém, até mesmo a seus inimigos, porque está convencido de que o caminho do bem está aberto aos mais imperfeitos, e que cedo ou tarde aí eles entrarão.

21. – Caso se suponha a maioria dos homens imbuídos destes sentimentos, pode-se facilmente se representar as modificações que aí aportam nas relações sociais: caridade, fraternidade, benevolência para todos, tolerância para todas as crenças tal será sua divisa. É a meta à qual tende evidentemente a humanidade, o objeto de suas aspirações, de seus desejos sem que se encontre bem em conta do meio de realizá-los; ensaia, tateia, mas é retida pelas resistências ativas ou a força de inércia dos preconceitos, das crenças estacionárias e refratárias ao progresso. São estas resistências que se tornam precisas vencer, e esta será a obra da nova geração; caso se siga o curso atual das coisas, reconhecer-se-á que tudo parece predestinado a lhe franquear a rota, terá por ela o duplo poder do número e das ideias e do mais, a experiência do passado.

22. – A nova geração marchará, pois, à realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento com o qual será provindo. O Espiritismo, marchando com o mesmo objetivo e realizando suas visões, eles se reencontrarão sobre o mesmo terreno. Os homens de progresso encontrarão nas ideias espíricas um poderoso móvel de ação e o Espiritismo encontrará nos homens novos espíritos, todos dispostos a acolhê-lo. Neste estado de coisas, que poderão fazer os que quiserem se colocar ao contrário?

23. – Não é o Espiritismo que criou a renovação social, é a maturidade da humanidade que faz desta renovação uma necessidade. Por seu poder moralizador, por suas tendências progressivas, pela ampliação de suas vistas, pela generalidade das questões que ela abraça, o Espiritismo está, mais que todas as outras doutrinas, apto a secundar o movimento regenerador, é por isso que o é contemporâneo. Ele veio no momento em que podia ser útil, porque, para ele também os tempos são chegados; mais cedo, encontraria obstáculos intransponíveis; teria inevitavelmente sucumbido, já que os homens, satisfeitos daquilo que tinham, não aprovariam ainda a necessidade daquilo ele traz. Atualmente, nascido com o movimento das ideias que fermentaram, encontra o terreno preparado para recebê-lo, os Espíritos, cansados da dúvida e da incerteza, assustados do abismo que se cava ante eles, acolhem-no como uma âncora de salvação e uma suprema consolação.

24. – Em dizendo que a humanidade está madura para a regeneração, isto não quer dizer que todos os indivíduos estejam no mesmo degrau, mas muitos têm, por intuição, o germe das ideias novas que as circunstâncias farão desabrochar, então, mostrar-se-ão mais avançados do que se o suponha e seguirão com zelo a impulsão da maioria.

Há, entretanto, os que são essencialmente refratários, mesmo entre os mais inteligentes, e que certamente, não se juntarão jamais, pelo menos, nesta existência: uns, de boa fé, por convicção; outros por interesse. Aqueles cujos interesses materiais estão ligados ao estado presente das coisas e que não estão assaz avançados para se fazer abnegação, que o bem geral toca menos que o de sua pessoa, não podem ver sem apreensão o menor movimento reformador. A verdade é para eles uma questão secundária, ou, para melhor dizer, *a verdade para certas pessoas está toda inteira naquilo que não lhe causa nenhum embaraço*; todas as ideias progressivas são, a seus olhos, ideias subversivas, isto porque devotam-lhe um ódio implacável e lhe fazem uma guerra obstinada. Pouco inteligentes para não ver no Espiritismo um auxiliar de suas ideias e os elementos da transformação que eles redundam porque eles não se sentem à sua altura, eles se esforçam de abster-lo; se eles se julgassem sem valor e

sem importância, não se preocupariam com isso. Nós já o dissemos alhures: “*Quanto mais uma ideia é grandiosa, mais encontra adversários, e pode-se medir sua importância à violência dos ataques dos quais seja objeto*”.

25. – O número de retardatários é ainda grande sem dúvida, mas o que podem eles contra a onda que sobe, senão lançar-lhe algumas pedras? Esta onda é a geração que se ergue, ao passo que eles desaparecem com a geração que se vai cada dia a largos passos. Até aí, defenderão o terreno passo a passo; há, pois, uma luta inevitável, mas uma luta desigual, porque é aquela do passado decrépito que cai em trapos, contra o futuro jovem; da estagnação contra o progresso, da criatura contra a vontade de Deus, porque os tempos assinalados por Ele são chegados.

A GERAÇÃO NOVA

26. – Para que os homens sejam felizes sobre a Terra é preciso que ela seja apenas povoada por bons Espíritos encarnados e desencarnados que só queiram o bem. Este tempo tendo chegado, uma grande emigração acontecerá neste momento entre aqueles que a habitam; os que fazem o mal pelo mal e que o sentimento do bem *não o toca*, não sendo mais digno da Terra transformada, sê-lo-ão excluídos, porque trariam de novo a discórdia e a confusão e seriam um obstáculo ao progresso. Estes irão expiar seu endurecimento uns em mundos inferiores, outros, entre raças terrestres atrasadas que serão o equivalente de mundos inferiores, onde levarão seus conhecimentos adquiridos e que terão por missão de fazer avançar. Serão substituídos por Espíritos melhores que farão reinar entre eles a justiça, a paz, a fraternidade.

A Terra, no dizer dos Espíritos, não deve nunca ser transformada por um cataclismo que aniquilaria subitamente uma geração. A geração atual desaparecerá gradativamente e a nova lhe sucederá do mesmo modo sem que nada troque a ordem natural das coisas.

Tudo se passará, pois, exteriormente, como de hábito, com esta única diferença, mas esta diferença é capital porque uma parte dos Espíritos que se encarnavam, não mais se encarnará. Em uma criança que nascerá em lugar de um Espírito atrasado e portador do mal o que estará se encarnado será um Espírito mais avançado e *portador do bem*.

Trata-se, pois, bem menos de uma nova geração corpórea do que de uma nova geração de Espíritos. Assim, aqueles que se atentarem para ver a transformação operar-se por efeitos sobrenaturais e maravilhosos irão se decepcionar.

27. – A época atual é a da transição; os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermediário, assistiremos a partida de uma e a chegada da outra, e cada qual se assinala já, no mundo, pelos caracteres que lhe sejam próprios.

As duas gerações que se sucedem têm ideias e visões todas opostas. Pela natureza das disposições morais mas sobretudo das disposições *intuitivas e inatas*, é fácil distinguir à qual das duas pertença cada indivíduo.

A nova geração, devendo fundar a era do progresso moral, distingue-se por uma inteligência e uma razão geralmente precoces, ajuntadas ao sentimento *inato* do bem e das crenças espirituais, o que é o sinal indubitável de um certo grau de adiantamento *anterior*. Não será nunca composta exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas dos que, tendo já progredido, estão dispostos a assimilar todas as ideias progressivas e aptas a secundar o movimento regenerador.

O que distingue, ao contrário, os Espíritos atrasados é a princípio, a revolta contra Deus pela recusa de reconhecer algum poder superior à humanidade; depois, a propensão *instintiva* às paixões degradantes, aos sentimentos anti-fraternos do egoísmo, do orgulho, do agarramento por tudo o que seja material.

São estes vícios dos quais a Terra deva ser purgada pelo afastamento daqueles que refugam emendar-se, porque são incompatíveis com o reino da fraternidade, e que os homens de bem sofrerão sempre do seu contato; quando a Terra estiver livre, os homens marcharão sem entraves, para o futuro melhor que lhes está reservado desde aqui em baixo, por prêmio de seus esforços e de sua perseverança, atentando que uma purificação ainda mais completa abre-lhes a entrada dos mundos superiores.

28. – Por esta emigração de Espíritos, não se torna preciso entender que todos os Espíritos retardatários serão expulsos da Terra e relegados a mundos inferiores. Muito ao contrário, aí voltarão, porque muitos cederam à influência das circunstâncias e do exemplo; a superfície era entre eles pior que o fundo. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos preconceitos do mundo corpóreo, a maior parte verá as coisas de uma maneira toda diferente da que quando de sua vivência, como também temo-lo numerosos exemplos. Neste caso, são ajudados pelos Espíritos benévolos que se interessam por eles e que se apressam em esclarecê-los e mostrar-lhes a falsa rota que tinham seguido. Pelas nossas preces e nossas exortações, podemos nós mesmos contribuir para sua melhora porque há uma solidariedade perpétua entre os mortos e os vivos.

A maneira pela qual se opera a transformação é cada vez mais simples e, como se vê, ela é toda moral e não se descarta em nada das leis da natureza.

29. – Que os Espíritos da nova geração sejam novos Espíritos melhores, ou os velhos Espíritos melhorados, o resultado é o mesmo; desde o instante que apresentem melhores disposições, é sempre uma renovação. Os Espíritos encarnados formam, assim, duas categorias, conforme suas disposições naturais: de uma parte os Espíritos retardatários que partem, de outra, os Espíritos progressistas que chegam. O estado dos costumes e da sociedade será, pois, entre um povo, uma raça ou no mundo inteiro, a razão dessas duas categorias que terá a preponderância.

Para simplificar a questão, suponhamos um povo a um patamar qualquer de adiantamento e composto de vinte milhões de almas, por exemplo; a renovação dos Espíritos se fazendo gradativamente, das extensões, isoladas ou em massa, há tido necessariamente um momento em que a geração de Espíritos retardatários suplantaria em números sobre a dos Espíritos progressistas que computaria apenas de raros representantes sem influência e então, os esforços para fazer predominar o bem e as ideias progressivas ficariam paralisados. Ora, uns partindo, outros chegando após um tempo dado, as duas forças se equilibram e sua influência se contrabalança. Mas tarde, os recém-chegados estarão em maioria e sua influência torna-se preponderante, embora ainda travada pelos primeiros; aqueles aqui, continuando a diminuir, ao passo que os outros se multiplicam, acabarão por desaparecer; cegará um momento, pois, onde a influência da nova geração será exclusiva; mas aí, não pode se compreender isso se não se admitir a vida espiritual independente da vida material.

30. – Assistimos a esta transformação, ao conflito que resulta da luta das ideias contrárias que procuram se implantar; umas marcham com a bandeira do passado, outras com a do porvir. Caso se examine o estado atual do mundo, reconhecer-se-á que, tomada em seu conjunto, a humanidade terrestre está longe ainda do ponto intermediário onde as forças se

contrabalançam; que os povos considerados isoladamente, estão a uma grande distância uns dos outros sobre esta escala; que alguns tocam neste ponto mas que outros nem o têm ainda atingido. Do resto, a distância que os separa dos pontos extremos está longe de ser igual em duração e uma vez transposto o limite, a nova rota será percorrida com igualmente mais rapidez que uma multidão de circunstâncias virá aplainá-la.

Assim se cumpre a transformação da humanidade. Sem a emigração, isto é, sem a partida dos Espíritos retardatários que não devam voltar ou que só devam voltar quando estiverem melhorados, a humanidade terrestre não ficará, desta forma, indefinidamente estacionária, porque os Espíritos, os mais atrasados avançam a seu turno; mas será preciso séculos e talvez milhares de anos para chegar ao resultado que um meio-século bastaria para realizar.

31. – Uma comparação vulgar fará melhor compreender ainda o que se passa nestas circunstâncias. Suponhamos um regimento composto em grande maioria de homens turbulentos e indisciplinados; estes aqui levam sem cessar uma desordem que a severidade da lei penal terá frequentemente a sentença para reprimir. Estes homens são os mais fortes porque são os mais numerosos; sustentam-se, encorajam-se e se estimulam pelo exemplo. Alguns bons são sem influência; seus conselhos são desprezados; são achincalhados, maltratados pelos outros e sofrem deste tratamento. Não é esta a imagem da sociedade atual?

Suponhamos que se retire estes homens do regimento, um por um, dez por dez, cem por cem, e que se os recoloca gradativamente por um número igual de bons soldados, mesmo por aqueles que tenham sido expulsos mas que tenham seriamente emendado, ao fim de algum tempo, ter-se-á sempre o mesmo regimento, mas transformado; a boa ordem aí sucederá à desordem. Assim o será com a humanidade regenerada.

32. – Os grandes embarques coletivos não têm somente por finalidade ativar as saídas, mas transformar mais rapidamente o espírito da massa, em desembaraçando-a das más influências e de dar mais ascendência às ideias novas.

É por isso que muitos, apesar de suas imperfeições, estão maduros para esta transformação, que muitos partem a fim de que possam ir retemperar-se em uma fonte mais pura. Tanto que, ficando no mesmo meio e sob as mesmas influências, eles persistiriam nas mesmas opiniões e com a mesma maneira de ver as coisas. Uma estada no mundo dos Espíritos basta para abrir-lhe os olhos, porque lá eles veem aquilo que não poderiam ver sobre a Terra. O incrédulo, o fanático, o absolutista, poderão, pois, retornar com ideias inatas de fé, de tolerância e de liberdade. À sua volta, encontrarão as coisas mudadas, experimentarão a ascendência do novo meio onde nascerão. Em lugar de fazer oposição às ideias novas, sê-lo-ão os auxiliares.

33. – A regeneração da humanidade não tem, pois, absolutamente, necessidade da renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais; esta modificação se opera entre todos aqueles que estejam predispostos a isso, tão logo sejam tirados da influência perniciosa do mundo. Os que tornam, então, não serão sempre outros Espíritos, mas, frequentemente, os mesmos Espíritos, só que pensando e sentindo de outro modo.

Quando esta melhoria é isolada e individual, ela passa despercebida e fica sem influência ostensiva sobre o mundo. Todo outro é o efeito que se opera simultaneamente sobre grandes massas, porque então, conforme as proporções, em uma geração, as ideias de um povo ou de uma raça podem ser profundamente modificadas.

É o que se nota quase sempre após os grandes abalos que dizimam as populações. Os flagelos destruidores só destroem os corpos, mas, não atingem o Espírito; eles ativam o

movimento de vai e vem entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual e por seqüência o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados. É de se notar que, a todas as épocas da História, as grandes crises sociais foram seguidas de uma era de progresso.

34. É um desses movimentos gerais que se opera neste momento e que deve conduzir o remanejamento da humanidade. A multiplicidade das causas de destruição é um sinal característico dos tempos, porque deve acelerar a eclosão dos novos germens. São as folhas de outono que caem e às quais sucederão novas folhas plenas de vida, porque a humanidade tem suas estações, como os indivíduos têm suas idades. As folhas mortas da humanidade caem levadas pelas rajadas e os golpes de vento, mas, para renascerem mais vivazes, sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue mas purifica.

35. – Para o materialismo, os flagelos destruidores são calamidades em compensação, sem resultados úteis, já que conforme o mesmo, *aniquilam os seres sem volta*. Mas para aquele que sabe que a morte só destrói o corpo, eles não terão a mesma consequência e não lhe causam o menor pavor; compreende-lhe a finalidade e sabem também que os homens não perdem mais por morrerem em conjunto, do que morrer isoladamente, já que, de uma maneira ou de outra, é preciso sempre chegar lá.

Os incrédulos rirão destas coisas e se considerarão quimeras, mas o que quer que digam, não escaparão à lei comum. Cairão a seu turno como os outros e, então, que advirá deles? Eles dizem: nada; mas viverão apesar deles próprios e serão forçados um dia, a abrir seus olhos.

NOTA DO TRADUTOR

(a) Do latim: *Nem mais além*.

* * * * *
* * * * *
* * *
*